

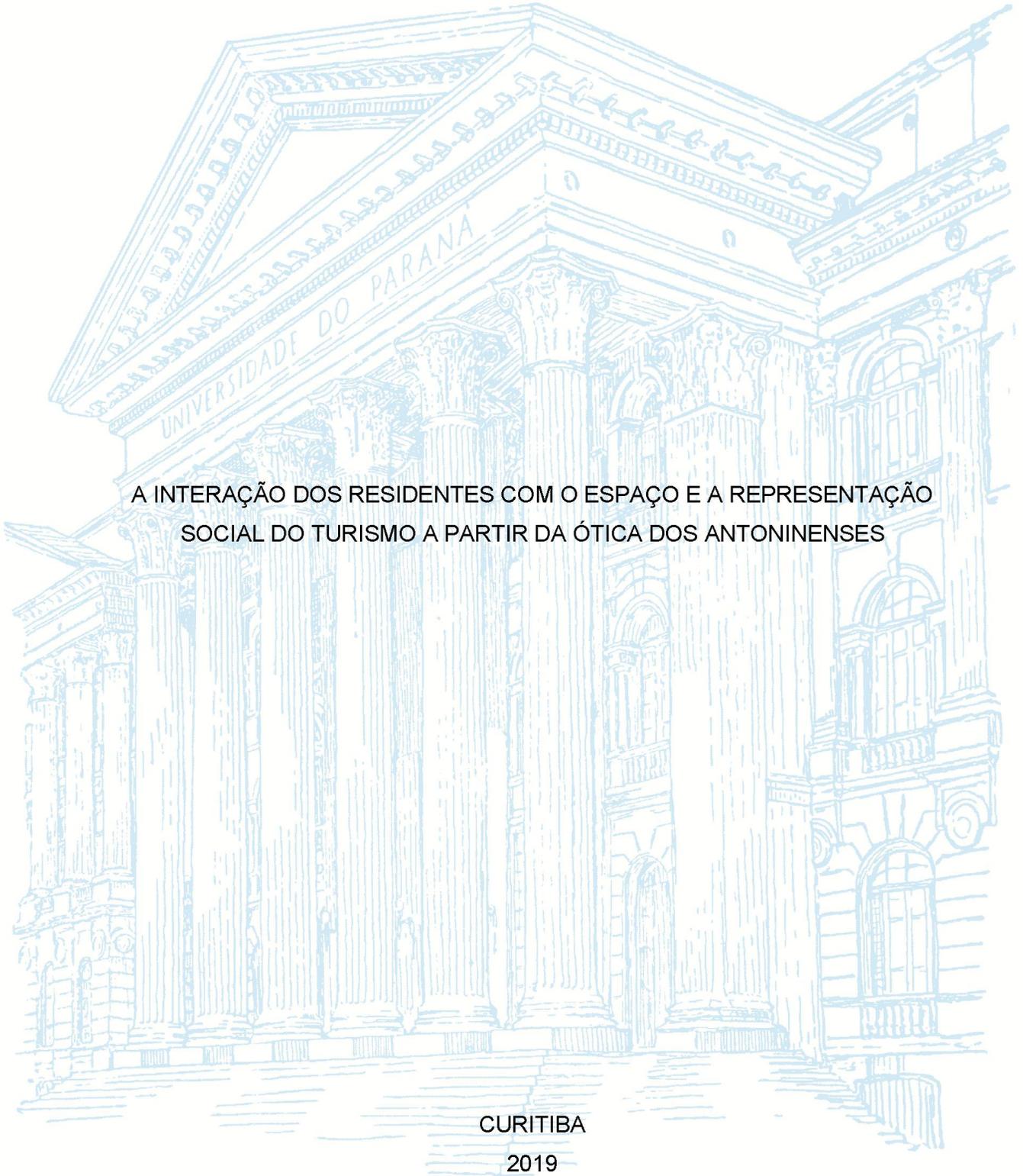
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALCIMARA MEIRA GONÇALVES ANDRUKIU

A INTERAÇÃO DOS RESIDENTES COM O ESPAÇO E A REPRESENTAÇÃO
SOCIAL DO TURISMO A PARTIR DA ÓTICA DOS ANTONINENSES

CURITIBA

2019



ALCIMARA MEIRA GONÇALVES ANDRUKIU

A INTERAÇÃO DOS RESIDENTES COM O ESPAÇO E A REPRESENTAÇÃO
SOCIAL DO TURISMO A PARTIR DA ÓTICA DOS ANTONINENSES

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Salete Kozel Teixeira

CURITIBA

2019

Catálogo na Fonte: Sistema de Bibliotecas, UFPR
Biblioteca de Ciência e Tecnologia

A574i

Andrúkiu, Alcimara Meira Gonçalves

A interação dos residentes com o espaço e a representação social do turismo a partir da ótica dos antoninenses [recurso eletrônico] /Alcimara Meira Gonçalves Andrúkiu. – Curitiba, 2019.

Tese - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2019.

Orientadora: Salete Kozel Teixeira.

1. Turismo. 2. Cultura e turismo. 3. Turismo e planejamento urbano. I. Universidade Federal do Paraná. II. Teixeira, Salete Kozel. III. Título.

CDD: 790.18

Bibliotecária: Vanusa Maciel CRB- 9/1928

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **ALCIMARA MEIRA GONÇALVES ANDRUKIU**, intitulada: **A INTERAÇÃO DOS RESIDENTES COM O ESPAÇO E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TURISMO A PARTIR DA ÓTICA DOS ANTONINENSES.**, sob orientação da Profa. Dra. SALETE KOZEL TEIXEIRA, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 05 de Dezembro de 2019.



SALETE KOZEL TEIXEIRA
Presidente da Banca Examinadora



LETICIA BARTOSZECK NITSCHE
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - DEP.
TURISMO)



BEATRIZ HELENA FURLANETTO
Avaliador Externo (ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ)



VANDER VALDUGA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - TURISMO)



SYLVIO FAUSTO GIL FILHO
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

À minha família e a todos os antoninenses que são entusiastas do turismo e amantes de Antonina.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por conceder a vida, a vontade, a oportunidade, a sabedoria e os meios para alcançar mais este feito.

Ao Fábio, meu esposo, por me incentivar nos momentos de desânimo e dificuldades. À Raquel, minha filha, que desde antes de nascer me fez companhia nas aulas, nas leituras, na ida a campo e redação. À Maria de Meira, minha mãe, pela sua colaboração e suporte. E como não ser grata ao Alcindo (*in memoriam*), meu pai, que sempre me fez tentar alçar voos mais altos?

Ao meu orientador Miguel Bahl (*in memoriam*), pela paciência, compreensão e incentivo.

À minha orientadora Salete Kozel, pela disposição em aceitar prontamente as propostas de estudo, pela parceria e por compartilhar seu conhecimento.

Aos professores da banca, Sylvio Fausto Gil Filho, Letícia Bartoszeck Nitsche, Vander Valduga e Beatriz Helena Furlanetto, pelas valiosas contribuições.

Aos docentes e técnico-administrativos do Bacharelado em Turismo, do Programa de Pós-graduação em Turismo, bem como os do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR, que oferecem o melhor de si para o crescimento e aperfeiçoamento das pesquisas e do conhecimento.

Aos meus colegas de trabalho na UFPR, e especialmente às Diretoras de Logística Sônia e Denise, por permitirem esses momentos de dedicação ao estudo, à pesquisa e à qualificação.

Aos professores que ao longo da minha trajetória nas escolas estaduais Brasília Machado, Rocha Pombo e Moisés Lupion compartilharam os seus conhecimentos, permitindo que eu buscasse novos desafios.

À cidade de Antonina, por acolher com tanto carinho aqueles que a visitam e tantos outros que a pesquisam.

RESUMO

O turismo é um fenômeno que está relacionado com o deslocamento de pessoas. Para equalizar as exigências dos turistas com a realidade dos lugares turísticos são envolvidas diversas organizações e profissionais. Todavia, os espaços em que ocorre o turismo muitas vezes coincidem com os espaços de vida de seus residentes, os quais podem dotar esses espaços de valores simbólicos e de afetividade. Desta forma, é essencial conhecer a compreensão que as pessoas que vivem nesses espaços considerados turísticos têm sobre o turismo. Assim, a partir dos aportes teóricos e metodológicos da Teoria das Representações Sociais, do Turismo e da Geografia Cultural propõe-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo objetivo é desvelar a representação social que os residentes de Antonina possuem sobre o desenvolvimento do turismo no município. Além de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, foram empregadas a observação participante e entrevistas semiestruturadas com residentes em Antonina. Foram entrevistadas pessoas não relacionadas diretamente às atividades turísticas e pessoas cuja atividade profissional está vinculada ao turismo. Os resultados obtidos com a pesquisa empírica permitem afirmar que os moradores apreciam o local em que vivem, transformando-o em lugar e em lar. O planejamento da atividade turística acontece tanto em nível local quanto em nível regional. Porém, a maioria dos planos existentes demonstra que as discussões acontecem de maneira restrita, envolvendo majoritariamente equipes técnicas e representantes do *trade* turístico. Também foi possível verificar que os antoninenses reconhecem que o município apresenta atrativos turísticos e se mostram favoráveis ao desenvolvimento da atividade devido à sua capacidade de geração de renda e emprego. Por fim, os entrevistados revelaram que desejam ver a prosperidade da cidade, seja por meio das atividades portuárias, seja por meio do turismo.

Palavras-chave: Representação social do Turismo. Turismo e residentes. Lugar. Antonina (Paraná, Brasil).

ABSTRACT

Tourism is a phenomenon that is related to the displacement of people. In order to equalize the demands of tourists with the reality of tourist places, many different organizations and professionals are involved. However, the spaces in which tourism occurs often coincide with the living spaces of its residents, which can provide these spaces with symbolic values and affection. Thus, it is essential to know the understanding that people living in these spaces considered touristic have about tourism. Thus, based on the theoretical and methodological contributions of the Theory of Social Representations, Cultural Geography and Humanist Geography, it is proposed a qualitative approach research, whose objective is to unveil the social representation that people residing in Antonina have about tourism development in the city and how they interact with the space in which they live. In addition to bibliographic research and documentary research, participant observation and semi-structured interviews with residents of Antonina were used. Were interviewed people not directly related to tourism activities and people whose professional activity is linked to tourism. The results obtained with the empirical research allow us to affirm that the residents appreciate the place where they live, transforming it into place and home. Tourism planning occurs at both the local and regional levels. However, most of the existing plans demonstrate that the discussions take place in a restricted method, involving mostly technical teams and representatives of the touristic trade. It was also possible to verify that the antoninenses recognize that the city has touristic attractions and are favorable to the development of the activity due to its capacity to generate income and employment. Finally, the interviewees revealed that they want to see the city's prosperity, either through port activities or through tourism.

Keywords: Social Representation of Tourism. Tourism and residents. Place. Antonina (Paraná, Brazil).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – MAPA CONCEITUAL DA PESQUISA	20
FIGURA 2 – LITORAL DO PARANÁ.....	21
QUADRO 1 – DADOS GERAIS MUNICÍPIOS DO LITORAL DO PARANÁ.....	22
FIGURA 3 – ESTATÍSTICAS PORTUÁRIAS NO BRASIL EM 1927.....	24
FIGURA 4 – COMPLEXO MATARAZZO EM FUNCIONAMENTO.....	25
FIGURA 5 – RUA XV DE NOVEMBRO.....	25
FIGURA 6 – EVOLUÇÃO POPULACIONAL DE ANTONINA (PR)	27
FIGURA 7 – MATRÍCULAS REALIZADAS NA REDE DE EDUCAÇÃO FORMAL EM ANTONINA.....	30
FIGURA 8 – ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE GUARAQUEÇABA.....	31
QUADRO 2 – SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS LOCALIZADOS NA BAÍA DE ANTONINA	32
FIGURA 9 – APA ESTADUAL DA SERRA DO MAR	33
FIGURA 10 – MAPA DA ÁREA TOMBADA PELO IPHAN.....	35
FIGURA 11 – ENCONTRO DE CAIAQUE E <i>STAND UP PADDLE</i> EM ANTONINA.....	36
FIGURA 12 – EMBARCAÇÕES DO CLUBE NÁUTICO DE ANTONINA FUNDEADAS NA BAÍA.....	37
FIGURA 13 – NASCER DO SOL NO PICO PARANÁ.....	37
FIGURA 14 – PONTA DA PITA.....	38
FIGURA 15 – PRAINHA	38
FIGURA 16 – RECANTO RIO DO NUNES	39
FIGURA 17 – RECANTO CACATU.....	40
FIGURA 18 – PRAIA FLUVIAL DO RIO CACHOEIRA.....	40
FIGURA 19 – <i>RAFTING</i> NO RIO CACHOEIRA	41
FIGURA 20 – ANTIGA USINA DE COTIA.....	42
FIGURA 21 – IGREJA MATRIZ DE ANTONINA	42
FIGURA 22 – IGREJA SÃO BENEDITO EM ANTONINA	43
FIGURA 23 – IGREJA BOM JESUS DO SAIVÁ	44
FIGURA 24 – ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ANTONINA ANTES DA REFORMA ..	45
FIGURA 25 – ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ANTONINA APÓS A REFORMA.....	45
FIGURA 26 – SEDE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTONINA.....	46

FIGURA 27 – INTERIOR DA PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTONINA	46
FIGURA 28 – CASARIO EM ANTONINA.....	47
FIGURA 29 – TEATRO MUNICIPAL DE ANTONINA.....	47
FIGURA 30 – PRAÇA CORONEL MACEDO.....	48
FIGURA 31 – PRAÇA FEIRA-MAR.....	49
FIGURA 32 – PRAÇA FEIRA-MAR ANTIGAMENTE.....	49
FIGURA 33 – FONTE DA CARIOCA	50
FIGURA 34 – MURAL DE AZULEJOS POTY LAZAROTTO.....	50
FIGURA 35 – ESQUEMA DA USINA HIDRELÉTRICA GOVERNADOR PARIGOT DE SOUZA.....	51
FIGURA 36 – BALA DE BANANA.....	52
FIGURA 37 – MESTRE SALA E PORTA-BANDEIRA DA ESCOLA DE SAMBA DO BATEL.....	53
FIGURA 38 – EXPOSIÇÃO DE CARROS ANTIGOS	54
FIGURA 39 – ATIVIDADES NO FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR	55
FIGURA 40 – RODOVIÁRIA DE ANTONINA.....	57
FIGURA 41 – AVALIAÇÃO DE HÓSPEDE E RESPOSTA DA PROPRIETÁRIA.....	58
FIGURA 42 – AVALIAÇÃO DE VISITANTE EM <i>SITE</i> DE VIAGENS.....	59
FIGURA 43 – OPÇÕES GASTRONÔMICAS EM ANTONINA (PR).....	59
FIGURA 44 – REGIÕES TURÍSTICAS DO PARANÁ	62
FIGURA 45 – NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO POR MUNICÍPIO (PR).....	63
FIGURA 46 – CATEGORIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO LITORAL PARANAENSE NO MTur ATÉ 15/02/2018.....	64
FIGURA 47 – CATEGORIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO LITORAL PARANAENSE NO MTur A PARTIR DE 16/02/2018.....	65
FIGURA 48 – FATORES QUE AFETAM AS REAÇÕES DOS RESIDENTES	84
FIGURA 49 – FASES DO MODELO IRRIDEX DE DOXEY (1975).....	85
QUADRO 3 – TIPOS DE PARTICIPAÇÃO NO PLANEJAMENTO	95
FIGURA 50 – ESQUEMA TEÓRICO DO PROCESSO PERCEPTIVO.....	104
QUADRO 4 – ENTREVISTADOS UNIVERSO REIFICADO	115
QUADRO 5 – ENTREVISTADOS UNIVERSO CONSENSUAL	116
FIGURA 51 – PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....	118

FIGURA 52 – ORNAMENTAÇÃO DA PRAÇA CORONEL MACEDO E ATIVIDADES PARA O NATAL IDEALIZADAS PELO GRUPO PRA FRENTE ANTONINA.....	123
FIGURA 53 – CONVITES PARA EVENTOS ORGANIZADOS POR GRUPOS NÃO GOVERNAMENTAIS	123
FIGURA 54 – MAPA COGNITIVO SOBRE ANTONINA (UNIVERSO REIFICADO)	128
FIGURA 55 – MAPA COGNITIVO SOBRE ANTONINA (UNIVERSO CONSENSUAL)	128
FIGURA 56 – SINALIZAÇÃO VIÁRIA EM ANTONINA.....	131
FIGURA 57 – EXEMPLO DE UTILIZAÇÃO DE FAIXAS NA SINALIZAÇÃO VERTICAL	132
QUADRO 6 – AÇÕES PREVISTAS PARA ANTONINA.....	135
FIGURA 58 – ETAPAS E PRODUTOS DO PDS LITORAL	138
FIGURA 59 – ATRATIVOS CITADOS PELOS PARTICIPANTES DA PESQUISA .	145
FIGURA 60 – POSTAGEM DE ANTONINA SAMAE SOBRE A PROGRAMAÇÃO DE MANOBRAS NO FINAL DE ANO	153
FIGURA 61 – COMENTÁRIO DE 29/12/2018 SOBRE POSTAGEM DE ANTONINA SAMAE DE 28/12/2018.....	153
FIGURA 62 – COMENTÁRIO DE 28/01/2019 SOBRE POSTAGEM DE PREFEITURA ANTONINA PR DE 28/01/2019.	154
FIGURA 63 – COMENTÁRIO DE 24/01/2019 SOBRE POSTAGEM DE ANTONINA SAMAE DE 23/01/2019.....	154
FIGURA 64 – MAPA COGNITIVO SOBRE O TURISMO EM ANTONINA (UNIVERSO CONSENSUAL)	156
FIGURA 65 – MAPA COGNITIVO SOBRE O TURISMO EM ANTONINA (UNIVERSO REIFICADO)	157
FIGURA 66 – MAPA COGNITIVO SOBRE O TURISMO EM ANTONINA (AMBOS OS GRUPOS)	158
FIGURA 67 – MARGEM DO GUAÍBA.....	165
FIGURA 68 – MAPA COGNITIVO SOBRE PROJEÇÕES PARA ANTONINA (UNIVERSO REIFICADO).....	169
FIGURA 69 – MAPA COGNITIVO SOBRE PROJEÇÕES PARA ANTONINA (UNIVERSO CONSENSUAL)	170

FIGURA 70 – MAPA COGNITIVO SOBRE PROJEÇÕES PARA ANTONINA
(UNIVERSO CONSENSUAL E UNIVERSO REIFICADO).....170

LISTA DE SIGLAS

AESTUR	- Associação dos Empreendedores de Serviços Turísticos de Antonina
APA	- Área de Proteção Ambiental
APPA	- Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina
COMTUR	- Conselho Municipal de Turismo
IAMUQUE	- Instituto A Mudança que Queremos
IAP	- Instituto Ambiental do Paraná
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPARDES	- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPHAN	- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MTur	- Ministério do Turismo
PAC	- Programa de Aceleração do Crescimento
SAMAE	- Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto
SANEPAR	- Companhia de Saneamento do Paraná
SEBRAE	- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SISTUR	- Sistema do Turismo
SUS	- Sistema Único de Saúde
SWOT	- <i>Strenghts, Weaknesses, Opportunities, Threats</i>
TAC	- Termo de Ajustamento de Conduta
TRE	- Tribunal Regional Eleitoral
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	ANTONINA, PARANÁ, BRASIL: CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	21
2.1	ANTONINA HISTÓRICA.....	23
2.2	ANTONINA DE HOJE.....	27
2.3	ANTONINA TURÍSTICA: OS ATRATIVOS NATURAIS E CULTURAIS.....	35
2.3.1	Atrativos naturais em Antonina.....	36
2.3.2	Atrativos culturais materiais em Antonina.....	41
2.3.3	Atrativos culturais imateriais e eventos culturais em Antonina.....	52
2.3.4	Outros aspectos do Turismo em Antonina.....	56
3	REFLEXÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS.....	67
3.1	A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA ESTUDOS SOCIOESPACIAIS.....	68
3.2	O TURISMO E SUAS INTERFACES.....	76
3.2.1	Aspectos da gestão e planejamento do Turismo.....	86
3.3	CONSIDERAÇÕES GEOGRÁFICAS SOBRE O TURISMO.....	96
3.3.1	Do espaço ao lugar: as relações do homem com o espaço.....	101
3.3.2	As afetações no sentido de Lugar.....	110
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E OS RESULTADOS DA PESQUISA EMPÍRICA.....	114
4.1	ENTRE A SERRA E O MAR, ANTONINA É LAR E LUGAR.....	118
4.2	O PLANEJAMENTO E A GESTÃO DO TURISMO EM ANTONINA.....	129
4.3	A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TURISMO.....	144
4.4	DA REALIDADE AO CENÁRIO IDEAL: O QUE SE ESPERA PARA ANTONINA.....	159
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
	REFERÊNCIAS.....	178
	APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	194
	APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	195
	APÊNDICE 3 – MATERIAL DE APOIO PARA MAPAS COGNITIVOS.....	196

1 INTRODUÇÃO

O turismo é um fenômeno que implica no deslocamento de pessoas de seu local de residência (origem) para uma localidade diferente da sua (destino) para realizar visitas a amigos e parentes, visitar parques, monumentos, edificações — atrativos materiais —, ou, ainda, para participar de eventos, festas populares — atrativos imateriais — no intuito de que sejam atendidas as suas motivações.

Durante o deslocamento e estada fora do seu perímetro de residência, turistas e visitantes demandam produtos e serviços específicos. São mobilizadas várias empresas e profissionais de diferentes segmentos para realização da viagem.

E assim, são necessárias diversas atividades para a consolidação do deslocamento, o que ocasiona efeitos positivos e negativos tanto para os turistas quanto para os que habitam o espaço visitado. Por essa razão, o turismo acaba se tornando um tema controverso na academia. Há estudiosos que o condenam pelos efeitos negativos que causa, enquanto outros o defendem pelos seus benefícios.

No âmbito da gestão, nota-se o esforço das organizações e instituições no sentido de planejar, organizar, regulamentar e fomentar a atividade turística sob o viés econômico, social e cultural no intuito de maximizar os resultados a partir da realidade encontrada nos municípios, países e regiões, alcançando um desenvolvimento satisfatório para todos os envolvidos. Assim, o planejamento, majoritariamente, é concebido a partir da ótica daqueles que detêm o conhecimento técnico-científico, sendo consideradas as variáveis que, para eles, são relevantes.

Essas localidades que se configuram em objeto de planejamento apresentam atrativos, demanda turística, equipamentos turísticos, serviços de apoio, dentre tantos outros componentes que formam os espaços turísticos. Porém, esses mesmos espaços são os espaços de vida daqueles que neles residem, podendo ser, portanto, dotados de valor e afetividade.

Assim, considerando todo o contexto em que se dá o turismo, emerge a seguinte questão de pesquisa: o que pensam, opinam, entendem os moradores de uma cidade turística sobre o desenvolvimento do turismo? São favoráveis ou não desejam a atividade no seu município?

Da problemática central, outras questões surgem e complementam a pesquisa, tais como: de que maneira os residentes interagem com o seu espaço diário? Compreendem que o seu espaço cotidiano possui atrativos turísticos? De

que forma agem e reagem frente àquelas pessoas (no caso, visitantes) que não fazem parte do seu cotidiano? Conhecem o planejamento turístico do município e dele participam? O turismo está contemplado dentro das suas expectativas para o município?

Acredita-se que a população de cidades que vivem numa realidade de dificuldade econômica e restrições ambientais, mas que possuem atrativos, vislumbre na atividade turística a possibilidade de geração de renda e emprego para seus habitantes, bem como a melhoria das condições de infraestrutura urbana.

Seria impraticável desenvolver uma pesquisa em vários lugares para confirmar tal tese. Por essa razão, como recorte geográfico, optou-se por abordar o município de Antonina, no litoral do Paraná. Este município apresenta níveis socioeconômicos consideravelmente reduzidos diante dos municípios vizinhos.

Outra circunstância da escolha de tal área deve-se ao fato de que, apesar de documentos apontarem-no como dotado de potencialidade turística e até mesmo como turístico, o município, por meio de seus gestores, ainda não conseguiu demonstrar para seus residentes que o desenvolvimento do turismo, bem como os efeitos que dele possam ocorrer, constituem um item de seu planejamento. Isto significa afirmar que as potencialidades estão subutilizadas ou estão à mercê de agentes que podem privilegiar apenas os próprios interesses.

Desta forma, desenvolveu-se a pesquisa, tendo por objetivo geral desvelar a representação social que as pessoas que residem em Antonina detêm sobre o desenvolvimento do turismo no município.

Foram estabelecidos como objetivos específicos:

1. investigar de que maneira os antoninenses avaliam o espaço em que vivem e como se relacionam com ele;
2. averiguar de que forma o turismo estava sendo proposto para o município, analisando os planos (de gestão, de desenvolvimento e turísticos) mais recentes, elaborados pelas instituições e organizações públicas ou privadas, que citassem o desenvolvimento do turismo no município;
3. analisar de que maneira a atividade turística estava sendo vista pelos residentes e pelos planejadores ou empreendedores do turismo;
4. conhecer as expectativas e os anseios dos residentes para o município, buscando saber se o turismo integra o cenário vislumbrado.

Assim, a pesquisa aborda o turismo e como ele é recebido pelos residentes de um município de pequeno porte que apresenta um longo período sob a influência das atividades portuárias, mas que também possui atributos históricos, naturais e culturais, os quais podem proporcionar a seus habitantes novas perspectivas de oportunidade de emprego e renda por meio do turismo.

Acredita-se que a atividade turística pode ser inserida no rol de atividades socioeconômicas viáveis para expansão e envolvimento da população economicamente ativa, bem como de pessoas que, embora não apresentem as características que permitam classificá-las como “economicamente ativas” — como é o caso das crianças e dos idosos —, possam se beneficiar de algumas das alterações promovidas pelo fenômeno do turismo.

Assim, tem-se como hipóteses para as questões apontadas:

a. os residentes estavam considerando o espaço em que estavam vivendo como ambiente extremamente calmo, agradável, que apresenta segurança — e nesse item cabe mencionar tanto a integridade física, quanto a segurança patrimonial e emocional —, que possui riquezas histórico-culturais, podendo gerar sentimento topofílico, ou ainda de apatia e indiferença (estes últimos entre a população jovem);

b. a maioria dos planos de turismo foram desenvolvidos sem o conhecimento e a participação dos residentes, que não participaram do planejamento e da gestão, desconhecendo de que maneira poderiam fornecer a sua avaliação sobre o turismo àqueles que estavam à frente do desenvolvimento das atividades turísticas;

c. a atividade turística local estava sendo vista como algo que poderia trazer benefícios como oportunidade de emprego e renda aos residentes, por isso não estava havendo objeção quanto ao seu desenvolvimento;

d. os residentes desejam que o município mantenha seus aspectos de tranquilidade e segurança, mas que haja melhoria da qualidade de vida, melhores condições de infraestrutura, aumento da quantidade de atividades culturais, e maior desenvolvimento do turismo.

Dentre os estudos realizados sobre a representação social do turismo, citam-se os que abordaram empiricamente a Teoria de Moscovici. Alguns foram desenvolvidos na área do Turismo, enquanto outros, na Psicologia.

Moraes (2004) realizou uma pesquisa de abordagem quantitativa, com utilização de questionário como instrumento de coleta de dados, no município de Morretes. Os participantes afirmaram que o turismo é muito importante principalmente pela renda que gera no município, embora haja aumento da quantidade de lixo em decorrência dos turistas. Ainda neste estudo, os participantes responderam que os visitantes se deslocam devido às belezas naturais e gastronomia.

Oliveira (2003) desenvolveu uma pesquisa sobre o turismo na Ilha do Campeche, Florianópolis, Santa Catarina. Os resultados revelaram uma percepção positiva dos moradores com relação ao turismo devido aos benefícios econômicos, sendo tal positividade acentuada entre os adolescentes. A autora assevera a necessidade de maior participação das pessoas no que tange ao desenvolvimento do turismo, o qual estaria centrado na gestão patrimonial dos recursos turísticos.

Mendonça e Bonfim (2013) buscaram a representação social do turismo no município de Pirambu, Sergipe. Os autores constaram que a imagem do turismo era positiva entre os gestores. Porém, a comunidade revelou certa indiferença, haja vista ser um tema que não tinha importância nas suas atribuições, cabendo, segundo eles, ao poder público sobre ele deliberar.

Hallal, Leite e Rejowski (s. d.) relatam um estudo desenvolvido em Pelotas, Rio Grande do Sul, onde a concepção da comunidade local sobre o turismo e sobre os turistas era positiva e a imagem era vinculada ao desenvolvimento econômico.

Convém citar a tese elaborada por Neide de Moura (2014) que também trata de representação social e turismo. Todavia, a autora argumentou sobre a representação social que os moradores de Araucária, Paraná, revelavam sobre o município (espaço). Diferentemente, o que se pretende na presente pesquisa é abordar a representação da atividade turística.

As pesquisas citadas demonstraram que, em geral, os residentes apresentam uma receptividade ao turismo. Porém, pretende-se, à luz da Geografia Cultural, apresentar não apenas o fenômeno turístico, mas iluminar as interações entre homem e espaço, dando enfoque nas relações humanas e na espacialidade do cotidiano.

Com relação aos procedimentos metodológicos utilizados, foram realizadas pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, associadas à observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Desta maneira, o objeto de estudo é a forma como os residentes pensam sobre o turismo. A partir das contribuições da Geografia Humanista, entende-se que o espaço em que ocorre o turismo é imbricado de significados e sentimentos, não sendo apenas um espaço do turismo, mas o lugar de várias pessoas.

A realização da pesquisa justifica-se porque se considera que através dela será possível conhecer e compreender de que maneira os residentes percebem e se relacionam com o espaço utilizado para realização da vida, os sentimentos evocados e expectativas para com o espaço.

Também será possível analisar a compreensão da população local no que concerne à atividade turística e de que forma seria possível planejá-la no sentido de equilibrar os benefícios e os impactos que venham a ocorrer nas esferas econômica, social, cultural, política e ambiental. Tal consulta segue contra a corrente do planejamento impositivo, e até mesmo autocrático, pois os residentes possuem pensamento próprio sobre o que lhes atinge e carecem de oportunidades para agir sobre o local em que vivem.

Nesse sentido, a estruturação do texto desta tese está organizada nos seguintes capítulos: o segundo contém a apresentação do município de Antonina, Paraná, constituindo a área delimitada para o estudo, sendo detalhados seus aspectos históricos, demográficos, ambientais, econômicos, além de seus atrativos turísticos (naturais, culturais, técnicos) e equipamentos turísticos.

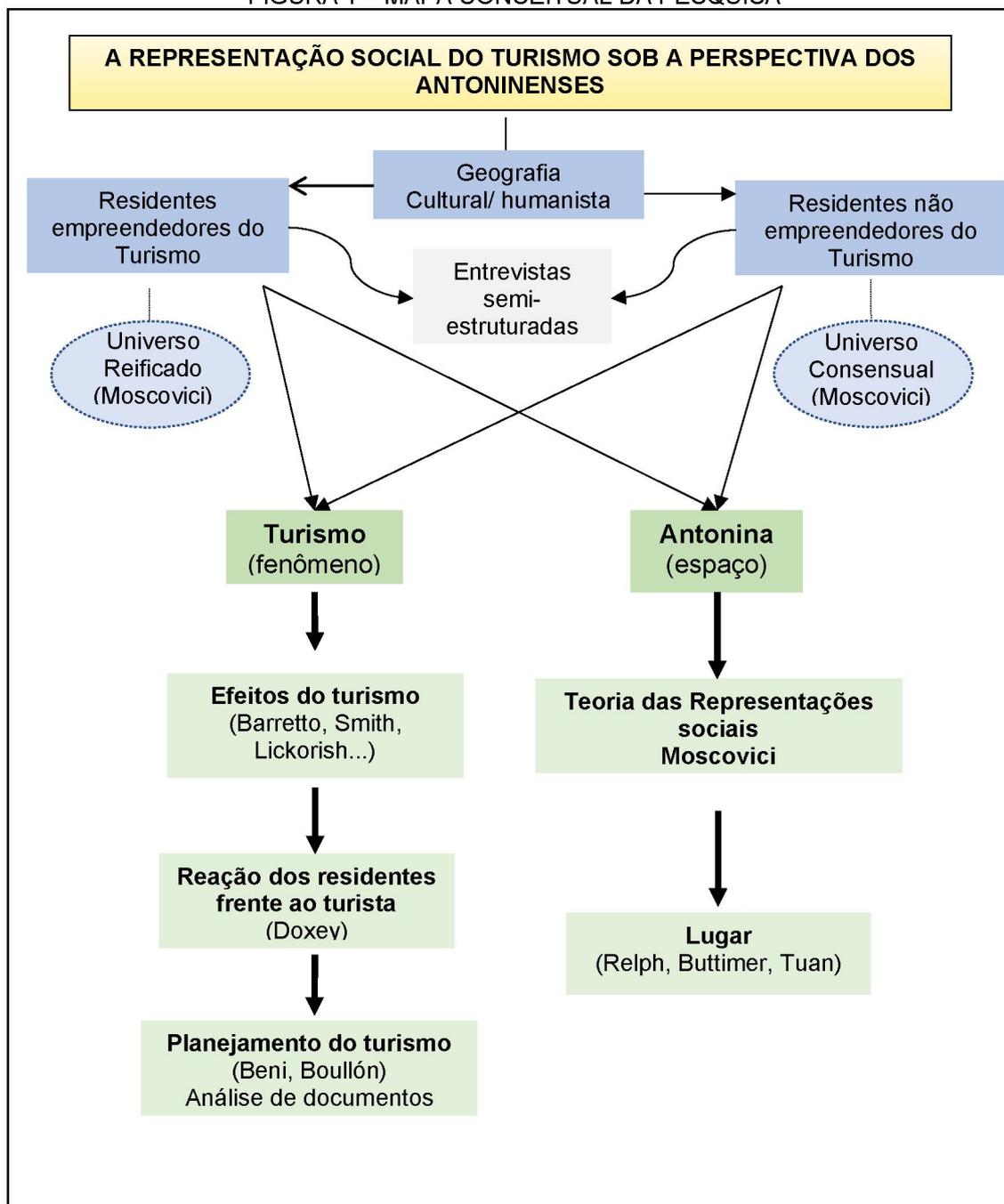
O terceiro capítulo se destina à exposição do referencial teórico-conceitual que, inicialmente, apresenta os aspectos inerentes à Teoria das Representações Sociais — elaborada por Serge Moscovici — enquanto aporte teórico-metodológico. Posteriormente, buscou-se explicar sobre a área do Turismo, mostrando a atividade turística, definições, efeitos e comportamentos dos residentes para com os turistas. Apresentam-se aspectos do espaço vivido e do lugar sob a perspectiva da Geografia Humanista.

Por fim, o penúltimo capítulo que contém a apresentação dos procedimentos metodológicos, dos resultados obtidos e respectivas análises, conforme objetivos inicialmente propostos, a saber: a interação com o espaço vivido; a análise dos planos turísticos existentes; a representação social do turismo; e as projeções para o município, seguido das considerações finais.

Desta forma, a pesquisa conta com relevante referencial teórico-conceitual e seguiu os procedimentos metodológicos que podem ser sintetizados pelo mapa

conceitual abaixo:

FIGURA 1 – MAPA CONCEITUAL DA PESQUISA

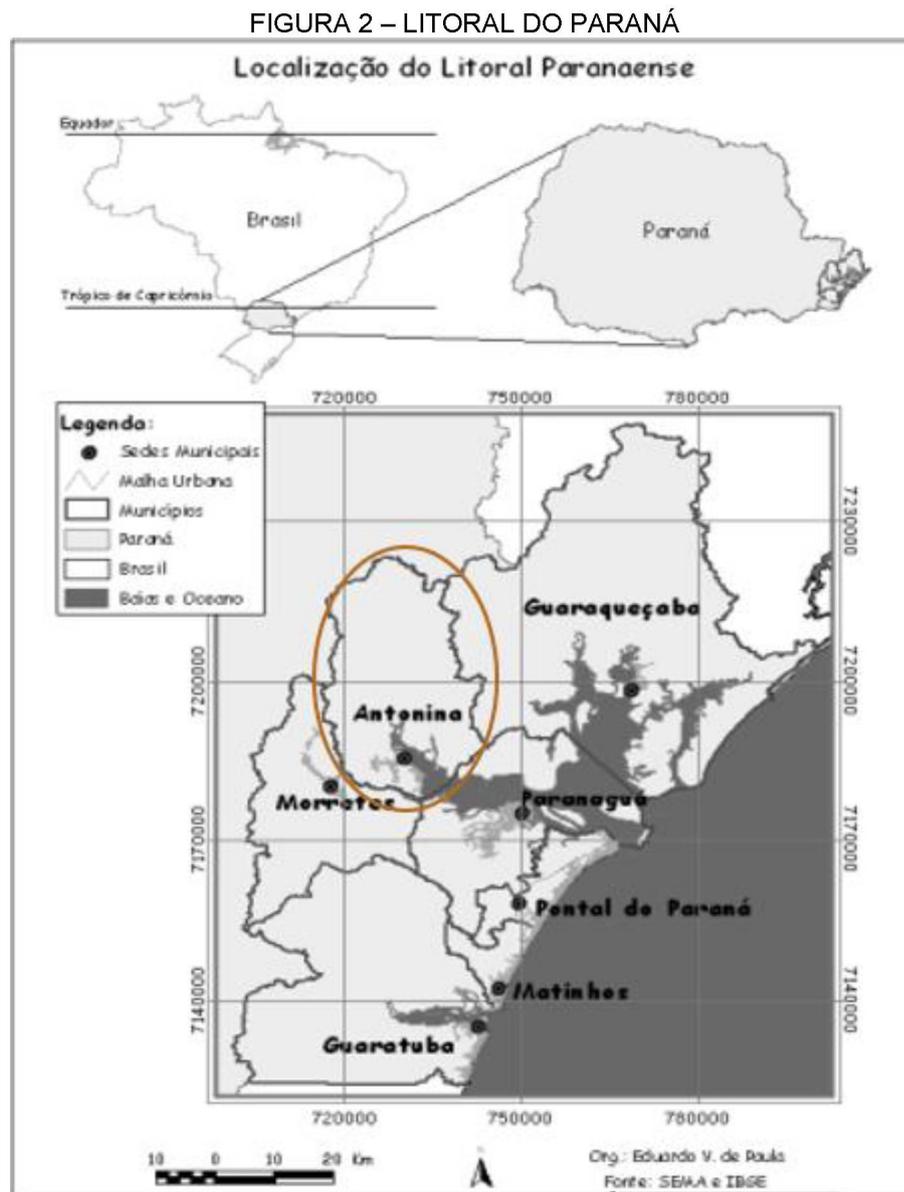


FONTE: A autora (2019).

Espera-se que, através do conhecimento e da compreensão dos sujeitos entrevistados sobre a atividade turística no município, seja possível contribuir para a ampliação do debate no universo acadêmico, assim como auxiliar os gestores municipais e aqueles que atuam na condução (ou planejamento) das atividades turísticas para que se consiga estabelecer uma relação harmônica entre ambiente, visitantes e visitados.

2 ANTONINA, PARANÁ, BRASIL: CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A proposta de pesquisa tem como área de análise o município de Antonina, situado na região do litoral paranaense, distando 70 quilômetros de Curitiba (IPARDES, 2018). A figura a seguir mostra como está disposto no Litoral do Paraná.



FONTE: PROCOPIAK; FERNANDES; MOREIRA FILHO (2006).

Os principais aspectos históricos e socioeconômicos dos municípios que integram a região do litoral estão dispostos em quadro conforme segue.

QUADRO 1 – DADOS GERAIS MUNICÍPIOS DO LITORAL DO PARANÁ

Município	Emancipação política	População (hab.)	IDH (%)	Analfabetismo (%)	Urbanização (%)	Renda familiar <i>per capita</i> (R\$)
Antonina	06/11/1797	18.891	0,687	8,67	85,03	R\$555,16
Guaraqueçaba	10/10/1947	7.966	0,587	14,71	34,09	R\$304,67
Guaratuba	29/04/1986	35.182	0,717	5,40	89,75	R\$682,24
Matinhos	12/06/1967	32.591	0,743	4,23	99,49	R\$799,30
Morretes	01/03/1841	16.435	0,686	6,77	45,67	R\$648,33
Paranaguá	29/07/1644	150.660	0,750	3,88	96,38	R\$749,42
Pontal do Paraná	20/12/1995	24.352	0,738	4,83	99,15	R\$772,19

FONTE: A autora, com dados do IPARDES (2018).

A partir das informações constantes do quadro é possível ter um panorama geral, verificando semelhanças em alguns índices, bem como discrepâncias em outros. Verificando as datas de emancipação, nota-se que Paranaguá, Antonina e Morretes antecedem a independência do Paraná do estado de São Paulo (fato ocorrido em 1853), o que lhes confere atributos históricos e, conseqüentemente, atrativos que estão relacionados ao segmento de Turismo Cultural.

Os municípios que contam com praia de mar aberto (Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná) apresentam alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), alto grau de urbanização e baixos índices de analfabetismo, estando bem próximos dos valores registrados por Paranaguá.

Por fim, Guaraqueçaba, município de difícil acesso por meio de estrada de rodagem, mostra a sua fragilidade econômica. Em contrapartida apresenta vasta riqueza natural, a qual é protegida por órgãos ambientais na esfera estadual e federal.

É nesse contexto que Antonina está inserida e maiores detalhamentos estão expostos nas seções a seguir.

2.1 ANTONINA HISTÓRICA

O registro das primeiras ocupações portuguesas em Antonina data de 1648, quando Gabriel de Lara, chegando a Paranaguá, designou as terras antoninenses aos colonizadores Pedro Uzeda, Manoel Duarte e Antônio Leão, os quais chegaram à região em busca de ouro de aluvião, mas a povoação ganhou maior impulso somente a partir de 1712, ano em que chegou o capitão Manoel do Valle Porto, que se instalou nas terras do Morro da Graciosa, adquirindo muitos escravos e investindo na agricultura e na mineração (LEÃO, 1999).

Segundo Leão (1999), a alta produtividade alcançada por Valle Porto atraiu vários colonos para a região, favorecendo a formação do povoado de Guarapiróca que, em 06 de novembro de 1797, se tornou independente de Paranaguá, recebendo o nome de “Villa Antonina”¹ em homenagem ao primeiro filho homem de Dom João VI com Carlota Joaquina.

Os anos de 1800 foram marcados em Antonina pelo comércio e pela utilização da mão de obra escrava em várias atividades cotidianas (FREITAS, 2000). O município dedicava-se aos engenhos de arroz e engenhos de cana-de-açúcar e aguardente, havendo a presença de escravos em 30,5% das propriedades registradas no ano de 1818, número acima do registrado nas propriedades parnanguaras, que era de 20,3% (GUTIÉRREZ, 2006, p. 103).

Os portugueses povoaram o município de Antonina atraídos também pela fertilidade da terra, a qual, segundo os relatórios, era indicada para o cultivo de feijão, arroz, milho, café, mandioca, inhame, taiá, batata, couve, repolho, favas, além de outras hortaliças (PASSOS, 2009; BARACHO, 1995).

Além da agricultura, a atividade portuária também ganhou importância. O primeiro trapiche portuário foi construído no ano de 1856, mas foi a partir da inauguração da Estrada da Graciosa, no ano de 1873, e do terminal ferroviário que houve a intensificação das importações e exportações, haja vista a consolidação da comunicação entre Antonina e Curitiba (que significava a ligação com o primeiro planalto e demais regiões do Paraná) (ANTAQ, 2012).

¹ A cidade foi crescendo e se desenvolvendo ao redor da igreja e do pátio paroquial e, por isso, os antoninenses também são conhecidos como capelistas.

E assim, no ano de 1927, o Porto de Antonina alcançou a marca de quarto porto em volume de movimentação de cargas no país (GOMES, 1928), como mostrado na Figura 3.

FIGURA 3 – ESTATÍSTICAS PORTUÁRIAS NO BRASIL EM 1927

**Ultimos dados estatísticos referentes
ao Porto de Antonina**

Quanto á exportação, que, como se sabe, é muito menos pesada no Brasil, pois na importação a influencia do carvão e do cimento é grande (em 1920, por exemplo, numa importação de 4.946.000 toneladas, 2.300.000 são de carvão); quanto á exportação, os nossos principais portos, de accordo com os dados da Estatística Commercial, são, pelo peso das mercadorias recebidas, os que damos abaixo:

	Toneladas
1.o—Santos	662.221
2.o—Rio	561.281
3.o—Bahia	107.805
4.o— ANTONINA	53.408
5.o—Victoria	50.939
6.o—Belém	50.428
7.o—Paranaguá	48.609
8.o—S. Francisco	47.402
9.o—Rio Grande	38.280
10.o—Recife	36.976
11.o—Manaus	29.144
12.o—Ilhéos	22.970
13.o—Fortaleza	20.803
14.o—Porto Alegre	17.702
15.o—S. Luiz	15.867
16.o—Ilha do Cajueiro	13.520
17.o—Cabedello	11.022
18.o—Fóz do Iguassú	10.755
19.o—Natal	5.327
20.o—Porto Murinho	4.494

(Extracto do «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro de 11 de Outubro de 1927)

NOTA: No quadro referente á importação do Paraná, não foi feita a discriminação por portos de descarga e sim pelos de controle aduaneiro, donde figurar somente o de Paranaguá, séde da Alfandega, em 13.o lugar com 19.370 toneladas, me cuja cifra se achá incluido o peso das mercadorias que transitaran por Antonina, em demanda do interior do Estado.

FONTE: GOMES (1928).

Pode-se dizer que esta foi a fase áurea de Antonina. Muitos prédios foram construídos. Houve a instalação de muitas indústrias e empresas, sendo a mais significativa a que representava as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, já que era a maior empregadora do município (BELO, 2011). No ano de 1910 foi implementado o primeiro porto privado do país, no Complexo Matarazzo (conforme Figura 4) onde, além das atividades de armazenamento e transbordo, havia moinhos de trigo, sal, açúcar e erva-mate (BELO, 2011).

FIGURA 4 – COMPLEXO MATARAZZO EM FUNCIONAMENTO



FONTE: facebook.com/antoninadeantigamente.

A Figura 5 demonstra que a cidade vivia um momento próspero com grande atividade comercial, já que à época ela contava com “seis agências bancárias com três representantes de bancos estrangeiros, quinze corretores de navios e despachantes; seis exportadores de madeira; dezessete armazéns de ‘secos e molhados’; três torrefações de café” (LEANDRO, 2002, p. 25).

A foto abaixo ilustra o movimento de carros e pessoas na rua XV de novembro, uma das mais importantes de Antonina.

FIGURA 5 – RUA XV DE NOVENBRO



FONTE: facebook.com/antoninadeantigamente.

Além de cargas, os trapiches e terminais portuários serviam para o embarque e desembarque de passageiros, que em algumas ocasiões eram pessoas ilustres. De acordo com uma entrevista relatada por Leandro (2002, p. 60-61), em 1929 aportou em Antonina o navio “Almirante Jaceguai” porque os comandantes queriam conhecer a cidade, e dentre os passageiros estava uma companhia de teatro composta por Carmem Miranda, Aurora Miranda, Dircinha Batista, Marília Batista (as irmãs Batista), Mesquitinha, Silvio Caldas e Ary Barroso que, ao ver e adentrar o Teatro Municipal, resolveram fazer uma apresentação em prol da Santa Casa de Caridade.

Nota-se, portanto, que Antonina desfrutava de uma fartura de serviços e produtos, além da empregabilidade de seus moradores. Porém, alguns fatos aconteceram, não necessariamente ao mesmo tempo, mas paulatinamente, ocasionando um profundo declínio no que se refere à economia local. Um deles foi a melhoria do acesso ferroviário à cidade de Paranaguá. Pelo projeto original, o ponto de partida da estrada de ferro seria Antonina, já que a sua distância de Curitiba é menor, mas devido aos argumentos e influência de Manoel Antônio Guimarães (o Visconde de Nacar) e da Família Correia, o ponto zero da linha férrea passou a ser em Paranaguá (SANTOS; ANTONELLI, 2015).

A inauguração em 1935 do Porto D. Pedro II, que apresentava maior profundidade, maior distância de cais e maior proximidade com o mar aberto, somaram a Paranaguá outras vantagens frente a Antonina (MORGENSTERN, 2006).

Por fim, em meados dos anos 1970, as Indústrias Matarazzo encerraram suas atividades, o que impactou profundamente na vida dos antoninenses, haja vista serem as maiores empregadoras locais (BELO, 2011).

Não bastassem as questões políticas e tecnológicas, alguns aspectos naturais, mais precisamente a hidrodinâmica da baía, também intervieram na condição portuária. Outro complicador para a atividade foi o acelerado assoreamento da baía. Estudos de Odreski *et al.* (2003) apontaram que as ações antrópicas, como desmatamento nas cabeceiras de rios, realização de dragagens e a construção da usina hidrelétrica (para cujo funcionamento foi desviado o curso do Rio Capivari para desaguar no Rio Cachoeira, aumentando a vazão deste em 50%) fizeram com que do período de 1901 a 1978 a taxa de deposição de sedimentos na baía de Antonina ficasse em torno de 2,6 cm por ano.

Atualmente, as operações portuárias acontecem nos Terminais Portuários Ponta do Félix com a utilização de dragagens periódicas, o que encarece o custo de

operação e, conseqüentemente, reduz a competitividade (PARANÁ, 2013). E dessa maneira, muitos antoninenses que tinham na atividade portuária seu sustento, bem como aqueles que tinham empregos indiretamente relacionados ao porto, acabaram por migrar para outras cidades, ou passaram a adotar a rotina de trabalhar em Paranaguá e pernoitar em Antonina. O resultado que se nota é que o perfil da cidade mudou, restando as lembranças de um tempo áureo e o desfrute de uma cidade que parece ter parado no tempo.

2.2 ANTONINA DE HOJE

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente o município de Antonina conta com uma população estimada, para o ano de 2019, em 18.980 habitantes, dos quais 3.403 estão ocupando alguma atividade remunerada, representando 17,5% da população total (IBGE, 2019). Nos indicadores referentes aos rendimentos, 39,4% da população auferem mensalmente o valor de meio salário mínimo (IBGE, 2019).

É interessante notar que a população antoninense mantém seu quantitativo praticamente inalterado ao longo do tempo, pois o aumento populacional da cidade, do ano de 1991 a 2010, foi de 10,67%, ao passo que no Paraná foi de 23,62% e no Brasil foi de 29,92%. Essa afirmação pode ser constatada a partir da compilação do IBGE sobre os censos demográficos — de 1991, 2000 e 2010 — e contagens populacionais — de 1996 e 2007 — realizados no Brasil, mostrados na Figura 6.

FIGURA 6 – EVOLUÇÃO POPULACIONAL DE ANTONINA (PR)

Evolução Populacional			
Ano	Antonina	Paraná	Brasil
1991	17.070	8.448.713	146.825.475
1996	18.360	8.942.244	156.032.944
2000	19.174	9.563.458	169.799.170
2007	17.581	10.284.503	183.987.291
2010	18.891	10.444.526	190.755.799

FONTE: IBGE (2010).

Ainda sobre os aspectos da população, analisando a distribuição etária do município e comparando-a com as pirâmides etárias do estado do Paraná e com a do Brasil, verifica-se que os idosos em Antonina constituem 14,06% da população, enquanto no Paraná esse índice é de 11,21%, e no Brasil é de 10,79% (IBGE, 2010).

Com relação às estatísticas do eleitorado antoninense, verificou-se que no portal do Tribunal Superior Eleitoral, tendo como data base o mês de dezembro de 2017, há um quantitativo de 16.925 eleitores (TSE, 2018). Considerando a população estimada pelo IBGE para o mesmo ano, tem-se que no município há 2.495 habitantes (ou 12,85% da população total) que não atendem os requisitos para obter seu título de eleitor, ou seja, encontram-se com 15 anos de idade ou menos. Essa afirmação não pode ser feita com total segurança, pois há indicadores de que o percentual da população com até 14 anos de idade era de 25,67% (IBGE, 2010). Uma suposição para esse perfil eleitoral da cidade é que muitos antoninenses foram residir em outro município, estados e até mesmo outro país, mas não solicitaram a transferência de domicílio. Possivelmente a não atualização seja decorrente da vontade de manter vínculo com a terra natal, participando, inclusive, do processo de escolha de vereadores e prefeito. Porém, esse posicionamento pode afetar os que efetivamente residem no município, pois o candidato mais aceito pelos locais pode não ser o mais cotado entre os que não residem mais na cidade.

No tocante à organização político-administrativa, a câmara de vereadores é composta por onze vereadores, dos quais oito pertencem a partidos que fizeram parte da coligação do atual prefeito (ELEIÇÕES 2016, 2016), indicando que pode existir desequilíbrio e parcialidade nos assuntos em que estejam envolvidos o legislativo e o executivo. Já a gestão municipal é constituída por dez secretarias municipais (de Administração; de Finanças; de Educação e Esportes; de Saúde; de Agricultura e Meio Ambiente; de Planejamento e Obras; de Turismo e Cultura; de Indústria e Comércio; de Comunicação; de Assistência Social) e quatro cargos com *status* de secretaria (Chefia de Gabinete, Procuradoria Jurídica, Coordenação de Relações Institucionais, Coordenação da Unidade de Controle Interno), além de treze diretorias, vinte e quatro chefias de divisão, e mais dois cargos comissionados no Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (ANTONINA, 2018).

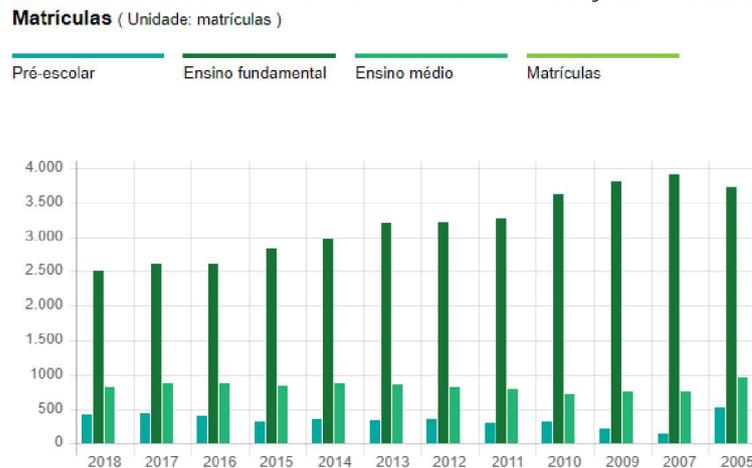
No que tange aos indicadores econômicos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística informa que 82,1% das receitas do município são oriundas de fontes externas (IBGE, 2019), o que denota fragilidade no que se refere à autossuficiência

econômico-financeira. Com relação ao seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), é de 0,687 (IBGE, 2019), superando os índices apresentados por Guaraqueçaba, que tem IDHM de 0,587, e de Morretes, cujo IDHM é de 0,686, como já apontado em tópico anterior (IPARDES, 2018).

A organização da economia promove a ocupação da população com as atividades de: serviços, na proporção de 69,9% do total; comércio, sendo o percentual de 21,6%; indústria, com uma pequena participação de 3,7%; agricultura, com apenas 3,5% do total; e construção civil, tendo uma participação praticamente inexpressiva de 1,3% de pessoas empregadas nessa área (IPARDES, 2018). Dentre os serviços, os que mais empregam são: administração pública direta e indireta; serviços de alojamento, alimentação, reparo, manutenção, radiodifusão e televisão; administradoras de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos profissionais, auxiliar de atividade econômica. No comércio o que mais se destaca é o varejista. Com relação à atividade industrial, a que mais emprega é a de produtos alimentícios, de bebida e álcool etílico (IPARDES, 2018).

A taxa de escolaridade entre crianças e adolescentes (6 a 14 anos de idade) é de 97,6%, porém, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que é o principal indicador adotado no Brasil para aferir a qualidade da educação básica, é de 5,0 nas séries iniciais e 4,2 nas séries finais, numa escala que varia de zero a dez, o que denota uma educação de qualidade abaixo da média (IBGE, 2019). Antonina não oferece ensino superior presencial, o que faz com que muitos jovens que desejam continuar seus estudos se desloquem a Paranaguá ou ainda para Curitiba. Quanto aos demais níveis de escolaridade, conta com 18 escolas de nível fundamental e 6 estabelecimentos de ensino médio, nas quais 3.344 alunos se encontram matriculados (IBGE, 2019). Uma observação a ser feita com relação à quantidade de matrículas é que ao longo do tempo houve uma diminuição da quantidade de matriculados no ensino fundamental e médio, conforme Figura 7, o que pode indicar uma redução na natalidade ou a migração de famílias em cuja constituição haja crianças.

FIGURA 7 – MATRÍCULAS REALIZADAS NA REDE DE EDUCAÇÃO FORMAL EM ANTONINA



FORNE: IBGE (2019).

Com relação ao atendimento de saúde pelo Sistema Único de Saúde (SUS), há no município 7 estabelecimentos cadastrados no relatório do IBGE, porém, tem-se conhecimento de que há apenas um hospital que, além de unidade de pronto atendimento, tem buscado realizar, esporadicamente, alguns procedimentos considerados de média complexidade (IBGE, 2019). Desde 2009 os casos de alta complexidade são encaminhados ao Hospital Regional do Litoral que está situado a 40 quilômetros de distância, no município de Paranaguá (FREITAS, 2009).

Ainda no aspecto de infraestrutura, verificou-se que o serviço de coleta de lixo doméstico nas áreas urbanas ocorre em todos os dias úteis. Não são raras as reclamações de moradores sobre o tema, pois a Prefeitura local dispõe de apenas um veículo e uma equipe reduzida para realização do serviço. Já a limpeza das ruas centrais e das praças é realizada pelos funcionários da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e a manutenção das calçadas e roçadas ficam a encargo da Secretaria Municipal de Obras.

Sobre o abastecimento de água e tratamento de esgoto, é realizado pelo Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (SAMAE), ao contrário de muitos outros municípios paranaenses cujo abastecimento de água e tratamento de esgoto são realizados pela Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR). O que se verifica é que o sistema de fornecimento e instalações se mostram antigos e ineficientes para cobrir toda a demanda da população em períodos normais. A falta de água nas torneiras já é um problema antigo e se agrava quando chega a época das festas de final de ano e carnaval, que é o momento em que há o aumento da

população flutuante, sendo essa situação constantemente veiculada nos meios de comunicação estaduais (DEREVECKI; POZZOBON, 2017).

Não apenas o abastecimento é problemático em Antonina. O tratamento do esgoto — ou ainda a falta dele ou o tratamento inadequado — impacta negativamente, além da saúde da população, no desfrute de equipamentos de lazer. Segundo o boletim de balneabilidade das praias do Paraná, emitido pelo Instituto Ambiental do Paraná, as águas da Ponta da Pita, e conseqüentemente da Prainha que fica ao lado, são consideradas impróprias para banho em função da contaminação fecal, podendo resultar em dermatites e doenças gastrointestinais, dentre outros distúrbios e doenças (IAP, 2018).

Embora as águas de suas praias não apresentem índices de balneabilidade que sejam consideradas satisfatórias pelo órgão que realiza o monitoramento, Antonina integra a Área de Proteção Ambiental Federal de Guaraqueçaba (demonstrado na Figura 8), segundo Decreto nº 90.883, de 31 de janeiro de 1985 (BRASIL, 1985).

FIGURA 8 – ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE GUARAQUEÇABA



FONTE: SIBUYA *et al.* (2013).

Para os efeitos legais, define-se que uma Área de Proteção Ambiental (APA) é uma área

[...] em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como

objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. (BRASIL, 2000).

Por essa razão, muitas atividades são reguladas e até mesmo proibidas nas unidades de conservação. No caso específico da APA Federal de Guaraqueçaba, o artigo 6º do Decreto nº 90.883/85 afirma em seus incisos que ficam proibidas ou restringidas:

- I - a implantação de atividades industriais potencialmente poluidoras, capazes de afetar mananciais de água;
- II - a realização de obras de terraplenagem e a abertura de canais, quando essas iniciativas importarem em sensível alteração das condições ecológicas locais, principalmente das Zonas de Vida Silvestre, onde a biota será protegida com mais rigor;
- III - o exercício de atividades capazes de provocar acelerada erosão das terras ou acentuado assoreamento das coleções hídricas;
- IV - o exercício de atividades que ameacem extinguir as espécies raras da biota regional, principalmente o papagaio-de-rabo-vermelho, macuco, jaó, jacutinga, onça pintada, jacaré-de-papo-amarelo;
- V - o uso de biocidas, quando indiscriminado ou em desacordo com as normas ou recomendações técnicas oficiais. (BRASIL, 1985).

No relatório da APA de Guaraqueçaba foi relacionada relevante biodiversidade animal e vegetal, mas também estão apontadas as riquezas etno-históricas do litoral paranaense, pois foram localizados e cadastrados 64 sítios arqueológicos na porção da Baía de Antonina (IPARDES, 2001), sintetizados no Quadro 2. Os sítios são compostos por:

QUADRO 2 – SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS LOCALIZADOS NA BAÍA DE ANTONINA

Tipo	Quantidade	Ocupação
Sambaquis	34	ocupação humana no período pré-colonial
Cerâmicos	1	ocupação humana no período pré-colonial e a tradição Itararé e Tupi-Guarani
Cerâmicos/ Telhas ou conchas	9	resquícios de material produzido por indígenas (pré-colonial) associados a utensílios dos europeus, indicando possíveis primeiros acampamentos e primeiras entradas dos europeus nas terras paranaenses (período colonial)
Telhas/Conchas	1	resquícios dos primeiros acampamentos e das primeiras entradas dos europeus nas terras paranaenses (período colonial)

QUADRO 2 – SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS LOCALIZADOS NA BAÍA DE ANTONINA
(conclusão)

Sambaquis/Ruínas	4	ocupação com a intenção de se fixar, produzir gêneros e fazer moradia, utilizando o material dos sambaquis nas construções
Ruínas de Construção Civil	15	ocupação com a intenção de se fixar, produzir gêneros e fazer moradia
TOTAL	64	

FONTE: A autora, com dados do IPARDES (2001).

Além da APA federal, outra parte do município é abrangida pela Área de Proteção Estadual da Serra do Mar — demonstrada pela Figura 9 —, que foi criada em 1984, possui 67 mil hectares, abrangendo parte dos municípios de Campina Grande do Sul, Antonina, Morretes, São José dos Pinhais, Piraquara e Quatro Barras (SEMA-PR, 2018).

FIGURA 9 – APA ESTADUAL DA SERRA DO MAR



FONTE: SEMA/PR (2018).

Assim, o desenvolvimento econômico e social não pode se apoiar na atividade industrial ou em outras atividades extrativistas que causem danos ambientais. As propostas de opções que gerem emprego e renda devem considerar todas as formas de conservação e preservação.

No quesito cultural, Antonina conta com uma atividade cultural ativa no que se refere à formação e apresentação de grupos musicais, teatrais e de dança. O mais expressivo é a escola de música Filarmônica Antoninense, que foi fundada em 1975, ano em que começou a oferecer aulas de teoria musical e prática de instrumentos

musicais às crianças e jovens os quais, após dominar algumas lições musicais, podem integrar a Banda da Filarmônica ou a Filarmônica Orquestra Show (CASTILHO, 2010).

A Banda da Filarmônica se apresenta em eventos cívicos, nas retretas que acontecem todo último sábado do mês no coreto da Praça Coronel Macedo, acompanha os fiéis na procissão da Festa de Nossa Senhora do Pilar (realizada anualmente no dia 15 de agosto), além de outras ocasiões para as quais recebe convite. Já a Filarmônica Orquestra Show é formada por instrumentos de sopro, percussão e de base (violão, contrabaixo, teclado) e se apresenta em eventos fechados, como, por exemplo, em teatros, casas de shows.

Um aspecto da dinâmica do cotidiano é que algumas lojas ainda interrompem o atendimento aos clientes para que seus funcionários tenham respeitada a pausa para o almoço. Às tardes de domingo é possível verificar que a maioria dos estabelecimentos comerciais se encontra fechada, afetando a atividade turística.

Ainda sobre as características do dia a dia do antoninense, é pertinente mencionar que os residentes estão muito acostumados com o uso de apelidos ou cognomes para se referirem uns aos outros. Tal fato, apesar de parecer que causa constrangimentos ou intrigas, é aceito como algo natural tanto pelos que recebem a alcunha como por aqueles que as utilizam para denominar outrem, sendo assunto de atrações televisivas, músicas e em jornal impresso e digital (BARÃO, 2013). Muitas vezes os nomes que constam do documento de identificação são completamente desconhecidos devido à intensa propagação do apelido: “É o que conta João Peixoto. Quem? O João Foró. ‘Se perguntar por João Peixoto, ninguém sabe quem é’, diz.” (BARÃO, 2013). Podem ser ainda utilizados coletivamente, pois alguns desses codinomes são atribuídos aos membros de uma família inteira, como é o caso dos “Araponga, os Boca Larga, a família Garça, família Maravilha e os Pinto Loco” (BARÃO, 2013).

O município de Antonina não consta do rol dos municípios mais antigos do Brasil, mas certamente é um dos mais antigos do estado do Paraná, sendo, portanto, de certa importância no cenário histórico estadual. Além de sua organização administrativa e ocupação territorial antiga, Antonina integra o Primeiro Ciclo do Ouro no Brasil, o qual antecede o movimento migratório rumo ao estado de Minas Gerais (IPHAN, 2018).

Durante a época de grande vulto das atividades portuárias, muitas edificações foram construídas e algumas delas ainda hoje estão em uso, tanto residencial quanto

comercial. Outras encontram-se em estado de ruínas. Mesmo assim, somados aos elementos naturais, esses conjuntos arquitetônicos acabam resultando em uma paisagem singular, motivo pelo qual o município teve o centro histórico e alguns outros sítios inscritos no Livro do Tombo Histórico e no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), conforme demonstrado na Figura 10.

FIGURA 10 – MAPA DA ÁREA TOMBADA PELO IPHAN



FONTE: LOPES, para Gazeta do Povo (2012).

Desde 2012 há uma expectativa entre o poder público e parcela dos moradores com relação aos efeitos decorrentes do tombamento como, por exemplo, o aumento do fluxo de turistas na cidade e o incremento dos investimentos públicos para manutenção dos bens tombados (ANDRUKIU, 2012). Entretanto, até o momento o que se tem visto é o estado precário das edificações, acompanhado de pouco interesse (ou até desconhecimento) por parte dos moradores sobre o patrimônio local, e a existência de uma atividade turística pouco expressiva.

2.3 ANTONINA TURÍSTICA: OS ATRATIVOS NATURAIS E CULTURAIS

Antonina possui atrativos de ordem natural e cultural, os quais podem ser visitados ou, no caso dos eventos, pode-se deles participar. Desafortunadamente, muitos desses atrativos não contam com infraestrutura apropriada, mesmo assim, os

visitantes podem desfrutar de paisagens, histórias ou momentos de distração e diversão.

A seguir estão relacionados os atrativos que integram o material de divulgação da atividade turística, o qual foi elaborado — e tem sido atualizado — pela Prefeitura Municipal de Antonina. Os atrativos estão organizados em três partes, quais sejam: Atrativos naturais; Atrativos culturais materiais; Atrativos culturais imateriais e Eventos culturais em Antonina.

2.3.1 Atrativos naturais em Antonina

Os atrativos naturais de Antonina estão localizados tanto na área rural quanto na área urbana do município. Os componentes que mais se destacam são a baía, as matas, morros e o Pico Paraná.

Baía de Antonina

A Baía de Antonina é a reentrância de mar que mais adentra a América do Sul, chegando muito próximo à Serra do Mar. A tranquilidade das águas permite a prática de canoagem, caiaque, *jet-ski*, *stand up paddle*, *windsurf*, pesca e passeios em embarcações de pequeno porte. Na Figura 11, o retrato de um evento realizado em Antonina.

FIGURA 11 – ENCONTRO DE CAIAQUE E *STAND UP PADDLE* EM ANTONINA



FONTE: Portalantonina.com (2018).

A Baía possui ilhas que podem ser visitadas de barco. Dentre elas estão a das Rosas, do Lessa, do Guamiranga, do Goulart e do Corisco (PORTAL ANTONINA,

2018). Por essa razão, muitas pessoas possuem embarcações no clube náutico da cidade, conforme foto abaixo.

FIGURA 12 – EMBARCAÇÕES DO CLUBE NÁUTICO DE ANTONINA FUNDEADAS NA BAÍA



FONTE: Portalantonina.com (2018).

Além das atividades mencionadas, a baía oferece recurso paisagístico para quem gosta de contemplação ou de tirar fotos.

Pico Paraná

Sendo o pico mais alto do Sul do Brasil, com 1.962 metros, está localizado em Antonina, no limite com o município de Campina Grande do Sul. Foi descoberto por Reinhard Maack e escalado pela primeira vez em julho de 1941 (PORTAL ANTONINA, 2018).

FIGURA 13 – NASCER DO SOL NO PICO PARANÁ



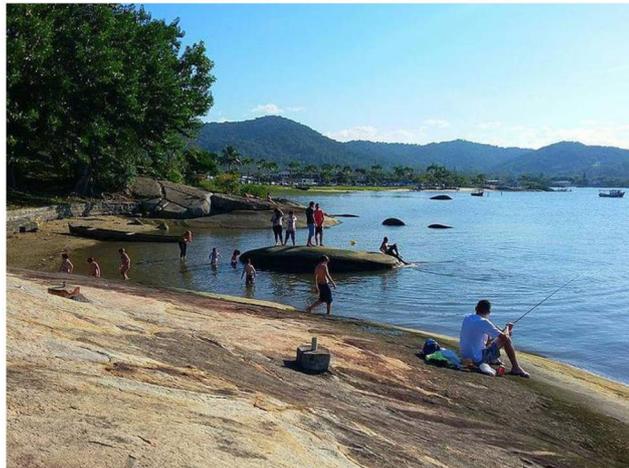
FOTO: Tiago Korb (s. d.).

Adeptos do montanhismo o escalam e o acesso pode ser feito por Campina Grande do Sul, na BR-116, ou por trilhas que saem do Bairro Alto, em Antonina. A Figura 13 retrata o nascer do sol no Pico Paraná.

Prainha e Ponta da Pita

Localizada a quatro quilômetros do centro da cidade, a Ponta da Pita é o local onde há uma formação rochosa que avança para a baía, sendo adequado para pescarias, como retratado na Figura 14.

FIGURA 14 – PONTA DA PITA



FONTE: portalantonina.com.br (2018).

A Figura 15 retrata parte da Prainha que fica ao lado da Ponta da Pita. O espaço é uma praia com aproximadamente 200 metros de comprimento, com águas calmas, rasas, contando ainda com vegetação rasteira.

FIGURA 15 – PRAINHA



FONTE: A autora (2018).

A Prainha conta com restaurantes, lanchonetes, sorveterias, permitindo que, enquanto há o desfrute das atividades de lazer, os frequentadores e visitantes tenham maior comodidade.

Recanto Rio do Nunes

Localizado a 15 quilômetros do centro de Antonina, na zona rural, a praia fluvial, cujas águas são próprias para banhos (IAP, 2018), conta com vestiários, sanitários, churrasqueiras, área para acampamento e serviços de venda de lanches e bebidas ou ainda locação de boias, como mostrado pela Figura 16.

FIGURA 16 – RECANTO RIO DO NUNES



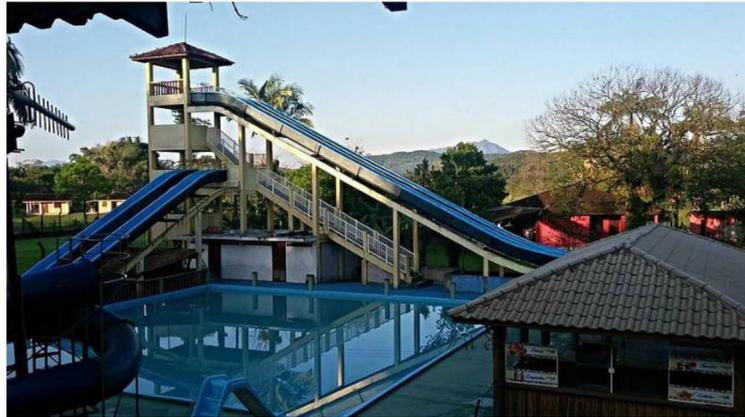
FONTE: portalantonina.com.br (2018).

O acesso é feito pela PR-340, a mesma que leva ao município de Guaraqueçaba.

Recanto Cacatu

O Recanto Cacatu também está localizado na zona rural, a 16 quilômetros do centro de Antonina. Além da praia fluvial, conta com lanchonete, quiosques com churrasqueira, vestiários, sanitários, campo de futebol, piscinas com toboágua — mostrado pela Figura 17 — e até mesmo chalés para pernoite (PORTAL ANTONINA, 2018).

FIGURA 17 – RECANTO CACATU



FONTE: portalantonina.com.br (2018).

O acesso, assim como para o recanto Rio do Nunes, é feito pela PR-340, a mesma que leva ao município de Guaraqueçaba.

Rio Cachoeira

O Rio Cachoeira é um rio de serra, estreito, com alta vazão, muitas pedras e água transparente. Há um trecho próximo à Usina da Cotia que é possível utilizar como praia fluvial, conforme mostrado pela Figura 18, além de contar com a paisagem do Pico Paraná.

FIGURA 18 – PRAIA FLUVIAL DO RIO CACHOEIRA



FOTO: A autora (2014).

No período de maior chuva, que é de outubro a maio, é propícia a prática do *rafting* (Figura 19). O percurso, que inicia na Antiga Usina Hidrelétrica de Cotia e

finaliza na Ponte do Arame, tem três quilômetros de extensão, com duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos.

FIGURA 19 – RAFTING NO RIO CACHOEIRA



FOTO: Portalantonina.com (2018).

As corredeiras são de classe III e IV e em alguns pontos é necessário o uso de técnicas, como na Corredeira do Cadeado (onde há afunilamento do rio e aumento da velocidade do bote por conta de duas grandes pedras), no Poço do Bagre (onde há muita correnteza) e na Pedra do Vira (que pode virar o bote) (PORTAL ANTONINA, 2018).

2.3.2 Atrativos culturais materiais em Antonina

Os atrativos culturais de Antonina estão localizados majoritariamente na área urbana, com destaque para o Centro Histórico, que conta com tombamentos no âmbito federal e estadual.

Na área rural está a Chácara Colônia Cacatu, que foi a primeira colônia de japoneses no Paraná, e há algumas construções que se destacam, como a Usina Hidrelétrica de Cotia — que se encontra desativada — e a Usina Hidrelétrica Governador Parigot de Souza.

Bairro Alto

O Bairro Alto foi onde se assentou a primeira colônia de imigrantes japoneses no Paraná (SEET-PR, 2018). Além disso, ali é possível fazer trilhas e ver a Antiga Usina de Cotia (Figura 20).

FIGURA 20 – ANTIGA USINA DE COTIA



FOTO: A autora (2014).

Igreja de Nossa Senhora do Pilar (Igreja Matriz)

A construção da Igreja Matriz de Antonina, Figura 21, se deu mediante autorização do bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Francisco de São Jerônimo, no ano de 1714 (LEÃO, 1999), representando a separação de Paranaguá e a autonomia religiosa.

Localizada no ponto mais alto do centro da cidade, de frente para a baía, a igreja foi por muito tempo o marco da cidade, fazendo com que a localidade fosse conhecida como “capela” (ANTONINA, 2017).

FIGURA 21 – IGREJA MATRIZ DE ANTONINA



Foto: A autora (2017).

É nela que acontece a festa em homenagem à padroeira da cidade, realizada anualmente de 6 a 15 de agosto, onde os fiéis participam de novena e utilizam fogos de artifício para comemoração.

Igreja de São Benedito

A igreja, retratada na Figura 22, segundo as tradições, serviu de refúgio religioso para os escravos que acreditavam que o santo, do qual eram devotos, os protegia da perseguição do homem branco (ANTONINA, 2017).

FIGURA 22 – IGREJA SÃO BENEDITO EM ANTONINA



FOTO: Fábio Andrukiu (2017).

Apesar da quantia de 300 mil réis deixados pelo Capitão Antônio Ferreira do Amaral em seu testamento (em 1831) para a edificação da igreja em homenagem ao Santo Padroeiro, a construção esteve parada por muitos anos, até a retomada dos trabalhos pela população da cidade (ANTONINA, 2017).

As novenas em homenagem ao santo são promovidas no mês de dezembro pela Irmandade do Glorioso São Benedito.

Igreja Bom Jesus do Saivá

Situada próximo à Estação Ferroviária, a sua construção teve início em torno do ano de 1835. Em 1970 foi tombada em âmbito estadual pelo Patrimônio Histórico do Paraná e no ano de 2012 pelo IPHAN (SEET-PR, 2018).

FIGURA 23 – IGREJA BOM JESUS DO SAIVÁ



FOTO: A autora (2019).

A Figura 23 mostra a igreja em reforma, realizada em 2019, com recursos do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) entre IPHAN e a empresa Brennand Energia.

Estação ferroviária

A sua inauguração se deu em 07 de setembro de 1922, quando se comemorava o Centenário da Independência do Brasil (SEET-PR, 2018). Quando do registro fotográfico, 2018, o prédio estava em situação de abandono, conforme Figura 24.

FIGURA 24 – ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ANTONINA ANTES DA REFORMA



FOTO: A autora (2018).

A Figura 25 mostra como ficou a Estação após realização de reforma custeada com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) das Cidades Históricas.

FIGURA 25 – ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ANTONINA APÓS A REFORMA



FOTO: A autora (2019).

Até 2018 o prédio sediava a unidade do Instituto Chico Mendes (ICMBio) em Antonina. Atualmente é sede da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. Também estão sendo realizados estudos para a concessão de espaços para empreendimentos turísticos.

Sede da Prefeitura Municipal

O prédio que sedia a Prefeitura Municipal data de 1914. O seu exterior apresenta estilo eclético (Figura 26).

FIGURA 26 – SEDE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTONINA



FOTO: A autora (2017).

O seu interior, retratado na Figura 27, abriga pinturas a óleo com motivos paisagísticos de Antonina.

FIGURA 27 – INTERIOR DA PREFEITURA MUNICIPAL DE ANTONINA

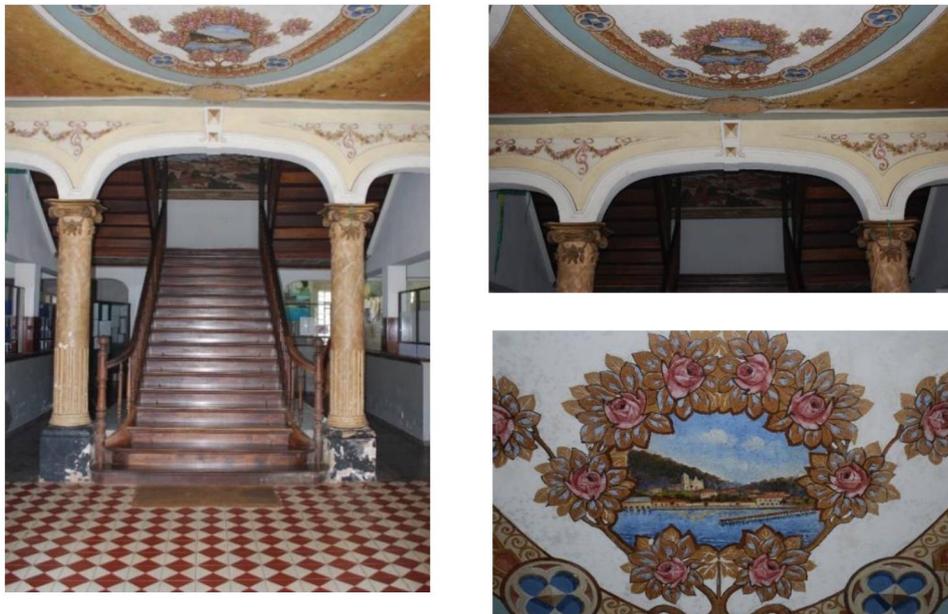


FOTO: Alcimar Meira Gonçalves (2017).

Há, ainda, ao lado da porta de entrada, uma placa alusiva à visita do Imperador D. Pedro II (ANTONINA, 2017).

Setor histórico

O Centro Histórico possui várias casas e sobrados antigos com adornos da arquitetura clássica e portuguesa, conforme Figura 28.

FIGURA 28 – CASARIO EM ANTONINA



FOTO: A autora (2019).

As paisagens originadas a partir das construções no estilo eclético foi objeto de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 2012.

Teatro Municipal

FIGURA 29 – TEATRO MUNICIPAL DE ANTONINA

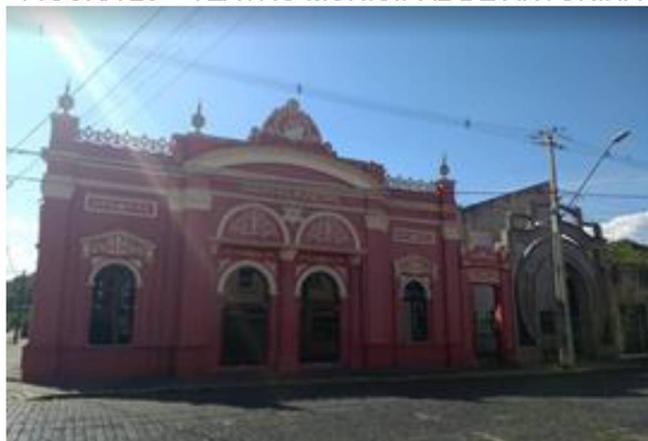


FOTO: A autora (2017).

O Teatro, Figura 29, apresenta arquitetura eclética, com fachada rica em adornos, e foi construído no início do século XX (1906), durante a fase áurea da

economia da cidade (SEET-PR, 2018). Atualmente está sendo reformado com recursos do Ministério do Turismo.

Praça Coronel Macedo

Anteriormente conhecida como “Campo da Matriz”, “Pátio da Matriz” e “Praça da República”, a praça (Figura 30) com a estrutura que se tem hoje foi construída na gestão do prefeito Coronel Antônio Ribeiro de Macedo (1895 a 1900), de quem, em homenagem póstuma feita pela Câmara Municipal, originou o atual nome de “Praça Coronel Macedo” (ANTONINA, 2017).

FIGURA 30 – PRAÇA CORONEL MACEDO



FOTO: A autora (2017).

Na década de 1920, esta praça recebeu tratamento paisagístico e foi densamente arborizada. Atualmente é um local muito visitado pelos turistas de bastante utilizado pelos residentes tanto no dia a dia quanto para os eventos que acontecem na cidade, sejam eles religiosos, cívicos, culturais ou de interesse turístico.

Praça Romildo Gonçalves Pereira (Feira-Mar)

A Praça Feira-Mar, indicada pela Figura 31, é um lugar muito apreciado pelos moradores e pelos turistas. No tempo do Império ela era considerada a maior praça da cidade, alterando inclusive o nome de Rua do Cais e Aterro para Praça Rio Branco, pois ela se localiza onde anteriormente era o principal cais do município (ADEMADAN, 2017).

FIGURA 31 – PRAÇA FEIRA-MAR



FOTO: Fábio Andrukiu (2017).

Do final do século XIX até o início do século XX muitos carroções que vinham carregados de erva-mate do interior do Paraná ficavam estacionados nesse aterro, conforme mostrado pela Figura 32, já que a carga embarcava no cais com destino à Argentina e Uruguai, principalmente (ADEMADAN, 2017).

FIGURA 32 – PRAÇA FEIRA-MAR ANTIGAMENTE



FONTE: projetofeiramar.ademadan.org (2017).

O nome da praça foi alterado para Romildo Gonçalves Pereira em homenagem ao prefeito que mais atuou na melhoria do logradouro. Atualmente o local é bastante utilizado para apreciação da paisagem (ADEMADAN, 2017)

Praça da Carioca e Fonte da Carioca

A fonte (Figura 33) era uma das poucas formas de abastecimento de água ao município e, devido ao seu valor histórico, foi tombada em 1969 pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná (SEET-PR, 2018).

FIGURA 33 – FONTE DA CARIOCA



FONTE: A autora (2018).

A documentação mais antiga sobre as melhorias realizadas na fonte data de 1765 e por isso acredita-se que sua existência é anterior, remontando ao início da ocupação de Antonina, quando do assentamento dos colonizadores europeus (SEEC-PR, 2018).

Recanto Poty

FIGURA 34 – MURAL DE AZULEJOS POTY LAZAROTTO



FONTE: A autora (2018).

O espaço localizado na Avenida Leovegildo de Freitas (ou Nenê chaminé) contém um mosaico (Figura 34) elaborado pelo ceramista Adoaldo Lenzi, feito com ladrilhos que retratam os principais pontos da cidade, compondo um mural que, como homenagem, remete às obras do artista plástico paranaense Poty Lazarotto (SEET-PR, 2008).

Usina Hidrelétrica Governador Pedro Viriato Parigot de Souza (Capivari-Cachoeira)

Inaugurada em 1971, a usina é a maior central subterrânea do sul do Brasil. Para sua construção, foram represadas as águas do Rio Capivari (rio do primeiro planalto) que estão a 830 metros acima do nível do mar. Da represa, localizada no município de Campina Grande do Sul, as águas são desviadas por meio de um túnel de 15,4 quilômetros num desnível de 740 metros, atravessando a Serra do Mar e desaguando no Rio Cachoeira, que está localizado no litoral, conforme demonstrado na Figura 35.

FIGURA 35 – ESQUEMA DA USINA HIDRELÉTRICA GOVERNADOR PARIGOT DE SOUZA



FOTO: Paraná (2015).

No sopé da montanha foram cavadas três grandes cavernas para construção da central subterrânea, que é composta pela sala de válvulas, sala de máquinas e sala dos transformadores.

Durante o período de sua construção, o Paraná ganhou destaque no cenário da engenharia nacional, conquistando dois recordes, a saber: “maior avanço médio mensal em escavação subterrânea em obras do gênero e maior volume de concretagem mensal no interior de túneis” (COPEL, 2015).

O acesso se dá pela PR-340, distando aproximadamente trinta quilômetros do centro da cidade. Atualmente não são mais permitidas visitas à Usina.

2.3.3 Atrativos culturais imateriais e eventos culturais em Antonina

Antonina tem atrativos culturais imateriais expressados por meio de sua gastronomia e de eventos culturais. Cabe mencionar que alguns eventos já apresentam características de atrativo turístico do município, como é o caso do Carnaval, do Festival de Inverno da UFPR, que em 2019 teve a sua 29ª edição, do Encontro de Carros Antigos, cuja 18ª edição se deu no ano de 2019, e do Antonina Blues Festival, que está na sua 5ª edição em 2019.

Outros eventos também são realizados no município. Porém, de menor expressão no contexto do turismo local.

Bala de banana

Atualmente há duas fábricas de balas de banana: a Antonina e a Bananina. Esta última está ampliando o seu portfólio de produtos, oferecendo balas de banana com sabores (gengibre, goiaba, coco, dentre outras) e opções sem açúcar (barrinha de banana, banana passa, doce de banana).

FIGURA 36 – BALA DE BANANA



FOTO: A autora (2019).

Convém mencionar que as empresas, em conjunto, estão solicitando o registro de indicação geográfica, que é um ativo de propriedade industrial, para a bala de banana. No caso específico, solicita-se o reconhecimento de que o produto apresenta características e qualidades devido à sua origem geográfica, sendo isto um diferencial frente a produtos semelhantes (INPI, 2019).

Barreado

Prato típico da região do litoral do Paraná, é feito a partir de carne bovina cozida com temperos, de maneira que a carne fique praticamente dissolvida no caldo. Originalmente, o barreado era feito na panela de barro, cuja tampa é fechada por uma mistura de água e farinha de mandioca, sendo o tempo de cozimento de aproximadamente 24 horas.

Carnaval

Uma das festas mais conhecidas do país, em Antonina é um dos mais tradicionais do Paraná, com uma programação que insere todos os tipos de público, desde o expectador ao folião. Os desfiles das escolas de samba da cidade — Figura 37 — acontecem no domingo e o tradicional concurso das escandalosas (homens que se vestem de mulher) ocorre na segunda-feira.

FIGURA 37 – MESTRE SALA E PORTA-BANDEIRA DA ESCOLA DE SAMBA DO BATEL



FONTE: portalantonina.com (2018).

Além das escolas de samba, vários blocos carnavalescos desfilam na avenida.

Encontro Paranaense de Veículos Antigos e Especiais (junho)

Encontro organizado pelo Auto Clube MP Lafer Paraná, quando vários colecionadores de veículos antigos (oriundos dos estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná) os expõem ao longo da Rua Carlos Gomes da Costa (Avenida do Carnaval). Junto à Praça Cel. Macedo é montada uma pequena

praça de alimentação e alguns estandes onde são comercializados peças antigas e acessórios alinhados à temática do evento.

FIGURA 38 – EXPOSIÇÃO DE CARROS ANTIGOS



FONTE: portalantonina.com (2018)

Durante o evento, há atrações culturais como apresentação dos grupos musicais locais (Filarmônica Antoninense, Grupo de serestas Canto do Mar e Grupo Amigos da Carioca), concurso dos melhores carros e premiação do “Motor beleza” e “Veículo mais bem bolado do evento” (PORTAL ANTONINA, 2018).

Antonina Blues Festival (junho)

A primeira edição do evento se deu em 2015, quando se tentou usar apresentações de grupos de *blues* para aumentar o fluxo de turistas em Antonina. Nesta primeira edição foram 3 dias de apresentações gratuitas, com público de aproximadamente 400 pessoas (PORTAL ANTONINA, 2018).

No ano de 2016 estimou-se um público de 1.200 pessoas que assistiram as 15 apresentações, distribuídas em 4 dias. Em 2017, em sua terceira edição, o público estimado foi de 6 mil pessoas (PORTAL ANTONINA, 2018).

Em 2019, em visita a campo, verificou-se que o evento foi realizado na Praça de Feira-Mar, sendo montado palco para apresentações, destinado espaço para *food trucks*, e montadas barracas para souvenirs. Notou-se que o evento teve um grande público — composto por antoninenses e turistas — e que as opiniões com relação ao atrativo foram positivas.

Festival de Inverno (julho)

O evento acontece no município desde 1991, e é resultante do anseio dos estudantes de Graduação em Artes da Universidade Federal do Paraná em atuar mais próximo da comunidade — que é o objetivo da extensão nas universidades.

Organizado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná em parceria com outras organizações públicas e privadas, o evento tem duração de uma semana e oferece à população atrações culturais como apresentações musicais, peças teatrais e apresentações de grupos de dança (conforme Figura 39).

FIGURA 39 – ATIVIDADES NO FESTIVAL DE INVERNO DA UFPR



FONTE: portalantonina.com (2018).

Ademais, é possível participar de oficinas e minicursos de aprimoramento. Para as crianças há, além das oficinas, atividades esportivas e lúdicas que ocorrem na Praça Coronel Macedo sob orientação de estudantes de Educação Física.

Excepcionalmente, no ano de 2019 o evento teve duração de quatro dias, sendo ofertados *workshops* à população residente e turistas.

Outros eventos do município

De acordo com o calendário oficial para o ano de 2018, na cidade ocorrem outros eventos, mas que acabam não impactando tanto na demanda turística quanto

os relacionados anteriormente. Porém, é pertinente mencioná-los já que alteram a dinâmica da cidade, como segue:

- Festa da Padroeira, realizada em agosto.
- Feira de Gastronomia Caiçara, realizada em novembro.
- Festival Gospel, realizado em novembro.
- *Réveillon* de Antonina, realizado em dezembro.

Conforme apresentado, são variadas as temáticas dos eventos e diversificados os locais considerados atrativos, permitindo que pessoas dos mais diferentes gostos, preferências, renda e idade possam visitar Antonina. Mas não apenas de atratividade se embasa a atividade turística, sendo requeridos, obviamente além da hospitalidade e cordialidade, infraestrutura compatível e mão de obra qualificada.

2.3.4 Outros aspectos do turismo em Antonina

Neste tópico, serão apresentadas informações complementares — como equipamentos para transporte, hospedagem, alimentação, instrumentos de gestão — para melhor compreensão do aspecto turístico do município.

O acesso ao município se dá exclusivamente pela Rodovia PR-408, a qual pode ser acessada pela BR-277 ou ainda pela BR-116 e pela Estrada da Graciosa. Para quem não dispõe de veículo próprio, há apenas uma empresa que faz o transporte regular em ônibus, que é a Viação Graciosa Ltda. A rodoviária, indicada na Figura 40, está localizada na Rua XV de Novembro, no centro histórico, bem próximo ao trapiche municipal. Além de terminal intermunicipal, a rodoviária serve como terminal entre as linhas de transporte que ligam os bairros da cidade, bem como para as que ligam a área rural à urbana.

FIGURA 40 – RODOVIÁRIA DE ANTONINA



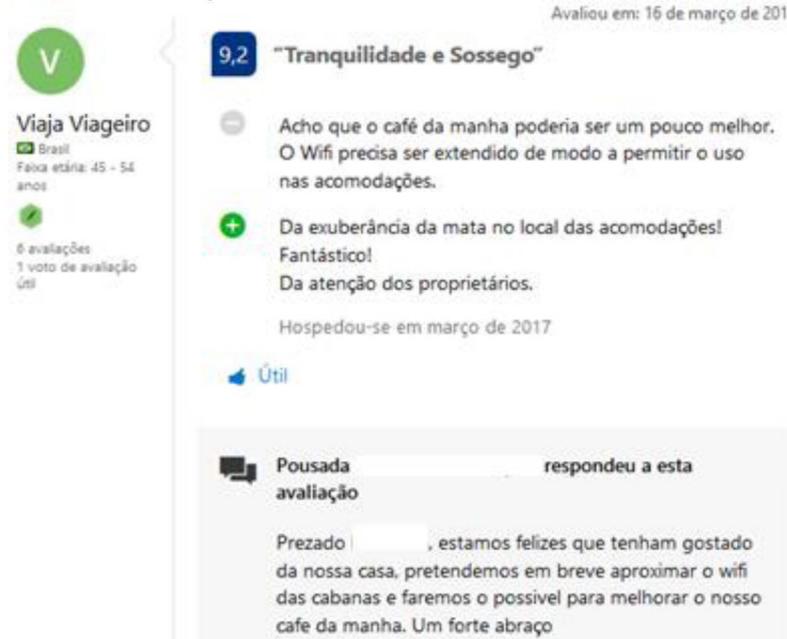
FOTO: A autora (2018).

Quanto à hospedagem, segundo o Guia do Litoral, material elaborado pela Paraná Turismo (SEET-PR, 2018), o município conta com apenas dois meios de hospedagem.

Porém, em visita a campo, foi possível verificar que há um número maior de locais que oferecem hospedagem. A divergência entre o quantitativo apurado se deve ao fato de que para a instituição paranaense oficial de turismo, Paraná Turismo, consideram-se somente os estabelecimentos cadastrados no Ministério do Turismo. Outro fato a ser ressaltado é que nem todos os gestores dos meios de hospedagem têm interesse em disponibilizar seu equipamento em portais que prestam o serviço de reservas *online*.

É pertinente mencionar que o *site* de reservas, além de promover a aproximação do hóspede potencial com o meio de hospedagem, é uma ferramenta de pesquisa interessante, pois é possível consultar a avaliação que os hóspedes fizeram acerca das instalações, servindo tanto como fator de decisão para os hóspedes potenciais quanto como ferramenta de *feedback* para os proprietários ou gestores, os quais, inclusive, podem responder diretamente ao hóspede, como mostra a Figura 41.

FIGURA 41 – AVALIAÇÃO DE HÓSPEDE E RESPOSTA DA PROPRIETÁRIA



FONTE: www.booking.com.

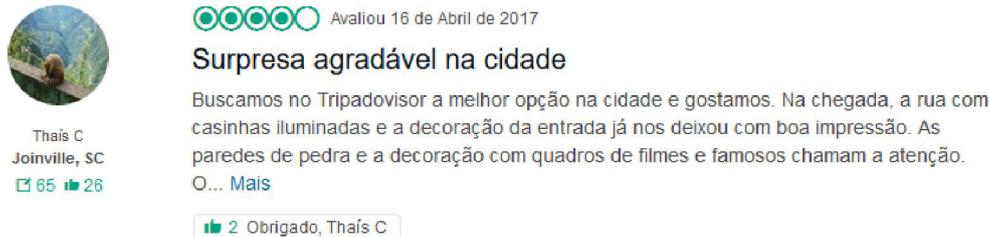
Ao analisar as notas dadas pelos avaliadores aos hotéis e pousadas cadastradas, verificou-se que dentre os itens avaliados (funcionários, localização, limpeza, custo-benefício, conforto, comodidades, *wi-fi* gratuito), o que alcançou a melhor pontuação foi "funcionários", o que foi motivo de elogios em muitos dos comentários, como segue: "[...] Local ótimo serviço e atendimento maravilhoso e a cidade é muito hospitaleira." (Alexandre, 15 avaliações no *site*, BOOKING, 2018) e "Hotel Simples, mas com uma recepção e tratamento que faz o hóspede se sentir em casa [...]" (Hilton e Aline, 10 avaliações no *site*, BOOKING, 2018). Apenas um hotel ficou com pontuação abaixo de 9,0, alcançando a marca de 8,8 pontos, demonstrando que se busca oferecer hospitalidade nesses estabelecimentos.

O item pior avaliado é o do fornecimento de *wi-fi* gratuito. Esse fato pode estar diretamente relacionado com a operadora de telefonia local que exerce o monopólio do fornecimento de *internet* banda larga no município e que, considerando o cenário favorável à sua atuação, não realiza a substituição do cabeamento telefônico instalado há mais de duas décadas.

Com relação aos equipamentos de restauração, observou-se uma diversidade muito grande, pois existem estabelecimentos que servem lanches, pães, bolos e salgados, além dos que oferecem refeições, desde comida italiana, brasileira, ao tradicional barreado com frutos do mar, sendo disponibilizados por meio do sistema de *self service*, rodízio ou *à la carte*.

Para saber o que opinam sobre os restaurantes e bistrôs antoninenses, foi consultado o *site Tripadvisor* (2018) que tem sido uma ferramenta de consulta para turistas. Nesse *site*, atrativos, restaurantes e hotéis possuem um *ranking* e percentuais de avaliação a partir dos comentários e pontuação atribuídos pelas pessoas que estiveram nesses locais, conforme mostrado pela Figura 42.

FIGURA 42 – AVALIAÇÃO DE VISITANTE EM SITE DE VIAGENS



FONTE: tripadvisor.com.br.

E assim, notou-se que muitos dos visitantes mencionaram que o atendimento é de qualidade ou ainda que foram muito bem recepcionados e atendidos. Quanto aos pratos servidos pelos restaurantes, há de se ressaltar que as fotos postadas pelos usuários do *site Tripadvisor* revelam o cuidado na montagem e apresentação das refeições, conforme mosaico da Figura 43. Há alguns comentários, inclusive, que colocam a refeição como motivação para o deslocamento.

FIGURA 43 – OPÇÕES GASTRONÔMICAS EM ANTONINA (PR)



FONTE: Adaptado a partir de tripadvisor.com.br.

Alguns restaurantes não constam da lista porque não são considerados turísticos, sendo a maioria dos seus frequentadores composta por residentes ou por pessoas que estão na cidade a trabalho e, portanto, buscam um serviço mais simples, rápido e de menor custo. Obviamente esses locais também atendem turistas, desde que estes não estejam em busca da experiência gastronômica.

Sobre a demanda turística em Antonina, foi realizada uma pesquisa pelo Instituto A Mudança que Queremos (IAMUQUE) — o qual firmou com a Prefeitura Municipal de Antonina um Acordo de Cooperação para elaboração do Plano de Desenvolvimento Turístico do Município — entre os dias 27 de janeiro e 04 de março de 2017 nos principais meios de hospedagem locais, onde os visitantes hospedados na hora do *check-out* eram convidados a preencher um formulário. Após o período mencionado, foram recolhidos 114 formulários, dos quais cinco foram descartados por não atenderem os critérios estabelecidos para a pesquisa, que eram: pernoitar na cidade e não possuir residência em Antonina.

Com a pesquisa, foi possível identificar, em termos gerais, que o turista de Antonina reside em Curitiba, tem entre 35 e 49 anos ou entre 50 e 64 anos de idade, utiliza automóvel como meio de transporte, viaja a lazer acompanhado dos familiares (IAMUQUE, 2017a).

Além de outras cidades do Paraná, outros estados de origem também foram apontados, como Mato Grosso, Santa Catarina e São Paulo. Quanto a turistas estrangeiros, preencheram o formulário viajantes que vieram do Canadá, França e Reino Unido.

Com relação ao tempo de permanência, 26% informaram ter ficado apenas uma noite, 22% ficaram duas noites e 15% ficaram hospedados por três noites. Há dezoito casos em que a pessoa informou que ficou mais de quatro dias e, a partir disso, pode-se deduzir que pode ter havido influência do carnaval, haja vista o evento estar compreendido no período de pesquisa, bem como ter sido apontada por 19% dos entrevistados a participação nas noites promovidas pelos foliões, blocos e administração local (IAMUQUE, 2017a).

Outro fato trazido pela pesquisa é que 35% dos entrevistados estavam na cidade pela primeira vez e 58% já estiveram outras vezes ou mantêm uma frequência de duas ou mais visitas no ano, e apenas quatro pessoas disseram ter chegado à cidade devido a pesquisas na *internet* ou em redes sociais — demonstrando que esse

canal ainda não é tão eficiente para o turismo em Antonina quanto o é para outros destinos.

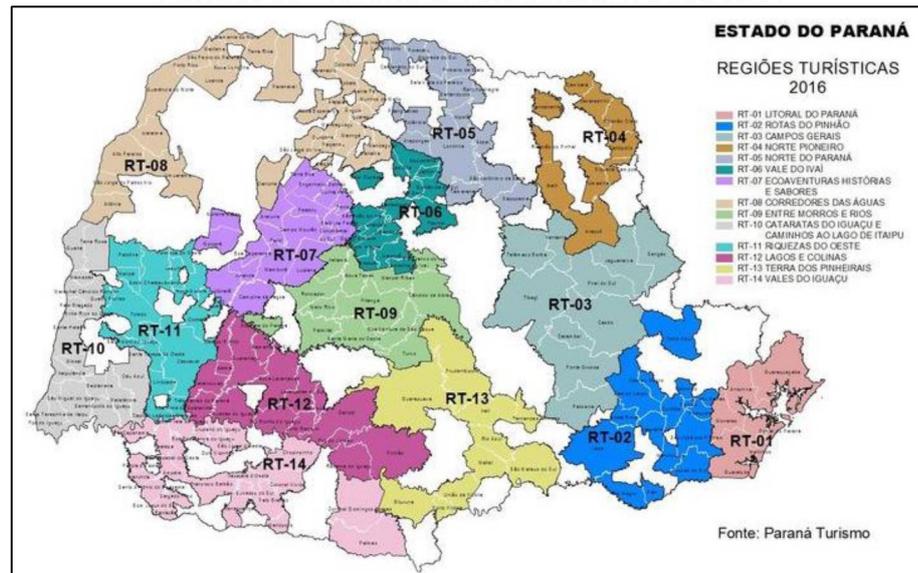
Dentre os turistas pesquisados, 98% não utilizaram serviços de agência de viagens, 95% informaram que retornariam ao município, 97% indicariam o destino para amigos e conhecidos (IAMUQUE, 2017a).

No quesito “Qualidade ambiental”, os mais bem avaliados foram a qualidade do ar, tráfego, áreas verdes, qualidade sonora, e o que recebeu a pior pontuação foi a conservação dos edifícios em geral. Já no que se refere à “Infraestrutura”, apenas os restaurantes receberam 65% das avaliações como “bom”, ficando todas as demais como regulares. Os itens que foram pior avaliados foram, em ordem decrescente: sinalização turística, telefonia, sinalização urbana, vias urbanas, serviços de informações turísticas, limpeza pública (IAMUQUE, 2017a).

As ocupações mais citadas foram, nessa ordem: professor, aposentado, funcionário público, médico. Os gastos durante a estadia ficaram concentrados nos valores até R\$1.000,00. Os atrativos mais visitados foram, na ordem decrescente: Ponta da Pita, Trapiche, Igreja Matriz, Mercado Municipal. Por fim, as principais reclamações e sugestões estão diretamente relacionadas ao poder público que, segundo os respondentes, precisa priorizar a manutenção dos prédios, das praças, da limpeza pública e a orientação de moradores de rua (IAMUQUE, 2017a).

No que se refere ao planejamento e gestão — os quais ficam atrelados à superestrutura do turismo — Antonina, assim como os demais municípios do estado do Paraná, conta com os trabalhos realizados há anos pelo órgão oficial de turismo, atualmente nominado Paraná Turismo, autarquia vinculada à Secretaria do Esporte e do Turismo. Nesse sentido, a partir dos estudos de regionalização do turismo, Antonina está integrada à Região Turística do Litoral do Paraná, uma das 16 regiões delimitadas pela Paraná Turismo (2012), como mostrado pela Figura 44.

FIGURA 44 – REGIÕES TURÍSTICAS DO PARANÁ



FONTE: PARANÁ TURISMO (2012).

Redimensionar o território estadual sob a forma de regiões permite uma visão integrada e compartilhada entre os municípios integrantes, para que o crescimento e desenvolvimento aconteça de maneira harmônica e em conjunto (tanto na complementação de produtos e serviços quanto de compartilhamento de experiências) (PARANÁ TURISMO, 2012).

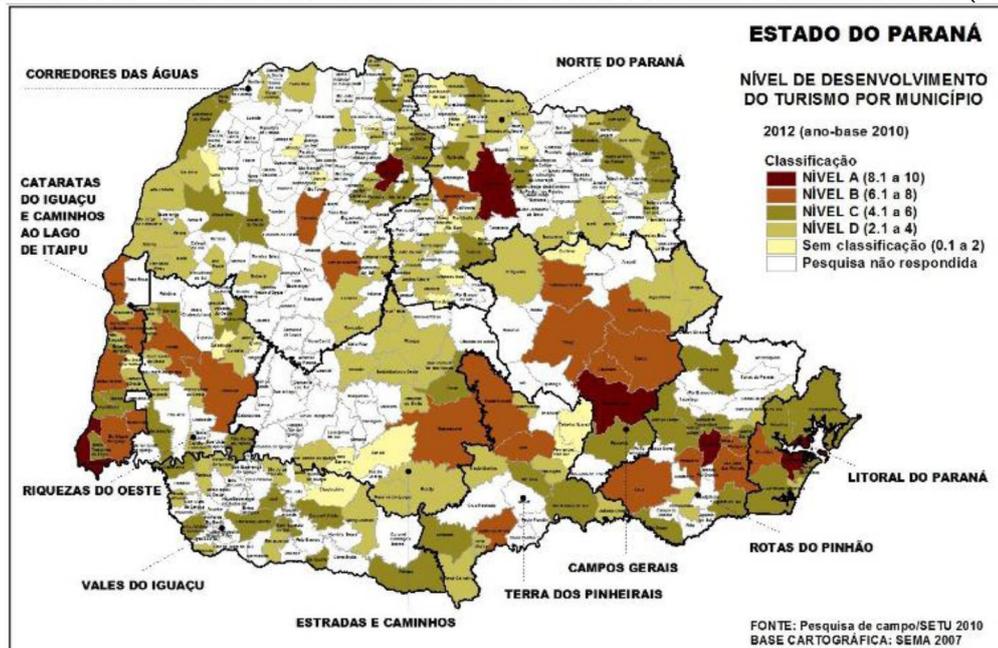
Assim, há como organizar os atrativos, estrutura e serviços conforme a região. De acordo com o *site* da Paraná Turismo (2016), a região litorânea é berço da colonização do estado, sendo possível encontrar na região cidades históricas, Mata Atlântica e praias localizadas em balneários ou em ilhas, destacando-se a Ilha do Mel e a Ilha do Superagüi. As baías são ideais para o turismo náutico, e a Serra do Mar para o ecoturismo e turismo de aventura (PARANÁ TURISMO, 2016). Dentre outros atrativos, tem-se a culinária com os pratos famosos como o Barreado, a tainha, o caranguejo, o siri, ostra, farinha de mandioca, a cachaça de Morretes e a bala de banana de Antonina (PARANÁ TURISMO, 2016).

Embora compartilhem de características em seus atrativos, do clima quente e úmido existente à beira do mar, a região apresenta algumas heterogeneidades, não apenas nos aspectos socioeconômicos, como anteriormente apresentados, mas também no nível de desenvolvimento do turismo.

A primeira classificação do Nível de Desenvolvimento do Turismo nos Municípios paranaenses foi realizada em 2004, em que foram avaliados e qualificados a partir de cinco critérios, a saber: gestão, sustentabilidade, oferta e demanda turística,

infraestrutura de apoio e marketing (PARANÁ TURISMO, 2012). E com aplicação de questionários, aproximação com as entidades turísticas locais e tabulações estatísticas, a Paraná Turismo avaliou e classificou 166 municípios, nos seguintes níveis: Promover (nível A); Qualificar para promover (nível B); Qualificar (nível C); Desenvolver (nível D), conforme Figura 45.

FIGURA 45 – NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO POR MUNICÍPIO (PR)



FONTE: PARANÁ TURISMO (2012).

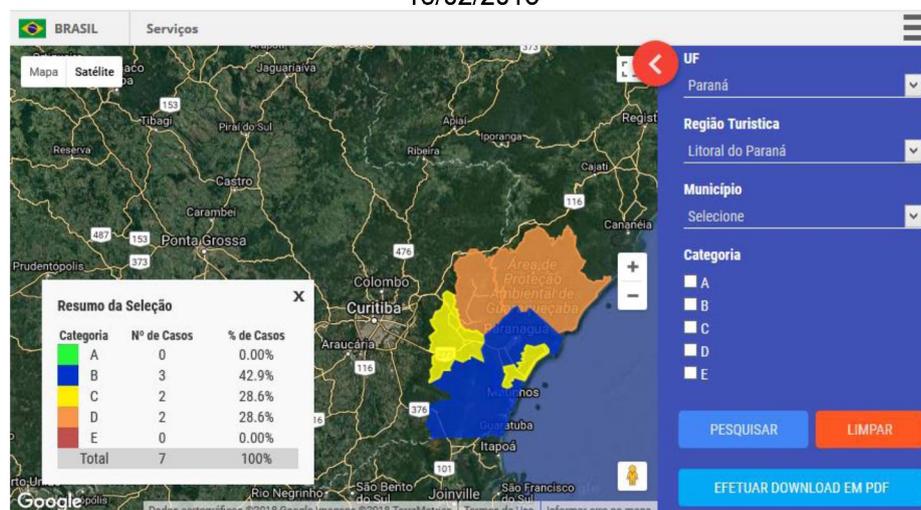
Segundo a Paraná Turismo (2012), no nível “Promover” estão os municípios que apresentam produtos estruturados e qualificados para o mercado internacional. Já os considerados no nível “Qualificar para promover” possuem produtos estruturados e qualificados para o mercado nacional. Os municípios do nível “Qualificar” — nível em que se encontra Antonina —, apesar de possuírem certa estrutura turística para os turistas estaduais, carecem de melhoria na qualidade dos serviços, de capacitação de pessoal e de qualificação de equipamentos e infraestrutura. No nível “Desenvolver” estão os que apresentam potencialidade turística para o mercado regional, carecem de estruturação, e apresentam deficiência nos quesitos recursos humanos, equipamentos e infraestrutura turística.

O órgão paranaense utiliza essas informações contidas no Relatório de Hierarquização Regional como forma de “visualização do desempenho dos municípios junto ao setor Turismo, se constituindo numa ferramenta de grande importância para o planejamento e avanço dos municípios” (PARANÁ TURISMO, 2012, p. 7).

Na esfera federal, o Ministério do Turismo também estabeleceu uma categorização dos municípios brasileiros em cinco categorias, de “A” a “E”, a partir de quatro variáveis de análise de desempenho econômico, quais sejam: número de empregos, de estabelecimentos formais no setor de hospedagem, estimativas de fluxo de turistas domésticos e internacionais (MTur, 2015).

A categorização, segundo o Ministério do Turismo (MTur, 2015), é uma forma de atender a demanda do órgão em definir critérios para políticas públicas e auxiliar na tomada de decisão de acordo com o desempenho da economia do turismo das várias localidades. Dessa forma, chegou-se ao Mapa do Turismo Brasileiro, que é considerado “o instrumento que orienta a atuação do Ministério do Turismo no desenvolvimento das políticas públicas do turismo e define a área – o recorte territorial – que deve ser trabalhada prioritariamente” (MTur, 2015). Para fins de conhecimento da classificação da área de estudo, foi consultada, no dia 05 de fevereiro de 2018, a Região do Litoral do Paraná, como mostrado a seguir (Figura 46).

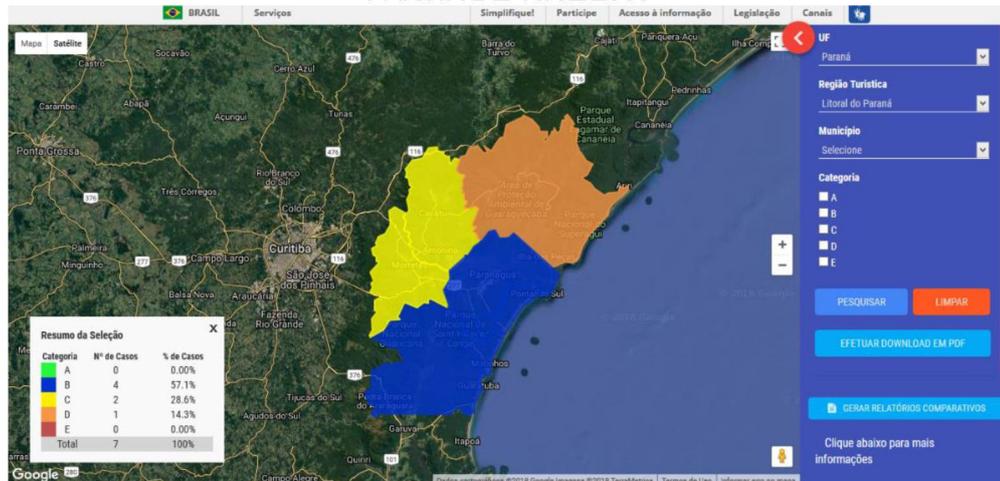
FIGURA 46 – CATEGORIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO LITORAL PARANAENSE NO MTur ATÉ 15/02/2018



FONTE: MTur (2015).

No dia 16 de fevereiro de 2018, dias após a primeira consulta, o Ministério do Turismo publicou uma nota informando que 25 municípios paranaenses foram classificados com melhores níveis de desenvolvimento, e Antonina constava na mencionada lista (MTur, 2018). Nesse caso, o município estudado deixou de ser classificado como o nível D, passando a ser nível C, como demonstrado na Figura 47.

FIGURA 47 – CATEGORIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO LITORAL PARANAENSE NO MTur A PARTIR DE 16/02/2018



FONTE: MTur (2018).

Todavia, esse cenário perdurou por aproximadamente um ano e meio, pois em consulta ao *site* do Ministério do Turismo, realizada no dia 09 de outubro de 2019, constatou-se que a classificação do município estudado voltou a ser no nível D.

A análise classificatória do Ministério do Turismo é exclusivamente econômica, enquanto que a da Paraná Turismo leva em consideração informações e contextos diversos, aplicando a visão sistêmica. Porém, o que se nota é que em ambas as classificações o município antoninense encontra-se em uma situação de menor desenvolvimento da atividade turística quando comparado aos demais municípios da região e que, portanto, necessita de melhorias tanto na qualidade dos serviços quanto dos equipamentos, da infraestrutura urbana e capacitação de pessoal.

Nesse sentido, a superestrutura local, por meio da Secretaria Municipal de Turismo, tem mostrado interesse em implementar melhorias no cenário turístico local e tem contado com a parceria do Instituto A Mudança que Queremos (IAMUQUE). De acordo com o *site* da organização, vários levantamentos têm sido feitos desde o início de 2017, culminando na elaboração do Plano de Desenvolvimento Turístico de Antonina, cujo objetivo é “fazer do turismo uma alternativa para o desenvolvimento sustentável de Antonina” (IAMUQUE, 2017b, p. 2).

Percebe-se que essas ações buscam preparar a cidade, tanto no que se refere à infraestrutura quanto na qualificação dos serviços e equipamentos no intuito de atender os turistas de modo satisfatório. Constam das ações a limpeza das vias públicas, tratamento do esgoto para balneabilidade da baía, criação de postos de

informações turísticas e oficinas para instruir os funcionários dos estabelecimentos que mantêm contato direto com os turistas.

Em termos gerais, a existência de um plano de desenvolvimento é um avanço para que a atividade turística aconteça de forma organizada, afinal, entende-se que para elaboração de tal documento foram vencidas as etapas de mapeamento dos problemas e ineficiências, tendo como horizonte o patamar que se deseja alcançar num espaço de tempo estabelecido.

Diante de toda a contextualização ora apresentada, é possível afirmar que o município recebe visitantes e turistas. Muitos destes se deslocam em virtude dos atrativos históricos e culturais dispostos no espaço antoninense. Nesse sentido, importa verificar o que pensam os residentes sobre o desenvolvimento do turismo, se eles reconhecem a importância e a atratividade exercida pelo patrimônio cultural que eles possuem, e que está contido no mesmo espaço em que acontece o seu cotidiano.

3 REFLEXÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

A organização do referencial teórico para a presente pesquisa teve como diretriz atender o objetivo de desvelar a representação social que os habitantes de Antonina, Paraná, têm sobre o turismo. Além deste objetivo principal, buscou-se construir aporte teórico e conceitual para embasar as análises de como os residentes entrevistados se relacionam com o espaço de Antonina, bem como de que maneira é feito o planejamento da atividade turística.

A partir destes objetivos, foram escolhidos para o encadeamento teórico-conceitual quatro conceitos-chave, a saber: representações sociais, turismo, espaço e lugar.

Assim, num primeiro momento são apresentados os aportes teórico-metodológicos da Teoria das Representações Sociais, a qual se interessa pela visão de mundo dos sujeitos, pelo contexto em que estão inseridos e pela maneira como as pessoas avaliam um fenômeno, bem como elaboram o discurso coletivo sobre tal fenômeno, tanto no universo consensual quanto no universo reificado.

Em seguida foram discutidos temas do turismo, alguns de seus efeitos individuais e coletivos, e como a população poderia reagir frente ao fluxo de visitantes. Cabe salientar que os atrativos turísticos existentes no município antoninense possibilitam o desenvolvimento do turismo. Porém, considerando as características desses atrativos, dentre as quais estão as questões de regulação ambiental e proteção histórico-cultural, são requeridas reflexões sobre a condução do turismo para que se sustente a singularidade do espaço.

Por fim, considerando que o contexto deve ser levado em consideração em toda análise de representação social, e que o turismo acontece no tempo e no espaço, são apresentados conceitos e aspectos teóricos da Geografia.

Dentre o vasto escopo teórico-conceitual que existe sobre o turismo, optou-se por recorrer ao enfoque da Geografia Cultural. Cabe salientar que inicialmente o espaço foi tomado como categoria de análise de grande importância para a condução da pesquisa. Porém, ao longo do desenvolvimento, em observações e entrevistas prévias, notou-se que muitos residentes demonstraram afetividade para com a porção espacial, o que acabou validando o lugar como categoria de análise mais apropriada para responder o problema de pesquisa, bem como para atender os objetivos definidos.

3.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA ESTUDOS SOCIOESPACIAIS

A relação do homem para com o espaço, a visão de mundo, bem como a interpretação dos fenômenos que acontecem no meio podem ser analisadas e retratadas por meio da Teoria das Representações Sociais. Voelklein e Howarth (2005) apontam algumas críticas como: ambiguidades teóricas; determinismo social; reducionismo cognitivo; carência de uma agenda de críticas, mas ainda assim, a Teoria fornece um aporte teórico válido para as mais variadas disciplinas e áreas de estudo, contribuindo com a explicação de questões relevantes (CAMARGO, 2005; HOWARTH, 2006).

Spink (1993) afirma que as representações sociais, assumidas enquanto conceito transdisciplinar e definidas como formas de conhecimento prático, caracterizam uma ruptura epistemológica — que sempre privilegiou a retórica da verdade a partir de conhecimentos científicos —, definindo-se como uma das correntes que estudam o conhecimento do senso comum. Para a autora, ao abarcar o conhecimento do homem comum busca-se “o desvelamento da teia de significados que sustenta nosso cotidiano e sem a qual nenhuma sociedade pode existir” (SPINK, 1993, p. 303).

A Teoria das Representações surgiu em 1961, ano em que o romeno Serge Moscovici publica a obra intitulada “*La Psychanalyse, son image, son public*”, na qual buscou analisar o conteúdo das publicações contidas nos jornais que circulavam na França, tanto as que estavam sob os cuidados da imprensa católica quanto as que eram editadas pela imprensa comunista francesa (SOUZA FILHO, 1995). A partir de tais análises, Moscovici buscava elucidar a representação social da Psicanálise (SOUZA FILHO, 1995).

E a partir dos seus estudos foi possível constatar algumas inquietações e controvérsias que ele tinha sobre algumas escolas e autores. A primeira inquietação, que inclusive consta da sua tese, refere-se à Psicanálise, cujo precursor do campo clínico foi Sigmund Freud, que na França ganhou grande relevância e teve contribuições de Jacques Lacan (FEBRAPSI, 2018).

Mas talvez a grande crítica de Moscovici, ao desenvolver sua tese e teoria, foi com relação ao Behaviorismo, que fazia dissociação entre objeto e sujeito (ABRIC, 2000). Em sua concepção, os seres humanos não apresentam comportamentos que

estão subjugados a uma condicionante, mas possuem faculdades que lhes permitem o pensamento, o questionamento de situações, que direcionam a uma busca pelo conhecimento e compreensão das coisas e do ambiente que fazem parte de sua realidade (MOSCOVICI, 2011).

Assim, Moscovici considera que o homem é um ser pensante, é um agente no local em que está inserido, “[...] pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam” (MOSCOVICI, 2011, p. 45).

Moscovici também revela que tomou como embasamento alguns conceitos relacionados à Sociologia, mais especificamente as Representações Coletivas, de Émile Durkheim.

Durkheim² elaborou o conceito de Representações Coletivas partindo do conceito de “consciência coletiva” (ou comum), que se refere a um conjunto de sentimentos e crenças que são comuns aos membros de uma mesma sociedade (OLIVEIRA, 2012). Sua principal função é criar laços solidários entre os membros dos grupos sociais, sendo a sua existência proporcional à complexidade da sociedade (conforme graus de divisão social do trabalho) (OLIVEIRA, 2012).

De acordo com Oliveira (2012, p. 82) sobre as obras de Durkheim, o termo representações refere-se “àquilo que é pensado ou da transposição para o nível mental daquilo que se acredita ser a realidade”. As representações nascem da organização social e das práticas sociais, estando presentes no cotidiano e nas ações sociais dos grupos, e têm uma capacidade autoritária e coercitiva (OLIVEIRA, 2012).

As representações coletivas transpassam o conceito de indivíduo, originando-se a partir da reunião de indivíduos, apresentando como finalidade demonstrar como o grupo, ou sociedade, se reconhece nas relações que estabelecem com os objetos que lhe afetam (OLIVEIRA, 2012). Alguns exemplos de representações coletivas são os “mitos, lendas populares, tradições, concepções religiosas e crenças morais” (OLIVEIRA, 2012, p. 81).

² Em seu artigo Oliveira faz referência ao livro de Durkheim intitulado *De la division du travail social*, originalmente publicado em 1893. Porém esta obra não consta especificamente no rol de obras consultadas por Oliveira.

As representações, de uma forma geral, apresentam uma perenidade no tempo e no espaço à medida que o grupo social decide manter o seu ponto de vista sobre determinado objeto, assunto, tema ou sujeito como resultante de experiências e saberes acumulados por uma série de gerações (SÁ, 1995, p. 21).

Sperber (1985³ citado por GUARESCHI, 2002) apresenta uma analogia que facilita a compreensão das diferenças entre Representações Coletivas e Representações Sociais. Para o autor, as Representações Coletivas se assemelham à propagação de uma endemia, porque a transmissão ocorre de forma lenta e invariável entre as gerações, podendo ser chamadas de tradições (SPERBER, 1985⁴ *apud* GUARESCHI, 2002). Por outro lado, as Representações Sociais são semelhantes a uma epidemia, cuja característica principal é a rápida disseminação entre a população, apresentando uma curta duração, o que demonstra uma postura de transigência que seria uma característica bem presente nas culturas ditas modernas (SPERBER, 1985⁵ *apud* GUARESCHI, 2002).

De acordo com Oliveira (2012), Durkheim era de origem judaica, cuja família já havia se estabelecido na França no início do século XIX. Era filho de um rabino e, seguindo a tradição familiar, Durkheim também seria um líder religioso (OLIVEIRA, 2012). Assim, alguns esperavam que ele escrevesse sobre a religião, sobre o fenômeno religioso enquanto conjunto de prescrições e “sistema de representações”, ou ainda sobre a influência dos grupos sociais sobre os indivíduos (OLIVEIRA, 2012).

Por outro lado, embora Moscovici também fosse de família judia, sua infância foi marcada pela ruptura do núcleo familiar — com o fim do casamento de seus pais — ficando ele sob a responsabilidade do pai, e a sua irmã, com a mãe (MOSCOVICI, 2005). Diante de tantas tentativas (frustradas) de seu pai para se casar novamente, Moscovici decidiu viver com sua tia (MOSCOVICI, 2005), o que revela uma constituição familiar distinta do que era comum para a época.

A partir desses breves históricos de vida dos autores, é possível deduzir que ambos vivenciaram sensações e situações muito diferentes entre si. Enquanto Durkheim chegou à vida adulta com os parâmetros de um núcleo familiar invariável,

³ SPERBER, D. Anthropology and psychology: towards an epidemiology of representations. *Man* (New series), 1, p. 73-89.

⁴ *Ibid.*

⁵ *Ibid.*

Moscovici passou por diversas alterações na formação familiar, o que colaborou para a construção de uma visão de sociedade fluida.

A sociedade, os grupos que a formam e, por conseguinte, as pessoas, passam por mudanças, as quais, não necessariamente, levam tanto tempo para acontecer. E, portanto, havia a necessidade da proposição de uma teoria que abordasse as novas representações, menos rígidas que as Representações Coletivas.

Para esta tese, entende-se que as representações sociais podem ser definidas como um conteúdo mental estruturado, ou seja, cognitivo (imagens, conceitos, categorias, teorias), avaliativo, afetivo e simbólico, sobre um determinado fenômeno social, que toma a forma de imagens, discursos ou metáforas, os quais são compartilhados entre os membros do grupo social, contribuindo para a construção da realidade que lhes é comum (WAGNER, 2000, p. 3-4; SPINK, 1993, p. 300).

A conceituação é abrangente e, em determinados momentos, se altera conforme a função com que são utilizadas as representações sociais. Spink (1993, p. 300) apresenta que na literatura sobre as representações sociais, enquanto formas do conhecimento prático, são identificadas três funções que elas assumem, a saber: função social, que promove a orientação das condutas e das comunicações; função cognitiva, que promove a familiarização de elementos estranhos às pessoas; função afetiva, que visa a proteção e legitimação de identidades sociais.

No primeiro caso, das representações enquanto função social, as representações constituem um sistema de valores, de práticas e de ideias, que têm a função de orientar o indivíduo nas suas relações intrapessoais e nas suas relações interpessoais (MOSCOVICI, 2011). No que se refere à relação pessoal, a representação social fornece uma diretriz para as ações que o indivíduo tem para com aquilo que constitui o seu mundo material e social. Já no que tange ao comportamento em grupo, a representação fornece um código para nomear e classificar, de maneira clara e sem ambivalências, as situações, objetos, sentimentos e demais aspectos que compõem o seu mundo e sua história individual e social, facilitando as relações entre os membros do grupo (MOSCOVICI, 2011).

Ainda, Wachelke e Camargo (2007) afirmam que existe a representação individual, em que o indivíduo tem a própria configuração de códigos que orientam as suas ações. Porém, este indivíduo tem ciência de que há uma representação social, a qual “não determina sua representação individual, mas serve como uma referência para que esta seja construída” (WACHELKE; CAMARGO, 2007, p. 386).

É possível que haja conflito entre os valores da representação individual e os da representação social dos grupos com os quais o indivíduo convive. Todavia, os autores entendem que

Mesmo que um dado indivíduo possua crenças que questionem os conteúdos da representação de seu grupo, ele tem consciência da existência da representação social, e provavelmente saberá que se trata de um conhecimento mais ou menos atribuído àquela categoria social de que faz parte, ou a uma outra (WACHELKE; CAMARGO, 2007, p. 386).

E assim, considerando que na atualidade há vários grupos sociais, e, da mesma forma, há várias pessoas que integram diferentes grupos sociais, pode-se inferir que “as pessoas não se orientam por uma única representação social frente a um dado objeto social, mas potencialmente por tantos quantos sejam os grupos de que os indivíduos tomam parte” (WACHELKE; CAMARGO, 2007, p. 387).

Desta forma, “o processo de representação social permite às pessoas interpretar e conceber aspectos da realidade para agir em relação a eles” (WACHELKE; CAMARGO, 2007, p. 381). As representações sociais, apesar de não serem normativas, têm papel e função assertiva na orientação das ações individuais.

Em certa medida, pode-se afirmar que a representação social é um elemento que transcende o indivíduo, ficando muito vinculado ao grupo, pois, dependendo do fenômeno a ser tratado ou conforme o nível de interação entre os membros da comunidade, será visível a “semelhança dos pronunciamentos, principalmente entre os membros de um mesmo grupo, demonstrando que terão pensado juntos sobre os mesmos assuntos” (SÁ, 1995, p. 27). Esta característica de identificar opiniões convergentes sobre determinados temas foi o que se buscou aplicar no desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, verifica-se que com a Teoria das Representações Sociais enquanto aporte teórico, é possível abordar problemas, inquietações e situações presentes no cotidiano das pessoas ou dos grupos sociais (SÁ, 1995). O cotidiano, na proposição de Moscovici (1981⁶ *apud* SÁ, 1995), é constituído por dois universos, quais sejam: Universo Reificado e Universo Consensual. Os saberes e as pessoas acabam transitando nesses dois universos, mesmo que não se deem conta de tal fato.

⁶ MOSCOVICI, S. On Social Representation. In: FORGAS, J. P. (Ed.). **Social Cognition**: perspectives on everyday understanding. Londres: Academic Press, 1981.

Nos universos reificados, a sociedade se vê como um sistema com diferentes papéis e categorias, cujos ocupantes não são igualmente autorizados para representá-la e falar em seu nome. O grau de participação é determinado exclusivamente pelo nível de qualificação. [...] Há um comportamento próprio para cada circunstância, um estilo adequado para fazer afirmações em cada ocasião e, claro, informações adequadas para determinados contextos. (MOSCOVICI, 1981⁷, p. 186-187 *apud* SÁ, 1995, p. 29).

No universo reificado há uma hierarquia a ser obedecida. Os saberes são técnicos, atrelados a uma teoria, a estudos de estimativa de probabilidades, dentre outros aspectos. Contextualizando ao tema da presente pesquisa, documentos como Política de desenvolvimento turístico, Plano de turismo municipal, Diretrizes regionais de turismo, Relatórios de gestão, Plano de ação para o turismo local, instrumentos de monitoramento, dentre outros, podem ser citados como exemplos de itens (e terminologia) pertencentes ao universo reificado.

Todavia, ao mesmo tempo que se convive com o Universo Reificado, se está inserido num outro universo de conhecimentos e saberes em que a formalidade, hierarquização e tecnicidade ficam subjugadas às experiências de vida das pessoas, ao conhecimento do senso comum, aos saberes cotidianos.

Nos universos consensuais, a sociedade se vê como um grupo feito de indivíduos que são de igual valor e irreduzíveis. Nessa perspectiva, cada indivíduo é livre para se comportar como um “amador” e um “observador curioso”, [...] que manifesta suas opiniões, apresenta suas teorias e tem uma resposta para todos os problemas. [A arte da conversação] cria gradualmente núcleos de estabilidade e maneiras habituais de fazer coisas, uma comunidade de significados entre aqueles que participam dela. (MOSCOVICI, 1981⁸, p. 186-187 *apud* SÁ, 1995, p. 29).

No Universo Consensual as pessoas se sentem livres para expor opiniões sobre determinado assunto. Elaboram e apresentam suas teorias acerca dos mais variados temas que se fazem presente no dia a dia. Essas conversações e defesas teóricas podem acontecer em qualquer lugar, e a partir delas orientam suas ações.

Nas ruas, bares, escritórios, hospitais, laboratórios, etc. as pessoas analisam, comentam, formulam “filosofias” espontâneas, não oficiais, que têm um impacto decisivo em suas relações sociais, em suas escolhas, na maneira como eles educam seus filhos, como planejam seu futuro, etc. Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas lhes fornecem o “alimento para o pensamento” (MOSCOVICI, 2011, p. 45).

⁷ MOSCOVICI, S. On Social Representation. In: FORGAS, J. P. (Ed.). **Social Cognition: perspectives on everyday understanding**. Londres: Academic Press, 1981.

⁸ *Ibid.*

Conforme Moscovici (2011), tudo aquilo que se extrai do Universo Reificado, tais como descobertas científicas, inovações tecnológicas, somado aos demais acontecimentos políticos e econômicos, acaba servindo de matéria-prima para o ato de pensar. Nesse sentido, fica entendido que há uma transferência de saberes e conhecimentos de um Universo para o outro, e assim, ambos atuam na e moldam a realidade das pessoas, e conseqüentemente dos grupos sociais a que pertencem. Guareschi (2002) afirma que em determinadas situações, o conteúdo do universo reificado é facilitado por pessoas e profissionais que conseguem compreender a linguagem técnica e traduzir para linguagem mais acessível, como é o caso de professores, jornalistas, radialistas.

Nesse intercâmbio de saberes, as pessoas acabam por executar mecanismos de processo de classificação e nomeação de seres e objetos, conforme seus pressupostos, conformando, assim, a própria representação (MOSCOVICI, 1981⁹, *apud* GUARESCHI, 2002). As classificações e nomeações nunca são neutras, mas são consideradas positivas ou negativas, de acordo com as vivências, memórias e conteúdos socioculturais (GUARESCHI, 2002; MOSCOVICI, 2011).

A classificação pode ocorrer de duas formas, a saber: por meio da ancoragem e/ou através da objetivação. A ancoragem consiste no “processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e os compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2011, p. 61).

Já a objetivação é o processo em que as pessoas atribuem a elementos imateriais, impalpáveis, incorpóreos, as características visíveis e perceptíveis de um objeto que seja pertencente à sua realidade, conformando-lhes materialidade, facilitando a compreensão (MOSCOVICI, 2011). Esse processo é carregado de simbolismo, pois a objetivação varia conforme a compreensão que cada um tem sobre o objeto e o elemento intangível. Por exemplo, a caveira pode ter um significado ligado à morte, ou mortalidade, enquanto para o povo mexicano ela simboliza a vida, ou se configura como uma homenagem aos entes queridos que já faleceram.

Desta forma, esses mecanismos, além de proceder à classificação dos saberes dos Universos Consensual e Reificado tornam os objetos, elementos,

⁹ MOSCOVICI, S. On Social Representation. In: FORGAS, J. P. (Ed.). **Social Cognition**: perspectives on everyday understanding. Londres: Academic Press, 1981.

pessoas, situações, conhecimentos e saberes considerados como “não-familiar” em “familiar”, elaborando o que se denomina representação. Neste caso, pode-se afirmar que a finalidade da representação é transformar o desconhecido em familiar, sendo que o não conhecido pode exercer tanto a atratividade/curiosidade quanto despertar um estado de alerta, ou até mesmo de medo (MOSCOVICI, 2011). Esta seria a função cognitiva das Representações Sociais.

A terceira função das representações é a função afetiva, a qual tem por objetivo principal a promoção da identidade dos grupos. Neste caso são elaboradas “estratégias coletivas ou individuais para a manutenção das identidades ameaçadas” (SPINK, 1993, p. 306).

Dentre as três funções apresentadas, o que se buscou com a pesquisa foi a utilização da função social das Representações Sociais, a qual consiste na identificação do elemento que orienta os membros do grupo. Segundo Spink (1993, p. 307), esta é a que “exige uma análise mais microscópica das trocas sociais”. Por esta razão, entende-se que cada indivíduo possui um arcabouço histórico-cultural, que é variável de acordo com as experiências obtidas ao longo da vida, e tal arcabouço será refletido em todos os relatos e opiniões sobre os temas que forem a ele apresentados. Portanto, a diversidade de ponto de vista é, possivelmente, a característica mais frequente ao se abordar o senso comum. Destarte, ao pesquisador que investiga as representações sociais cabe compreender que “se de um lado buscamos os elementos mais estáveis, aqueles que permitem a emergência de identidades compartilhadas, de outro trabalhamos com o que há de diferente, diverso e contraditório no fluxo do discurso social” (SPINK, 1993, p. 306).

Convém destacar que relacionada à Teoria das Representações Sociais está a questão da “estrutura estruturada” e “estrutura estruturante”. No primeiro caso, as características do grupo acabam interferindo na vontade e intenção individual de seus membros, enquanto na “estrutura estruturante” os membros, individualmente, conseguem expor seus pensamentos, afetividades, e influenciar os demais membros, levando à transformação da realidade (SPINK, 2002).

Não se quer aprofundar na Teoria das Representações, mas apresentar as suas contribuições para identificar como um grupo de pessoas pode opinar sobre determinado assunto, ou fenômeno, e como esses discursos podem ser convergentes ou divergentes de acordo com o universo (reificado ou consensual) em que estão

inseridos. E a partir destes pressupostos verificar como os residentes de Antonina, Paraná, compreendem o desenvolvimento da atividade turística.

3.2 O TURISMO E SUAS INTERFACES

O Turismo pode ser definido, compreendido e interpretado de diversas maneiras, tanto pela ótica do viajante quanto pela da população residente.

Há afirmações várias e divergentes entre si sobre o que é o turismo. Às vezes é indústria, às vezes ação humana que incide no espaço, e em outras situações decorre da evolução do capitalismo na contemporaneidade. É possível encontrar na literatura diversas definições acerca do turismo, cada uma contemplando o aspecto para o qual foi proposta, já que se trata de um fenômeno que pode ser estudado por diversas disciplinas (LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2012).

Porém, o que se busca na presente pesquisa é analisar o turismo enquanto um fenômeno que acontece no tempo e no espaço, passível de observação e análise científica, onde estão envolvidos fatores naturais, culturais e econômicos.

Diversas definições poderiam ser aqui transcritas, mas tornar-se-ia repetitivo em algum momento. Como bem apontado por Beni (2003, p. 39), “não se pode dizer que este ou aquele conceito é errôneo ou inadequado quando se pretende conceituar o Turismo sob uma ótica diferente, já que isso levaria a discussões estéreis.” Não há uma única definição, visto que o turismo ocorre em distintos campos do saber, sendo explicado conforme as diferentes correntes de pensamento, tal qual é a realidade social (BENI, 2003).

Por esta razão, adota-se como mais adequada, tendo em vista o destaque dado ao caráter social, cultural, humano (se consideradas as questões fisiológicas) da atividade, a construída por Oscar de la Torre (1992, p. 19), em que:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivo de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

A partir da definição apresentada, podem ser discutidas ao menos duas questões, quais sejam: a motivação dos turistas; e as inter-relações estabelecidas entre turistas e residentes.

As análises sobre o turismo são, dentro do cenário acadêmico-científico, recentes. Todavia, o turismo é uma atividade que pode ser considerada bem antiga, haja vista alguns autores atribuírem aos romanos, gregos e fenícios — por volta do século V — as viagens motivadas pela busca de lazer (SILVA; PEREZ FILHO, 2007, p. 256-262). Assim, fica demonstrado que desde a Antiguidade — e por inúmeras razões — as pessoas se deslocam até o destino para conhecer os atrativos. Para Bahl (2004b, p. 44), atrativos são “[...] todos os elementos que possam despertar a curiosidade dos turistas”. Os atrativos podem ser classificados como naturais ou culturais, sendo que os culturais podem ser subdivididos em concretos — como edificações, quadros, esculturas, parques, dentre outros — e em abstratos — como o modo de vida, manifestações culturais, acontecimentos programados, danças, dentre outros (BAHL, 2004b).

Outras divisões podem ser adotadas para os atrativos, mas o que se quer demonstrar é que eles podem atuar isoladamente ou em conjunto, impulsionando as pessoas a deixarem temporariamente as suas residências e transitarem em direção à localidade que dispõe dos atrativos. Sendo assim, há os que têm maior alcance, maior influência na escolha do turista, já que, devido à avaliação eminentemente subjetiva, não se pode afirmar que um atrativo é mais importante, ou melhor, que outro.

Sabe-se que em Antonina há atrativos naturais (rios, matas, baía, morros), recursos paisagísticos, edificações de relevância histórica, acontecimentos programados, compondo uma oferta turística que favorece, majoritariamente, o desenvolvimento dos segmentos de Turismo cultural, ecoturismo e Turismo de eventos. Grande parte dessa oferta turística está inserida no espaço vivido, que também é patrimônio cultural, da população de Antonina.

Nesse contexto, emerge a segunda questão imbricada na concepção de La Torre (1992), quando assevera que os deslocamentos de indivíduos ou grupos de pessoas geram inter-relações sociais, culturais e econômicas para com a localidade visitada e seus residentes.

Averiguando a literatura sobre os efeitos decorrentes do turismo, é possível, inicialmente, fazer uma divisão entre os efeitos individuais e os efeitos coletivos. Os efeitos individuais seriam aqueles em que o viajante (turista ou excursionista) obtém

resultados — positivos ou negativos — da viagem que realizou, e os efeitos coletivos seriam aqueles observados pela localidade visitada.

Nesse sentido, as pessoas viajam porque são influenciadas pelas sugestões de amigos ou conhecidos, ou orientadas pelas ações de *marketing* turístico, ou ainda pela restrição da renda familiar e/ou da agenda profissional, pelo histórico de viagens, pela situação econômica ou política, tanto do local de origem quanto do local a ser visitado (LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2012, p. 249).

Para Lohmann e Panosso Netto (2012), há ainda os fatores motivadores, que podem ser considerados como de ordem subjetiva, surgindo como uma necessidade física (fins de descanso ou redução do ritmo do dia a dia), cultural (finalidade de contatar uma cultura diferente, incluindo-se neste bojo a culinária, idioma, costumes, vestimentas), *status*.

A sociedade que emergiu após a Revolução Industrial, apesar de ter conquistado novos direitos e possibilidade de novas aquisições, passou a ter uma rotina de trabalho mais extensa e desgastante. Segundo Acerenza (2002), as pessoas têm o tempo de vida natural (ou biológico), o tempo de trabalho, o tempo destinado às obrigações sociais e familiares e o tempo livre, e é neste último que elas podem se dedicar a atividades prazerosas, seja lazer, seja o ócio. O ócio é uma alternativa construtiva à realidade do homem, alienado pelo trabalho, “deve reconstituir — recriar — o homem, curar e sustentar o corpo e a alma, proporcionar uma fonte de forças vitais e trazer um sentido à vida.” (KRIPPENDORF, 1989, p. 40).

É no uso criativo do tempo livre que se pode praticar ou assistir esportes, ir ao teatro ou ao cinema, ver televisão ou ler um livro, ou ainda viajar (ACERENZA, 2002), pois a viagem remete ao novo e “nos dias de hoje, muitos seres humanos sentem a necessidade de mudar alguma coisa, de tentar algo diferente — um desejo que talvez seja mais forte do que nunca.” (KRIPPENDORF, 1989, p. 26).

Nesse sentido, convém mencionar Graburn (1989, p. 56) que entende que a prática da atividade turística pode promover momentos e eventos favoráveis à “saúde mental e física”, assim como “experiências diferentes e exóticas” que são percebidas como uma compensação ao cotidiano ou trabalho extenuantes.

De um lado se tem o turista, o viajante, a pessoa que sai de sua morada para obter novas experiências ou simplesmente para sair de casa, como uma opção de recreação (ou re-criação). Do outro lado estão os residentes da localidade visitada. E assim passa-se à abordagem dos efeitos coletivos que o turismo pode causar.

A relação entre os atores (visitantes e visitados) do turismo pode acontecer tanto de forma harmônica quanto conflituosa, causando diferentes efeitos e até mesmo impactos. O turismo, assim como qualquer atividade humana, apresenta efeitos satisfatórios, ou positivos, e efeitos negativos, nocivos. Dentre os resultados desejados pela população estão os ganhos econômicos como, por exemplo, o ingresso de divisas e giro da economia local entre os comerciantes. Dependendo da localidade e de como está estruturado o fornecimento de produtos e serviços é possível que as divisas transacionadas sejam direcionadas diretamente aos microempresários, empresários individuais, pequenos artesãos, cooperados, integrantes de organizações não governamentais (FERRAZ, 2008), dentre tantos outros que atuam na economia formal e informal.

O aumento do fluxo de visitantes que tenham o intento de efetuar gastos promove o incremento da demanda por produtos e serviços atrelados ao turismo e isso leva ao aumento da capacidade produtiva e, conseqüentemente, à geração de renda, oportunidade de trabalho e melhorias na infraestrutura (LAGE; MILONE, 2001; LICKORISH, 2000). Por sua vez, quando uma localidade consegue manter seus níveis de emprego e renda, evita a migração de pessoas para outra região mais próspera, haja vista o turismo garantir ocupação para tais pessoas (LICKORISH, 2000).

Outros efeitos positivos podem ser identificados no âmbito social, como por exemplo a valorização do patrimônio histórico, do patrimônio cultural material e do patrimônio cultural imaterial, e nesse aspecto o turismo figura numa corrente cíclica, pois ao mesmo tempo que é resultante de um interesse pelo patrimônio preservado, o fluxo de turistas pode também induzir a população a preservar e conservar o seu patrimônio (BARRETTO, 2001).

Há autores, inclusive, que defendem a atividade turística enquanto promotora de intercâmbio de ideias, culturas, abrindo as percepções para outros olhares, evitando conflitos e ações de intolerância para com o próximo (LICKORISH, 2000; COOPER *et al.*, 2001). Outra consequência desse contato é que os residentes podem ter interesse pelas demais culturas e, para conseguir estabelecer uma comparação, podem aumentar o interesse pela própria cultura na intenção de compartilhar com o próximo a sua realidade, os seus códigos e valores (MORAES, 2004). Quando tal comportamento é reforçado, tende-se à preservação da cultura local e ratificação da identidade cultural (SMITH, 1989).

Porém, há autores que enfatizam os aspectos não tão desejados pela população residente, como é o caso de Pearce (2001), que identifica o que ele denomina “prosperidade diferenciada”, isto é, o sentimento manifestado pelos residentes de que o turista tem condições melhores de vida.

Outro efeito, citado por Greenwood (1989), é a mercantilização da cultura, pois é possível que algumas manifestações folclóricas, artísticas e culturais sejam artificiais para que o turista possa ver e participar mediante a aquisição de ingressos ou de *souvenirs*. Moraes (2004, p. 285) relata que a população autóctone, inserida no contexto de excesso de valorização cultural, começa uma “exacerbação da herança cultural”, sendo possível chegar à “criação de uma pseudo-imagem tradicional”.

Há autores que sugerem que o turismo pode disseminar uma cultura diferente da cultura local, exercendo uma espécie de relação de poder, ou imperialismo, conforme Nash (1989). Costa (2011) cita alguns efeitos do turismo como, por exemplo: a mercadificação de formas culturais; a supervalorização dos espetáculos e eventos; o consumo de culturas e apropriação e consumo do espaço; alterações nas dinâmicas socioculturais, na produção do espaço e nos significados de lugares e paisagens.

Na corrente crítica da Geografia sobre a produção do espaço, tanto o capitalismo quanto o turismo são alvos de muitas ponderações contrárias ao seu desenvolvimento. Santos (2007) assevera que devido à cultura do consumo, a qual foi amplamente difundida e fortalecida com a reestruturação produtiva pós-fordista, o turismo se torna produtor dos espaços, causando a turistificação de lugares, caracterizada pela produção de lugares pelo e para o uso turístico, e passa a desempenhar papel fundamental na inserção e/ou reaquecimento de economias em declínio.

Para Cruz (2007), fica muito notório perceber e confirmar que a atividade turística tem uma capacidade ímpar de transformar os lugares de maneira que os seus interesses sejam alcançados, e por muitas vezes esses interesses são escusos, diferentes ou conflitantes com os das pessoas dos locais dos quais se apropria. Desta forma, são criados lugares estranhos ao seu entorno, seja materialmente seja simbolicamente, sendo estes retratados em várias áreas do conhecimento por diferentes nomenclaturas, tais como: enclaves (Lozato-Giotart¹⁰), bolhas (John

¹⁰ LOZATO-GIOTART, J-P. **Geografia del turismo**. Milan: Hoepli, 2003.

Urry¹¹), simulacros (Jean Baudrillard¹²), turismo sem território (Remy KNAFOU, 1996), não-lugar (Marc Augé¹³).

Cruz (2007, p. 25) denomina esses lugares “pseudo-lugares”, que são aqueles “lugares cuja história e identidade são prostituídas em nome de um uso especializado, de relações alienadas e alienígenas produzidas pelo e para o turismo”. Para a autora, também seria adequado o uso do termo “para-lugares”, pois, de acordo com o radical grego, se faz uma referência àquele ou àquilo que está próximo, ao lado, mas é simultaneamente oposto, diferente, divergente (CRUZ, 2007). Porém, a classificação desses lugares não é algo pautado apenas pela aparência, mas através da investigação da vida que o anima e das interações que engendra com os demais espaços que estão ao seu redor (CRUZ, 2007).

Seguindo a essência desse pensamento, os espaços em que há turismo praticamente não pertencem mais à população, pois

Um novo espaço concebido pelos planejadores é produzido para o funcionamento pleno da atividade, requerendo obras, construções e artificialização da paisagem, materializando um novo espaço percebido que, junto com as novas lógicas inseridas nesses espaços, culminam em alterações no vivido. (COSTA, 2011, p. 17).

Moraes (2004) entende que os territórios turísticos, principalmente os que atendem o turismo massificado, sofrem alterações e têm subjugadas suas paisagens numa permanente mutação com vistas a atender às (presumíveis) necessidades do visitante. Essas modificações podem ser mais ou menos severas no solo, causando profundas marcas na morfologia das paisagens, as quais, apagando as marcas dos usos anteriores e aquilo que outrora fora paisagem natural ou rural, passam a ser “paleopaisagens” (BARROS, 1998, p. 34).

Assim as cidades turísticas são produzidas, criadas sob o conceito da urbanização turística, cuja característica principal é a “planificação de cidades, que tem como um de seus objetivos principais, a inserção das cidades no mercado de

¹¹ URRY, J. **O olhar do turista**. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. 3. ed. São Paulo:SESC Studio Nobel, 2001.

¹² BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Ed. Relógio d'água, 2000.

¹³ AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. 9. ed. Campinas (SP): Papyrus, 1994.

paisagens naturais e artificiais”, e nessa produção de cidade “vale qualquer recurso” (MORAES, 2004, p. 280).

Um dos efeitos do modelo de desenvolvimento da urbanização voltada para atendimento ao turismo (e ao turista) é a marginalização da população residente do seu espaço de vida (MORAES, 2004). Terrenos que antes eram ocupados pela população local são alvos de empreiteiros e incorporadoras para a construção de atrativos e infraestruturas de apoio ao turismo, no intuito de desenvolver um núcleo turístico, o que invariavelmente conduz à valorização e especulação imobiliária, elevando os preços dos imóveis, bem como dos serviços prestados nas cercanias (RODRIGUES, 2001). Como exemplo cita-se o processo de revitalização do patrimônio cultural material, geralmente presente nos centros urbanos históricos, que leva à gentrificação ou, como denomina Moraes (2004), “aburguesamento”, deslocando os antigos moradores para outros bairros que estejam dentro das suas restrições orçamentárias.

Em cidades onde há uma forte sazonalidade, é possível que nos períodos de alta temporada haja o aumento dos preços dos serviços e do abastecimento e, no caso deste último, devido à falta de constância do nível populacional, ocorrem transtornos como falta de água potável, acúmulo de lixo, congestionamento nas vias de tráfego, insuficiência do sistema de drenagem e rede de esgoto, escassez ou aumento dos preços dos gêneros alimentícios (RODRIGUES, 2001).

Aspectos ambientais de cidades litorâneas e de áreas naturais também são citados como elementos alterados, diretamente ou indiretamente, pelo turismo. Rodrigues (2001) afirma que o microclima de cidades litorâneas onde há a intensificação de altos edifícios à beira-mar é afetado, pois os prédios formam verdadeiras muralhas de concreto, aumentando a temperatura sensivelmente. A pavimentação das ruas, a concentração de áreas edificadas e a falta de vegetação induzem à constituição de ilhas de calor, tema que tem despertado o interesse de geógrafos (RODRIGUES, 2001). Para Barros (1998), o litoral nordestino é um exemplo de devastação de áreas de manguezais, de restinga, apagando até mesmo as marcas da história da população. Quanto às áreas naturais, as trilhas abertas dentro das matas facilitam o trânsito de pessoas, que, com o ato de pisotear, compactam o solo, diminuem o teor de infiltração das águas, ocasionando, eventualmente, o desaparecimento de plantas, a exposição do solo, o trabalho de

erosão das chuvas que retira a camada superficial e nutrientes do solo (RODRIGUES, 2001).

É importante salientar que não há subsídios na literatura para sustentar a afirmação de que o turismo é a finalidade principal das intervenções no espaço. Há situações em que as modificações no espaço acontecem em virtude de atividades distintas das turísticas, como, por exemplo, atividades agrárias, industriais, comerciais, imobiliárias, sendo construídas estradas, represas, áreas comerciais, áreas industriais, áreas de cultivo, pastos, bairros (CARLOS, 2011; CORRÊA, 2011).

Assim, não necessariamente os efeitos que não são desejados pelos moradores de um determinado espaço são decorrentes das atividades turísticas. Em alguns casos o turismo é até desejado pela população residente (OLIVEIRA, 2003; MORAES, 2004; MENDONÇA; BONFIM, 2013; HALLAL; LEITE; REJOWSKI, s. d.).

Todavia, ressalta-se que a relação entre visitantes e residentes não é isenta de tensões e o nível de tensão é variável, sendo proporcional ao descompasso entre o grau de envolvimento estabelecido pelos residentes com o local em que vivem e o grau de interação e empatia que o visitante sustenta quando está desfrutando do seu momento de lazer no espaço.

A atividade turística pode ser bem recebida pelos residentes, como também pode ser rejeitada. A satisfação de uma população para com a atividade é praticamente pré-requisito para o seu desenvolvimento, bem como para a sua permanência e, por isso, entende-se que os gestores precisam estar atentos às respostas que os habitantes da cidade, bairro, ou rua turísticas emitem quanto ao turismo. A mensuração de efeitos do e opiniões sobre o turismo tem sido uma tarefa difícil para os pesquisadores da área, haja vista a complexidade com que se apresentam as variáveis. Segundo Faulkner e Tideswell (1997), há ocorrência de duas situações que devem ser consideradas, que são:

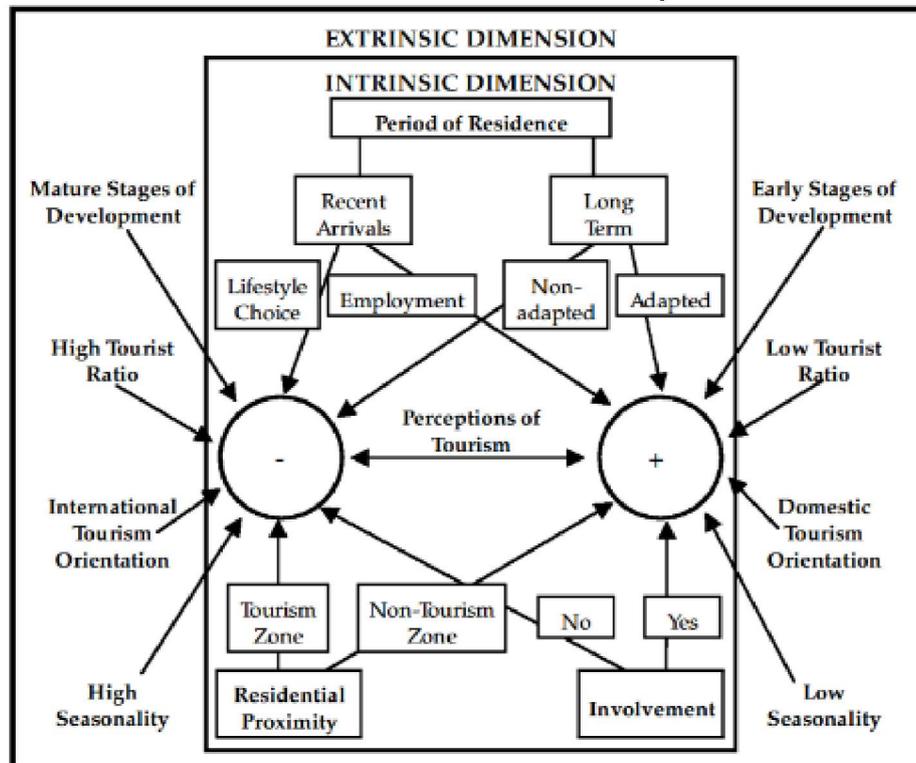
a) a dimensão extrínseca, que se refere às características do local e o seu papel enquanto destino turístico — o estágio de desenvolvimento turístico, o fluxo de turistas e a quantidade de turistas;

b) a dimensão intrínseca, que se refere às características da população local e como ela se relaciona com a atividade turística e com os turistas. Cabe salientar que esta é a dimensão que foi escolhida para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Faulkner e Tideswell (1997), ao investigarem a percepção dos residentes com relação ao crescimento da atividade turística na *Gold Coast* australiana, elaboraram

um esquema (Figura 48) que representa (e sintetiza) os fatores que interferem nas reações dos moradores.

FIGURA 48 – FATORES QUE AFETAM AS REAÇÕES DOS RESIDENTES



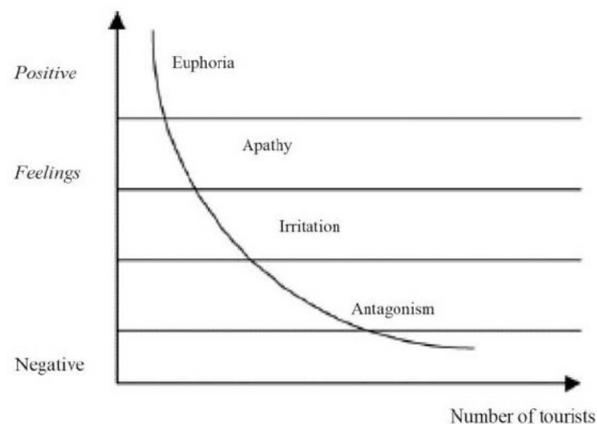
FONTE: FAULKNER; TIDESWELL (1997, p. 10).

De acordo com a figura, nota-se que a tendência de reações positivas é maior quando o destino está no estágio inicial de desenvolvimento e, portanto, recebe uma quantidade menor de visitantes. A receptividade também é favorecida, conforme a ilustração de Faulkner e Tideswell (1997), quando o residente está fixado há mais tempo no local, ou quando o morador se envolve no planejamento, ou, ainda, quando a sua residência está localizada mais distante da área em que há concentração de turistas.

Os sentimentos negativos tendem a ser mais evidentes quando o destino é mais desenvolvido, recebendo grande quantidade de turistas, majoritariamente estrangeiros, ou quando a sazonalidade é muito forte. Contextualizando com a realidade encontrada em Antonina, os períodos em que há maior número de visitantes coincidem com os dias de realização de eventos expressivos, como é o caso do Carnaval, Natal, *Reveillon*. Possivelmente esses seriam os momentos em que os residentes tendem a demonstrar sentimentos negativos.

A quantidade de visitantes de uma localidade é uma das variáveis utilizadas no Modelo Irridex de Doxey. Este modelo auxilia na identificação dos níveis de aceitação ou não do turismo por parte dos residentes, e é composto de quatro fases e duas variáveis — sentimentos e quantidade de turistas — que, dispostas em eixos cartesianos, mostram uma relação diretamente proporcional entre insatisfação e aumento do número de turistas no destino, conforme Figura 49.

FIGURA 49 - FASES DO MODELO IRRIDEX DE DOXEY (1975)



FONTE: BABU; MUNJAL (2015, p. 412).

A fase de “Euforia” é fase do início do desenvolvimento turístico, em que os residentes estão curiosos e ansiosos pela chegada de investidores turísticos e dos turistas, mas, quando o número de visitantes vai aumentando, a condição harmoniosa vai reduzindo, levando ao próximo estágio (BABU; MUNJAL, 2015). A fase seguinte é a de “Apatia” ou indiferença, na qual, apesar de o turista ser respeitado, o contato entre visitantes e residentes é formal, predominantemente comercial (BABU; MUNJAL, 2015). A quantidade de turistas aumenta, dando início a fase de “Irritação”, e a população local começa a se preocupar com o aumento dos preços, com a possibilidade de violação das tradições e regras culturais locais, bem como com a redução da oportunidade de emprego e renda devido à chegada de *outsiders* que querem lucrar com a atividade (BABU; MUNJAL, 2015). Por fim, a fase de “Antagonismo”, ou de hostilidade, em que os residentes não visualizam mais a possibilidade de obter benefícios com a atividade, pois os serviços mais rentáveis estão na mão de *outsiders* e, assim, os residentes passam a responsabilizar os turistas pelos problemas vivenciados (BABU; MUNJAL, 2015).

A fim de evitar relações que causem prejuízos para qualquer uma das partes envolvidas no desenrolar da atividade turística, principalmente com relação aos

residentes, é fundamental a organização da oferta e da estrutura de serviços, devendo ser realizada uma análise, no intuito de fazer um “diagnóstico realista, estratégias e ações para corrigi-los ou prover a localidade com tais requisitos” (BAHL, 2004a, p. 68).

E como já mencionado anteriormente, nem sempre os efeitos são negativos. É possível conciliar os objetivos de ambas as partes. Para tanto, é preciso que seja conhecida e compreendida a vontade dos residentes e seja realizado o planejamento da atividade turística, prevendo eventuais efeitos negativos, definindo previamente o nível e canais para divulgação da localidade, bem como dos acontecimentos programados.

3.2.1 Aspectos da gestão e planejamento do Turismo

A gestão do turismo nos municípios e estados, quando existe, geralmente é realizada por órgãos públicos através das secretarias municipais e estaduais ou de departamentos específicos. Ao analisar a origem da palavra “gestão”, verifica-se que ela advém do “termo Latino *gestio*, que expressa ação de dirigir, de administrar e de gerir a vida, os destinos, as capacidades das pessoas e as próprias coisas a que eles pertencem ou que fazem uso” (ANDRADE, 2001, p. 16). Assim, a gestão é uma função desempenhada por alguém que procura direcionar suas ações “à orientação do planejamento, da produção e da distribuição dos bens pelos quais se responsabilizou entregar ou distribuir para serem comercializados” (ANDRADE, 2001, p. 18).

Esses bens citados por Andrade (2001, p. 17) são compreendidos no seu sentido *lato*, como os recursos naturais, culturais, econômicos, financeiros, dentre tantos outros sobre os quais o gestor exerce sua função e, em se tratando do turismo, devem ser considerados como de “natureza comunitária”, pois estão inseridos num determinado espaço e, conseqüentemente, presentes na dinâmica de vida das pessoas que vivem em tal localidade.

Neste momento, cabe fazer uma diferenciação entre gestão e planejamento. Planejamento é o resultado da análise em que o ser humano verifica a realidade, define o que se quer alcançar no futuro, estabelece e providencia os meios necessários à transformação da realidade para atingir os objetivos (interesses e aspirações) (PETROCCHI, 2009; IGNARRA, 1998). Ou seja, o planejamento é uma das etapas da gestão, pois implica em realizar a projeção de cenários futuros e ações

a serem executadas para alcançar tais objetivos, bem como definir os instrumentos de monitoramento para a sua própria retroalimentação.

Para Boullón (2002, p. 72), em se tratando de recursos geográficos (naturais e culturais), o planejamento físico também é necessário e tem por finalidade dar “resposta racional à necessidade de resolver os problemas criados pelo uso anárquico do solo” que, ao longo do tempo, levou à “competição pelo espaço nas áreas de terra em exploração e o avanço rumo à conquista de outras partes incultas”.

Nesse sentido, há um desafio para a gestão que, dentre os objetivos tanto de curto quanto de longo prazo, precisa administrar tendo em mente o desenvolvimento de um turismo mais voltado às práticas sustentáveis, sendo que este precisa ser, em tese, o compromisso central em planejamento (IRVING *et al.*, 2005, p. 3). Segundo Boullón (2002, p. 72), o planejamento físico atua sobre toda a superfície terrestre e visa a sustentabilidade através do aperfeiçoamento do “uso atual, procurando fazer com que não entre em crise pelo esgotamento prematuro dos recursos não-renováveis e pela exploração irracional dos renováveis”.

Conforme os autores apontados anteriormente, a sustentabilidade deve ser uma característica a ser buscada quando do planejamento. Além de tal aspecto, a gestão precisa analisar a realidade, que é o primeiro passo do planejamento, de maneira a identificar e estudar os elementos envolvidos na realização das atividades turísticas. E assim, entendido como atividade complexa devido às diversas áreas que podem ser afetadas, o turismo pode ser analisado de uma maneira sistêmica (BENI, 2003; BOULLÓN, 2002). A Teoria dos Sistemas, ou o pensamento sistêmico, foi elaborado pelo biólogo Ludwig Von Bertalanffy¹⁴ e publicado no final da década de 1960 (GOMES *et al.*, 2014) e, possivelmente, uma de suas maiores contribuições é no que se refere à compreensão de que os sistemas são constituídos por diversas partes coesas, que interagem entre si, estabelecendo uma relação de interdependência, autorregulável, que absorvem aspectos externos ao seu meio, retroalimentando-se com as informações necessárias (GOMES *et al.*, 2014).

Na obra de Acerenza (2002) estão descritas as considerações da abordagem sistêmica de vários estudiosos, como as de Raymundo Cuervo¹⁵ (baseado em

¹⁴ BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 1975.

¹⁵ CUERVO, R. **El turismo como medio de comunicación humana**. México-DF: Departamento de Turismo do Governo do México, 1967.

conceitos algébricos), as de Neil Leiper¹⁶ (compostas por três categorias: Dinâmico/turista; Geográfico/polo emissor, rotas, polo receptor; e Econômico/indústria turística), as do próprio Acerenza (que acrescenta ao sistema de Leiper a motivação como elemento indutor dos processos do sistema e apresenta a indústria turística de forma mais detalhada). Entretanto, optou-se por abordar o Sistema de Turismo de Beni (2003) e o Sistema de Turismo de Boullón (2002), especificamente na questão da infraestrutura, por apresentar maior relação com a tese.

Convém destacar que tanto Beni (2003) quanto Boullón (2002) apresentam convergências — inclusive na nomenclatura — sobre as partes que integram o Sistema de Turismo, como segue: atrativos; equipamentos turísticos (ou indústria turística); superestrutura; e infraestrutura.

Os atrativos são os elementos que exercem atratividade, podem servir tanto aos turistas quanto aos residentes, podem receber várias classificações (materiais ou imateriais) e podem estar relacionados a diversos segmentos turísticos (BAHL, 2004b; LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2012). Os equipamentos turísticos podem ser compreendidos como estabelecimentos que atendem às demandas dos turistas, tais como alimentação, hospedagem, entretenimento, dentre outras (BOULLÓN, 2002). A superestrutura está relacionada ao caráter político e organizacional (promoção e comercialização) do turismo (BENI, 2003; BOULLÓN, 2002).

Já a infraestrutura é o componente que afeta igualmente turistas e residentes, pois são instalações e serviços que atendem necessidades cotidianas. Segundo Boullón (2002, p. 58), infraestrutura é “a disponibilidade de bens e serviços com que conta um país para sustentar suas estruturas sociais e produtivas”. Na infraestrutura estão contempladas as ações e edificações que viabilizam a educação, os serviços de saúde, a moradia, os transportes (estradas, ferrovias, pontes), as comunicações e a energia, e assim, por fornecerem as necessidades estruturais para que a população de um país em seu conjunto consiga realizar suas tarefas cotidianas, podem ser chamados de “capital social fixo” (BOULLÓN, 2002, p. 58).

Para Beni (2003, p. 126), a infraestrutura é formada pela infraestrutura de acesso (componentes viário e de transporte) e a infraestrutura urbana, a qual “reúne as condições básicas de habitabilidade e apoio aos equipamentos e serviços turísticos”.

¹⁶ LEIPER, N. The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*, v. 6, n. 4, p. 390-407, 1979.

O autor apresenta outra diferenciação dentro deste subsistema, a saber: “infraestrutura geral” e a “infraestrutura específica” (BENI, 2003, p. 126-127). A infraestrutura específica é aquela que está diretamente atrelada às atividades turísticas, como a construção de teleféricos, o acesso a praias, disponibilidade de balsas e barcos, ações e construções para proteger as faixas litorâneas e, conseqüentemente, preservação da paisagem (BENI, 2003). Tais instalações têm sua implementação e manutenção a cargo do poder público. Mas, devido à escassez de recursos, esta busca atender as necessidades mais urgentes da população e assim investimentos em infraestrutura necessários para o desenvolvimento do Turismo podem ficar relegados (BENI, 2003; ACERENZA, 2003), já que essa não é uma atividade essencial, logo, não se pode descartar a instituição de parcerias público-privadas (JAMAL; GERTZ, 1994).

Já a infraestrutura geral é aquela que interfere na qualidade de vida de todas as pessoas que habitam ou transitam em determinada localidade, tais como: sistema de comunicações, rede viária e de transportes, distribuição de energia, disponibilidade de água encanada, tratamento de esgoto (BENI, 2003).

Em Antonina, área em que se desenvolve o estudo, alguns itens de infraestrutura são precários e outros são inexistentes. Como já mencionado no segundo capítulo, em alguns períodos o abastecimento de água fica interrompido (devido à alta demanda), além da inexistência do serviço de tratamento de esgoto. No que se refere aos serviços de comunicação, a telefonia fixa é ofertada por apenas uma empresa — inexistindo a concorrência e, conseqüentemente, não havendo estímulos para a empresa buscar melhorias para os clientes —, e a *internet*, excluindo o serviço das operadoras de telefonia celular, é disponibilizada por apenas duas empresas.

Nesse sentido, nota-se que os envolvidos com a gestão e planejamento do turismo dispõem do SisTur como ferramenta para análise da realidade da área em que ocorrem (ou ocorrerão) as atividades turísticas, sendo elaborado o diagnóstico.

Segundo Dias (2003), planos, programas ou projetos de turismo iniciam com o diagnóstico, com o levantamento real da situação em que se encontra o objeto de planejamento. Posterior ao diagnóstico está o prognóstico, quando são discutidos os objetivos e possíveis caminhos a serem seguidos. Segue-se, então, para a fase de propostas, em que são selecionadas as propostas viáveis e que serão seguidas para o alcance dos objetivos. Por fim, a fase de avaliação, em que são revistos objetivos e

proposta conforme resultados obtidos após implementação do plano, programa ou projeto (DIAS, 2003).

Todavia, entende-se que o turismo é um fenômeno complexo, objeto de um planejamento de nível estratégico. Oliveira (1996) aborda que o planejamento é delineado a partir de seus objetivos, horizonte temporal, organizações e instituições envolvidas, dentre outros aspectos, podendo ser definido em: estratégico, tático e operacional (OLIVEIRA, 1996). O nível estratégico abarca objetivos estratégicos a serem alcançados em longo prazo e, por esta razão, é o mais utilizado para atividades de alta complexidade, como é o turismo.

Fernandes (2012) afirma que o planejamento estratégico tem cinco fases. Na primeira fase, denominada Diagnóstico Estratégico, os planejadores realizam o autoconhecimento, definem a missão e visão da organização ou entidade (FERNANDES, 2012).

A segunda fase — Direcionamento Estratégico — é aquela em que se torna conhecido o posicionamento da empresa ou entidade (FERNANDES, 2012). Para tal, são utilizadas ferramentas como a Matriz SWOT¹⁷ — acrônimo de *Strengths*, *Weaknesses*, *Opportunities*, *Threats*, respectivamente —, e são organizadas as informações coletadas sobre os fatores internamente gerados e fatores externos que atuam sobre a organização (FERNANDES, 2012).

Na Formulação das Estratégias — terceira fase — são definidos os objetivos e os indicadores de monitoramento (FERNANDES, 2012). A fase seguinte, denominada Implementação das Estratégias, é quando se elabora o Plano de Ação, no qual são detalhados os objetivos, as ações necessárias, os responsáveis pela execução das ações, os prazos (FERNANDES, 2012).

A última fase do plano estratégico — Avaliação e Controle — consiste no controle e monitoramento dos indicadores e do plano de ação, serve para que sejam monitorados os indicadores e o plano de ação, efetuando as correções — quando há distanciamento das ações no alcance dos objetivos — ou as revisões e atualizações tanto do plano estratégico principal quanto do plano de ação (FERNANDES, 2012).

Apesar de, em muitas vezes, haver a noção de finitude, Barretto (1991, p. 13) assevera que

¹⁷ Matriz SWOT, ou análise FOFA, é uma ferramenta de gestão estratégica que facilita a análise do ambiente externo e do ambiente interno de uma organização pela identificação de seus pontos fortes, de suas deficiências e ineficiências, bem como das oportunidades e ameaças.

O planejamento é uma atividade, não é algo estático, é um dever, um acontecer de muitos fatores concomitantes, que têm de ser coordenados para se alcançar um objetivo que está em outro tempo. Sendo um processo dinâmico, é lícita a permanente revisão, a correção de rumos, pois exige um repensar constante, mesmo após a concretização dos objetivos.

Destaca-se a percepção da autora no que tange à necessidade de ir para além da definição de objetivos e monitoramento dos resultados, entendendo como processo dinâmico e que sempre pode ser modificado. Ademais, verifica-se que os autores vinculados à área de estudo do turismo discorrem, com poucas discordâncias, sobre quais as etapas e fases que devem constar do planejamento.

No entanto, poucos autores abordam acerca de quem pode ou deve participar desse processo. Araújo (2006, p. 153) afirma que a participação de diversos atores no planejamento turístico é recente e, apesar de sua importância, encontra-se "virtualmente ausente da literatura sobre o planejamento turístico no Brasil".

O planejamento do turismo não deve ser compreendido e concebido unicamente com o olhar técnico devido ao caráter público e social da atividade (IVARS BAIDAL, 2003), sendo reforçada a necessidade de um planejamento e desenvolvimento colaborativo do destino (JAMAL; GERTZ, 1994).

E assim, para o planejador surgem alguns desafios no que se refere a este tema. O primeiro deles é definir se haverá essa abertura no processo de planejamento, em que momento do planejamento (se na definição, execução ou avaliação das ações), ou ainda, quais atores sociais devem participar e como motivá-los a fazer parte desta ação (ARAÚJO, 2006).

Alves (1999) indica que a literatura permite entender que os atores envolvidos direta e indiretamente com o turismo têm responsabilidades e funções no desenvolvimento do turismo. Na perspectiva do autor, o governo municipal, o empresariado local, a comunidade e até mesmo o visitante (ALVES, 1999), cada qual dentro de sua competência, assume o seu papel para que a atividade aconteça de forma harmônica.

Para Cruz (2002), a condução dos processos necessários à organização de determinado setor é atribuição do Estado, haja vista este ter a prerrogativa e legitimidade em representar os interesses coletivos. No contexto do turismo, Alves (1999, p. 77) afirma que às instituições governamentais do turismo compete "[...] a manutenção da infraestrutura, promoção institucional, planejamento turístico,

prestação de informações turísticas, controle de qualidade, fiscalização, formação e aperfeiçoamento de recursos humanos [...], viabilização do lazer da população local, entre outras”.

Segundo Jamal e Hertz¹⁸ (1994, p. 198, tradução nossa), o governo local precisa se engajar num processo colaborativo de planejamento, considerando como necessária a presença de entidades como “[...] conselhos escolares, associações de saúde e assistência social e representantes de empresas, incluindo as associações comerciais”. Já para Tosun (2005), membros eleitos para conselhos municipais ou regionais, líderes comunitários, representantes de organizações não governamentais ou de grupos religiosos, étnicos, podem trabalhar para o engajamento da participação popular.

Nesse contexto, é ampliada e diversificada a quantidade de pontos de vista sobre um mesmo objeto com a aproximação de atores sociais, os quais, muitas vezes, são denominados *stakeholders*. O termo, originado na Administração, é utilizado para se referir a “qualquer grupo ou pessoa cujos interesses podem afetar ou ser afetados pelas realizações dos objetivos de uma organização” (FREEMAN, 1984, p. 46).

A identificação e envolvimento destes *stakeholders* podem ser de grande importância técnica, política e operacional para o desenvolvimento sustentável da destinação porque, em última instância, o desenvolvimento de uma destinação depende do conjunto de decisões e ações destes *stakeholders*. [...] Assim, se a intenção é forjar processos de planejamento e gestão que contribuam para o desenvolvimento sustentável (DS) de uma determinada destinação turística, é imprescindível que haja ampla participação dos *stakeholders* dessa destinação. (ARAUJO, 2008, p. 93).

Porém, o planejamento embasado na participação de *stakeholders* pode incorrer na adoção das concepções e anseios de poucos grupos dominantes — ou de um único grupo — como indicado por Araújo (2006, p. 156): “Os atores mais poderosos tendem a influenciar mais o processo decisório com a finalidade de proteger os seus interesses e assegurar o máximo de ganhos e frequentemente isso ocorre às expensas dos interesses de grupos que detêm menos poder.”

¹⁸ “[...] school boards, health and social welfare associations, and business representatives, including the local chamber of commerce is clearly necessary”.

Dentre outros problemas encontrados com a inserção de *stakeholders*, Tacconi e Tisdell (1992¹⁹ *apud* ARAÚJO, 2006) afirmam que quando o número de atores envolvidos é muito grande pode acontecer o atraso nas etapas de planejamento, a recusa das sugestões dos moradores por parte daqueles que detêm maior influência econômica, além de uma excessiva demanda por material e equipe de apoio.

É possível que os planejadores não cogitem a possibilidade da participação do maior número de pessoas envolvidas pelos motivos citados, mas Araújo (2006) identifica algumas vantagens na ampliação das deliberações. Para o autor, as comunidades afetadas poderão manifestar as suas vontades e as suas preocupações. Da mesma forma, elas terão o conhecimento exato das ações propostas, bem como dos possíveis efeitos, evitando distorções como uma exacerbada expectativa positiva do turismo ou, no outro extremo, o reforço do discurso de impactos negativos resultantes da atividade turística (ARAÚJO, 2008).

Jamal e Gertz (1994) ressaltam que o planejamento do turismo — que geralmente tem um longo horizonte temporal — conduzido pela autoridade pública pode ser prejudicado pelas mudanças de governantes, oriundas das eleições. E é este o fato que demonstra que outro ponto positivo em envolver os moradores e outros interessados é que estes atores continuam durante as alterações dos cargos públicos, facilitando a continuidade de elaboração, execução ou revisão de um plano em andamento (JAMAL; GERTZ, 1994).

Assim, pela aproximação dessas pessoas às etapas de planejamento, elas podem conhecer os procedimentos burocráticos que se fazem presentes nos processos oficiais, e têm a prática de expressar suas demandas, e o conjunto de tais experiências acaba promovendo um aprendizado que, na medida do possível, viabiliza a cidadania (ARAÚJO, 2006; TOSUN, 2005).

Grupos que têm como finalidade a preocupação com o uso dos recursos ambientais, ou ainda os seus representantes, podem integrar as ações de planejamento colaborativo devido à importância da sustentabilidade ambiental e preservação patrimonial (ARAÚJO, 2006; JAMAL; GERTZ, 1994). Apesar de não estar mencionado nos textos de Araújo (2006) e de Jamal e Gertz (1994), entende-se que é possível incluir no planejamento as entidades que buscam outros tipos de

¹⁹ TACCONI, L.; TISDELL, C. Rural development projects in LDCs: appraisal, participation and sustainability. **Public Administration and Development**, v. 12, p. 267-278, 1992.

conservação, tais como a histórica, artística, cultural, dentre outras. Contextualizando com a área de estudo, onde há objetos tombados na esfera estadual e federal, poderia existir um canal, consultivo ou deliberativo, para as questões compreendidas como delicadas, e nos casos que podem ser considerados como omissos na legislação pertinente.

Simmons (1994) explana que há a possibilidade da participação dos moradores no planejamento do turismo, mas apesar do apelo para a inserção da população local — ou de seus participantes — nas ações de planejamento, não existe uma preocupação em analisar as experiências obtidas no passado. Por essa razão, nota-se que há uma necessidade de buscar a participação dos moradores, bem como de avaliar as técnicas que podem ser empregadas na aproximação desses moradores ao planejamento (SIMMONS, 1994).

Jamal e Getz (1994) indicam que, dentre os instrumentos para viabilizar a participação dos atores, podem ser utilizados questionários, entrevistas e a técnica de grupo focal, sendo que a indicação de instrumento varia de acordo com o público e com cada fase do planejamento. Eles exemplificam que instrumentos passivos — como são os questionários — são apropriados para obter a opinião dos residentes quanto ao desenvolvimento do turismo e a participação ativa — como encontros deliberativos — podem ser fundamentais no processo de planejamento estratégico (JAMAL; GETZ, 1994).

Pretty (1995²⁰, *apud* ARAÚJO, 2006) afirma que termos como "participação popular", e seus sinônimos, têm sido incorporados no dia a dia. Porém, é preciso destacar que a participação acontece em diferentes níveis. Segundo o autor, podem ser identificados sete diferentes tipos de participação (discriminados no Quadro 3), os quais variam da participação passiva, na qual os envolvidos são apenas informados sobre o que está sendo feito, à participação ativa, denominada automobilização (*self-mobilization*), em que as pessoas apresentam iniciativa independentemente das condições.

²⁰ PRETTY, J. The many interpretations of participation. **In Focus**, v. 16, p. 4-5, 1995.

QUADRO 3 – TIPOS DE PARTICIPAÇÃO NO PLANEJAMENTO

Tipologia	Descrição
Participação passiva	A relação entre planejador e população é unilateral, não havendo possibilidade de esta manifestar suas demandas.
Participação para fornecer informações	A participação da população se resume a responder questões formuladas pelo pesquisador, não sendo possível alterar os instrumentos de coleta de dados e os resultados da pesquisa não são acessíveis.
Participação por consulta	Pesquisadores consultam a população para identificar problemas e alterar objetivos, ações e estratégias. Porém, eles podem acatar as sugestões ou desprezá-las.
Participação por incentivo material	As pessoas participam em troca de provimentos como: alimentos, equipamentos, e até mesmo dinheiro.
Participação funcional	Como a participação ocorre após a definição dos objetivos e estratégias, os grupos se reúnem para discutir as ações que conduzem aos objetivos.
Participação interativa	As pessoas realizam análises em conjunto, elaborando planos de ações. Esse comportamento pode levar à criação de grupos e entidades de ação local, ou ainda à ratificação dos que já existem.
Automobilização	Dotadas de ampla autonomia, as pessoas buscam junto às organizações os devidos pareceres técnicos e recursos financeiros para o que foi estabelecido como objetivo e meta pela população.

FONTE: PRETTY (1995 apud ARAÚJO, 2006).

A eficiência e efetividade da participação podem variar de acordo com a qualidade e quantidade de integrantes da população local envolvidos em todo o processo de desenvolvimento do turismo (TOSUN, 2005). Segundo Wahab (1997²¹ apud TOSUN, 2005), o esforço para aproximar população e planejamento do turismo se dá de forma diferente entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento em três aspectos: população de países em desenvolvimento preocupam-se prioritariamente com a falta de alimentos, de água, de limpeza urbana; nesses países, geralmente, não há uma democracia estabelecida; e o turismo é tratado como segmento nacional, não sendo possíveis as discussões no âmbito local.

Essa constatação e análise de Wahab (1997²² apud TOSUN, 2005) também pode ser correlacionada com a situação dos municípios, pois moradores das

²¹ WAHAB, S., 1997. Sustainable tourism in the developing world. In: WAHAB, S., JOHN, J.P. (Eds.), **Tourism Development and Growth**. London: Routledge, p. 129-146.

²² *Idem*.

localidades consideradas turísticas que apresentam carências de serviços públicos adequados tendem a concentrar a atenção em outros temas antes de pensar no desenvolvimento do turismo. No caso da área de estudo, conforme relatado no capítulo 2, há ineficiências no sistema de saneamento básico, o que pode interferir no comportamento dos residentes (inclusive no aspecto de desinteresse) com relação ao planejamento do turismo, assim como no tocante aos métodos utilizados, atores envolvidos, objetivos e ações estabelecidos.

Embora o planejamento do turismo não seja o objetivo principal da população local, participar do processo de seu desenvolvimento faz com que as questões concernentes ao tema sejam abordadas através de sua perspectiva ou, caso não seja possível, permite o compartilhamento de informações sobre o que (e como) está sendo desenvolvido no espaço em que vivem (TOSUN, 2005).

Envolver a comunidade no processo de planejamento turístico é um grande desafio para os profissionais da área, pois não depende apenas da aplicação de técnicas, mas da profunda intenção de compreender a realidade de um lugar. Escutar as vozes dos sujeitos para conhecer como eles se relacionam com o seu espaço de vivência pode trazer subsídios para trabalhar o turismo de forma mais participativa e coerente com os anseios locais. (NITSCHKE; BAHL; GOMES, 2018, p. 273).

Ao abordar o espaço e as ações que o homem executa no espaço, entendeu-se como necessário recorrer à Ciência Geográfica — mais especificamente à corrente da Geografia Cultural — para verificar, além da representação social do turismo, de que forma os antoninenses se relacionam com seu espaço. Dentre outros assuntos, é na Geografia que se encontram as questões e respostas acerca do espaço, onde se desenvolve a vida social, mas que é, inclusive, o local onde os seus residentes manifestam sentimentos de identidade, de apego ou de desafeição.

3.3 CONSIDERAÇÕES GEOGRÁFICAS SOBRE O TURISMO

A aproximação do turismo com a Geografia é possível quando se entende que o turismo é uma prática social, na qual acontece o deslocamento de pessoas pelo território. Elas se movimentam em busca de atrativos que estão no espaço geográfico (principal objeto de consumo), tomando a natureza como atrativo turístico, os equipamentos urbanos como infraestrutura, e envolvendo os territórios de origem dos turistas e o território das comunidades receptoras com sua população residente

(CORIOLANO, 1998; CRUZ, 2003). Assim, pode-se compreender que o turismo é um fenômeno não apenas econômico, mas socioespacial.

Nitsche, Bahl e Gomes (2018, p. 267) indicam que a Geografia, por ser a ciência que estuda o espaço bem como a sociedade que dele faz parte, contribui sobremaneira para os estudos do turismo, o qual, assim como a sociedade, interfere no espaço e na dinâmica que envolve homem e ambiente.

As discussões que existem sobre o turismo na Geografia podem apresentar diversas abordagens, diferentes técnicas de análise, assumindo os mais variados posicionamentos com relação ao fenômeno turístico. Albach (2015) em sua pesquisa de doutoramento analisou textos da Geografia do Turismo e identificou que estes escritos podem dar ênfase a aspectos: de ensino e pesquisa em Geografia; socioambientais; socioculturais; socioeconômicos; e de planejamento e gestão.

A diversidade também é encontrada no que se refere ao uso de categorias de análise. Uma das abordagens recorrentes na Geografia sobre o turismo é a da Teoria do Espaço Turístico, de Boullón (2002). Para este autor, o espaço turístico é

consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do turismo. Este elemento do patrimônio turístico, mais o empreendimento e a infraestrutura turística, são suficientes para definir o espaço turístico de qualquer país. (BOULLÓN, 2002, p. 72).

Essa Teoria toma como fator importante a distribuição espacial dos atrativos turísticos, sendo definidas várias categorias de espaços, de acordo com seu tamanho e a concentração dos atrativos. Para Boullón (2002), os espaços turísticos são passíveis de classificação, sendo denominados (do maior para o menor): Zona, Área, Complexo, Centro, Unidade, Núcleo, Conjunto, Corredor, Corredor de traslado e Corredor de estada.

Para cada uma das categorias de espaço o autor delimitou critérios objetivos, sendo possível verificar que a Teoria do Espaço Turístico é amplamente utilizada nos estudos empíricos do turismo, principalmente naqueles que tratam de planejamento de destinos turísticos cujos atrativos estão localizados, principalmente, no meio urbano. Entretanto, ela se torna insuficiente para a análise proposta pela presente tese, haja vista se apoiar, quase que exclusivamente, em aspectos físicos, deixando de lado a imaterialidade que existe na relação turismo, turista, localidade visitada e seus moradores.

Albach (2015) mostra que outra abordagem possível do planejamento turístico na Geografia é a partir da turistificação, que, conforme indicado anteriormente, promove a criação de destinos turísticos, afetando o território, a paisagem e as relações de lugar devido às transformações no (e do) espaço geográfico.

Com o uso de uma linguagem crítica, nota-se que o posicionamento dos autores adeptos a essa linha é, na maioria das vezes, contrário ao desenvolvimento do turismo, pois este consome o espaço. “Indubitavelmente, é sobre os núcleos receptores de turistas que o turismo vai impor a maior gama de transformações socioespaciais. [...] O turismo é capaz de reorganizar sociedades inteiras para que ele possa acontecer” (CRUZ, 2003, p. 25).

É compreensível tal entendimento dos autores desta corrente de pensamento, se se considera que seus estudos tratam de destinos que se encontram num nível de saturação de visitantes (turismo de massa), e os resultados obtidos demonstraram que o turismo pode gerar impactos de natureza ambiental e social. Todavia, outros estudos revelam que o turismo, quando planejado e devidamente organizado, pode promover melhorias nas localidades (ALBACH, 2015).

Antonina, como apresentado no segundo capítulo, ainda não apresenta uma grande quantidade de visitantes, mas entende-se que o momento para discutir o desenvolvimento do turismo em qualquer localidade deve anteceder a fase da turistificação para que sejam delineadas as diretrizes que contemplem anseios de residentes e organizações locais.

Outra categoria identificada é a do território-rede. Fratucci (2009) ao analisar as políticas públicas de turismo verificou que há uma categoria peculiar que pode ser associada ao turismo que, no caso, é o território-rede. Segundo esse autor, a turistificação é fator de reordenamento espacial, refuncionalização de edificações, bem como da criação — por vários agentes da produção do espaço — de territórios de diversos tamanhos e tipos que, embora espalhados, se mostram conectados entre si (FRATUCCI, 2009).

Verifica-se que essa noção de território-rede ficou mais evidente com a implementação de políticas de regionalização propostas pelo Governo Federal em 2003, quando se adotou o conceito de que determinados territórios zonais seriam considerados destinos indutores do turismo na região em que estão inseridos. Esses destinos deveriam manter articulações no planejamento turístico com outros municípios, desenvolvendo um turismo integrado. Exemplificando e contextualizando

com a área de estudo, o turista ao visitar Curitiba (destino indutor) teria informações que despertariam seu interesse em conhecer os atrativos existentes nos municípios próximos. Assim, a área do turismo a ser considerada é sempre maior do que a área do turista (FRATUCCI, 2009).

Além da turistificação e redes de territórios, o planejamento do turismo pode fazer emergir discussões sobre territorialidade e território. Num primeiro momento é possível fazer tal afirmação devido às questões de relações de poder que, de certa forma, existem no ordenamento territorial ou na destinação, via instrumento legal, de determinadas áreas que têm atratividade e potencialidade para o uso turístico.

Porém, outros aspectos podem ser abordados pela ótica da análise do território. Embora não seja esta a categoria de análise escolhida para a presente tese, convém mencionar a pesquisa de Murta *et al.* (2009) em que foram utilizados os conceitos de território turístico, turistificação e percepção ambiental. Os autores partem do entendimento de Corrêa (1996, p. 251), para quem "o território é o espaço revestido da dimensão política ou afetiva, ou ambas". Conseqüentemente, o sentimento de pertencimento é um, se não o maior, dos definidores da territorialidade (MURTA *et al.*, 2009). A percepção ambiental subsidia o entendimento de como se dá a relação do homem com o ambiente e esta verificação

[...] enriquece e facilita a compreensão do planejador dos espaços urbano e turístico e de outros profissionais aproveitando também para analisar as transformações espaciais vividas ao longo do tempo, indicando a forma em que a alteração repercute na paisagem e na relação de afetividade do homem para com o espaço (MURTA *et al.* 2009²³, p. 371, tradução nossa).

Desta forma, ao se falar em relação do homem com o espaço, emerge a categoria lugar. Fratucci (2009) sugere que o turismo seja analisado pela perspectiva do lugar, pois a territorialidade do turismo é mais facilmente percebida nas escalas local e regional. Além do aspecto da localidade — tendo em vista que o conceito lugar é também utilizado como sinônimo de local e contrário ao global — o autor entende que, conceitualmente, o lugar turístico é

²³ [...] *enriquece y facilita la comprensión del planificador de los espacios urbano y turístico y de otros profesionales aprovechando también para analizar las transformaciones espaciales vividas a lo largo del tiempo, apuntando a la forma en que la alteración repercute en el paisaje y en la relación de afectividad del hombre para con el espacio* (MURTA *et al.* 2009, p. 371).

“[...] o território onde o turismo se realiza, e onde há a ocorrência de interações e inter-relações temporárias entre o anfitrião e o turista, aos quais irão permitir um contato direto, sem barreiras (físicas ou simbólicas) entre eles e o reconhecimento da existência do outro, recíproca e simultaneamente. (FRATUCCI, 2000, p. 122).

É neste lugar que o turismo se materializa, é produzido e consumido, muitas vezes, simultaneamente (FRATUCCI, 2000). Yázigi (2013) também converge com essa proposta de lugar, pois, para ele, o espaço em que acontece o turismo é onde o turista passa alguns dias e onde o morador passa a vida inteira e, por isso, é imprescindível pensar no “espaço banal”. Ainda para o mesmo autor, caso a sociedade não se organize para defender o seu espaço, as forças do mercado decidirão o seu destino (YÁZIGI, 2013).

Nesse sentido, Nitsche, Bahl e Gomes (2018) refletem que os espaços em que há o turismo são espaços em que vivem pessoas e, portanto, devem ser consideradas algumas questões como:

qual a relação desses moradores com os seus lugares de vivência? Como é o sentimento de pertença em relação a esses espaços, quando eles passam a ter uma atribuição turística? Quais as percepções dos moradores sobre os visitantes desconhecidos que vêm, justamente, para desfrutar dos seus espaços? (NITSCHKE; BAHL; GOMES, 2018, p. 267).

Assim, verifica-se que os estudos em que o turismo é objeto ou apenas o contexto, podem ser desenvolvidos sob diversos vieses, desde o uso de uma linguagem crítica a até mesmo uma abordagem amplamente favorável à atividade. Essa diversidade de abordagem é verificada na própria Geografia (ALBACH, 2015).

Todavia, diante das diferentes possibilidades para condução da tese, optou-se pelo lugar, enquanto categoria de análise, e pela Geografia Cultural, pois, como já foi apresentado, Antonina possui muitos atrativos naturais e culturais, onde se enquadram objetos que resultam do trabalho humano ou das relações entre as pessoas ou destas e o seu ambiente. Os atrativos culturais despertam o interesse de turistas e visitantes que buscam conhecer a “história, arte, gastronomia, [...] patrimônio material e imaterial” do local visitado (FERRAZ, 2008, p. 95), além de ter contato com a população residente e obter experiências no local (BARRETTO, 2001).

A Geografia Cultural, de acordo com Nitsche, Bahl e Gomes (2018, p. 272), “[...], que perpassa a corrente humanista fenomenológica, merece ser pesquisada para fins de aplicação em estudos sobre o turismo, principalmente ligados à

percepção das pessoas em relação aos ambientes em que moram ou visitam”. Essa perspectiva deve ser considerada no processo de planejamento do turismo, pois pela proximidade dos moradores é facilitada a compreensão de como eles entendem a inserção do turismo onde vivem (NITSCHKE; BAHL; GOMES, 2018).

Poderia ser adotado o entendimento da Teoria do Espaço Turístico, considerando apenas a organização da oferta turística (atrativos, equipamentos e serviços turísticos, além dos demais serviços de apoio) que atualmente Antonina apresenta. Ou ainda as alterações das paisagens e construções de espaços desconectados com a realidade, possíveis de existir em decorrência da turistificação. Entretanto, ao tratar dos aspectos a serem considerados no planejamento do espaço em que há o turismo — assumindo como importantes as espacialidades das pessoas que vivem nesse espaço — julgou-se apropriado recorrer às contribuições dos autores da Geografia Cultural, principalmente no que se refere às questões de interação do homem com o espaço.

Desta forma, embora a presente tese não apresente características da Fenomenologia em sua totalidade, se faz necessário pensar na multidisciplinaridade e complexidade do fenômeno turístico, expandindo os limites reiteradamente adotados pela ciência, seus métodos e metodologias.

3.3.1 Do espaço ao lugar: as relações do homem com o espaço

Como citado anteriormente, das interações entre o residente, o visitante e o espaço podem resultar o intercâmbio sociocultural e econômico e até mesmo relações de tensão social e espacial, já que esse espaço é físico, material, mas também é social e simbólico. O lugar em que o turismo ocorre é espaço de lazer e espaço de vida, é lugar efêmero para o turista, que tem experiência de “descoberta de si e do outro”, e para o morador é o “lugar permanente onde estão suas experiências vividas; é a sua dimensão de vida, definida a partir de suas relações interativas com o outro” (FRATUCCI, 2000, p. 131).

Concebe-se, portanto, que o espaço é o local onde várias pessoas trabalham e vivem. Assim sendo, é tanto turístico quanto social. A sociedade, independentemente de seu tamanho ou do seu nível tecnológico, sempre precisou do espaço para suas atividades produtivas. Ele é o suporte de suas ações (CLAVAL,

2001, p. 287). Desta forma, o espaço é formado e sustentado, essencialmente, pelos seus habitantes no dia a dia.

Ao tratar de espaço vivido cotidianamente, Nitsche (2012) afirma que há dois termos amplamente utilizados, a saber: o mundo vivido e o espaço vivido (*espace vécu*).

O espaço vivido tem como principal referência a obra "*La región, espace vécu*", de Armand Frémont, publicada em 1976. Claval (2003, p. 11) afirma que com a referida obra Frémont (1976) buscava tratar da "significação da experiência que as pessoas têm do contexto em que se desenvolvem", pois "[...] as relações do homem com o espaço não constituem um feixe de dados imanentes ou inatos; combinam-se numa experiência vivida que, de acordo com as idades da vida, se forma, se estrutura, se desfaz." (FRÉMONT, 1980, p. 23).

Assim, as interações homem-espaço são construídas ao longo do tempo, através das vivências, formando o espaço vivido. De acordo com Gomes (1996, p. 319), o espaço vivido é "compreendido como um espaço de vida, construído e representado pelos atores sociais que circulam neste espaço". Isso implica entender que, apesar de a cultura exercer forte influência, as pessoas executam ações conforme suas percepções e anseios, não sendo o seu comportamento apenas uma resposta a algum estímulo (ideia esta proposta pela escola do Behaviorismo). Neste ponto há uma convergência com a proposta de Moscovici, pois para este autor as pessoas são agentes, não sendo as suas ações simples reações condicionadas.

Claval (2003, p. 11) afirma que a partir da ideia de espaço vivido surgem duas diretrizes, quais sejam:

1- a atenção que convém dar à maneira como as pessoas se exprimem; 2- a consciência da significação espacial que adquire a experiência dos lugares para aqueles que os habitam. A geografia não deve aparecer como a visão estrangeira de um viajante que passeia sobre a paisagem um olhar distraído. Deve dizer o que significam a paisagem, o campo, a cidade, a natureza, para as populações locais.

A partir do exposto por Claval (2003), nota-se alguma convergência entre "espaço vivido" e "mundo vivido", pois em ambas as compreensões se dá o destaque à singularidade dos espaços e se privilegiam interpretações não observáveis para a compreensão das ações dos atores sociais. Os pesquisadores que utilizam o mundo

vivido se interessam pelas experiências vividas pelos sujeitos, os seus pensamentos, o que constitui um conteúdo subjetivo.

O desafio, portanto, é não reduzir o conhecimento ao dualismo cartesiano do modo de conhecer a realidade entre a experiência interior e o comportamento visível no espaço, os quais originam, respectivamente, o modo subjetivo e o modo objetivo de conhecimento (BUTTIMER, 1985). Buttimer (1985, p. 175) afirma que “o modo subjetivo concentra-se na experiência individual e única”, enquanto que o modo objetivo “procura generalização e proposições testáveis acerca da experiência humana agregada”. Nesse contexto, o aspecto social do mundo vivido pode ser entendido como o conjunto formado pelo somatório das vivências singulares e daquelas que são similares entre os indivíduos do grupo analisado.

Desta forma, pode-se inferir que a contribuição dos autores adeptos ao conceito do mundo vivido é ratificar o uso para fins científicos da combinação dos aspectos objetivos aos aspectos subjetivos que advêm das análises dos objetos de estudo, ao que Buttimer (1985, p. 175) denomina "modo intersubjetivo".

O modo intersubjetivo possibilita a aplicação de uma análise geográfica centrada no homem e sua espacialidade, não se limitando apenas aos relatos das observações do pesquisador. Segundo Christofolletti (1985, p. 22), esta é a principal característica da escola da Geografia Humanista, a qual valoriza a

[...] experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através as suas atitudes e valores para com o quadro ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona. (CHRISTOFOLLETTI, 1985, p. 22).

Desta forma, fica evidenciado que a experiência é a principal fonte de dados, o principal meio para que sejam alcançadas as sensações que as pessoas, individualmente ou em grupo, têm ou manifestam para com o espaço que habitam.

A experiência, segundo Tuan (1975), é o principal requisito para conhecer o mundo e essas experiências são viabilizadas pela percepção que, por sua vez, se dá pelos sentidos das mais variadas formas, como, por exemplo, sentir as coisas, dar vazão às emoções, às sensações evocadas pelo local.

Nesse sentido, há de se fazer referência à percepção, que é resultante de uma atividade mental que decorre da combinação de mecanismos perceptivos (os

quais envolvem os sentidos) e mecanismos cognitivos (envolvendo expectativas, motivações, conhecimentos prévios, inteligência, humores), possibilitando a compreensão das relações que o homem estabelece com seu meio (ROCHA, 2007).

Perceber o espaço, portanto, é uma ação que recebe influências de diversas variáveis de características pessoais imediatas (ou seja, conforme o estado da pessoa no momento da percepção) ou anteriores (que são aquelas que já fazem parte da personalidade, memória e comportamento da pessoa). Rocha (2007), a partir de uma leitura de Del Rio²⁴ (1999), compreende que a percepção — além dos mecanismos perceptivos e cognitivos e das variáveis individuais imediatas e anteriores — recebe interferências coletivas, como é o caso dos filtros culturais. Esse sistema complexo é descrito sob a forma de esquema, mostrado na Figura 50.



FONTE: DEL RIO²⁵ (1999, p. 3, *apud* ROCHA 2007, p. 25).

Por essa razão, Lowenthal (1985, p. 122) afirma que cada percepção tende a ser imprecisa, inexata, e até mesmo estereotipada e, ainda assim, “as impressões parcialmente heterogêneas sobre o mundo em geral sempre são mais convenientes do que os detalhes exatos a propósito de um pequeno segmento do mundo”.

Desta forma, a partir das inúmeras percepções pessoais, o geógrafo tem condições de mostrar que lugar é uma localização e um ambiente físico, mas também um conceito e um sentimento compartilhados (TUAN, 1985). Para Tuan (1985, p. 162), o geógrafo humanista (ou humanístico) tem como competência a “interpretação da experiência humana em sua ambiguidade, ambivalência e complexidade”, sendo um

²⁴ DEL RIO, V. Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (org.). **Percepção ambiental a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

²⁵ *Ibid.*

dos principais objetivos “esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar”.

Tuan (2013) afirma que há uma diferença entre espaço e lugar, embora ambos estejam entrelaçados, pois um não existe sem o outro. No seu modo de pensar, o espaço é algo mais abstrato, tal qual uma área composta por elementos materiais naturais e culturais na qual muitas pessoas habitam e transitam, remetendo-se ao movimento e fluidez (TUAN, 2013). Para Tuan (2014, p. 2), “espaço implica em aventura, novas experiências, mas também em risco”.

Por outro lado, o lugar traz uma ideia de pausa nessa área cheia de movimento, constituindo-se num sentimento de segurança frente às inúmeras pessoas e circunstâncias que se apresentam (TUAN, 2013). Lugar “é seguro e familiar” (TUAN, 2014, p. 2).

Para que o olhar de uma pessoa com relação ao espaço o transforme em lugar é necessária a existência de experiências que, para serem efetivadas, demandam a decorrência do tempo, pois o sentido de lugar raramente se dá de uma só vez (TUAN, 2013; TUAN, 1975).

De acordo com Tuan (1975), conhecer o mundo e dotá-lo de significado requer muitos anos de residência ou um envolvimento muito profundo com o fragmento espacial em que se está inserido. Porém não é correto afirmar que com o tempo a pessoa passará a demonstrar afeto para com o local em que vive, pois, na concepção desse autor, é possível que alguém viva uma vida inteira em um lugar e sequer o tenha conhecido, tal qual um livro que está na estante, mas que nunca foi lido. Da mesma forma, pode acontecer de alguém que permaneceu pouco tempo em um local já o considerar importante porque, devido a experiências de alta intensidade, atribui a ele significado.

Relph (1976), outro importante geógrafo humanista, também compreende que o lugar é a área que tem essência e significado. Em sua obra, o autor afirma, ainda, que o lugar apresenta propriedades das quais se destacam três, a saber: a localização, a paisagem e o envolvimento pessoal. Relph (1976) deu maior importância ao aspecto do envolvimento pessoal, que pode ser resultante da ação de variáveis como: o tempo, a comunidade, os lugares privados e o enraizamento. O tempo, assim como defende Tuan (1975, 2013), age sobre os indivíduos e lugares. A comunidade, por meio de ações, materializa suas intenções para com os lugares através da construção das paisagens e seus elementos, tais como ruas, edificações

(FERREIRA, 2002). Mesmo sendo a relação lugar e comunidade relevante, Relph (1976) afirma que os lugares são definidos a partir de experiências individuais.

A partir dessa perspectiva, entende-se que analisar o lugar tende a ser complexo, haja vista a sua constituição ser oriunda de um processo individual e, portanto, subjetivo. Relph (1976) estabelece que o sentido de lugar está relacionado à intensidade com a qual o sujeito se identifica com o lugar. Seamon e Sowers (2008) afirmam que esta é uma das contribuições mais originais da obra de Relph (1976), pois demonstra o papel central do conceito de lugar na vida dos sujeitos. Na sua concepção, quanto maior a imersão do indivíduo no lugar, o "*insideness*", maior a sua identidade com o lugar. "Se uma pessoa se sente dentro de um lugar, ela está aqui e não ali, ela está segura e não ameaçada, está protegida ao contrário de exposta, se sente à vontade ao invés de estressada." (SEAMON; SOWERS²⁶, 2008, p. 3, tradução nossa).

No outro extremo, que é o "*outsideness*", a pessoa se sente deslocada, como exemplificado por Seamon e Sowers²⁷ (2008, p. 3, tradução nossa): "Aqui, as pessoas sentem algum tipo de divisão ou separação muito forte entre elas e o mundo — como, por exemplo, a sensação de saudade de casa quando se está em um novo lugar".

Assim, a relação entre sujeito e lugar pode se dar conforme os extremos "internidade" e "externidade", existindo gradações entre elas, conforme indicado por Ferreira (2002, p. 48), quais sejam:

- externidade existencial: há uma extrema alienação em relação aos lugares;
- externidade objetiva: os lugares são compreendidos conceitualmente, como localidades;
- externidade incidental: os lugares são recursos cenográficos para o desenvolvimento de outras atividades;
- internidade vicária: os lugares são experienciados através de meios de comunicação, obras literárias ou artísticas;
- internidade comportamental: há a experiência física com o lugar;
- internidade empática: há o envolvimento emocional com o lugar;
- internidade existencial: há um vínculo de comprometimento com o lugar.

²⁶ "If a person feels inside a place, he or she is here rather than there, safe rather than threatened, enclosed rather than exposed, at ease rather than stressed." (SEAMON; SOWERS, 2008, p. 3).

²⁷ "Here, people feel some sort of lived division or separation between themselves and world — for example, the feeling of homesickness in a new place." (SEAMON; SOWERS, 2008, p. 3).

Desta forma, entende-se que [o]:

Lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o “centro de significância ou um foco de ação emocional do homem”. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas. (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 22).

Isto é, a condição para existência do lugar é o sentimento de que a pessoa se sinta confortável, pois o lugar é onde existe a sensação de segurança e onde são satisfeitas as necessidades fisiológicas (descanso, alimentação) e afetivas (TUAN, 1980). Essas sensações diferem do espaço, pois este denota a liberdade, a insegurança, e carece de defesa constante para coibir a ação dos invasores (TUAN, 2013).

Tuan (1975) salienta que o lugar não necessariamente está vinculado a um tamanho específico, mas tais construções simbólicas podem se dar em diferentes escalas. A noção de escala, na perspectiva de Tuan (1975), refere-se à proporção espacial com que a pessoa pode constituir-lo como lugar, pois este pode ser um determinado cômodo dentro de casa, uma farmácia, uma mercearia, ou ainda a sua rua, o seu bairro, a sua cidade, a sua região, o seu país ou nação. Hidalgo e Hernandez (2001) são autores que afirmam que o vínculo com o espaço se dá conforme dimensões distintas (física e social) e em diferentes níveis, ou faixas espaciais, variando da menor unidade, que é a casa, passando pela vizinhança (ou bairro), até a maior unidade, que é a cidade.

Assim, a categoria de análise lugar, sob a ótica da Geografia Humanística, é conceituada como centros dotados de significados, os quais variam de pessoa para pessoa, sendo imbricados de subjetividade, pois o que é admirado por uns pode ser desprezado por outros (TUAN, 1975, 1980, 2013).

O próprio Tuan (2013) cunhou os termos “topofilia” e “topofobia”, que se referem à forma como o sujeito se relaciona com a porção espacial. No primeiro caso, o da topofilia, refere-se à grande afeição que o sujeito sente e sustenta com relação ao local. No sentido oposto, a topofobia é quando há aversão a uma determinada localidade.

Buttimer (2015), assim como Tuan (1980), também estabelece uma diferenciação entre espaço e lugar. O tom dos textos de Anna Buttimer (2015) — que nasceu na Irlanda, mas que viveu em diferentes cidades — deixa implícito o

sentimento de nostalgia do seu primeiro espaço vivido, confirmando a sua convicção científica de que a experiência é relevante para a construção de visão de mundo. Por esta razão, a autora utiliza o termo “lar”. Segundo ela, o Lar “deveria idealmente ter aquelas qualidades de meu próprio lar — tranquilidade, odores, espaciosidade, fluxo rítmico de luz e sombra, inverno e primavera” (BUTTIMER, 2015, p. 14).

Relph (1976), assim como Buttimer, também apresenta uma associação entre lar e lugar. Para o autor, o lar não é apenas uma casa em que se vive, mas é o "centro insubstituível de significações", consiste na base de nossa identidade tanto como indivíduos quanto como pertencentes a uma comunidade (RELPH, 1976). Nesse sentido, Relph (1976) eleva o lugar a um patamar de alicerce tanto emocional (servindo de referência individual) quanto comportamental (referência ao tratamento para com seus pares) dos sujeitos.

O lar ou lugar remetem à sensação de segurança em muitas dimensões, como, por exemplo: “simbólico, emocional, cultural, político e biológico” (BUTTIMER, 2015, p. 6). “As pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação” (BUTTIMER, 2015, p. 6). A partir desta afirmação, entende-se que lugar é um composto híbrido, onde tanto os aspectos físicos quanto a teia de relações pessoais e sociais se entrelaçam.

Desta forma, não apenas as percepções individuais estão vinculadas ao espaço, mas também as coletivas. Nesse contexto, Buttimer (2015) afirma que o lugar fornece elementos e relações que fortalecem tanto a identidade cultural quanto a identidade pessoal. Assim, quando há uma ameaça ao lugar — que significa a perda do lar, ou a perda do lugar — pode existir uma crise de identidade.

Para Buttimer (2015), a ameaça existe quando não são considerados os aspectos simbólicos que existem no espaço. E tal fato é recorrente quando se fala em planejamentos urbanos, ou mesmo planejamentos do espaço rural. Segundo a autora, no pós-guerra havia uma ânsia por fazer planejamento dos espaços numa visão mais abrangente, internacional, e, por causa dessa ampliação dos limites (econômicos, territoriais e até mesmo políticos), os espaços tenderam a ficar mais homogêneos, tornando frágeis e vulneráveis as questões de identidade com o lugar (BUTTIMER, 2015).

Para evitar interferências na identidade de lugar, bem como alteração do lugar propriamente dito, é necessária a compreensão das relações das pessoas com o seu

espaço. No contexto do planejamento dos espaços, de acordo com Buttimer (2015), há os tecnocratas, planejadores e demais profissionais que detêm o conhecimento técnico — os quais ela denomina *outsiders* — e os residentes, que são os receptores do conteúdo planejado, os *insiders*.

Ambos, *outsiders* e *insiders*, têm objetivos diferentes. Os planejadores buscam a “centralidade”, que é a “concentração nodal racional e planejada de poder e energia social”, enquanto os residentes querem o “centramento”, que é a ratificação do sentido de lugar, a garantia de que “este lugar é um centro de interesse da vida do indivíduo” (BUTTIMER, 2015, p. 9).

De acordo com Buttimer (2015), há divergência tanto de visão quanto de enunciados sobre o lugar. Para os *outsiders*, são utilizados termos avaliativos, relacionados às potencialidades de usos do espaço. Já para os *insiders*, os significados estão relacionados aos atributos que favorecem os afazeres cotidianos e a realização da vida.

O observador que explora o lugar fala da casa, ao passo que o residente daquele lugar vive o processo de habitar. O observador mede e mapeia atividades sistêmicas e redes sociais e infere algo, dentro de seu horizonte de alcance, sobre o mundo do nativo, ao passo que a experiência do horizonte de alcance do morador pode ser um movimento tão fundamental na existência cotidiana que usualmente não se pensa nele. (BUTTIMER, 2015, p. 9).

O planejador do turismo, ou a pessoa que esteja ligada ao desenvolvimento da atividade turística, que não tenha a sensibilidade para apreender as relações sustentadas entre os residentes e o lugar, olhará para os atrativos turísticos existentes, aferirá a demanda real e a demanda latente, e buscará diminuir a diferença entre as demandas, vislumbrando um desenvolvimento turístico intenso que, não necessariamente, é o nível desejado pelos residentes.

Conhecer o ponto de vista de ambos os lados é importante. Buttimer (2015) alerta, no entanto, que podem existir “armadilhas” nos discursos. Segundo a autora, os observadores — *outsiders* — olham para os lugares “a partir de um horizonte abstrato”, sendo o seu olhar “[...] inevitavelmente atraído para encontrar no lugar o que ele ou ela pretende encontrar nele” (BUTTIMER, 2015, p. 9).

Por outro lado, a pessoa que vive nos lugares pode estar “tão imersa nas particularidades da vida e ações cotidianas que ele ou ela pode não ver nenhum

sentido em questionar o que é dado como certo ou em ver o lar em seu contexto espacial ou social mais amplo” (BUTTIMER, 2015, p. 9).

Ao geógrafo cabe perceber estas inclinações dos discursos no momento em que são analisadas as relações do lugar, e ele deve propor o exercício de trazer à consciência da população as ideias e práticas comuns que, por estarem presentes no cotidiano, passam despercebidas e não são discutidas entre os residentes do lugar (BUTTIMER, 2015).

Outros desafios que têm se apresentado ao geógrafo são analisar o nível e tipo das experiências que as pessoas têm com os lugares e abordar os efeitos nas relações interpessoais com a incorporação das inovações tecnológicas no cotidiano. As interações do homem com o espaço e a constituição dos lugares têm sido objeto da Geografia Humanista há pelo menos quatro décadas — haja vista a publicação da obra “Espaço e Lugar” ser datada de 1977 —, o que poderia ter se exaurido nesse ínterim. Alguns problemas já foram apontados na década de 1970, como é o caso das relações inautênticas com o lugar (RELPH, 1976). Porém, as mudanças do comportamento social que vêm ocorrendo ao longo do tempo suscitam novos problemas sobre as questões inerentes ao espaço e ao lugar.

3.3.2 As afetações no sentido de Lugar

Tuan (2014) acredita que há uma desconexão, de ordem individual, com o lugar devido à evolução tecnológica. Buttimer (2015) afirma que atualmente há um enfraquecimento das relações entre as pessoas, impactando tanto as relações sociais quanto as relações com o lugar.

Para Buttimer (2015), a busca pela concretização dos objetivos pessoais — seja decorrente de uma espontaneidade, seja devido a uma situação em que a pessoa foi impelida a buscar suprir suas necessidades — leva a um individualismo acentuado e a um distanciamento do conhecimento do horizonte de alcance do próximo. “A pessoa não consegue mais encontrar suporte ou centramento nas antigas concepções de lugar-comum do horizonte de alcance compartilhado” (BUTTIMER, 2015, p. 17). Consequentemente, o senso de comunidade e compartilhamento da identidade de lugar são afetados.

Arefi (1999) afirma que as obrigações contratuais coletivas, as quais são baseadas em valores e crenças, estão perdendo grau de importância, sendo

substituídas por um comportamento solitário que, por sua vez, é favorecido pelo crescente uso de procedimentos de autoatendimento. Atualmente é possível fazer *check-in* em um voo, obter dinheiro em espécie em caixas eletrônicos, comprar mercadorias utilizando apenas máquinas programadas com *softwares* específicos (AREFI, 1999). Desta forma, não é necessário interagir com outra pessoa, isto é, não há a relação de interdependência que antes se estabelecia entre os membros de um grupo ou sociedade.

As comunidades passam a ser

[...] Comunidades de interesse, ao invés de comunidades de lugar. [...] A proliferação de contatos secundários (em vez de face a face) enfraqueceu os laços comunitários que antes eram considerados as principais características das comunidades centradas no lugar. Essa transformação teve profundas consequências para a percepção do lugar. (AREFI²⁸, 1999, p. 181, tradução nossa).

Podem surgir dificuldades em conscientizar os *insiders* sobre os prejuízos, em longo prazo, que o “estilo de vida individualista e fragmentado” pode causar tanto na qualidade dos ambientes de moradia e trabalho quanto na qualidade de vida da população (BUTTIMER, 2015, p. 16). Os lugares que anteriormente representavam a identidade do grupo e forneciam a segurança (física, biológica, emocional) podem se transformar em espaços, ou seja, em receptáculos de vários elementos decorrentes da atividade humana.

Já para Tuan (2014, p. 9), a vida moderna tem incorporado uma tecnologia eletrônica que avança em nível exacerbado. Por um lado, adquire-se uma “leveza de ser”, mas por outro, a tecnologia “aniquila a distância” (TUAN, 2014). Para o autor, incluir as evoluções tecnológicas no dia a dia

[...] é sem dúvida uma vantagem quando queremos manter contato, mas é também profundamente preocupante à medida que diminui nossa apreciação da extensão em si mesma — da distância que mal se pode imaginar — que governou nosso sentido de realidade desde os primórdios. (TUAN, 2014, p. 9).

²⁸ [...] “Communities of interest”, rather than communities of place, are nowadays considered the successors of the original notion of place-centred community. The proliferation of secondary (instead of face-to-face) contacts, thanks to the emergence of cyberspace, has weakened the communal ties and bonds that were once considered the main characteristics of place-bound communities. This transformation has had profound consequences for the perception of place. (AREFI, 1999, p. 181).

Nesse sentido, é possível que atualmente as pessoas consideradas modernas não se sintam tão vinculadas a um lugar específico, a uma comunidade específica. Tuan (2014) afirma que essas pessoas visitam novos lugares, encontram outras pessoas que, embora pertençam a lugar e cultura distintos dos seus, passam a ser suas amigas e amigos, incorrendo na expansão do círculo de amizades, incrementando o mundo vivido, que antes era restrito a parentes e vizinhos. O problema dessas novas relações é a “superficialidade da ligação tanto com o lugar quanto com as pessoas, a superficialidade como consequência da brevidade do encontro e da falta de dependência mútua e profunda” (TUAN, 2014, p. 8-9).

A fluidez da sociedade atual, característica constatada por Moscovici, interfere, inclusive, nas discussões da Geografia Humana, pois faz com que a relação do homem com o espaço ocorra de maneira diferente de como ocorria anteriormente.

Outra crítica de Tuan (2014) é com relação às características das intervenções nos espaços vividos, as quais acontecem por meio de inserções de elementos (materiais e até mesmo imateriais), ou por alterações dos itens já existentes, de maneira a atender as tendências (e modelos) globais, interferindo nas singularidades do lugar.

Nesse sentido, até mesmo os conceitos de topofilia e topofobia são afetados, pois os “lugares edificados no nosso tempo carecem de peso. Eles não nos atraem e oprimem como podiam fazer os lugares antigos” (TUAN, 2014, p. 11). O sentimento topofílico se reduz à medida que a mobilidade aumenta (TUAN, 2014), seja promovida pelas facilidades dos meios de locomoção, seja impulsionada pela necessidade da busca de novas oportunidades.

Em Antonina, várias pessoas deixaram de viver na cidade em decorrência da falta de emprego formal, ou pela baixa expectativa de retorno da criação de algum empreendimento. O movimento de migração para outras cidades é mais frequente entre a população jovem. Recorrente é, também, o retorno de alguns antoninenses ao município assim que, cumpridas as exigências previdenciárias, se aposentam de suas atividades laborais. Esses movimentos demonstram tanto a topofilia para com o lugar, no caso dos idosos que retornam à cidade, quanto a supressão da afetividade em detrimento do atendimento da necessidade laboral, no caso dos jovens.

Porém, verificar a aplicabilidade da afirmação de Tuan (2014, p. 11) de que “as pessoas de hoje em dia raramente reclamam de se sentirem desenraizadas ou nostálgicas” quando deixaram de habitar em Antonina não foi possível, haja vista não

ser um dos objetivos específicos da presente pesquisa. Todavia, foi viável investigar outra questão abordada pelo autor em suas considerações sobre Espaço e Lugar, que é o “anseio”, ou, em outras palavras, a direção que se toma com relação ao presente. Para o autor, “se estamos descontentes com o presente, que direção tomarmos? Para o passado entregando-se à nostalgia ou para o futuro e rendendo-se ao anseio? Recorrer à memória ou à imaginação?” (TUAN, 2014, p. 11).

Desta forma, o anseio das pessoas para com o seu espaço pode ser direcionado tanto ao futuro, buscando novas realidades, quanto ao passado, buscando resgatar e reviver os valores passados. As projeções, sejam elas considerando recuperar os elementos vividos, sejam incorporando as inovações, são potencialidades dos seres humanos tanto para as próprias vidas quanto para o espaço que contém o seu cotidiano.

E assim, para conhecer e compreender a representação social que os residentes de Antonina concebem sobre a atividade turística, buscou-se, inicialmente, verificar como acontece a relação dos antoninenses com o seu espaço vivido, a partir de suas vivências, experiências, expectativas e da construção de laços afetivos com o espaço.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E OS RESULTADOS DA PESQUISA EMPÍRICA

A elaboração da pesquisa tem por objetivo investigar como se dá a representação social da população residente em Antonina, no litoral do Paraná, em relação ao turismo enquanto atividade econômica e socioespacial. Ressalta-se que o turismo é um fenômeno que interfere na vida das pessoas, tanto na organização de empresas como dos espaços. É uma atividade econômica, mas também social, que promove muitos debates e discussões, despertando posições contrárias e favoráveis ao seu desenvolvimento. Ao consultar materiais e obras relacionadas ao turismo, é possível notar que existem contradições sobre o tema, sugerindo-se uma abordagem que pondere suas potencialidades e suas deficiências.

Propôs-se uma pesquisa qualitativa, em que os dados foram analisados e os resultados foram apresentados sob a forma de narrativas, descrições e detalhamentos a partir dos sujeitos de pesquisa, convalidando o processo de investigação (TRIVIÑOS, 1987).

Na primeira etapa deste trabalho foram realizadas pesquisas bibliográfica e documental relacionadas aos tópicos referentes à Teoria das Representações Sociais, aos aspectos do Turismo, aos aspectos da Geografia, gestão e planejamento, foram consultados livros, artigos e teses tanto na sua versão física quanto virtual (*online*). Para a caracterização da área, foram consultados livros, documentos, jornais, relatórios de instituições, organizações ou associações, além de gráficos, dados, fotos e tabelas disponibilizados no meio físico ou *online*.

A segunda etapa consistiu em visita a campo, com a finalidade de coletar dados por meio de observação, análise de documentos e entrevistas semiestruturadas.

Dentre os tipos de observação, elegeu-se a observação participante, em que há “participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada” (GIL, 2008, p. 103). Desta forma, foi possível vivenciar o espaço antoninense, com a dinâmica existente no dia-a-dia, buscando entender os relatos que seriam obtidos por entrevistas, além de complementar as análises dos resultados.

Para análise dos planos e documentos sobre o turismo no município foram consultados relatórios, documentos, leis, regulamentos, disponíveis na *internet*, tendo

por parâmetro de análise se houve a participação da população na construção dos planos. Também ocorreu a participação da pesquisadora em reuniões do Conselho Municipal de Turismo e da Equipe de Acompanhamento do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Litoral do Paraná.

Foram realizadas entrevistas por pautas, ou semiestruturadas, cuja característica é a utilização de um roteiro com pontos de interesse, relacionados entre si e obedecendo certa ordem, mas dando a liberdade para o entrevistado falar o que pensa sobre cada uma das questões (GIL, 2008). A entrevista é uma técnica de coleta de dados amplamente utilizada em pesquisas de cunho social e muito apropriada para obter informações das pessoas sobre o que elas creem, desejam, esperam, sabem ou têm a pretensão de fazer (GIL, 2008).

Foram entrevistados dezesseis residentes do município, tendo como foco principal o que significa viver em Antonina e o desenvolvimento do turismo. Assim, a amostra consistiu em tipo não probabilístico, estratificada, definida por acessibilidade ou por conveniência, que é aquela em que o pesquisador seleciona as pessoas a serem entrevistadas a partir do acesso que exista entre pesquisador e sujeito (GIL, 2008).

A amostra foi dividida em dois grupos. Um deles representando o universo reificado, em que foram entrevistadas seis pessoas que são familiarizadas com a atividade turística, tais como empresários, gestores em âmbito municipal, integrantes de organizações ou associações que estejam relacionadas ao planejamento e desenvolvimento local. Este grupo foi designado pela letra “T”, seguida de um número como código de identificação dos participantes da pesquisa, conforme demonstrado no Quadro 4.

QUADRO 4 – ENTREVISTADOS UNIVERSO REIFICADO

Código	Sexo	Faixa etária	Profissão/ocupação	Tempo de residência
T1	F	51 a 60 anos	Restaurante	50 anos
T2	M	51 a 60 anos	Restaurante	45 anos
T3	F	Mais de 60 anos	Artesanato	+60 anos
T4	F	Mais de 60 anos	Artesanato	+60 anos
T5	F	Mais de 60 anos	Hotel	+60 anos
T6	M	Não solicitado	Secretaria de turismo	Não solicitado

FONTE: A autora (2019).

O outro grupo, que representou o universo consensual, foi composto por dez pessoas que não tinham relação com o turismo. A composição do grupo se deu conforme estratos etários, a saber: 2 jovens (de 18 a 25 anos de idade), 6 adultos (de 26 a 59 anos de idade) e 2 idosos (60 anos de idade ou mais). O código para identificação dos membros deste grupo é formado pela combinação da letra “R” seguida de um número. A relação dos entrevistados está contida no Quadro 5.

QUADRO 5 – ENTREVISTADOS UNIVERSO CONSENSUAL

Código	Sexo	Faixa etária	Profissão/ocupação	Tempo de residência
R1	M	41 a 50 anos	Servidor público	3 anos
R2	M	51 a 60 anos	Empresário	50 anos
R3	F	31 a 40 anos	Atendente	30 anos
R4	M	Mais de 60 anos	Empresário	+60 anos
R5	F	41 a 50 anos	Empresária	40 anos
R6	M	41 a 50 anos	Autônomo/líder religioso	12 anos
R7	M	Mais de 60 anos	Aposentado	+60 anos
R8	F	51 a 60 anos	Autônoma	25 anos
R9	M	18 a 25 anos	Estudante	20 anos
R10	F	18 a 25 anos	Estudante	21 anos

FONTE: A autora (2019).

Notou-se que houve a saturação teórica, que ocorre quando a inserção de novos sujeitos de pesquisa não agrega informações que, na perspectiva do pesquisador, sejam relevantes para a obtenção dos objetivos previamente estabelecidos (DENZIN; LINCOLN, 1994).

Os dados coletados foram analisados e interpretados, pois, de acordo com Arruda (2005), a interpretação precisa concatenar os dados entre si e conectá-los ao problema pesquisado, buscando unir o conjunto de dados coletados às bases teóricas da pesquisa, integrando-os, evitando a simples ordenação dos dados em categorias aparentemente naturais (ARRUDA, 2005). Aliou-se, ainda, à interpretação a estratégia de emparelhamento de dados, na qual o pesquisador busca associar os dados coletados aos modelos teóricos utilizados, verificando correspondências entre si (LAVILLE; DIONE, 1999).

Desta forma, entendeu-se que a análise deve estar acompanhada da interpretação, as quais, para o presente estudo, foram realizadas conforme os passos descritos por Spink (2002). A autora afirma que primeiramente é necessário transcrever o conteúdo das entrevistas. Em seguida, faz-se a leitura flutuante do material, intercalando-a com a escuta da gravação das entrevistas, buscando identificar sinais de investimentos afetivos como:

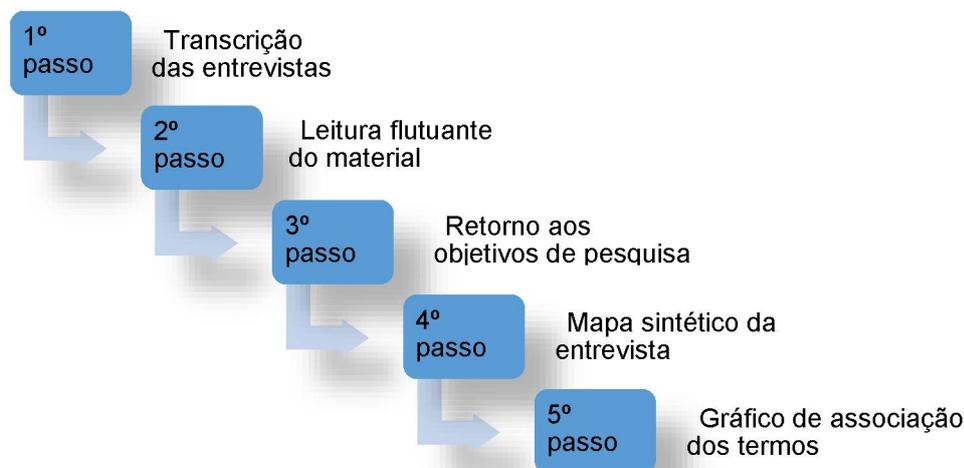
- a existência de versões contraditórias ao longo da entrevista (variação);
- detalhes sutis como pausas, hesitações, comoções, alterações na tonalidade da voz ou na velocidade da fala;
- organização do discurso (retórica).

A terceira etapa, ou passo, indicada por Spink (2002) refere-se ao retorno aos objetivos da pesquisa, o que, em se tratando de análise de dados de pesquisas com associação de ideias nas representações sociais, pode ser realizada de duas formas distintas. A primeira delas é quando a pesquisa aborda um tema central, um objeto único, ou fenômeno e, desta forma, as falas dos sujeitos de pesquisa são mapeadas a partir de elementos cognitivos, do investimento afetivo, ou das práticas cotidianas. A segunda forma é quando se investigam representações complexas, sendo mapeados os temas que emergiram durante a coleta de dados, ou ainda segundo a intenção do pesquisador.

Cabe aqui mencionar que a presente pesquisa busca elucidar a representação social do turismo, que apesar de se tratar de um fenômeno complexo, trata-se de um tema central, sendo apropriada utilização da primeira classificação apresentada por Spink (2002), não deixando de serem mencionadas eventuais observações feitas pelos participantes quando das entrevistas.

No quarto passo foram elaborados os mapas que retratam a transcrição de toda a entrevista, seguindo a ordem de como surgem os assuntos, temas, dimensões, sentimentos. No quinto passo foram elaborados gráficos que relacionam os conceitos, investimentos afetivos, comportamento e elementos do cotidiano identificados pela pesquisadora. Os processos estão simplificados na Figura 51.

FIGURA 51 – PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS



FONTE: A autora (2018).

Por fim, para a elaboração dos mapas cognitivos, constando os conceitos nos quais estarão integradas as representações apresentadas pelos grupos representados pelos entrevistados, será utilizada como critério de seleção a fórmula $[(R> + R<) / 2]$, onde “R>” é a palavra ou expressão com maior repetição e “R<” a que foi menos mencionada pelos entrevistados (MOURA, 2014, p. 130).

Cabe salientar que o *corpus* da pesquisa obtido foi denso e extenso, pois foram utilizadas entrevistas semiestruturadas para atender os objetivos, os quais mesclam representação social com interação dos residentes com o lugar. Por isso, entendeu-se que não era apropriado o uso da técnica de enunciação livre de palavras e análise de dados pautada pelo Sistema do Núcleo Central e elementos periféricos, de Abric²⁹.

4.1 ENTRE A SERRA E O MAR, ANTONINA É LAR E LUGAR

O título deste capítulo é praticamente uma paráfrase de expressão, de autoria desconhecida, muito utilizada em Antonina, a saber: Entre a Serra e o mar, Antonina é o lugar. Ela foi escolhida porque, quando são aplicadas as premissas da Geografia Cultural e Humana, seu significado está geograficamente correto.

²⁹ Jean Claude Abric propôs, em 1976, a Teoria do Núcleo Central, em que a representação social possui um núcleo rígido e elementos periféricos que podem ser alterados mais facilmente ao longo do tempo.

Esta afirmação é corroborada a partir da correlação entre os autores contidos no referencial teórico deste estudo e os dados coletados por meio de observação participante e entrevistas semiestruturadas, ambas realizadas durante a pesquisa de campo.

Inicialmente Antonina pode ser descrita como uma cidade calma, tranquila, histórica e que possui lugares de beleza natural e paisagística. Foram várias pessoas que evidenciaram esses aspectos, mas houve também quem destacou a proximidade da cidade com a capital paranaense. Nas palavras de um dos residentes entrevistados, Antonina

[...] é uma cidade boa, tranquila... tem condição da gente ter uma vida boa, vamos dizer assim. Perto de Curitiba que tem tudo, o sistema de transporte [para ir a Curitiba] é razoável, a estrada é boa para ir lá, o tempo é curto... [...] Antonina é boa pelo mar, que você pode aproveitar ele de várias formas, até como meio de sustento... (R7, 2019).

Durante as entrevistas foi perguntado aos participantes se eles tinham algum ponto específico na cidade que consideravam especial, e que eles contassem o motivo pelo qual era especial. Para alguns, a beleza era o fator preponderante para a singularidade. Para outros, eram as sensações obtidas nos lugares.

Para a entrevistada R3, o lugar especial é o Bairro das Laranjeiras, onde passou sua infância, dando o destaque para o Mirante da Pedra³⁰. A explicação é baseada nas memórias afetivas do seu primeiro espaço afetivo, nas suas experiências que transcendem o próprio corpo.

A minha vó morou lá, a minha mãe cresceu lá... [as melhores lembranças] [...] Nossa! Você não tem noção de como era maravilhoso estar lá. Você saía do teu corpo — eu era criança — você sentia uma paz imensa, porque o lugar é verde, é passarinho. Não tem aquela muvuca, o teu pensamento [fica] todo aberto. Era um lugar muito marcante [...] Eu amo aquele lugar de paixão, a Laranjeira, Mirante da Pedra. (R3, 2019).

Nas palavras da entrevistada ficam explícitas as emoções e sensações percebidas no lugar. De acordo com Tuan (1975), para se conhecer o mundo é

³⁰ Atualmente o Mirante se encontra inacessível em virtude das intensas chuvas ocorridas no ano de 2011, ocasionando o deslizamento de terra em vários pontos do litoral. O local mais afetado em Antonina foi o Bairro das Laranjeiras, onde uma pessoa foi a óbito. O Bairro deixou de existir, já que todas as casas foram destruídas pela lama e pela queda de árvores.

necessário ter experiências que são possíveis através dos sentidos e emoções proporcionadas pelo local.

Ainda nesse sentido proposto por Tuan (1975), outros residentes também relataram que a cidade ou alguns pontos dela oferecem sensações. O residente R1 descreve Antonina como:

Ela é meio bucólica. Ela é uma cidade... o clima dela... esse cinza constante. Essas noites que são meio que úmidas, meio que... com neblina. Ela tem uma mágica mesmo. Tem algo assim que a gente percebe na noite que não se repete. E eu gosto do calçadão ali, que é uma quadra. Gosto daquela rua, a parte em que está a calçada e o restante que seria a avenida principal, né? Que se transforma na avenida do samba, que se transforma no palco de outros eventos. Eu acho aquele espaço muito bacana pela mágica da noite que ele tem, a vida dela que aparece, que brota nas escadarias. (R1, 2019).

Outro entrevistado afirmou que gosta da paisagem formada pelo mar para refletir. Para ele, o lugar especial é o “Trapiche. Gosto também de ir na Ponta da Pita, mas primeiramente o Trapiche. Para reflexão, por causa do mar, né? Eu acho muito bonito.” (R6, 2019).

Segundo Rocha (2007), a percepção é um processo mental que deriva de uma combinação de mecanismos perceptivos e de mecanismos cognitivos. Desta forma, são envolvidos fatores como motivação, experiências anteriores, humores, que interferem na maneira como as pessoas se relacionam com o seu meio (ROCHA, 2007). Portanto, a percepção do meio e a interação com ele são individuais, subjetivas, imprecisas. Para Lowenthal (1985), as impressões parcialmente divergentes entre si sobre o mundo são mais convenientes do que os detalhes perfeitamente descritos sobre um fragmento do mundo.

Nesse sentido, era esperado que — numa pesquisa de abordagem qualitativa com a utilização de entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados — as respostas apresentassem características distintas. Se as respostas anteriormente citadas realçaram os aspectos quase místicos, outros entrevistados destacaram os atributos econômicos e turísticos.

O lugar que mais admiro em Antonina é a nossa Feira-Mar. Pelo que ela representa para a economia de Antonina, sabe? A nossa orla, a Praça da Feira-Mar, a orla do mercado, o trapiche, porque... na minha ideia... [...] toda aquela região ali eu acho que é o cartão postal da nossa cidade. (R2, 2019).

Hidalgo e Hernandez (2001) verificaram que o vínculo com o lugar pode existir em diferentes níveis (casa, bairro, cidade) e dimensões (física e social). A residente R3 informou que o lugar mais especial para ela era o Bairro das Laranjeiras. Na pesquisa dos autores espanhóis, este é o nível intermediário e o que se dá com menor intensidade, sendo o mais frequente o nível em que o vínculo se dá com a cidade como um todo. Na pesquisa de campo, assim como no estudo de Hidalgo e Hernandez (2001), ficou evidenciado que o sentimento de pertencimento à cidade Antonina é maior que aos bairros ou à casa.

No que se refere às dimensões, os residentes demonstraram sentimento de afeto à beleza paisagística, à historicidade materializada pelas fachadas das casas antigas, assim como as paredes de algumas edificações que revelam um saber-fazer de mais de dois séculos que foi empregado na construção de prédios e armazéns. Esses aspectos estão relacionados à dimensão física.

Todavia, muitos destacaram que o diferencial da cidade é imaterial, mas perceptível, que é a população local e a convivência com os amigos, familiares e vizinhos — fatores que estão ligados à dimensão social —, como revelam os excertos das entrevistas com os residentes R2, R1 e R6, abaixo relacionados.

Olha, o que mais me agrada é Antonina. A forma como ela é, a forma como a população é, a forma como a gente é tratado, a forma como a gente trata as pessoas, o convívio que a gente tem com... não vou dizer... com 100% da população, mas com uma grande maioria da população que a gente convive, pela História, pela arquitetura. (R2, 2019).

O que mais me agrada aqui são as pessoas. As pessoas aqui têm um trato muito agradável, são pessoas acolhedoras. Tem um “Q” de Litoral mesmo. Eu já morei nove anos em litoral [...]. Eu achei aqui um jeito tão carinhoso quanto e tão pitoresco quanto quem é próprio do litoral. Eu acho as pessoas aqui o ponto forte da cidade. (R1, 2019).

Antonina é uma cidade boa para morar devido à sua tranquilidade e devido também a essa capacidade que as pessoas têm de receber bem umas às outras. Eu acho que aqui as pessoas acabam, depois de um certo tempo, se conhecendo e se valorizando, valorizando as pessoas que moram aqui, os seus amigos e os seus vizinhos. (R6, 2019).

Para a entrevistada R8, que está morando no município há vinte e cinco anos, há relação de confiança entre as pessoas: “[...] Eu amo morar em Antonina. Pelas pessoas que aqui moram, pela simplicidade da cidade, pelas amizades que a gente

adquiriu aqui, pela convivência com a vizinhança, a confiança em termos de comércio de um conhecer o outro.” (R8, 2019).

Com esta afirmação, é demonstrado que o lugar apresenta não apenas atributos que interferem nas relações individuais para com um município, ou bairro, ou casa. O lugar é feito, também, pelas teias de relações construídas e mantidas entre os que ali vivem. Segundo Buttimer (2015), os lugares congregam tanto as concepções individuais (intelectuais, imaginárias e simbólicas) quanto as interações e associações pessoais e interpessoais.

Assim, os centros de significância passam a influenciar, também, as ações e relações das pessoas para com os demais que compartilham do lugar.

Nesse sentido, Relph (1976, p. 39) assevera que o lugar serve como "fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade".

Ao abordar tanto as relações individuais para com o espaço como as ações de grupo — ou comunitárias — para com o espaço, há que se ressaltar que se verificou, durante a pesquisa de campo, a internidade existencial (*existencial insideness*), que, segundo Ferreira (2002), é constatada quando há um vínculo de comprometimento com um lugar. A internidade existencial é, segundo o autor, maior que a internidade empática — ou *empathetic insideness* —, em que há o envolvimento emocional, e a internidade comportamental — ou *behaviorial insideness* —, em que há a experiência física (RELPH, 1976).

Alguns residentes, conscientes de que é possível atuar nos locais em que estão inseridos, tanto para auxiliar o poder público quanto para suprir as suas carências e deficiências, se organizaram em grupos para que fossem realizados eventos e atividades para a população local e, eventualmente, visitantes. Para exemplificar, citam-se os grupos: Pra frente Antonina, Movimento Viva mais Antonina, Grupo Amigos da História de Antonina.

Os eventos são bem diversificados. Já foram organizadas festividades em comemoração à emancipação de Antonina (06/11/2018) e ao Natal (dezembro de 2018), como mostrado pela Figura 52. Além das festas em datas especiais, foram realizados eventos como encontro de fuscas, corridas rústicas, e até mesmo resgate de fatos históricos, como foi o evento em homenagem aos escoteiros antoninenses

que foram a pé à cidade do Rio de Janeiro falar com o então presidente Getúlio Vargas³¹. Alguns convites dos eventos são mostrados pela Figura 53.

FIGURA 52 – ORNAMENTAÇÃO DA PRAÇA CORONEL MACEDO E ATIVIDADES PARA O NATAL IDEALIZADAS PELO GRUPO PRA FRENTE ANTONINA



FONTE: A autora (2018).

FIGURA 53 – CONVITES PARA EVENTOS ORGANIZADOS POR GRUPOS NÃO GOVERNAMENTAIS



FONTE: Redes sociais (2019).

³¹ Getúlio Vargas ordenou o fechamento dos escritórios marítimos da Companhia de Navegação Costeira e Lloyd Nacional de Antonina. Em 16 de dezembro de 1941, cinco escoteiros saíram de Antonina em direção ao Rio de Janeiro para entregar uma carta a Getúlio Vargas, presidente à época, solicitando a reativação das empresas, pois elas eram responsáveis por metade das atividades portuárias existentes no município.

O comprometimento para com o lugar pode se dar individualmente ou coletivamente, conforme exemplos anteriores. Para a entrevistada que pertence ao *trade* turístico local, as ações para melhorias locais deveriam ocorrer em vários níveis, tanto na esfera pública quanto na iniciativa privada. Para ela deveriam “[...] correr atrás todos. Não só o poder público. O particular. Todo mundo tem que fazer a sua parte, porque daí a coisa vai engrenando.” (T5, 2019). É o lugar como resultante da soma dos posicionamentos e das atitudes dos sujeitos que nele vivem.

As ações das pessoas no lugar e a adesão de seus pares em tais ações contribuem para a consolidação do vínculo dos agentes para com o lugar, bem como para o fortalecimento das relações interpessoais — amistosas e/ou familiares. Durante a realização do Primeiro Encontro de Carrinhos de Rolimã, um evento organizado pelos grupos Viva Mais Antonina e Amigos da História de Antonina realizado no dia 28 de setembro de 2019, observou-se um grupo de residentes conversando sobre os antoninenses que escolheram outras cidades e até mesmo outros países para viver. Quando um deles foi questionado sobre a decisão de abandonar sua casa e emprego nos Estados Unidos da América e retornar para Antonina a sua resposta foi que ele estava “muito velho” quando migrou, isto é, já tinha um forte vínculo com a cidade, com os familiares e com amigos. Falou, inclusive, que o seu irmão, que migrou muito mais jovem, se adaptou muito melhor ao novo país.

Esta opinião está em convergência com a afirmação de Tuan (1975) que assevera que é necessário tempo para atribuir valor aos espaços e transformá-los em lugar. Relph (1976) também afirma que o tempo é uma das variáveis que interferem na criação ou no fortalecimento do vínculo com o lugar. Assim, tem-se que quanto maior o enraizamento com o lugar, mais difícil é deixar uma cidade para se instalar em outra.

Cada coisa a seu tempo. Hoje, por exemplo, que a gente já tem raízes, uma idadezinha mediamente avançada, Antonina é um dos melhores lugares do mundo para se viver. A gente tem paz, tem calma. Vive-se bem. [...] o nosso umbigo está enterrado aqui, né? (R4, 2019).

Outra característica do lugar é a segurança e o senso de que o ambiente é familiar (TUAN, 2014). Segundo uma entrevistada, “[...] na verdade Antonina é uma grande família. Porque todo mundo é amigo, é padrinho, é madrinha, é tio, é filho... a gente conhece todo mundo e isso me encanta.” (T5, 2019).

A ideia de lar é acrescentada, no contexto do lugar, tanto por Relph (1976) quanto por Buttimer (2015). Apazibilidade e segurança são as principais características de um lar. A entrevistada T5 afirma: “Eu posso viajar para o mundo, mas meu porto seguro sempre será Antonina. Adoro aqui.” Para Buttimer (2015, p. 6), o lar oferece segurança nos aspectos “simbólico, emocional, cultural, político e biológico”.

Nesse sentido, entende-se que Antonina atende os requisitos de um lar, haja vista a sensação de segurança ter sido muito citada pelos entrevistados. Segundo o entrevistado R6 (2019), “O pessoal daqui é tranquilo. Não tenho nada contra. Dá segurança, no sentido das pessoas serem tranquilas, as pessoas são, basicamente, amigas”.

[...] não dizemos que é tão calmo, mas em vista de outros lugares é uma cidade que você pode sair de madrugada, é uma cidade que você pode ir ali na esquina, teus filhos podem brincar na rua... entendeu? Você tem uma liberdade. Coisa que em algumas cidades você não vai ter. A gente tem como uma cidade, independente de alguns fatos que ocorrem, como uma cidade calma. Por isso que a maioria escolhe ficar. É difícil de sair. Quantas vezes eu pensei em ir embora para Curitiba? Mas eu já penso: Nossa! Vou perder minha liberdade, meus filhos não vão poder fazer isso, isso, aquilo [...] Aqui, querendo ou não, independente do que aconteça, a gente tem confiança. A gente conhece todo mundo na rua, né? [...] Fica tudo mais fácil. Eu sinto que aqui dá uma segurança. Eu sinto que a cidade traz uma segurança. (R3, 2019).

Também foi perguntado aos residentes se existe alguma situação ou condição do município que lhes desagrada ou lhes incomoda. Não foram todos os consultados que responderam a essa pergunta. Porém, das respostas obtidas, todas faziam referência à falta de emprego formal ou a situações relacionadas, como, por exemplo, poucas empresas, inexistência de indústria, quantidade de emprego insuficiente, falta de oportunidade para os jovens.

Uma coisa ruim que eu acho em Antonina é que... ela ainda é uma cidade suja. E não desenvolvida no sentido de que os jovens não têm perspectivas para trabalho aqui. Não tem abertura para novas empresas. Os governantes não dão essa condição para empresas de outros lugares se instalarem aqui. (R6, 2019).

Em contato com um grupo de jovens, foi observado que alguns tinham a intenção de se mudar de Antonina para continuar os estudos, obter qualificação de

nível superior e retornar para trabalhar. Esse movimento existe e tem sido mais frequente nos últimos anos, principalmente na área da saúde.

Atualmente o município dispõe de uma instituição que oferece cursos superiores à distância, mas pela característica da própria modalidade de ensino, é possível residir na cidade e realizar cursos cujos polos de apoio não estão, necessariamente, em Antonina. Há, ainda, os que optam por estudar em Paranaguá ou em Matinhos, se deslocando todos os dias para as aulas e continuando a residir no município. Outros acabam se mudando para outras cidades com o fim de se qualificarem, de prestar serviço militar, ou para trabalhar.

Assim como alguns se deslocam diariamente a Paranaguá com a finalidade de estudo, há alguns antoninenses que realizam o mesmo trajeto para trabalhar, mantendo a residência em Antonina.

Considera-se que esta rotina de deslocamento diário é cansativa e pressupõe-se que a disposição dos jovens seria maior para tal. Porém, os jovens entrevistados e a maioria dos que estavam presentes quando da observação participante demonstraram que o desejo deles é se mudar em busca de qualificação profissional ou de um emprego cujo salário lhes dê maior poder de compra.

[Em Antonina é] tudo maravilhoso, mas para o jovem não tem futuro, né? Infelizmente não tem oportunidades para crescer na vida, né? Praticamente morei vinte e um anos, mas consegui trabalhar mesmo, de ter uma vida melhor, mais oportunidade, quando fui morar em Curitiba, sabe? Aí eu comecei a ter a minha vida própria. (R10, 2019).

A jovem contou que teve de retornar a Antonina por motivos familiares, mas que sempre pensa em voltar a residir em Curitiba porque a oferta de emprego é maior. “Sou jovem ainda e preciso trabalhar. [...] Aqui em Antonina eu trabalho quando tem bico na oficina. Eles sempre me chamam para trabalhar e é assim que eu vivo a minha vida aqui” (R10, 2019).

O “espaço implica em aventura, novas experiências, mas também em risco” (TUAN, 2014, p. 2). Por outro lado, o lugar traz segurança, mesmo que algumas circunstâncias indesejadas existam (TUAN, 2013). E é nesse sentido que os participantes das entrevistas relataram que, apesar de considerarem a falta de emprego e infraestrutura inadequada, não pensam em deixar de viver em Antonina.

Em determinado momento da entrevista era perguntado se existe algum fator que interferiria no desejo de viver em Antonina. As respostas dos jovens, como anteriormente comentado, estão centradas na questão do estudo e emprego. Entre os demais entrevistados as respostas dadas mostraram o desejo de permanecer no município, revelando verdadeiro vínculo e afetividade para com o lugar. O residente R7 (2019) foi enfático em suas palavras: “Eu quero ficar aqui até o fim da minha vida...”. A entrevistada R8 (2019) disse que se acostumou, apesar de ter vivido muito tempo no litoral do estado de São Paulo: “Eu morei minha vida inteira em São Paulo. Quando cheguei aqui pensei que fosse o fim do mundo. Hoje eu não troco Antonina por lugar nenhum”.

A entrevistada R3 destacou, além da sensação de segurança, o baixo custo de vida, como segue.

Não. Porque, querendo ou não, independente da falta de emprego, a gente consegue se manter. Aqui ainda não sai caro viver. Independente das dificuldades, o que você passe, é um lugar que você consegue se manter. Mesmo às vezes não tendo emprego. (R3, 2019).

O residente R2 é empresário e poderia pensar em sair da cidade, pois tem familiares que emigraram para outros países. Também já lhe convidaram para se instalar em outro estado, mas ele recusou a proposta.

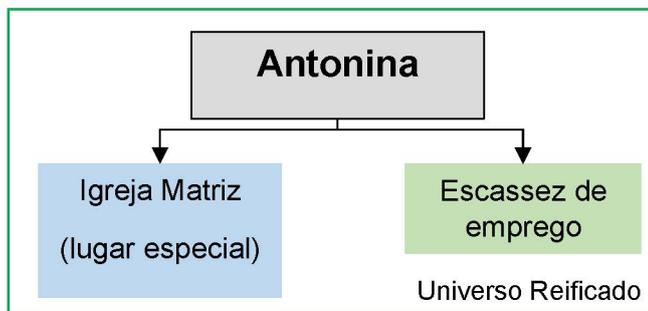
Para mim não. Olha, eu já tive convite para levar meu empreendimento para o Mato Grosso do Sul. Teve um morador de lá, ele teve aqui, estava passeando em Antonina, ele gostou do serviço, e falou: “fulano, vamos para lá? Eu tenho lugar para trabalhar”... mas eu não me vejo em outro lugar. Eu nasci aqui. Eu não me vejo em outro lugar. (R2, 2019).

As palavras do entrevistado demonstram que ele está num profundo *insideness* que, conforme Seamon e Sowers (2008), é a característica da pessoa que se sente integrada a um lugar, vive o aqui e não o ali, ameaçada, está protegida ao contrário de exposta, é onde ela mais se sente à vontade ao invés de estressada.

Ao elaborar o mapa cognitivo aplicando os procedimentos metodológicos apresentados no início deste capítulo, é possível visualizar graficamente as respostas ou expressões que foram mais recorrentes entre os participantes da pesquisa. As pessoas que estão diretamente relacionadas ao turismo afirmaram que Antonina é

bela, é tranquila, mas o que se fez presente em todas as respostas foi o fato de que Antonina não oferece nível adequado de emprego, como mostrado pela Figura 54.

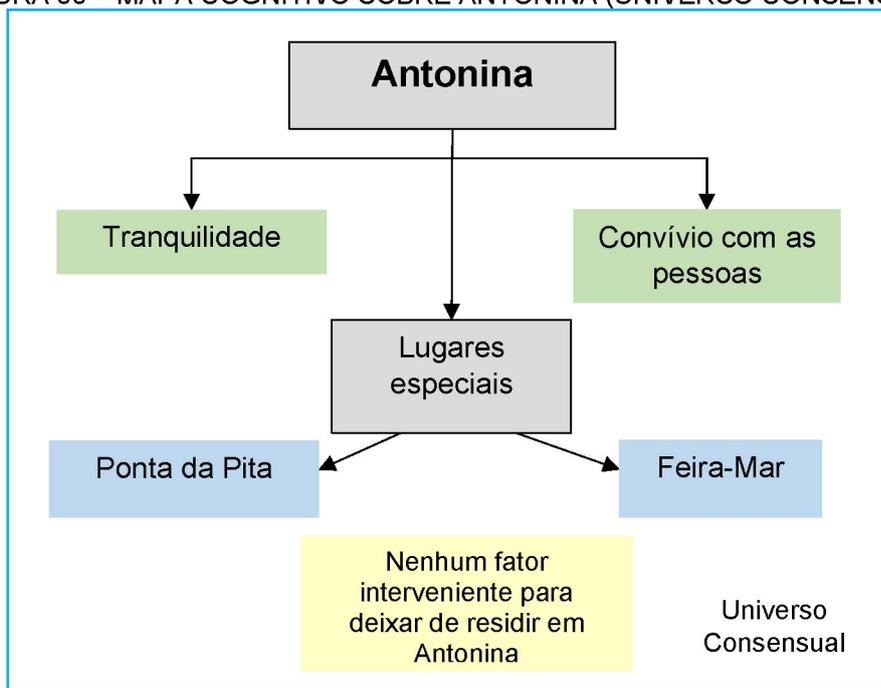
FIGURA 54 – MAPA COGNITIVO SOBRE ANTONINA (UNIVERSO REIFICADO)



FONTE: A autora (2019).

Já de acordo com o mapa cognitivo elaborado com as respostas dos residentes que não apresentam vínculo com o turismo, indicado pela Figura 55, o município oferece tranquilidade, paz, e um ambiente de amizade e confiança entre as pessoas. Os lugares que foram considerados especiais foram a Ponta da Pita e a Feira-Mar (ambos situados à orla da baía) e, apesar das dificuldades encontradas, os entrevistados não pensam em deixar de viver em Antonina.

FIGURA 55 – MAPA COGNITIVO SOBRE ANTONINA (UNIVERSO CONSENSUAL)



FONTE: A autora (2019).

Importante destacar que o mapa cognitivo elaborado com a totalidade das respostas, isto é, considerando Universo Reificado e Universo Consensual, é idêntico ao construído com os dados do Universo Consensual. Esta é a razão pela qual se considerou desnecessário apresentá-lo no texto.

Se forem consultadas outras pessoas que não residam na área estudada, possivelmente o resultado será diferente, haja vista o conceito de lugar ser imbricado de subjetividade, sofrendo variações de uma pessoa para outra (TUAN, 1975, 1980, 2013). É possível, ainda, que algumas delas demonstrem sentimentos de indiferença, de medo, ou até mesmo de execração, revelando uma reação topofóbica (TUAN, 2013).

Todavia, para a maioria das pessoas consultadas, Antonina é um bom lugar para viver, sendo verificada a topofilia, que é a afeição ao lugar (TUAN, 2013), entre aqueles que tinham mais de cinquenta anos de idade.

Desta forma, considerando a definição de lugar de Christofolletti (1985), Relph (1976), Tuan (1975; 1980; 2013; 2014) e Buttimer (2015), e a partir do relato dos residentes consultados, Antonina é lugar para seus habitantes, pois a cidade é o seu centro de significância, ela lhes fornece tranquilidade, odores, espaciosidade. Nela são supridas suas necessidades fisiológicas e afetivas. E é onde seus residentes se sentem seguros, ambientados e socioespacialmente integrados.

4.2 O PLANEJAMENTO E A GESTÃO DO TURISMO EM ANTONINA

O turismo pode acontecer desordenadamente, atendendo as vontades dos turistas, ou de empresas (locais ou não) mais proeminentes, ou pode ocorrer através de ações pautadas por documentos elaborados pelos planejadores (que, em tese, detêm o conhecimento técnico) que até podem estar vinculados à iniciativa privada, mas em sua maioria apresentam o resultado dos trabalhos a uma organização pública, que, por sua vez, pode estar sob a responsabilidade do governo local (municipal), estadual ou até mesmo federal.

No caso de Antonina, o tema turismo está contemplado no Plano Diretor do município. Além deste Plano, Antonina integrou o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS-LP) e o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Litoral do Paraná (PDS Litoral), ambos de iniciativa do Governo do Estado do Paraná para abrangência regional. Por fim, Antonina desde o ano de 2017

conta com o Plano de Desenvolvimento de Turismo, resultante da cooperação firmada entre a Organização da Sociedade Civil Brasileira (OSCIP) o Instituto A Mudança que Queremos (IAMUQUE) e a Prefeitura Municipal. Nos próximos parágrafos, serão abordadas as principais características e ações de cada um dos planos mencionados.

Um dos principais planos de caráter obrigatório para a maioria dos municípios brasileiros é o Plano Diretor, que pode ser definido como um conjunto de princípios e regras que orientam a ação dos agentes, sejam eles públicos ou privados, que constroem e utilizam o espaço urbano (BRASIL, 2002). No município de Antonina o Plano Diretor foi sancionado sob a forma de lei (Lei Municipal nº 20/2008) em 08 de agosto de 2008, pelo então prefeito Kleber Oliveira Fonseca (ANTONINA, 2008).

Logo na sua introdução (capítulo I, seção I), o texto informa que o plano integra as ações de planejamento e gestão do desenvolvimento territorial, as quais podem ser elaboradas e executadas tanto pelo poder público quanto pela sociedade em geral (ANTONINA, 2008). Como é de costume nos planos diretores, o que se nota é que as suas ações executivas são centradas na ocupação e uso de terrenos e edificações tanto no perímetro urbano quanto na zona rural. Assim, o alcance dos objetivos se daria considerando a preocupação com a gestão de ordenamento territorial de uma forma geral.

Além das questões mais relacionadas ao planejamento (concentrando-se nas questões econômico-orçamentárias), tributário, jurídico e político, o Plano menciona a atividade turística no município em três artigos, a saber: artigo 35, artigo 36 e artigo 38 (ANTONINA, 2008).

O artigo 35 aborda os princípios e diretrizes básicas da política de Economia. No inciso VI há uma demonstração de que pode haver isenções tributárias, desde que não prejudiquem a arrecadação do município, para criar cenários favoráveis à implantação das atividades turísticas. No inciso VIII o município assume a responsabilidade de se estruturar para o turismo por meio do uso do potencial local, do fornecimento de infraestrutura física e de capacitação da população para atender turistas (ANTONINA, 2008).

Esse aspecto de infraestrutura está vinculado a um dos elementos que integram os Sistemas de Turismo (BENI, 2003; BOULLÓN, 2002), sendo considerados fundamentais ao desenvolvimento do turismo. Outros artigos do Plano Diretor também destacam a necessidade do preparo para a atividade.

O artigo 36 trata de vários itens relacionados à infraestrutura, como a construção de uma nova rodoviária fora da área delimitada como setor histórico, ou ainda a necessidade de prover o tratamento do esgoto (ANTONINA, 2008). Dos itens constantes no artigo se faz o destaque a esses dois, pois estão diretamente vinculados ao turismo. Construir um novo terminal rodoviário com uma localização fora do setor histórico protegerá as edificações antigas — objeto de tombamento e atrativo turístico — já que desviará o fluxo de veículos pesados, evitando a trepidação e eventuais prejuízos aos imóveis tombados.

O segundo item destacado é o reconhecimento da necessidade de tratamento de esgoto que atualmente tem impactado negativamente na balneabilidade da baía — e conseqüentemente da Prainha e da Ponta da Pita que seriam dois pontos de livre acesso a banhistas — e de rios, como é o caso do Rio do Nunes que, apesar de contar com uma estrutura para banhistas, quase sempre aparece como “local impróprio para banho” no Relatório de Balneabilidade emitido pelo Instituto Ambiental do Paraná quando da temporada de verão.

Quanto ao turismo, é feita referência ainda no artigo 36 no inciso XIV sobre a implementação de “sinalização viária e turística em todo o território do município e marcos de acesso” (ANTONINA, 2008). Durante o período de coleta de dados verificou-se que as placas de sinalização viárias foram instaladas recentemente (Figura 56), porém as turísticas encontram-se em mau estado de conservação.

FIGURA 56 – SINALIZAÇÃO VIÁRIA EM ANTONINA



FONTE: A autora (2018).

Há que se ressaltar que em algumas ocasiões de realização de eventos, a Secretaria de Cultura e Turismo providencia faixas para orientar ou saudar os visitantes, conforme mostra a Figura 57.

FIGURA 57 – EXEMPLO DE UTILIZAÇÃO DE FAIXAS NA SINALIZAÇÃO VERTICAL



FONTE: A autora (2018).

Ainda de acordo com o Plano Diretor, está prevista a possibilidade de empresas relacionadas às atividades turísticas que tenham firmado parceria com a Prefeitura adquirirem ou ocuparem imóveis localizados no Setor Histórico de Antonina (ANTONINA, 2008). Um exemplo desta parceria existiu até meados de 2017, quando uma empresa local atuava nas instalações do Trapiche Municipal, onde oferecia balas de banana, conservas, doces, peças de artesanato, além de servir, ainda que extraoficialmente, como posto de informações turísticas contando com a receptividade e hospitalidade de seus funcionários. Porém, não se teve conhecimento durante o período de coleta de dados de que houvesse ainda alguma parceria que resultasse em concessão do uso de edificações no centro histórico.

Há a menção, na citada Lei, de que serão criados e adotados procedimentos do Termo de Conduta Ambiental e Turística de Antonina com vistas a promover o desenvolvimento de um Turismo sustentado e que preserve o Meio Ambiente (ANTONINA, 2008). Esse Termo de Conduta é citado também no PDITS (2009, p. 128), mas não há detalhamentos, apenas um indicativo de que o município em algum momento vai criá-lo. Durante a pesquisa de campo, realizada dez anos após sanção da lei do Plano Diretor, não foi encontrado o referido termo, o que dificulta o monitoramento do cumprimento de tal item.

Já o artigo 38 aborda a divisão do Perímetro Urbano da Sede do Município de Antonina, a saber: SH - Setor Histórico; SP - Setor Portuário; ZM - Zona de Marinas; ZEIS - Zona Especial de Interesse Social; ZI - Zona Industrial; ZRM 1 - Zona Residencial e Mista 1; ZRM 2 - Zona Residencial e Mista 2; ZRM 3 - Zona Residencial e Mista 3; ZT - Zona de Transição; ZUT 1 - Zona de Uso Turístico 1 e ZUT 2 - Zona de Uso Turístico 2 (ANTONINA, 2008).

Ao longo do texto da Lei, é feito o detalhamento de como essas zonas estão delimitadas e as atividades nelas permitidas. Quando se trata de turismo, a atividade está autorizada no perímetro rural (Localidade Rural do Bairro Alto (LRBA), Localidade Rural do Cachoeira (LRC), Localidade Rural do Nunes (LRN)), mas especialmente nas zonas de uso turístico 1 e uso turístico 2. Na primeira delas, que se estende por uma área contígua à baía, o turismo é viabilizado pela facilidade de acesso às águas. É interessante que no artigo que trata da ZUT1 há um parágrafo que ressalta a “fragilidade ambiental” e que por isso “a principal vocação desta Zona é o uso voltado ao turismo, lazer e recreação, através da implantação de edificações de baixa densidade construtiva, a fim de não obstruir a visibilidade e o acesso a baía”. Porém, todo o zelo pela preservação da paisagem é desfeito por uma alteração na Lei no ano de 2012 que descartou esse parágrafo, substituindo por um trecho em que são permitidas atividades industriais e, conseqüentemente, previstas as construções de “depósito, armazéns gerais, entrepostos, cooperativas, e silos, ainda que de grande porte, mediante análise e anuência da Prefeitura Municipal e com a fiscalização e controle dos órgãos ambientais competentes”.

Esse mesmo teor de industrialização do parágrafo anterior é incorporado ao artigo de que trata a ZUT2, que originalmente era destinada a habitação, meios de hospedagem, comércio e serviços que apoiam a ZUT 1. Desta forma, com a alteração de 2012, os legisladores entenderam que é permitido o uso concomitante de logística portuária, lazer e turismo para as zonas mencionadas. Todavia, entende-se que tais usos, na realidade, são conflitantes.

O segmento de turismo náutico é mencionado quando se trata do objetivo da delimitação da zona de marinas, que compreende áreas lindeiras à baía, se estendendo desde o Clube Náutico, passando por um antigo *camping* e uma área residencial subutilizada, até chegar ao Porto Barão de Teffé. De certa forma, a zona de marinas coincide com a ZUT1, mas por ambas buscarem a preservação ambiental

e o desenvolvimento do turismo pode-se dizer que o zoneamento, não havendo o uso para atividades industriais ou logísticas, é harmônico.

Assim, o que se constatou ao analisar o Plano Diretor é que o turismo é considerado uma atividade econômica de interesse da população e da gestão. Todavia, há trechos que privilegiaram o uso industrial e de instalações logísticas — em virtude da facilitação das atividades portuárias —, demonstrando que ainda há uma falta de diretrizes consistentes e convergentes no que se refere ao uso e ocupação do solo, bem como em relação aos esforços que serão feitos pela gestão e sociedade.

No âmbito regional pode ser citado o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável, ou PDITS. O Plano foi elaborado por meio de uma parceria entre o Ministério de Turismo e o Estado do Paraná, envolvendo um corpo técnico multidisciplinar para diagnóstico e prognóstico do litoral do Paraná e a atividade turística nela existente (PDITS, 2009). A elaboração do Plano se deu seguindo a proposta de planejamento participativo, em que foram consultados empresários, secretários municipais de Turismo e/ou funcionários da pasta, e outros representantes da sociedade (PDITS, 2009). Segundo o documento, o Plano servia para fundamentar e nortear a captação de recursos internacionais, pelo Governo do Estado, os quais seriam aplicados no território paranaense (PDITS, 2009).

Sua base estratégica foi estabelecida a partir de cinco componentes. O primeiro deles refere-se à estratégia do produto turístico, em que se busca desenvolver produtos turísticos diversificados, competitivos, valorizando os atributos locais, expandindo a demanda turística e maximizando o potencial (PDITS, 2009). O segundo componente é sobre a comercialização dos produtos turísticos, através de planos e ações de *marketing* efetivos (PDITS, 2009). O terceiro é o fortalecimento institucional, o que é possível, conforme o PDITS, pela implementação de processos de gestão eficientes e qualificação dos servidores envolvidos. O quarto componente ressalta a importância de implementação de infraestrutura básica que promove, dentre outros benefícios, a melhoria da qualidade de vida da população residente. O quinto e último componente é sobre a gestão ambiental e, nesse sentido, o que se busca é a melhor gestão dos ativos ambientais, monitorando e controlando o fluxo de visitantes.

A partir desses eixos, foram traçadas as ações a serem desenvolvidas, os prazos, agentes responsáveis e até mesmo o dimensionamento dos custos requeridos

para cada ação. Pode-se afirmar que esse plano é um documento completo porque envolveu uma equipe multidisciplinar, apresenta nível de detalhamento para as partes que estariam encarregadas da execução, além de contemplar os aspectos do planejamento regional e estar acessível a todos, já que está disponibilizado na *internet*.

Ainda de acordo com o texto do PDITS, uma versão preliminar do rol de ações do Plano foi apreciada por meio de oficinas realizadas com a comissão de análise (ou seja, aqueles que têm olhar técnico) e com os representantes do poder público, da sociedade civil e empresários que atuam no Litoral do Paraná. Posteriormente às análises dos grupos mencionados, foi elaborada a versão final do Plano, buscando alcançar a aprovação de múltiplos olhares sobre o mesmo objeto.

Para Antonina o PDITS previa algumas ações. Umas específicas para o município, outras envolvendo os demais municípios da região, como segue:

QUADRO 6 – AÇÕES PREVISTAS PARA ANTONINA

Eixo estruturante	Ação	Municípios
Componente Fortalecimento Institucional	1: Qualificação de Servidores e Membros da Governança	Todos
	Fortalecimento das Estruturas de Governança Municipal e Regional	Todos
	Fórum Regional do Turismo	Todos
	Sistema de Informações Turísticas (SIT)	Todos
	Plano de Fortalecimento da Gestão do Turismo	Todos
	Sistema de Gestão e Monitoramento do Turismo Regional	Todos
Componente Desenvolvimento de produtos turísticos	2: Linha Turística das Baías	Antonina, Guaraqueçaba e Paranaguá
	Linha Turística Serra do Mar	Antonina e Morretes
	Museu da História do Litoral - MHIL	Antonina
	Museu de Rua "Nossa História, Nossa Cultura"	Antonina, Morretes e Paranaguá
	Museu da Praça Feira Mar	Antonina
	Vitrine do Litoral: Antonina	Antonina

(continua)

QUADRO 6 – AÇÕES PREVISTAS PARA ANTONINA

(conclusão)

	Plano de Sinalização Turística	Todos
	Sinalização dos roteiros turísticos	Todos
	Conhecer Boas Práticas do Turismo	Todos
	Qualificação e Capacitação Profissional dos Serviços Turísticos	Todos
Componente 3: Promoção e apoio à comercialização	Guia dos Ecossistemas Litorâneos	Todos
	Plano de Identidade e Comunicação Turística	Todos
	Informativo do Litoral	Todos
Componente 4: Gestão socioambiental	Plano de Manejo da APA Estadual de Guaraqueçaba	Antonina e Guaraqueçaba
	Selo de Implantar a adoção de Boas Práticas Ambientais	Todos
	Levantamento Cartográfico Ecológico	Todos
	Trilhas do Litoral	Todos
Componente 5: Infraestrutura e serviços básicos (não deve ser superior a 60%)	Reativação da Linha Férrea Antonina/Morretes	Antonina e Morretes
	Sinalização da PR-408	Antonina e Morretes
	Requalificação da PR-408	Antonina e Morretes
	Pavimentação da PR-405	Antonina e Guaraqueçaba
	Disposição de Resíduos Sólidos Domésticos no Continente	Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Morretes e Paranaguá
	Coleta e Tratamento do Esgoto Sanitário	Antonina, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná

FONTE: A autora, com dados do PDITS (2009).

Assim, o que se infere é que no PDITS foram consideradas as correções de vários aspectos de infraestrutura (BENI, 2003; BOULLÓN, 2002), sendo o documento elaborado por uma equipe técnica do poder público (ALVES, 1999; CRUZ, 2002), contando com a participação de alguns *stakeholders* (ARAÚJO, 2006).

Apesar de ser um plano extenso e com ações bem delineadas, alguns dos objetivos não foram alcançados, carecendo das etapas de execução, monitoramento e correção. Possivelmente a falta de recursos humanos e financeiros atrasou (ou impossibilitou) a concretização das ações.

Alguns dos problemas mencionados no PDITS fazem parte do mais atual plano regional. O plano mais recente para a região litorânea é o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Litoral do Paraná, ou PDS Litoral, o qual foi elaborado pelo consórcio de organizações espanholas e brasileiras, quais sejam: Barcelona Brasil *Group* Consultoria Empresarial Ltda., Mcrit, S. L., Quanta Consultoria Ltda., Hidria, *Ciencia, Ambiente y Desarrollo* S. L., com financiamento do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), a pedido do Governo do Paraná como parte integrante do Projeto Multissetorial de Desenvolvimento do Paraná que, em tese, inicia uma nova forma de governar.

Embora o plano tenha sido concluído por empresas privadas, a demanda foi emanada do poder público, convergindo com a proposta de Cruz (2002) que afirma que o Estado é responsável pelo planejamento de um setor.

O PDS Litoral foi, segundo o prefácio do documento, um trabalho em conjunto do “Governo do Estado do Paraná, das Prefeituras Municipais, da Equipe Técnica Intersecretarial (ETI), da Equipe de Acompanhamento (EA) e da Consultoria, com o envolvimento da comunidade em geral” (PDS PTF 1, 2018, p. 5).

O objetivo principal é estabelecer ações estratégicas para o desenvolvimento, considerando as características de cada município, protegendo o patrimônio natural, histórico e cultural, e outorgando aos atores locais “o protagonismo” nos processos de elaboração e implementação do Plano (PDS PTF 1, 2018).

Na Figura 58 estão indicadas as cinco etapas que foram previstas pela equipe de elaboração, que resultarão em cinco relatórios chamados de produtos (Figura 58). Como se pode notar, foram realizadas quatro das cinco fases necessárias para o planejamento estratégico (FERNANDES, 2012); não foi realizada a fase de avaliação e controle.

FIGURA 58 – ETAPAS E PRODUTOS DO PDS LITORAL

ETAPA	SUB ETAPA	PRODUTO
01	PLANO DE TRABALHO	
	Reunião Técnica 01	P01 Plano de Trabalho Inicial (PTI)
	Oficinas de Engajamento	P02 Relatório de Atividades (RA 01)
	Audiência Pública de Engajamento	P03 Plano de Trabalho Final (PTF)
02	CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO	
	Reunião Técnica 02	P04 Relatório de Contextualização Inicial (RCI)
	Oficinas de Contextualização	P05 Relatório de Atividades (RA 02)
	Audiência Pública de Contextualização	P06 Relatório de Contextualização Final (RCF)
03	CONSTRUÇÃO DE CENÁRIOS E VISÃO DE FUTURO	
	Reunião Técnica 03	P07 Relatório de Construção de Cenários Inicial (RCCI)
	Oficinas de Construção de Cenários e Visão de Futuro	P08 Relatório de Atividades (RA 03)
	Audiência Pública de Constr. de Cenários e Visão de Futuro	P09 Relatório de Construção de Cenários Final (RCCF)
04	ESTRATÉGIAS DE AÇÃO	
	Reunião Técnica 04	P10 Relatório do Plano de Ação Inicial (RPAI)
	Oficinas do Plano de Ação	P11 Relatório de Atividades (RA 04)
	Audiência Pública do Plano de Ação	P12 Relatório do Plano de Ação Final (RPAF)
05	CONFERÊNCIA REGIONAL	
	Conferência Regional	P13 Documento Final

FONTE: PDS PTF 1 (2018, p. 14).

ETAPA 1: PLANO DE TRABALHO, que consistiu na realização de levantamentos e organização das informações, estudos, pesquisas, planos e projetos existentes sobre a região e na elaboração do Plano de Comunicação, contando com a participação de diferentes atores locais e dos membros da agência de consultoria contratada.

ETAPA 2: CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO, que esteve dividida em 3 fases: a elaboração do relatório inicial (análise de dados secundários e primários, somada à análise SWOT), realização de oficinas de contextualização com a população local e a compilação do relatório inicial com o resultado das oficinas. Foram abrangidas as áreas: (i) o meio socioterritorial e cultural; (ii) o meio ambiental e físico; (iii) as infraestruturas; (iv) o meio socioeconômico; e (v) o meio institucional.

No Relatório de Contextualização Inicial, consta que o turismo é uma atividade subaproveitada e que demanda infraestrutura para que ocorra da melhor maneira possível. Além do mais, infraestrutura é algo que é precário até mesmo para os residentes, pois, conforme relatado, faltam energia elétrica, serviços telefônicos e internet nas ilhas e comunidades rurais, e de um modo geral, faltam o abastecimento de água, o tratamento de esgoto, estradas e vias de acesso interno (comunidades

rurais e pesqueiras e para o município de Guaraqueçaba), e o transporte público — inclusive o hidrovião — é deficitário (PDS RCCI, 2018).

ETAPA 3: CONSTRUÇÃO DE CENÁRIOS E VISÃO DE FUTURO, que foi uma etapa que se utilizou do Planejamento por cenários, possibilitando aos gestores a visão de longo prazo, associando a realidade a uma situação desejada no futuro. No caso do PDS Litoral, o horizonte temporal total definido é o ano 2035 (longo prazo), subdividido em horizonte de médio prazo (10 anos) e curto prazo (5 anos), considerando o diagnóstico técnico, os anseios e objetivos relatados nas oficinas e demais ações de planejamento participativo.

ETAPA 4: ESTRATÉGIAS DE AÇÃO, consistiu na identificação de objetivos e metas para o desenvolvimento sustentável, dos financiamentos necessários, no estabelecimento de instrumentos de monitoramento e avaliação, de maneira que sejam atendidos o zoneamento e a hierarquia de prioridades estabelecidas na etapa anterior. No Termo de Referência utilizado para a licitação o zoneamento é composto por: Zonas funcionais; Zonas ambientais ou ecológicas; Áreas vulneráveis às mudanças climáticas; Zonas históricas, culturais e arqueológicas; Zonas de importância para a melhora da conectividade e sustentabilidade da rede de transporte; Zonas destinadas ao investimento em infraestruturas-chave; Zonas marginais; Zonas municipais; Zonas de conservação e aumento da conectividade; outras zonas.

ETAPA 5: CONFERÊNCIA REGIONAL, que tratou da entrega dos trabalhos, com a realização de solenidade com representantes de cada uma das categorias de agentes que se fazem presentes em seus respectivos municípios.

Verificou-se que para elaboração do PDS Litoral foi prevista a participação popular em todas as etapas por meio de: oficinas participativas, escuta ativa, entrevistas e audiências públicas. Essas atividades podem ser classificadas como participação interativa, na qual, segundo Pretty (1995³², *apud* ARAÚJO, 2006), as análises dos problemas e soluções são realizadas em conjunto com grupos da população local.

³² PRETTY, J. The many interpretations of participation. *In Focus*, v. 16, p. 4-5, 1995.

As oficinas participativas foram encontros conduzidos pelos integrantes do consórcio que trabalham os temas segundo a metodologia definida para a etapa junto às equipes de acompanhamento. Para cada município foi criada uma equipe de acompanhamento. As equipes foram compostas por pessoas ligadas às organizações públicas (servidores municipais, servidores de órgãos ambientais, vereadores), por empreendedores, por representantes de associações e movimentos, representantes da academia e por cidadãos escolhidos pela comunidade em audiência pública.

Na escuta ativa, alguns integrantes do consórcio buscaram compreender as comunidades tradicionais do litoral. Já as entrevistas serviram para levantar informações específicas que interessam aos elaboradores do Plano. Por fim, as audiências públicas, que foram realizadas ao final de cada etapa, tinham como escopo a prestação de contas para a população sobre os trabalhos realizados e os que estavam por vir. As consultas públicas, como o próprio nome já indica, consistiam em manter canais de comunicação (*sites*, redes sociais, *e-mails*) para informar, bem como para que as pessoas pudessem fazer críticas, sugestões e propostas (PDS PTF 3, 2018).

O Plano de Desenvolvimento Sustentável do Litoral foi desenvolvido durante o ano de 2018 e 2019, e permitiu a participação dos residentes, por meio das equipes de acompanhamento, como elemento complementar às deliberações e construções do grupo técnico. Também permitiu que a população em geral pudesse acompanhar o andamento dos trabalhos por meio dos relatórios publicados no *site* do Plano ou pelas audiências públicas que foram realizadas em cada um dos sete municípios do litoral do Paraná a cada finalização de etapa.

Nas oportunidades dadas à população, a opinião geral manifestada foi a de que o turismo é algo benéfico para a região. Na oficina de engajamento realizada em Antonina, os participantes relataram que o litoral é vulnerável e que por isso seria necessário pensar numa alternativa ao porto, pois há uma potencialidade para o desenvolvimento de esportes, há riqueza ambiental, mas também há baixa autoestima (principalmente entre os jovens), problema de subemprego e desemprego, problemas de saneamento e segurança pública (PDS RCCI, 2018). Nessa mesma oficina os participantes manifestaram querer projetos de educação, empreendedorismo, economia criativa e ressaltaram a importância de que a construção do plano fosse feita coletivamente (PDS RCCI, 2018).

Já na audiência pública de engajamento realizada em Antonina, os participantes relataram, dentre outros aspectos, que o turismo em Antonina é praticamente esquecido, mas que a cidade apresenta vocação para a atividade e que esta deve ser pensada em termos regionais, além de que a PR 340 deveria integrar o Plano (PDS), pois facilitaria o acesso e integração entre Morretes, Antonina e Guaraqueçaba (PDS PTFv3 1, 2018).

Nas etapas de contextualização e construção de cenários verificou-se que o turismo e os atributos histórico-culturais foram evidenciados, assim como a necessidade de melhorias de infraestrutura para que tanto a população residente quanto os visitantes possam desfrutar do município. E, novamente, emerge a questão da inexistência de infraestrutura adequada para atender demandas locais e para impulsionar o turismo (BENI, 2003; BOULLÓN, 2002).

Embora o PDS Litoral não seja um documento que aborda exclusivamente o desenvolvimento de atividades turísticas, a sua elaboração converge com a proposta de envolver não apenas corpo técnico, mas o máximo de olhares sobre o objeto, obtendo uma análise mais completa da realidade (ARAÚJO, 2006; IVARS BAIDAL, 2003; JAMAL; HERTZ, 1994).

Por fim, o último plano em que o turismo em Antonina está contemplado é o Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de Antonina, Paraná, que é o resultado de um Acordo de Cooperação, firmado em janeiro de 2017, entre a Prefeitura Municipal e o Instituto A Mudança que Queremos, o IAMUQUE. Dentre as justificativas, citou-se que o turismo é um “setor estratégico e fundamental para impulsionar a economia, e que a atividade turística apresenta um bom potencial para a geração de emprego e renda”, além de que Antonina apresenta uma vocação para o Turismo (IAMUQUE, 2017b, p. 6).

O Plano de Trabalho, conforme Acordo de Cooperação, foi desenvolvido em várias etapas que estão sendo executadas desde o ano de 2017 e serão finalizadas em dezembro de 2020 (IAMUQUE, 2017b). Essas etapas estão de acordo com as cinco fases necessárias para o planejamento estratégico, quais sejam: diagnóstico estratégico, direcionamento estratégico, formulação das estratégias, implementação das estratégias (Plano de Ação), avaliação e controle (FERNANDES, 2012).

No primeiro ano do plano, foram previstas as seguintes etapas: levantamento da oferta e conhecimento da demanda, identificação do nível de conscientização,

diagnóstico e prognóstico, elaboração do plano propriamente dito e a sua aprovação por parte dos partícipes da Prefeitura (IAMUQUE, 2017b).

Na realização do levantamento, diagnóstico e análise de potencialidades, foi utilizada a metodologia SWOT (*strength, weakness, opportunity, threat*), considerando aspectos como: conscientização para o Turismo; equipamentos e serviços; estruturação e diversificação da oferta; gestão ambiental; infraestrutura e transportes; *marketing* e comercialização; planejamento e organização; qualificação. Os objetivos estratégicos são: conscientizar a cidade para o turismo; manter a informação da oferta turística disseminada pela cidade; ampliar a exploração das opções de ecoturismo, turismo cultural e de aventura; otimizar a sintonia entre turismo e infraestrutura urbana; garantir a continuidade do planejamento turístico na cidade; profissionalizar o turismo na cidade (IAMUQUE, 2017b).

As ações propostas no Plano de Desenvolvimento do Turismo foram delineadas tendo por horizonte temporal curto, médio e longo prazo, com o uso do método 5w2h (*what, why, who, when, where, how, how much*), sendo designados a Prefeitura Municipal, o IAMUQUE e um guia de turismo para o provimento total ou parcial das ações estabelecidas. Dentre as ações listadas no Plano, merecem destaque as que estão relacionadas a estratégias de conscientização para o turismo, em que estão previstos: a inserção do tema turismo entre as crianças que estão na rede municipal de ensino; a realização de encontros de conscientização do turismo entre o poder público, sociedade organizada e empresários locais; e o fornecimento de um menu degustação aos moradores, que vem a ser a apresentação dos atrativos da cidade a alguns moradores (IAMUQUE, 2017b).

Ainda segundo o Plano de Desenvolvimento do Turismo, para os anos de 2018 a 2020 foram previstos o monitoramento e atualização do Plano, que, segundo Fernandes (2012), é a última fase do planejamento estratégico.

Apesar de estar indicado no referencial teórico desta tese que é importante existir o planejamento adequado, integrado e participativo da atividade (ARAÚJO, 2006; IVARS BAIDAL, 2003; JAMAL; HERTZ, 1994), as ações do Plano do IAMUQUE ainda transitam entre as pessoas que têm alguma relação direta com a gestão municipal (secretarias municipais) e empreendedores do turismo, os quais são, de acordo com esta pesquisa, integrantes do universo reificado. Isso foi possível de ser constatado com as entrevistas. Das respostas obtidas entre os residentes que não têm vínculo algum com o turismo, a maioria afirmou que o turismo em Antonina não é

planejado e que desconhecia a existência de um plano. Apenas duas pessoas disseram que havia planejamento e um Plano de Turismo.

Ao considerar as respostas dos integrantes do *trade* turístico, duas pessoas relataram que a gestão atual estava trabalhando para melhoria da cidade neste quesito, mas não souberam responder se havia um planejamento específico. Apenas um entrevistado afirmou ter conhecimento do Acordo de Cooperação entre o IAMUQUE e a Prefeitura para elaboração do Plano, mas ainda assim não soube avaliar se as ações já estavam sendo implementadas.

O representante das entidades envolvidas para condução dos trabalhos de planejamento — Prefeitura e IAMUQUE — explicou que percebeu a falta de adesão da comunidade nas palestras de conscientização para o turismo, possivelmente por falha de comunicação entre representantes e seus representados, por falta de autoestima da população, ou por algum outro fator que ele não conseguiu identificar. Neste ponto convém retomar a afirmação de Tosun (2005), para quem a qualidade da participação está relacionada à intensidade do envolvimento dos participantes.

Ainda segundo o entrevistado que representa as entidades de planejamento local, a projeção é inculir, entre poder público, empreendedores e população, a necessidade de planejar o turismo para que este seja desenvolvido de forma sustentável e que seus benefícios sejam amplamente aproveitados pelos residentes. Essa preocupação com a sustentabilidade converge com o proposto por Boullón (2002) e Irving *et al.* (2005) sobre a gestão e planejamento (físico) para o turismo, de maneira que não sejam esgotados prematuramente os recursos disponíveis.

Outra projeção é a intenção de que as ações de melhoria para o turismo sejam permanentes. O ideal, para o entrevistado T6 (2019), seria ter um turismólogo como servidor efetivo, mas como essa realidade não é possível, o que se está buscando, dentro do planejamento, é qualificar e treinar para o turismo os servidores efetivos (quadro fixo) da prefeitura para que essas ações iniciadas tenham continuidade garantida.

Outra frente de trabalho é a conscientização do papel de representatividade que os conselheiros têm no Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) e a possibilidade de o próprio Conselho, por meio de reuniões e parcerias, organizar o turismo na cidade.

O entrevistado T6 (2019) afirmou, ainda, que o Plano de Desenvolvimento do Turismo de Antonina está em fase de reavaliação e quer que haja a participação de

todas as organizações envolvidas para que elas se identifiquem com as demandas, ações e resultados.

Com os relatos do entrevistado que integra a equipe de planejamento, infere-se que existe a intenção de estabelecer um planejamento contínuo (BARRETTO, 1991), envolvendo maior número de atores, que poderão manifestar as suas vontades (ARAÚJO, 2006) e poderão, inclusive, evitar a interrupção das ações durante as trocas de gestão (JAMAL; GERTZ, 1994).

Para finalizar esta seção, cujo intuito foi analisar os documentos em que o desenvolvimento do turismo em Antonina é mencionado, destaca-se que poucos demonstraram ter conhecimento do que já foi produzido no que se refere ao Planejamento do Turismo para o município.

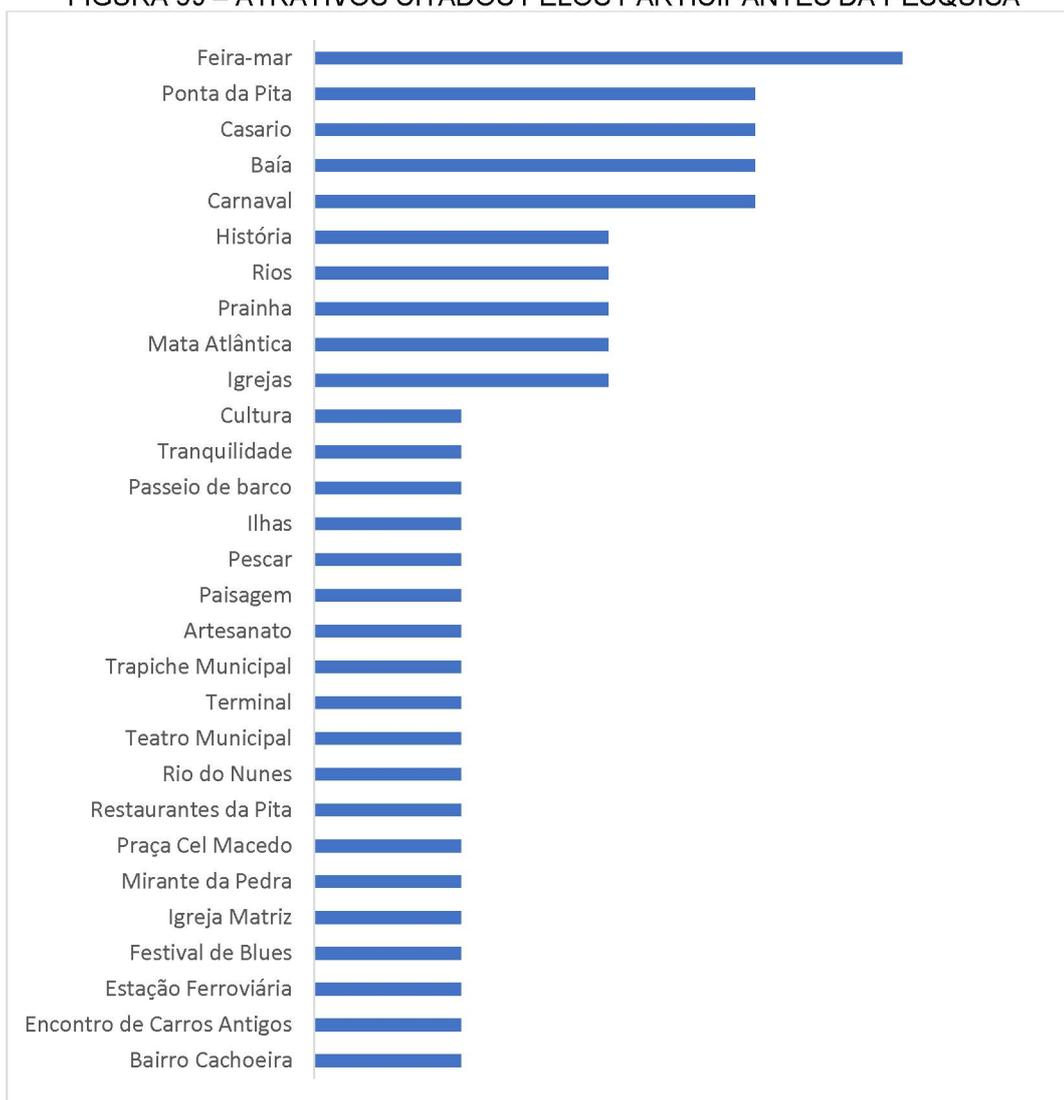
Outra constatação que se obteve é que a participação dos residentes na elaboração dos planos aconteceu — e acontece — por meio da atuação de representantes. Desta forma, infere-se que os residentes precisam escolher — em todas as ocasiões em que isto for requerido — corretamente os seus representantes para que eles possam demonstrar a insatisfação e as vontades dos representados. Os residentes também precisam buscar saber, por meio da constante e correta comunicação, as decisões tomadas por seus representantes e fazer as devidas cobranças quando necessário.

4.3 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TURISMO

Os antoninenses reconhecem que a cidade possui elementos que exercem atratividade sobre os turistas e visitantes. Para Bahl (2004b, p. 44), atrativos são “[...] todos os elementos que possam despertar a curiosidade dos turistas”. Segundo a classificação de Bahl (2004b), os atrativos podem ser naturais ou culturais, os quais, por sua vez, podem ser concretos ou abstratos.

Durante a pesquisa, os atrativos naturais e culturais concretos foram os mais citados pelos residentes, conforme sintetizado pelo gráfico a seguir (Figura 59).

FIGURA 59 – ATRATIVOS CITADOS PELOS PARTICIPANTES DA PESQUISA



FONTE: A autora (2019).

Ao entrevistar o representante da equipe responsável pela condução do planejamento das atividades turísticas, foi perguntado quais os atrativos turísticos que têm potencialidade e não são tão aproveitados pelos turistas ou que não são reconhecidos como turísticos pelos antoninenses. O entrevistado respondeu: a diversidade de aves, o *rafting*, a colônia Cacatu, a baía, a história e a cultura.

Com relação ao segmento de turismo de observação de aves, ele disse que ainda é incipiente no Brasil, mas que nos Estados Unidos da América gera cerca de 40 bilhões de dólares ao ano e

aqui na região de Antonina foram registradas mais de quinhentas espécies de aves distintas. Isso dá mais da metade da diversidade de aves observadas na Mata Atlântica. E o Brasil é o segundo país que mais diversidade tem em aves. Então o apelo que isso tem para você canalizar a exploração dessa atividade... É uma das atividades que mais cresce no mundo. Naturalmente

precisa de um preparo para que se explore isso sustentavelmente. Esse é um dos pontos. (T6, 2019).

O segundo atrativo mencionado pelo entrevistado foi o *rafting* já que Antonina, na sua visão, é um dos poucos municípios do Paraná que reúne as condições para a sua prática e o único existente na região do litoral paranaense.

O terceiro atrativo que ele mencionou foi a Colônia Cacatu. Para ele,

[...] é pouquíssimo conhecido da própria população de Antonina que é o marco da imigração japonesa. Aqui é o local em que começou a imigração japonesa no Paraná e pouca gente sabe disso que tem a Colônia Cacatu onde é o berço, é a gleba original e pouquíssima gente conhece isso. (T6, 2019).

O entrevistado apontou que o uso da baía tanto para esportes náuticos quanto para os passeios de barco também é subutilizado e poderia ser aliado ao saber-fazer caiçara: “Unindo o cultural aos passeios, tem os fazeres caiçaras, tem essas canoas que são únicas, que é o conhecimento de fazer. E por que não as utilizar nos passeios turísticos?” (T6, 2019).

Por fim, ele afirmou que atualmente as pessoas transitam pelo Centro Histórico sem ter todas as informações do que era e de como era aquele lugar. As experiências turísticas são constituídas unicamente a partir do que se vê. Todavia, essas experiências poderiam ser melhoradas se houvesse maior disponibilidade aos visitantes das informações históricas. Segundo ele, o Centro Histórico poderia receber uma sinalização apropriada para que “as casas contassem a sua própria história”.

Notou-se que esses atrativos mencionados pelo entrevistado T6 não foram identificados pelos demais entrevistados, nem mesmo por aqueles que integravam o *trade* turístico local. Mas, em geral, os residentes entendem que o turista poderá relaxar, se divertir, apreciar tanto os lugares quanto participar de festas e eventos e mesmo percebendo que há uma relação diferenciada, em que o turista descansa e o residente trabalha, eles reconhecem que o turismo é uma atividade muito importante.

“Ele é importante, né? Ainda mais para nós que lidamos com artesanato” (T4, 2019). Essa resposta é esperada daqueles que trabalham diretamente com as atividades turísticas. Contudo, até aqueles que não atuam no turismo responderam ser ele importante para o município.

Eu acho que é uma coisa muito boa. Argumentos assim, até para mim que trabalho aqui, o turista vem de fora e compra. Acha alguma coisa que não tem lá na cidade deles, novidade e leva. Até para quem trabalha com artesanato... o povo de fora valoriza mais. Sempre. Quem depende disto... os restaurantes, a maioria depende dos turistas... eu acho que é uma coisa boa. (R4, 2019).

O entrevistado T6 entende que o turismo é uma atividade que, devido ao potencial apresentado pelo município, será inevitavelmente desenvolvida e que a situação ideal é que os antoninenses consigam se empoderar dessas riquezas e usufruir dos benefícios.

Eu vejo uma cidade com um imenso potencial tanto natural quanto cultural, que está há décadas com uma visão desfocada da possibilidade de exploração da atividade turística. Talvez pelo viés saudosista e esperançoso de que um porto venha dar emprego para todo mundo num mundo onde a economia mostra que o emprego de carteira assinada, por assim dizer, ele está com os dias contados e não se vê como dona ou não dá valor a esse potencial existente. Talvez por ter nascido e crescido não vê isso como desejável para que se venha visitar. Então esse imenso potencial precisa, e eu arrisco dizer que ele vai ser explorado, pelos empresários antoninenses, ou não. Mas essa exploração turística ela vem, porque o potencial é muito grande, o apelo é bastante grande. A cidade foi recentemente, em 2012, tombada pelo patrimônio histórico nacional. Existe agora um movimento de valorização de um grande destino turístico da Grande Reserva da Mata Atlântica onde Antonina é o coração. Isso é um apelo internacional! Então eu vejo Antonina dessa maneira.

Ela tem um potencial de desenvolvimento turístico tão grande ou maior que a atividade portuária em números com o lado positivo que o turismo é uma das atividades que mais capilariza dinheiro e mais faz o efeito multiplicador, o dinheiro que ingressa com o turismo roda pela comunidade. (T6, 2019).

Para T6, o fluxo da renda oriunda do turismo é maior do que o da advinda das atividades portuárias. Assim, aos participantes das entrevistas foi perguntado sobre os efeitos do turismo no município, se haveria mais benefícios ou prejuízos à população em decorrência do fluxo de turistas na cidade. As respostas obtidas foram praticamente unânimes em favorecimento da atividade turística. De acordo com o entrevistado R1, o turismo “traria mais benefícios como fonte de renda, pode ser até motor da cidade. Não vejo um ponto negativo do turismo não.” (R1, 2019).

Renda. Esse foi um dos efeitos desejáveis do turismo. Segundo Lage e Milone (2001) e Lickorish (2000), o aumento do número de visitantes leva ao aumento da demanda de produtos e serviços que, por sua vez, aumentam a produção local, gerando renda e emprego. Alguns dos entrevistados afirmaram que: “Entraria mais dinheiro pra cidade” (T1, 2019). “O turista vai gastar e o dinheiro vai ficar no município”

(R8, 2019). Um dos participantes das entrevistas tentou exemplificar como a ação do turista interfere na economia local. Para ele,

O turista é aquela pessoa que vai se hospedar no hotel, vai ficar pelo menos dois dias no hotel, vai consumir no restaurante, vai tomar sorvete, vai consumir na farmácia... “ah, eu esqueci o meu calção de banho!” Ele vai lá na loja e compra o calção de banho dele. Esse é o turista de fato! (T2, 2019).

O aumento da demanda eleva a capacidade produtiva que, por sua vez, promove a geração de emprego. Para Lage e Milone (2001) e Lickorish (2000), o turismo pode gerar empregos. Lickorish (2000) afirma que quando os níveis de emprego e renda de uma localidade estão equilibrados, os seus habitantes não precisam migrar para regiões mais prósperas. Segundo o residente R6,

Para mim [o turismo] traria muitos efeitos benéficos. Iria entrar mais verbas para o município. O município poderia organizar mais a cidade, deixar a cidade mais limpa, mais bonita, poderia aumentar também o comércio, em termos de restaurantes, poderia aumentar também a questão de... mais hotéis e isso iria gerar mais empregos. E acho que seria bem mais agradável para o antoninense. O antoninense não ia precisar sair daqui para trabalhar em Paranaguá ou em Curitiba. (R6, 2019).

Este mesmo residente afirmou que com o turismo haveria um aumento da quantidade de atrações e opções de lazer. Para ele, a cidade ganha mais movimento, as pessoas ficam mais motivadas a sair de casa, a interagir umas com as outras quando há festivais, shows, apresentações musicais e demais programas culturais. Nesse sentido, Lickorish (2000) e Cooper *et al.* (2001) são autores que afirmam que o turismo pode proporcionar o intercâmbio entre as pessoas (entre os próprios visitados, bem como entre visitantes e visitados), entre ideias e culturas diferentes.

Barretto (2001) assevera que o turismo favorece a valorização do patrimônio, já que os visitantes se interessam por elementos históricos e culturais existentes no local visitado e, ao ver o interesse de outras pessoas por esses bens, os moradores passam a conhecer melhor aquilo que está contido no seu espaço de vida, seja material, seja intangível. De acordo com a entrevistada R3, ela passou a valorizar os bens de Antonina ao ver os visitantes comentando sobre as construções. Se não houvesse esse contato ela não perceberia os bens, ela “não prestaria [atenção]. Porque vira rotina. Vira rotina. É comum. Você passa todo dia pelo mesmo lugar. Já não é mais novidade” (R3, 2019).

Foram poucos entrevistados que responderam afirmativamente para os efeitos negativos do turismo. Um deles ponderou que todas as atividades apresentam aspectos positivos e negativos. As pessoas que citaram efeito negativo do turismo, coincidentemente, apontaram a possibilidade de existir o turismo sexual no município.

O residente R4 (2019) mencionou como desagradável o

turismo depreciativo, porque é um turismo que não traz dinheiro para o município, por exemplo: carnaval é turismo, o pessoal vem para pular o carnaval. O que foi observado esse ano [é que] os bares, lanchonetes, restaurante e pousada — que seriam os beneficiados do carnaval — não obtiveram lucro por conta que os turistas trouxeram de fora a bebida e os lanches, gerando despesa para o município e comércios [...].

Durante a entrevista ele foi relatando que os empreendedores do ramo de alimentos e bebidas estavam com o estoque cheio para servir aos turistas, mas muitos vieram apenas para a programação noturna do evento, trazendo consigo o que iam consumir.

Outro fato que ele citou foi que as tendas e barracas utilizadas nas festas realizadas no município deveriam ser ocupadas por pessoas que residem em Antonina, “pois vem alguém de fora, paga as taxas necessárias para utilizar a barraca, obtendo o lucro que poderia ficar no município” (R4, 2019).

A partir dos entrevistados, não se constatou a existência de comportamentos de rejeição e antipatia aos turistas. Durante as entrevistas buscou-se indagar se haveria problemas em receber muitas pessoas na cidade, mas não se obteve resposta que conferisse comportamento de apatia, de irritação ou de antagonismo aos visitantes, que são os comportamentos previstos pelo Modelo Irridex (BABU; MUNJAL, 2015). O que se verificou foi uma euforia, que é a reação típica do início do desenvolvimento turístico, na qual os moradores esperam a chegada de turistas e investidores (BABU; MUNJAL, 2015).

Segundo a residente que integra o *trade* turístico, o fluxo de turistas é algo desejado, sendo necessário “[...] mudar alguma coisa, não sei o quê, mas mudar [para] que viesse o turista. Entende? Não só pelo fato de ajudar os restaurantes, mas para outras coisas também... para visitar nossa cidade que é tão linda” (T2, 2019), pois “[...] nós temos muito a oferecer” (R8, 2019).

Em alguns momentos da entrevista indagou-se aos participantes se haveria algum problema em compartilhar os espaços especiais — que são aqueles que os

entrevistados disseram haver uma afetividade ou apreço maior — e as festas com pessoas que não são de Antonina. O que se constatou é que não há quaisquer restrições por parte dos participantes da pesquisa.

Todavia, em observação obtida na participação em uma reunião sobre a reativação do ramal férreo entre Antonina e Morretes com o Passeio de Maria Fumaça, realizada no dia 17 de julho de 2019, nas dependências do Hotel Camboa, sob a condução do Sr. Márcio Assad, um residente demonstrou preocupação com a possibilidade de empreendedores não-antoninenses se estabelecerem na cidade para a exploração de atividades relacionadas à movimentação gerada a partir do novo atrativo. Apesar de ser um posicionamento isolado, a atitude aqui relatada está prevista na terceira fase do Modelo *Irridex*, que é a da “irritação”, em que os residentes se incomodam com a redução das oportunidades em decorrência da chegada de *outsiders* que visam obter lucros através do turismo (BABU; MUNJAL, 2015).

Com relação ao planejamento, para alguns está sendo muito bem realizado e executado. Atualmente a Estação Ferroviária, o Casarão Macedo, o Teatro Municipal e a Igreja de Bom Jesus do Saivá — que são bens tombados — estão passando por obras de restauração. Houve pessoas que atribuíram tais reformas ao prefeito, colocando-o como responsável por planejar e executar essas obras como ação voltada ao desenvolvimento do turismo. Conforme a entrevistada R8, “o prefeito está fazendo muita coisa para trazer o turista para cá. As reformas dos casarões, das propriedades antigas, restauração... está fazendo por onde. Não desmerecendo uma pessoa, está fazendo por onde. Dentro das possibilidades, né?” (R8, 2019).

Entende-se que é essencial o apoio e iniciativa do Poder Executivo em várias situações. Porém, algumas das reformas estavam previstas na lista de projetos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) das Cidades Históricas, e outra é resultante de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) celebrado entre a Brennand Energia e o IPHAN.

A melhor organização de alguns eventos e o aumento do número de participantes fizeram com que alguns entrevistados afirmassem que o turismo está sendo bem planejado. De acordo com T1, o turismo “é bem planejado. É bem planejado. Muito planejado.” (T1, 2019). Pela fala do residente R2, “está sendo feito bastante coisa pelo turismo em Antonina, sabe? Está sendo feito bastante coisa, né? A gente vê a Maria Fumaça, o Casarão, esses eventos que estão acontecendo na cidade... tudo isso aí direcionado ao turismo e ao turista” (R2, 2019).

Apenas três pessoas — duas pertencentes ao *trade* turístico local e outra não pertencente — afirmaram ter conhecimento de que existe um plano de desenvolvimento das atividades turísticas no município, mas eles não souberam dar maiores detalhes se o plano está sendo implementado ou em qual fase o planejamento se encontra. O entrevistado T2 comentou o seguinte: “eu me afastei. Eu não sei o que está acontecendo. Eu sei que tem um rapaz que está fazendo um trabalho, até onde sei bastante interessante, só que é só papel. De fato, mesmo, não sei de nada” (T2, 2019).

Para outras pessoas, o planejamento ainda não foi implementado, ou é inadequado, insuficiente, sendo necessária a atuação de uma “pessoa de fora”. Na opinião do residente R1, apenas uma pessoa proveniente de outra cidade ou estado teria condições de estruturar o espaço, a paisagem e os atrativos para que o turismo seja desenvolvido com o máximo de sua potencialidade. Para ele,

Essa parte da paisagística teria que vir de fora. Eu reparei, por exemplo, lá em Porto Alegre contrataram Jaime Lerner, que já foi nosso governador aqui, recentemente pra trabalhar a (pausa) estou esquecendo aqui o nome do local ali, mas ele visualizou, estruturou e fez lá uma obra bonita, um trabalho margeando o Rio Guaíba e **tinha que trazer alguém aqui com esse tipo de visão, de fora**, que conseguisse visualizar pra transformar isso aqui num... trazer esse atrativo, né? Somando com o trem que vem agora, a gente precisaria de mais uns dois pontos, três pontos turísticos que o resto viria. Eu acho que não é a estrutura gastronômica. A gastronômica viria de arrasto com esses dois, três pontos que poderiam ser colocados, pensados na paisagística da cidade que nós aqui não estamos enxergando, mas muito provavelmente alguém consiga enxergar. Como exemplo, assim, Dubai, a gente olhando, fazendo uma comparação, não era nada e conseguiu fazer aquilo, uma arquitetônica fantástica. A gente não precisaria, talvez, muito mais que isso, mas **precisaria de alguém de visão, “de fora”**, muito provavelmente. (R1, 2019, grifo nosso).

Em outro trecho da entrevista, o participante novamente menciona a necessidade de alguém externo à cidade para que possa desenvolver o planejamento do turismo. Quando lhe foi perguntado se o turismo no município é planejado, ele respondeu que

Não. Ele é tentado de forma amadora, né? Há um esforço das pessoas dentro do que elas conseguem enxergar. Se esforça, mas às vezes a **gente não tem essa pessoa que viveu em outros lugares ou essa pessoa que tem um condão** de chegar e dizer: “ó! Vamos estruturar assim. Vamos fazer essa coisa macro.” Eu não sei o que seria mais custoso: se fazer isso ou se, por exemplo, limpar a baía e transformar a Pita, realmente, numa prainha artificial como a gente vê lá no oeste do Paraná. Eles pegaram aquelas prainhas e fizeram daquilo um lugar de veraneio. (R1, 2019, grifo nosso).

Nesse momento cabe trazer os conceitos de *outsider*, cunhado por Buttimer (2015) e *outsideness*, elaborado por Relph (1976). Para este residente, o planejador mais indicado seria uma pessoa que tenha a experiência de visitar vários lugares, alguém que apresente habilidades e conhecimento técnico. Na sua opinião, os habitantes locais (*insiders*) não demonstraram preencher tais requisitos, sendo necessária a visão de alguém que vive fora (*outsider*).

No que se refere ao *outsideness*, o entrevistado está residindo em Antonina há pouco tempo — três anos — se comparado aos demais participantes. Assim, o seu envolvimento com o lugar é, ligeiramente, menor que os demais, justificando a sua afirmação de que o lugar precisa ser alterado conforme os parâmetros de outras cidades.

Os entrevistados apontaram que um dos grandes problemas da cidade é a falta de infraestrutura, ou infraestrutura de baixa qualidade. Um exemplo que se faz o destaque é o saneamento básico — limpeza urbana, abastecimento de água, coleta e tratamento do esgoto.

A observação participante permitiu a vivência do espaço enquanto residente. Também forneceu informações sobre o preparo (ou a sua falta) para a recepção de turistas. Neste ponto cabe destacar a interrupção constante do abastecimento de água potável. A empresa responsável afirma que esta operação é imprescindível para que seja acumulada a quantidade de água necessária para atingir pressão suficiente de maneira que todas as residências sejam alcançadas e atendidas. Por essa razão, durante o período compreendido entre dezembro e março, o serviço de água potável era interrompido por algumas horas do dia (geralmente durante a tarde e durante a madrugada), inclusive nos dias de final de ano, como mostra a Figura 60.

FIGURA 60 – POSTAGEM DE ANTONINA SAMAE SOBRE A PROGRAMAÇÃO DE MANOBRAS NO FINAL DE ANO

 **Antonina Samae**
28 de dezembro de 2018 · 🌐

Em virtude das festividades de virada do ano, como já ocorreu no Natal, a SAMAE providenciou uma alteração de horário do fechamento noturno dos registros afim de que não haja falta d'água entre os dias 31/12/18 e 1/01/19.

Após muitos anos sem investimento no sistema de abastecimento este será o último verão em que a SAMAE necessitará realizar a interrupção noturna do fornecimento de água.

Esta interrupção há muito tem sido a solução para encher os reservatórios com volume capa... [Ver mais](#)

MANOBRA FINAL DO ANO		
DATA	ABERTURA	FECHAMENTO
SEX 28/12/2018	06:00 hrs	21:00 hrs
SAB 29/12/2018	06:00 hrs	21:00 hrs
DOM 30/12/2018	08:00 hrs	21:00 hrs
SEG 31/12/2018	08:00 hrs	00:00 hrs
TER 01/01/2019	08:00 hrs	21:00 hrs
QUA 02/01/2019	05:00 hrs	horário normal

👍👎😬 80 93 comentários 79 compartilhamentos

FONTE: Perfil Antonina SAMAE no Facebook (2019).

Foi possível à pesquisadora verificar que a publicação gerou muitos comentários e desagradou a muitos, já que nesse período entre o Natal e os primeiros dias do ano se notou grande fluxo de pessoas e carros, possivelmente formado por turistas e por familiares dos residentes. Destes comentários, destacou-se o seguinte:

FIGURA 61 – COMENTÁRIO DE 29/12/2018 SOBRE POSTAGEM DE ANTONINA SAMAE DE 28/12/2018

Antonina Samae é uma piada sem graça, sempre a mesma coisa, fechamento na noite da virada kkkkkkkkkkkk vira a chave, pois essa desculpa não cola mais, e sempre avisa em cima do laço, receber a família se torna cada vez mais impossível em nossa cidade, e que venha o carnaval, a desculpa será a mesma, não tem gestão e planejamento entrega o boné e pede pra sair.

estava crente que pelo menos na noite da virada não faltaria água, mas pelo jeito, gostam da virada, mas de fechar e cobrar alto, por um serviço de má qualidade.

👍 3

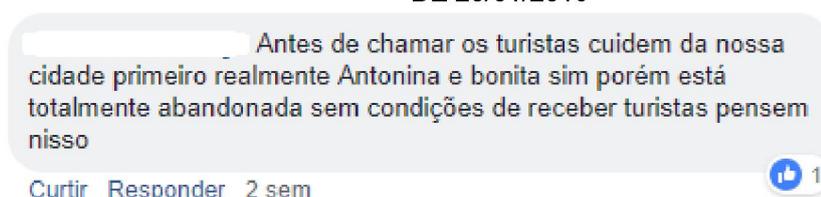
FONTE: Perfil Antonina SAMAE no Facebook (2019).

De acordo com a opinião deste residente, a cidade não apresenta as condições necessárias para receber visitantes, já que nem mesmo a demanda interna é atendida. A disponibilidade de água tratada faz parte do que Boullón (2002, p. 58) denomina “capital social fixo”, haja vista que a água faz parte dos itens de “necessidades estruturais para que a população de um país em seu conjunto consiga realizar suas tarefas cotidianas”.

Os empresários, principalmente os do ramo de alimentos e bebidas, reclamavam que não podiam atender os clientes por não ter água nem na caixa d'água. Já alguns moradores reclamavam que a água estava disponível no período que eles não estavam em casa, pois muitos saem de suas casas no início da manhã e retornam à noite porque trabalham em Paranaguá. Essa situação de falta de abastecimento remete à componente infraestrutura urbana do Sistema do Turismo, a qual, segundo Beni (2003, p. 126), “reúne as condições básicas de habitabilidade e apoio aos equipamentos e serviços turísticos”.

Nesse sentido, verifica-se que a infraestrutura geral — conforme terminologia utilizada por Beni (2003) — encontra-se deficitária para atender a população bem como os estabelecimentos turísticos locais, podendo interferir negativamente na experiência turística. Tal fato é reconhecido por algumas pessoas, como consta no comentário retratado pela Figura 62.

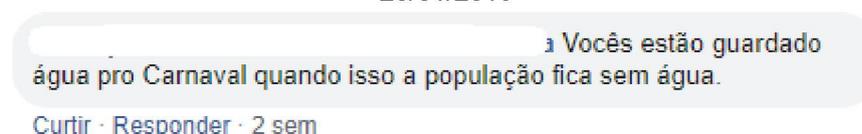
FIGURA 62 – COMENTÁRIO DE 28/01/2019 SOBRE POSTAGEM DE PREFEITURA ANTONINA PR DE 28/01/2019



FONTE: Página Prefeitura Antonina PR no Facebook (2019).

Como anteriormente citado, os participantes da pesquisa não relataram uma reação negativa para com os turistas ou o turismo. Porém, em algumas postagens do Antonina Samae foi possível identificar comportamento de desaprovação do carnaval, dentre as quais optou-se por apresentar a que segue:

FIGURA 63 – COMENTÁRIO DE 24/01/2019 SOBRE POSTAGEM DE ANTONINA SAMAE DE 23/01/2019



FONTE: Perfil Antonina SAMAE no Facebook (2019).

Esse comentário remonta ao modelo de Faulkner e Tideswell (1997) sobre os fatores que interferem na reação dos residentes. Na proposta dos autores, a reação negativa aumenta quando há uma alta taxa de fluxo de pessoas e quando há

características de sazonalidade. É o que se verificou em Antonina com o Carnaval, pois é a semana em que se registra a maior quantidade de turistas e o maior período de permanência deles, sendo, portanto, considerado o maior evento turístico. Também é possível citar a fase de “irritação” do Modelo *Irridex* de Doxey, na qual os residentes se preocupam com a falta de bens devido ao aumento de turistas.

Para alguns entrevistados, a inexistência de um sistema de saneamento compromete a balneabilidade da baía, impedindo o seu pleno aproveitamento para atividades de lazer e esportes náuticos. Este é um desejo apresentado pelo residente T2: “[Quero] que façam, de fato, e que executem um projeto de saneamento na cidade, porque sem saneamento você não vai fazer turismo. Você não vai poder explorar essa baía que é maravilhosa. Você não vai conseguir sem saneamento.” (T2, 2019).

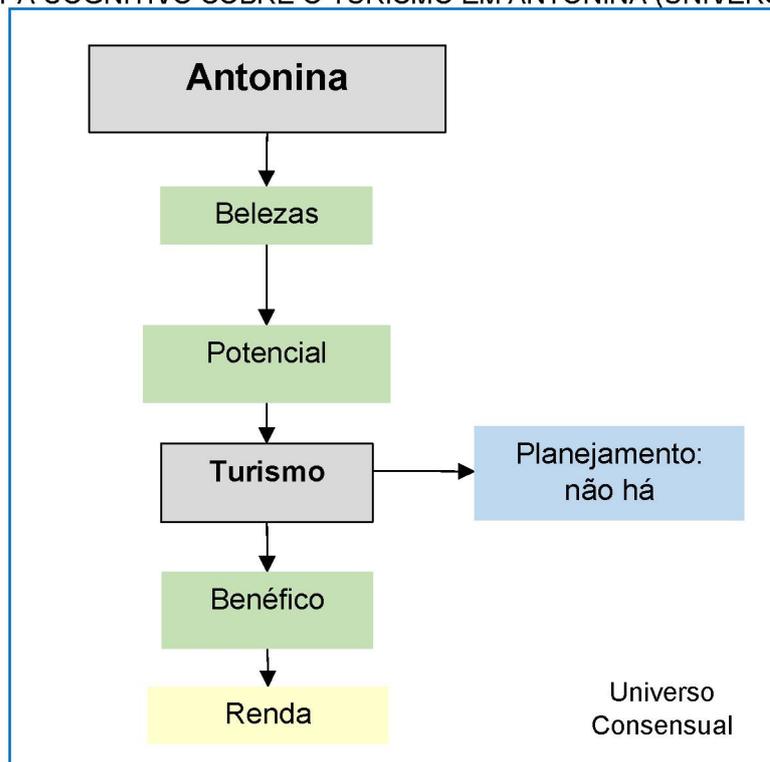
Assim, analisando as palavras dos participantes, a entonação das falas, as pausas para reflexão em alguns momentos, constatou-se que o turismo é uma atividade importante para a cidade tanto para aqueles que estão envolvidos com a atividade turística quanto para aqueles que não trabalham diretamente com o turismo.

Neste tópico pretendeu-se apresentar os dados obtidos com as entrevistas, fazendo uma análise comparativa entre os discursos das pessoas que trabalham com o turismo e dos entrevistados que não apresentam relação direta com a atividade turística.

Antes da coleta de dados, a concepção prévia era que as pessoas que têm proximidade com o turismo, como os planejadores turísticos e empresários da área, afirmariam que a atividade é de suma importância para o município, estando este em vias de adequação para atender a demanda turística. Enquanto aqueles que não têm o turismo como algo próximo responderiam que o turismo é uma atividade econômica que traz maior quantidade de emprego para o município, reduzindo o fluxo migratório de jovens e que, apesar da cidade possuir vários atrativos naturais e históricos, há muito o que ser melhorado para atrair mais visitantes.

Conforme a metodologia proposta, foram elaborados os mapas cognitivos com as palavras ou expressões mais utilizadas pelos participantes das entrevistas, sintetizando o que foi relatado no tópico sobre o turismo no município. A Figura 64 é referente às respostas obtidas no grupo formado por pessoas que não têm relação com a atividade turística, que representam o Universo Consensual.

FIGURA 64 – MAPA COGNITIVO SOBRE O TURISMO EM ANTONINA (UNIVERSO CONSENSUAL)

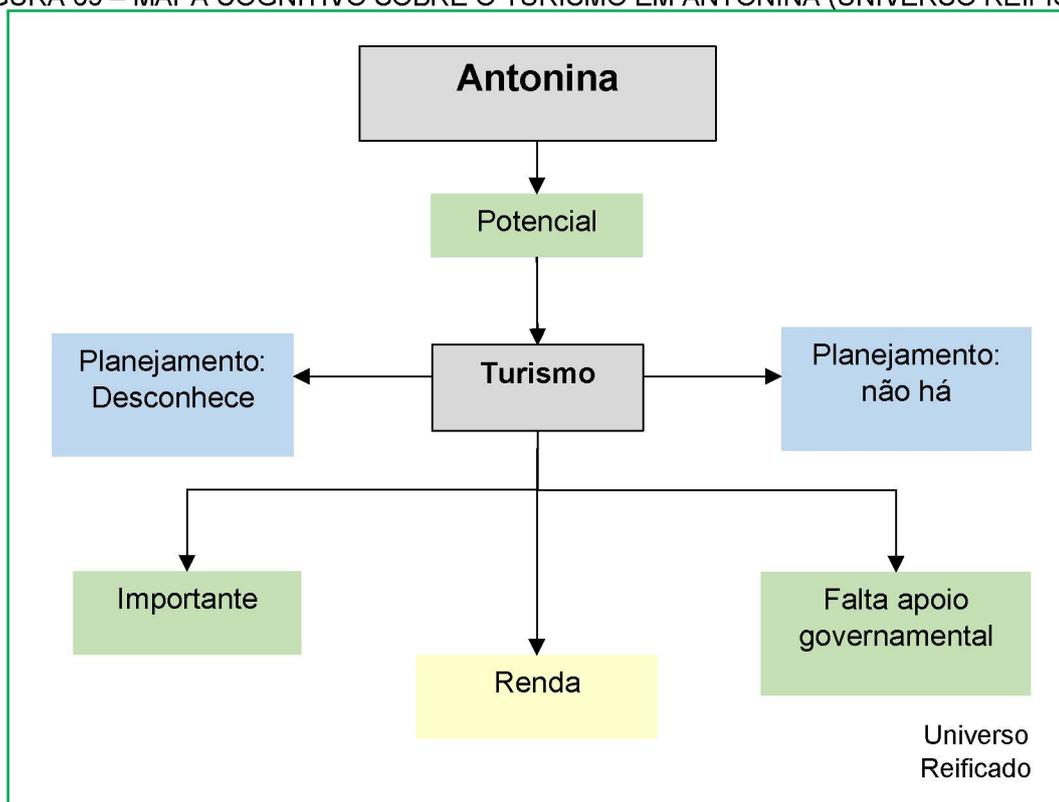


FONTE: A autora (2019).

As premissas iniciais foram parcialmente confirmadas. Na fala dos residentes que não têm proximidade com a atividade turística o turismo não é a atividade econômica que oferece ou pode ofertar a maior quantidade de empregos. Para eles, o turismo apresenta um grande potencial de desenvolvimento a partir das belezas (naturais, paisagísticas) do município, pode trazer benefícios como a geração de renda e integra, juntamente com o porto, comércio, indústria e empresas de serviços, o rol das atividades que geram — ou poderiam gerar — empregos na cidade.

Outra premissa não confirmada foi a de que para o *trade* turístico local as ações que estão sendo executadas já estão corrigindo eventuais falhas no atendimento aos turistas. Dentre os entrevistados há alguns que afirmam que há morosidade do poder público para agir em prol das atividades turísticas. A Figura 65 foi elaborada a partir das entrevistas junto àqueles que têm vínculo com o turismo, formando, assim, o Universo Reificado.

FIGURA 65 – MAPA COGNITIVO SOBRE O TURISMO EM ANTONINA (UNIVERSO REIFICADO)

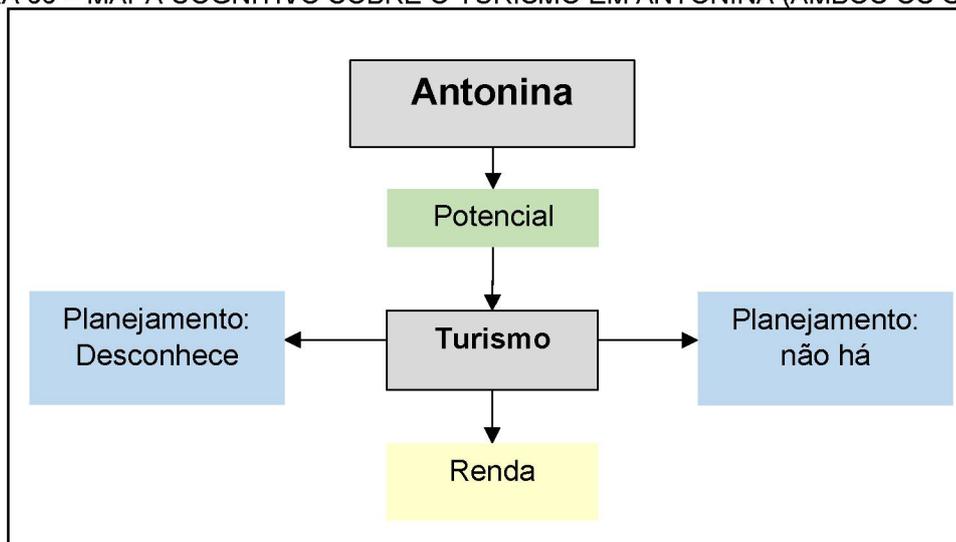


FONTE: A autora (2019).

Ambos os grupos convergem no que se refere à necessidade de maior atuação e investimento do poder público para a adequação da cidade, principalmente na manutenção dos equipamentos turísticos e melhorias na infraestrutura geral, tanto para o residente quanto para o turista. Mas as convergências mais frequentes e, portanto, evidenciadas nos mapas cognitivos, são aquelas relacionadas ao desconhecimento do planejamento das atividades turísticas e ao reconhecimento do potencial encontrado no município para o desenvolvimento do turismo o qual pode promover a geração de renda e melhoria da economia local.

Ao unir a seleção de palavras e expressões dos dois grupos, foi elaborado um terceiro mapa cognitivo, que expõe, sinteticamente, a opinião dos entrevistados, conforme Figura 66.

FIGURA 66 – MAPA COGNITIVO SOBRE O TURISMO EM ANTONINA (AMBOS OS GRUPOS)



FONTE: A autora (2019).

Ao analisar os mapas cognitivos, e a esta análise somar os relatos dos sujeitos de pesquisa, suas reflexões e interjeições, é possível elucidar o discurso coletivo dos residentes em Antonina sobre o turismo no município e suas interfaces com o lugar, como segue:

A nossa cidade é um lugar com uma potencialidade muito grande para o desenvolvimento do turismo. Atualmente acreditamos que não há um planejamento específico, e se ele existe não temos conhecimento sobre. As atividades turísticas possuem um papel fundamental para a geração de renda no município e ingresso de divisas — informalmente dizemos que o turismo faz girar o dinheiro no comércio local.

O turismo é muito importante para os empreendedores que atuam diretamente neste setor. Porém, se faz necessário o apoio do Poder Público, notadamente o executivo municipal, para promover a divulgação, mas essencialmente na realização de obras de infraestrutura (geral e específica) para que tenhamos melhores condições de vida e para que a cidade esteja preparada para receber os turistas e os visitantes, alcançando a sua satisfação ao conhecer Antonina.

Aqueles que não trabalham com o turismo o visualizam como uma atividade que, depois das atividades portuárias, pode contribuir para a geração de empregos formais, cuja escassez tem sido um dos maiores motivos para a saída de jovens rumo a outras cidades, como, por exemplo, Curitiba.

Os atrativos turísticos coincidem com os lugares que consideramos especiais, mas não nos importamos em compartilhá-los com pessoas que não convivem conosco.

Apesar de eventuais efeitos negativos do turismo, entendemos que eles são passíveis de serem eliminados ou reduzidos e que os benefícios são maiores. Por isso, somos favoráveis ao desenvolvimento turístico do nosso município.

Assim, entende-se que o desenvolvimento da atividade turística tem grande aceitação pelos residentes, não apenas pelos efeitos econômicos, mas pelas melhorias de infraestrutura, além do incremento da oferta cultural e de lazer, bem como pela valorização do patrimônio cultural que, por conseguinte, gera o aumento da autoestima.

4.4 DA REALIDADE AO CENÁRIO IDEAL: O QUE SE ESPERA PARA ANTONINA

Ao longo do tempo construiu-se um conjunto de evidências que confirmam a proposta do possibilismo que, por sua vez, busca mostrar que os seres humanos podem interferir no espaço em que vivem. Pelo viés da Geografia Cultural compreende-se que os atores sociais constroem esse espaço de vida (GOMES, 1996).

Nesse sentido, as interações do homem com o espaço são decorrentes de uma combinação de todo tipo de experiências vividas pelas pessoas (FRÉMONT, 1980). Isso significa afirmar que suas ações são aprendidas ao longo da vida, não sendo resultado apenas de reações instintivas, ou inatas (FRÉMONT, 1980).

Também ficam inerentes os aspectos da corrente humanista que, de certa forma, se fundamentam nas experiências vividas no espaço, havendo a diferenciação do espaço em lugar, o qual é dotado de valor e significação.

Os entrevistados demonstraram afetividade para com a área estudada, o que possibilita afirmar que Antonina, para eles, é mais que espaço: Antonina é lugar. Eles indicaram ainda que os principais problemas encontrados são o baixo nível de renda e a pouca oferta de emprego formal. Considerando a frequência das respostas dos participantes das entrevistas, essa é a realidade vivida espacialmente pelos residentes no município.

Sobre a realidade encontrada, pode-se citar Tuan (2014, p. 11) quando questiona: “se estamos descontentes com o presente, que direção tomarmos?” O autor entende que as pessoas contam com a faculdade de realizar projeções tanto para suas próprias vidas quanto para o espaço em que estão inseridas.

Assim, embora não se tenha inserido no roteiro de entrevista uma pergunta específica sobre as alternativas para aumentar as oportunidades de emprego e renda, algumas possibilidades foram citadas pelos participantes.

Em observação participante no evento “Parabéns, Antonina!”, realizado em 05 de novembro de 2018, um residente comentou que deveriam ser criados incentivos e ações de fomento, por parte da Prefeitura, para a instalação de empresas de tecnologia da informação e comunicação.

Para dois entrevistados a indústria, ou empresas de modo genérico, seria uma atividade com bastante capacidade de geração de emprego. A entrevistada R5 sugeriu, inclusive, a instalação de indústria no Bairro Alto, localizado na zona rural. Porém, o município possui uma extensa área protegida ambientalmente, o que acaba limitando o seu uso para desenvolvimento industrial.

Antonina não tem como desenvolver [indústria] pela limitação das leis ambientais. Não tem como desmatar. Então ela só tem uma saída, talvez eu veja assim... Ou o porto teria um novo ciclo — parece que foi no passado — ou o turismo com a visão que a gente não tem aqui. (R1, 2019).

Em se tratando de geração de emprego, as atividades portuárias ainda estão no imaginário dos antoninenses. Muitos foram os relatos de que o porto era e é o principal empregador e que, se ele for reestruturado, continuará a ser responsável pela economia local. “Querendo ou não, aqui o lugar que dá mais emprego é o porto” (R3, 2019). “O Porto que também ajuda bastante... do Matarazzo, do Félix. Não envolve só eu. Envolve várias pessoas” (T1, 2019).

Na opinião do residente R2 (2019), apesar das críticas de alguns com relação ao possível aumento da exploração sexual devido à tripulação das embarcações, as atividades portuárias são economicamente importantíssimas.

Eu vejo muita gente aqui em Antonina criticar o porto. “Ah, porque o porto traz turismo... muito...” como posso dizer... coisa relacionada a sexo, né? Aí os marinheiros vêm e... só que assim, o porto movimenta a economia de Antonina (muito, muito, muito!). Gera esse lado da exploração sexual, mas se for bem administrado... 60% ou 70% da economia de Antonina é direcionada ao porto. (R2, 2019).

Segundo a Agência de Notícias do Estado do Paraná, “a importação de fertilizantes pelo terminal Ponta do Félix cresceu de 62.221 toneladas, no primeiro bimestre de 2018, para 174.384 toneladas em 2019” (PARANÁ, 2019). Os números publicados mostram que houve um crescimento absoluto da movimentação de cargas. Porém, mais de um entrevistado mencionou que o Porto precisa melhorar, ser

reestruturado, ou, ainda, relatou que algum familiar notou a redução do volume de trabalho.

Os investimentos para as atividades portuárias no município têm sido divulgados. De acordo com a publicação na Folha do Litoral (2019), o Terminal Ponta do Félix vai investir R\$150 milhões para modernização e ampliação de suas instalações. Dentre as obras previstas estão a construção de conjunto de silos verticais, para grãos, farelo e cereais, aumento da extensão do cais de atracação, construção de armazém de fertilizantes, que possibilitarão a capacidade de movimentação de carga de quatro milhões de toneladas por ano, gerando mais quinhentos empregos diretos e indiretos (FOLHA DO LITORAL, 2019).

Além dos investimentos privados, o Governo do Estado do Paraná, por meio da empresa pública Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (APPA), afirmou investir na infraestrutura aquaviária utilizada pelo porto antoninense. Em abril de 2019 foi iniciada a dragagem do canal de acesso ao Terminal Portuário da Ponta do Félix, com a qual seriam retirados areia e sedimentos do fundo do mar, aumentando a profundidade de 7,5 metros para 9,30 metros (PARANÁ, 2019). A diferença entre a profundidade natural e a exigida para a navegabilidade das embarcações é de praticamente 25%, revelando a necessidade de uma grande alteração para que a cidade seja tecnicamente viável.

Não é intenção nesta tese aprofundar as discussões sobre a relação custo-benefício das atividades portuárias, passando pelos custos financeiros e impactos socioambientais delas decorrentes. Acredita-se que este é um objeto de pesquisa que pode ser abordado sob várias perspectivas. A intenção aqui é indicar que, segundo os residentes, o município tinha e ainda tem forte ligação com o porto.

A construção civil e a manutenção de edificações também foram relacionadas como atividades que geram oportunidades. Especificamente, as obras de restauração do Teatro Municipal, do Armazém Macedo, da Estação Ferroviária e da Igreja Bom Jesus do Saivá foram citadas como fontes de emprego formal. Para a entrevistada R3 (2019), a situação melhorou com as obras, como segue:

[...] que nem agora... estão reformando ali o Teatro, deu emprego — querendo ou não deu emprego para algumas pessoas que estavam desempregadas. A reforma da Estação... deu emprego. Então... algumas reformas, algumas construções, com certeza, um tipo de empreendimento que... dentro daquele lugar pudesse vir bastante pessoas para trabalhar.

A entrevistada R8 viu no restauro dos prédios históricos não apenas uma fonte de emprego formal ou a melhoria de um atrativo turístico, mas a importância deles como bens patrimoniais culturais. Segundo ela, a partir dessas edificações, “está[-se] revivendo a História do município, né? Para quem não conhece a História da cidade está fazendo com que as pessoas tenham mais conhecimento de saber o que foi aquele local, o que tinha para oferecer para o município na época” (R8, 2019).

O reconhecimento de que Antonina possui um patrimônio cultural, seja ele natural, material ou imaterial, permitiu que os antoninenses consultados afirmassem que o Turismo é uma atividade que pode contribuir para a melhora da realidade econômica da cidade. Segundo o jovem R9 (2019), Antonina “é uma cidade histórica: qualquer lugar que você vai por aqui é turístico”.

E “Antonina tem potencial turístico muito grande. Ela teria que ser melhor aproveitada. Porque as belezas de Antonina são gigantes, né?” (R2, 2019). Nesse mesmo sentido está a fala do jovem R9 (2019), para quem “deveria ser mais explorado, na verdade. Tem potencial. Antonina é linda”.

Enquanto atividade econômica para o município, nas palavras de R4 (2019),

O turismo é o principal, esse tinha que ser o foco da administração pública, não desmerecendo o porto e outras atividades econômicas, mas com um olhar secundário diante do turismo. O futuro de Antonina é o turismo, porque ela foi brindada pela natureza exuberante que nós temos, que é o diferencial que está ao nosso lado, mas com um olhar de pessoas que entendam da área e projetar o que nós queremos para 30 anos, e não com um olhar acéfalo [...].

Para o entrevistado T6, que representa a equipe de planejamento do turismo em Antonina, o potencial do município é grande, inclusive no que se refere a geração de emprego e renda. Ele comentou que durante as ações de elaboração do Plano de desenvolvimento do Turismo em Antonina, verificou-se que na contabilidade do município a conta “turismo” movimentada apenas 25% do total da sua capacidade produtiva, caracterizando uma ociosidade de 75%. Quando considerado o total do valor que é possível gerar com o desenvolvimento do turismo, constatou-se que ele é equivalente ao movimentado pela conta “porto”. O entrevistado afirmou que, embora não tenham sido feitos os cálculos exatos, as estimativas permitiram aos desenvolvedores do Plano sustentar essa afirmação.

Complementa as falas anteriores a opinião do residente R6, que destaca a necessidade de reconhecimento pelo poder público da potencialidade turística de

Antonina, como afirma: “Eu acho que existe [a possibilidade do turismo na cidade]. Só que não existe boa vontade das autoridades” (R6, 2019).

Para o residente T2, que é empresário do *trade* turístico, o setor público, por seus governantes, precisa fomentar o turismo.

A gente quer que a coisa aconteça, mas a gente não tem o apoio necessário do Poder Executivo. E a gente acaba desmotivando. A gente teve várias atividades aqui na cidade para tentar dar uma alavancada no turismo, porque Antonina tem um potencial muito grande para o turismo, mas do potencial até a coisa se tornar realidade tem uma distância muito grande. (T2, 2019).

O empresário (T2) menciona em outros momentos que sente a falta de investimentos que contribuiriam para o desenvolvimento do turismo através da melhoria dos espaços públicos (praças, trapiches, prainhas), da infraestrutura (pavimentação, sinalização viária), do saneamento (abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto), dos serviços públicos (limpeza das calçadas e coleta de lixo).

Esses itens citados pelo entrevistado estão relacionados à infraestrutura urbana, que é a que dá condições de habitabilidade e apoio ao turismo, e à infraestrutura geral, que atinge diretamente a qualidade de vida de todos os que habitam ou circulam no município (BENI, 2003).

Em outro momento o residente T2 cita as dificuldades em serem executados os consertos das instalações do Trapiche que melhorariam os passeios pela baía. Esse tipo de manutenção pode ser classificado como ligado à infraestrutura específica, pois atenderia os serviços destinados ao turismo. A responsabilidade em prover esses itens, de acordo com o entrevistado, é do Poder Público. Porém, considerando a baixa eficiência dos governos em atender até mesmo os requisitos básicos da infraestrutura geral, é possível firmar parcerias do tipo público-privada para suprir as lacunas existentes na infraestrutura específica (BENI, 2003; ACERENZA, 2003).

A entrevistada T5 foi muito enfática em atribuir a responsabilidade do lugar a todas as pessoas, instituições, organizações que ali vivem. Para ela, “as pessoas têm que amar a cidade em que vivem, amar e ajudar a cidade a crescer” (T5, 2019). É necessário somar forças, dispender tempo e esforço, para que o lugar se torne agradável para residentes e visitantes.

Tem que ter esse engajamento e tem que ter eventos. E ter que ser assim: cada um cuidar um pouquinho. É nossa terra, nossa cidade! Porque as pessoas não saem de onde estão sair de Curitiba, de São Paulo, de onde ela vem para ver sujeira, para “ver barulhada” ... não! Elas querem ver esse silêncio, essa cidade limpinha, iluminada... (T5, 2019).

Em consonância com a opinião da entrevistada, de que a expectativa dos turistas não será atendida caso encontrem espaços que não estão preparados para recebê-los, está a afirmação de Petrocchi (2009, p. 46):

De uma maneira ideal, o turismo requer do destino espaços urbanos bonitos e bem cuidados, pessoas hospitaleiras e capacitadas a prestar bons serviços, meio natural protegido, serviços públicos adequados e uma eficiente estrutura de comercialização de seus produtos turísticos.

A melhoria do espaço urbano foi mencionada por alguns entrevistados como necessária para qualidade de vida dos antoninenses e, por conseguinte, dos turistas e visitantes. O residente R1 citou que as melhorias paisagísticas poderiam servir como atrativo turístico.

Essa parte da paisagística teria que vir de fora. Eu reparei, por exemplo, lá em Porto Alegre contrataram Jaime Lerner, [...] ele visualizou, estruturou e fez lá, recente isto, uma obra bonita, um trabalho margeando o Rio Guaíba e tinha que trazer alguém aqui com esse tipo de visão, de fora, que conseguisse visualizar para transformar isso aqui num... trazer esse [tipo de] atrativo, né? Somando com o trem que vem agora, a gente precisaria de mais uns dois pontos, três pontos turísticos que o resto viria. Eu acho que não é a estrutura gastronômica. A gastronômica viria de arrasto com esses dois, três pontos que poderiam ser colocados, pensados na paisagística da cidade que nós aqui não estamos enxergando, mas muito provavelmente alguém consiga enxergar. Como exemplo, assim, Dubai, a gente olhando, fazendo uma comparação, não era nada e conseguiu fazer aquilo, uma arquitetura fantástica. (R1, 2019).

Ao verificar a foto da margem do Guaíba revitalizada (Figura 67), percebe-se uma mudança do espaço para que fossem criadas paisagens conforme os padrões arquitetônicos contemporâneos (uma pista para veículos automotores, ciclofaixa, calçadas para pedestres, iluminação voltada para as águas) utilizados em muitas cidades turísticas. A repetição dessa combinação de elementos na paisagem reforça uma cultura de massa, em que o lugar precisa dos mesmos itens para estar bonito, adequado e adaptado para o turista. Ao visar o atendimento do não residente, incorre-se na criação de lugares “dirigidos aos outros” — *other-directed places* (RELPH, 1976).

FIGURA 67 – MARGEM DO GUAÍBA.



FONTE: Foto de Omar Freitas para Gaúcha ZH (2018).

Alterar o espaço, seja urbano, seja rural, é mais fácil do que modificar o lugar. Espaço é acessível a muitos, mas lugar é lar. Por isso é necessário ter cautela ao realizar interferências no lugar para que ele não se transforme em enclave, num total desalinhamento com a realidade local. Até o momento da coleta de dados da presente pesquisa não foi verificada a existência de projetos de criação de empreendimentos e paisagens ou de restauração do que já existe que orientem os habitantes à desconexão com lugar.

O vínculo com o espaço ficou evidenciado com os dados coletados junto aos entrevistados. Eles comentaram suas vivências e apresentaram seus posicionamentos, críticas e sugestões, revelando deter conhecimento da situação atual do município. Entretanto, alguns fizeram alusão ao passado.

Ao longo da conversa com os entrevistados, foi-lhes perguntado se haveria algo, podendo ser material ou imaterial, que eles gostariam que fosse resgatado ou recuperado. Algumas pessoas disseram que não teria como obter o que se viveu no passado. Para a residente R10 (2019), “agora, agora... não seria tão bom quanto foi antes”.

Não. Cada tempo a seu tempo. Vive-se cada momento a sua história. Não dá para relacionar um período de hoje com o de ontem porque tem muitas diferenças. Então é difícil. E tudo caminha assim, a sociedade como um todo... as tecnologias. Então não dá para dizer: aquele tempo não existia celular, hoje o celular faz tudo. Cada tempo a seu tempo. Não tem como relacionar uma coisa com outra. São coisas independentes. (R4, 2019).

Entretanto, oito entrevistados responderam afirmativamente a essa questão de trazer algo do passado, e os oito disseram que seria muito importante resgatar a Festa de Nossa Senhora do Pilar, que, para os católicos, é a padroeira de Antonina. Entre os jovens a festa é citada como algo que está perdendo a expressão frente ao que já foi anteriormente. Porém, verificou-se que os adultos e idosos recorreram à memória e entregaram-se à nostalgia (TUAN, 2014).

Nós estamos perdendo as nossas tradições, sabe? Nós temos perdido tradições de grande... de muitos anos atrás estamos perdendo. E estamos... hoje nós estamos perdendo uma tradição da cidade de trezentos anos: que é a nossa Festa da Nossa Senhora do Pilar. Porque a Nossa Senhora do Pilar tem a festa religiosa e, vamos dizer assim, social, sabe? A festa social que vem lá de trezentos e poucos anos. Nós estamos perdendo e representa muito para as tradições da nossa cidade. Então a gente deveria tentar preservar essas celebrações. (R2, 2019).

A Festa de Agosto [...] toda vida foi uma festa boa e está morrendo. Eu me lembro que quando eu tinha dez anos de idade era um sucesso a festa. Vinha gente de todos os lugares. Tinha barraca... agora está acabada a Festa. Dá até um sentimento na gente [de] como a gente viu a Festa e [como está] agora. Então tem que mudar essa Festa como era antigamente. (T4, 2019).

O residente R7 (2019) confirmou o que a entrevistada T4 afirmou sobre o grande fluxo de visitantes na cidade. Segundo ele, o turismo era mais visível nos dias em que era realizada a Festa da Padroeira. Quando perguntado se nas décadas anteriores o turismo era mais intenso em Antonina do que em Morretes, ele respondeu:

Toda vida foi. Era a festa religiosa de Nossa Senhora do Pilar. Eu me lembro que na década de 1950-1960 chegava uma média de cem a cento e cinquenta ônibus. E era feriado nacional. Então tinha esse fluxo aqui. Fora o trem especial que vinha, outros horários que tinha. Era bem diferente de hoje. (R7, 2019).

A empresária T2, que trabalha diretamente com turistas e visitantes, revelou que o fluxo de visitantes era tão intenso que a renda advinda com a Festa da Padroeira era alta, impactando positivamente na sua receita anual.

Eu quando comecei a trabalhar aqui eu não vencia a atender turista. Eu não vencia! Eu tinha reservas e reservas. Hoje eu não tenho mais isso. Quando eu comecei, teve uma época que eu tinha conta até a cabeça para pagar e um dia da Festa eu paguei todas as minhas contas e ainda sobrou dinheiro. Era muito bom! Tinha barraquinhas... tinha de tudo, né? Hoje não tem nada. Não tem uma barraca. Ônibus, sem mentira nenhuma, essa rua do SAMAE, era só ônibus. A entrada da cidade tinha época que não tinha lugar para

encostar carro ou ônibus de tanta gente que tinha. Entende? Então, para mim a Festa seria outra coisa boa se voltasse. (T2, 2019).

Nem todos os participantes das entrevistas se sentiram aptos a responder sobre o passado ou, quando o fizeram, entenderam não ser apropriado o resgate histórico. Todavia, os entrevistados se sentiram confortáveis em conversar sobre o presente.

Com relação ao futuro de Antonina, foi solicitado, ao final da entrevista, que fossem comentados os anseios, os desejos que eles tinham para o município nos próximos anos.

Cabe mencionar que a essência das respostas obtidas foi praticamente a mesma, ratificando a afirmação de Moscovici (2011) de que o pesquisador tem a sensação de que todos os participantes da pesquisa haviam conversado entre si sobre o tema abordado.

Os entrevistados desejam que as pessoas tenham acesso à educação formal. A residente T5 (2019) revelou que gostaria que a cidade tivesse uma faculdade e que o jovem não precisasse se mudar para poder estudar, pois “os jovens estão se perdendo aqui, porque não tem o que os jovens façam. E eles não podem ir pra Curitiba porque eles não têm estrutura financeira. Muita gente quer sair para estudar, mas não é bem assim”.

A jovem R10 acredita que há uma lacuna na educação das crianças. Ela sugeriu o uso das praças para atividades de lazer e recreação voltadas às crianças e adolescentes. Ela entende que a geração atual de crianças está passando muito tempo atrás de telas de *tablets* e celulares, deixando de brincar umas com as outras. Embora as praças não sejam exemplos de não lugares, a preferência das crianças pelos recursos tecnológicos em detrimento das brincadeiras em espaços públicos se assemelha, em menores proporções, ao que Arefi (1999) denomina comportamentos solitários em substituição às obrigações contratuais coletivas baseadas em valores e crenças.

Grande parcela dos entrevistados deseja que haja mais empregos na cidade. O aposentado R7 (2019) disse que deseja “que pelo menos desse as condições de trabalho para os que nascem aqui, porque eu tive que fazer um trecho da minha vida fora daqui”. No mesmo sentido dessa afirmação estão as palavras da jovem R10, que deseja que “para as crianças que estão agora, crescendo, podia ter uma coisa a mais,

sabe? Para eles não precisarem fazer o que a gente vai fazer agora que é ter que sair daqui para poder viver, para poder se alimentar, para poder ter a tua vida” (R10, 2019).

Isso seria reversível “se finalmente o porto fosse reestruturado [...]” (R6, 2019). O porto está presente inclusive nos anseios para o lugar. A entrevistada R6 (2019) deseja “que o nosso porto trabalhe mais, que gere mais emprego”.

O turismo também foi citado não apenas como fonte de oportunidades, mas como incremento das opções de lazer para os que ali vivem. Para R6 (2019), “[...] se houvesse incentivo na área turística.... Tipo, eu venho sonhando com a linha férrea, que o trem volte a funcionar aqui. Pelo menos de Morretes até aqui. Iria ser agradável para gente e também iria chamar turista”.

O residente T2, que é empresário do *trade* do turismo, revelou que deseja que a imagem da cidade seja melhorada através das experiências positivas dos turistas e visitantes no lugar.

Que a cidade dê certo. Que as coisas de fato aconteçam. Que a gente veja as pessoas vindo para Antonina, mas com vontade de vir para Antonina. Não venham só para almoçar e ir embora. Venham e fiquem em Antonina. E que saiam daqui dizendo: “Antonina é legal! Antonina é uma cidade bonita! ” É isso que eu quero! (T2, 2019).

Houve uma declaração de um entrevistado que gostaria que nos próximos anos vários aspectos fossem contemplados. O residente R5 (2019) deseja

Que as pessoas sejam mais felizes, que se tenha mais empregos, que as pessoas não precisem pedir as coisas na rua, nem mendigar, que tenham seus empregos, que se relacionem bem, que os órgãos de governo olhem pelo povo, pela população. Essencialmente é isso. Principalmente em questões de segurança, educação e saúde. Que os governos, tanto município, Estado e União olhem pelo povo. Essencialmente é isso aí.

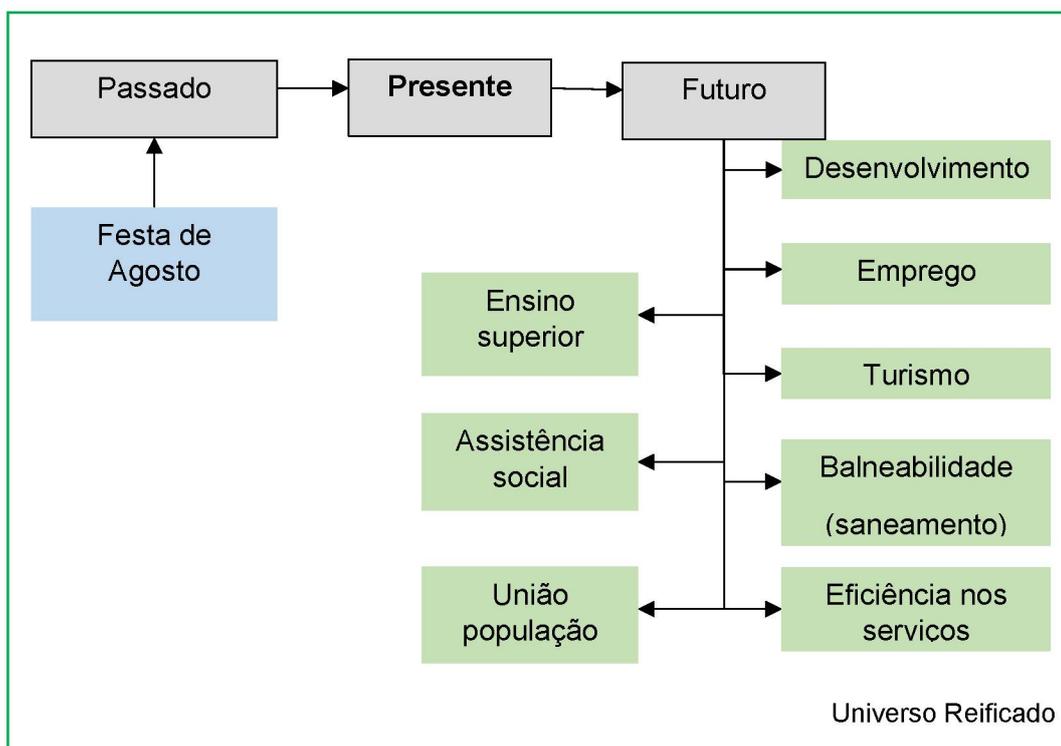
Contudo, para uns há algo que precisa permanecer inalterado, que é a tranquilidade que a cidade oferece, como relatado pela residente T5 (2019): “[...] que continue como está, que é uma delícia, só que mais cuidada”.

E assim, atendendo os procedimentos metodológicos inicialmente definidos, foram construídos os mapas cognitivos que sintetizam as respostas obtidas junto aos residentes quando solicitado que falassem sobre as projeções para Antonina.

Entre aqueles que conformam o Universo Reificado, notou-se que há uma grande valorização da Festa de Nossa Senhora do Pilar (Festa de Agosto), pois era

considerada, dentre outros aspectos, um atrativo turístico de grande expressão. As respostas sobre os anseios foram bem diversificadas, como apresentado na Figura 68.

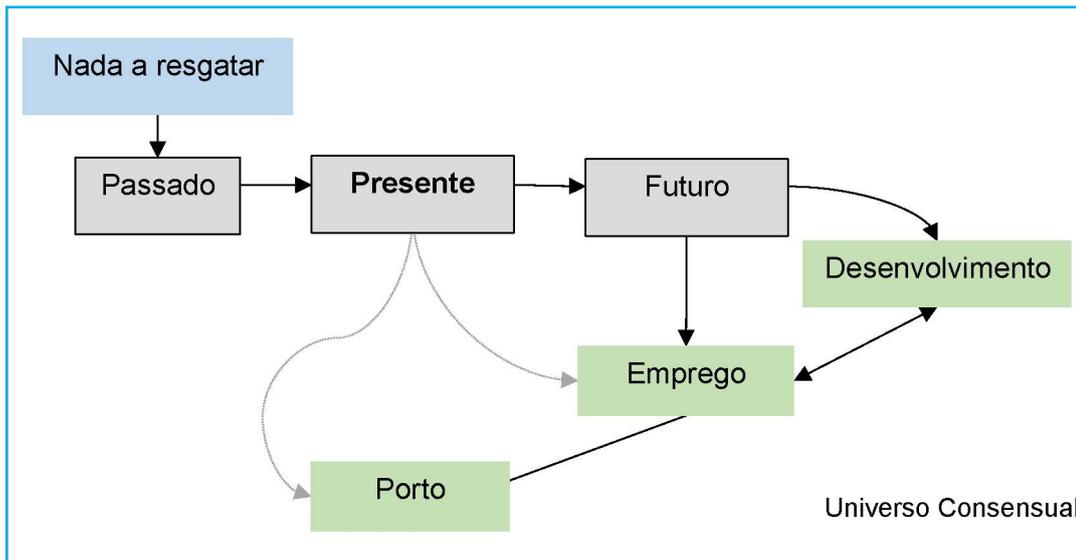
FIGURA 68 – MAPA COGNITIVO SOBRE PROJEÇÕES PARA ANTONINA (UNIVERSO REIFICADO)



FONTE: A autora (2019).

Já entre a população que não atua nas atividades turísticas, o mapa cognitivo (Figura 69) evidenciou que não se busca recuperar algo do passado, e que se almeja o desenvolvimento integral (social e econômico) a partir de uma maior quantidade de empregos, os quais, tanto hoje quanto futuramente, são majoritariamente gerados pelas atividades portuárias.

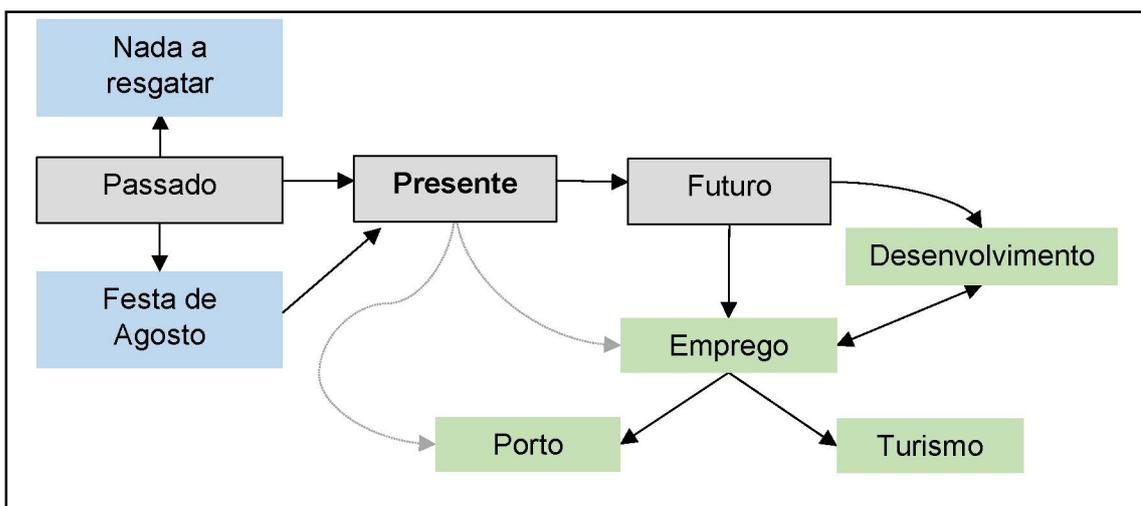
FIGURA 69 – MAPA COGNITIVO SOBRE PROJEÇÕES PARA ANTONINA (UNIVERSO CONSENSUAL)



FONTE: A autora (2019).

Pouca alteração há entre o mapa cognitivo elaborado com as respostas obtidas junto ao Universo Consensual e o mapa que sintetiza a totalidade das respostas. Verificou-se que há um equilíbrio entre a valorização da Festa de Agosto e a valorização do passado apenas como memória. Além disso, o turismo passou a integrar uma das atividades geradoras de oportunidades de emprego e renda, conforme demonstrado na Figura 70.

FIGURA 70 – MAPA COGNITIVO SOBRE PROJEÇÕES PARA ANTONINA (UNIVERSO CONSENSUAL E UNIVERSO REIFICADO)



FONTE: A autora (2019).

Em suma, o que se deseja para Antonina e para os que nela estão (considerando, portanto, residentes, segundo residentes, turistas e visitantes) é mais educação, saúde, infraestrutura, emprego e segurança. Eles desejam que a melhoria seja contínua, para “que seja uma cidade referência do litoral. Temos muito a oferecer” (R8, 2019).

Retomando a questão de Tuan (2014, p. 11) com relação ao futuro do lugar, que consiste em perguntar “se estamos descontentes com o presente, que direção tomarmos? Para o passado entregando-se à nostalgia ou para o futuro e rendendo-se ao anseio? Recorrer à memória ou à imaginação?”, os dados coletados permitem afirmar que é possível entregar-se tanto à nostalgia quanto ao anseio.

Na opinião dos entrevistados, a realidade encontrada no município de Antonina é prejudicada fundamentalmente pelo baixo nível de emprego, passível de ser alterada por meio de investimentos no porto e no turismo. Esse posicionamento permite afirmar que eles compreendem que podem questionar as situações e interferir na realidade vivida, são agentes do lugar e, portanto, podem construir o espaço em que vivem (MOSCOVICI, 2011; GOMES, 1996).

Desta forma, para eles, as ações transformadoras da realidade que podem ser executadas no presente podem ser direcionadas ao resgate de tradições e de festas do passado. Entretanto, os esforços maiores devem ser voltados para o futuro, em busca do que é considerado ideal, que é a qualidade de vida real por meio de melhorias (materiais e imateriais) tanto para os que vivem no município quanto para os que o visitam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo é um fenômeno que envolve o deslocamento de pessoas para uma localidade situada fora de sua residência no intuito de atender, essencialmente, as suas diferentes e variadas motivações. São envolvidas várias empresas, de diferentes lugares, para viabilizar e consolidar a viagem e estada do turista.

Todavia, o turismo interfere tanto nos lugares quanto na rotina das pessoas que vivem na localidade em que ocorre. Alguns efeitos decorrentes do turismo são esperados pela população residente, pois, em alguns casos há melhorias — como, por exemplo, de infraestrutura e serviços — que acontecem como efeito secundário. Contudo, há outros que afetam drasticamente a constituição social e ambiental do lugar, sendo, portanto, indesejados pelas várias pessoas envolvidas (planejadores, residentes, turistas e visitantes).

Por essa razão, compreende-se que o ideal seria que a atividade turística fosse planejada em todos os espaços em que ela está contida. Entretanto, nem sempre os planejadores e gestores têm conhecimento da opinião dos residentes sobre o desenvolvimento do turismo, uma vez que, por questões de tempo e recursos escassos, as principais discussões e análises ficam concentradas na inventariação dos atrativos e equipamentos do destino e na comunicação (divulgação e *feedback*) com a demanda real e latente.

É imprescindível para uma gestão participativa e coerente com princípios socioculturais compreender que a área em que ocorre o turismo é, antes de ser um destino turístico — o qual é provido de atrativos e passível de ser compartilhado —, o espaço vivido de uma população. É nesta área que ela estuda, trabalha, alimenta seu corpo e sua alma, projeta suas ambições, enfim, realiza o seu cotidiano.

Desta forma, além de conhecer a opinião dos residentes sobre o turismo, importa saber como se dá a interação dessas pessoas com o espaço em que vivem, pois, segundo a perspectiva da Geografia Humanista, elas podem desenvolver uma afetividade espacial, transformando o espaço em lugar. Isto significa entender que o espaço em que ocorre turismo, ou em que estão localizados os atrativos turísticos, não é unicamente um receptáculo de objetos que sofrem ações dos vários grupos envolvidos, ele possui conteúdos intangíveis, simbólicos e dotados de significação.

Nesse sentido, a interação dos residentes com o espaço e a sua concepção sobre o turismo constituem uma variável importante para a gestão e para o

planejamento da atividade turística que tenham como finalidade não apenas atingir a satisfação daqueles que temporariamente estão no lugar, mas proporcionar um ambiente agradável, inclusive para aqueles que vivem diariamente no (e o) lugar, contemplando suas necessidades profissionais e pessoais (físicas e emocionais).

Sabe-se que Antonina é um município de pequeno porte que apresenta indicadores socioeconômicos de baixos níveis, carecendo de olhares da comunidade técnica e acadêmica. Seus atributos históricos, naturais e culturais se transformam em elementos que despertam a curiosidade dos visitantes e turistas, ou seja, se transformam em atrativos turísticos. A sua definição como município turístico permite angariar recursos junto ao Ministério do Turismo para construção, manutenção e requalificação de atrativos turísticos. Frequentemente há o empenho das organizações ligadas ao turismo para o planejamento e desenvolvimento da atividade no município. Por isso, entende-se como imperioso conhecer o que pensam os residentes sobre o desenvolvimento do turismo no município e como está elaborada a representação social sobre tal fenômeno, bem como verificar se há a compreensão de que o espaço cotidiano é, também, de interesse turístico.

A partir desse contexto, teve-se a intenção de realizar um estudo que abordasse o fenômeno do turismo, suas interfaces e reações dos residentes frente aos turistas, indo em sentido distinto das discussões dos impactos no espaço ou da existência de recursos (naturais, culturais ou paisagísticos) para uso turístico.

Para tanto, buscou-se elaborar um referencial teórico que auxiliasse a responder a problemática de pesquisa e fornecesse o embasamento científico necessário. Foram utilizados os aportes teóricos e metodológicos da Teoria das Representações Sociais, sob o viés de Moscovici, sendo tais aportes de grande auxílio na definição e condução dos caminhos metodológicos a trilhados pelo estudo.

Também foram consultadas obras da área do turismo, bem como da Geografia Cultural, pois se entende que o espaço não é apenas onde as pessoas realizam as suas ações e constroem objetos para atender as próprias demandas, mas é imaterial e simbólico, é objetivo e intersubjetivo. O viés cultural emerge quando se entende que as pessoas têm a capacidade de agir no seu espaço, destruindo, construindo, alterando-o segundo os seus anseios.

Para a coleta de dados foram empregadas as técnicas de entrevistas, análise de documentos e de observação assistemática, na intenção de que as lacunas deixadas por uma fossem complementadas pela outra. A análise de documentos

possibilitou identificar de que maneira o turismo está proposto para o município, e se houve ou não a participação da população na construção dos Planos para o turismo. A observação participante permitiu compreender a vivência dos antoninenses com o lugar, com a população local, com o turismo, com os turistas, bem como ter as experiências com as limitações no que se refere à oferta de produtos e serviços. Com as entrevistas semiestruturadas foi possível conhecer o que os residentes pensam sobre e para o município. As entrevistas foram consentidas, gravadas e conduzidas como uma conversa informal para que as pessoas pudessem se expressar livremente. Embora existisse um roteiro elaborado de maneira a atender os objetivos da pesquisa, foi preservada a linha de raciocínio estipulada pelo próprio participante.

Convém aqui mencionar que realizar pesquisas não é uma atribuição isenta de dificuldades. Para cada investigação é possível citar pelo menos um contratempo, podendo ser desde a falta de recursos financeiros, instalações ou equipamentos precários, tempo exíguo, até mesmo recursos humanos mínimos ou escassos. Com relação à presente pesquisa, o maior entrave foi encontrar pessoas dispostas a conversar sobre o tema. Alguns afirmaram não ter disponibilidade de tempo, outros alegaram não ter conhecimento sobre o assunto, outros se esquivaram por receio de que as respostas pudessem trazer prejuízos às suas atribuições. E assim, cabe agradecer a todos aqueles que dedicaram tempo e disposição, respondendo as questões do roteiro e opinando sobre os assuntos aqui expostos.

Vencidos os obstáculos, foram alcançados os objetivos propostos. Foi conhecida a representação social que as pessoas que residem em Antonina têm sobre o desenvolvimento do turismo no município. Também foi desvelado o modo como os moradores interagem com o espaço em que vivem. Para a maioria das pessoas, Antonina é um município que oferece muita tranquilidade, paz. Paz esta que é atribuída essencialmente ao fato de ser um município de pequeno porte, onde há facilidades para o deslocamento e para o convívio entre as pessoas, que se relacionam e se tornam amigas umas das outras.

Os sujeitos afirmaram que há beleza natural, composta pelas paisagens, baía, rios, morros, Mata Atlântica e pela diversidade de espécies nela encontrada. Para alguns, os lugares cuja paisagem é formada pelo mar calmo oferecem as condições ideais para momentos de relaxamento e reflexão.

Alguns disseram que é da Prefeitura Municipal a responsabilidade de prover praticamente todas as melhorias na cidade, desde a manutenção e embelezamento

do espaço urbano ao aumento da quantidade de empregos, por meio da instalação de indústrias e abertura de empresas.

Outros entendem que as pessoas podem agir individualmente ou podem se organizar em grupos para promover campanhas, eventos e demais ações com vistas a alterar positivamente a realidade e suprir algumas demandas imediatas.

O conjunto desses fatores permitiu que os entrevistados afirmassem que gostam de Antonina e se sentem seguros — e nesse quesito cabe mencionar tanto a integridade física, quanto a segurança patrimonial e emocional —, em viver no município e que, apesar das oportunidades de emprego escassas, não pretendem se mudar para outra cidade, confirmando a hipótese inicialmente proposta de que há, entre os moradores, o sentimento de pertencimento ao lugar. Com relação à análise dos planos (de gestão, de desenvolvimento e turísticos) mais recentes, elaborados pelas instituições e organizações públicas ou privadas, que citassem o desenvolvimento do turismo no município, verificou-se que, com exceção do Plano Diretor, eles foram concebidos sob os pressupostos do planejamento estratégico, que é de caráter complexo, utiliza a temporalidade de longo prazo e considera abranger o máximo de entidades, instituições e organizações envolvidas.

A maioria dos planos foi construída por corpo técnico especializado nos temas envolvidos (desenvolvimento e turismo), contando com o auxílio do Poder Público e dos segmentos representados. A população pôde atuar e opinar indiretamente na construção dos planos através da participação de seus representantes.

Cabe salientar que o Plano Diretor revelou que a atividade turística não apresenta o mesmo grau de importância que as atividades portuárias, haja vista as alterações feitas em 2012 permitirem que as zonas de uso turísticas, delimitadas devido à sua paisagem e ao acesso à baía, fossem utilizadas para construção de armazéns, estacionamento de caminhões, e demais instalações e operações de apoio logístico ao porto.

Os entrevistados afirmaram que o turismo é uma atividade importante pela sua capacidade de geração de renda e de emprego. Tanto os que trabalham com as atividades turísticas quanto aqueles que não estão diretamente vinculados ao segmento acreditam que, o município apresenta grande potencialidade para o desenvolvimento do turismo, e que este atributo precisa ser aproveitado.

Entre os que mantêm relação direta com a atividade turística, o nível de geração de renda que é possível de ser atingido pelo turismo é, em termos de números

absolutos, o mesmo que o nível apresentado pelas atividades portuárias. Foi salientado que atualmente os meios de hospedagem e os restaurantes apresentam uma capacidade ociosa que, se eliminada, poderia aumentar a quantidade de emprego, com a vantagem de que há uma maior capilaridade nas receitas geradas pelo turismo.

Entre os que não integram o *trade* turístico, o aumento de visitantes na cidade leva ao aumento da demanda por produtos e serviços, que conduz ao incremento da renda existente no comércio local. Ademais, pode induzir o aumento da programação cultural.

Também, com a realização da pesquisa, foram detectados as expectativas e os anseios que os residentes têm para o município, relacionados ao cenário turístico.

Pessoas que trabalham com o turismo, destacaram que a Festa de Nossa Senhora do Pilar deveria ser melhor organizada, de maneira a tomar as proporções que já teve no passado. Outros, porém, afirmaram que ficaram apenas as memórias e que o importante é pensar o futuro.

Os residentes foram bem abrangentes no que desejam para os próximos anos, não mencionando uma ação específica a ser implementada. Porém, foram bem contundentes em mencionar que desejam maior quantidade de empregos, os quais podem ser oriundos da atividade portuária ou da atividade turística.

Assim, verificou-se que os sujeitos vislumbram um futuro com desenvolvimento socioeconômico, com mais empregos, oportunidades, maior qualidade de vida. O turismo está contido nos cenários projetados para Antonina, todavia, numa posição inferior à ocupada pelo porto.

Assim, os resultados obtidos com a pesquisa e a confirmação das hipóteses permitem validar a tese apresentada de que a população de municípios que apresentam fragilidade socioeconômica e restrições ambientais vislumbra na atividade turística a possibilidade de gerar empregos, aumentar a renda e melhorar a infraestrutura urbana, desde que sejam mantidas as características que conferem a singularidade do lugar.

Do ponto de vista dos estudos na área do turismo, o problema mais evidenciado é a falta de qualificação, tomada no sentido mais amplo, dos espaços e das pessoas que atendem diretamente os visitantes. Desta forma, podem ser investigadas as ferramentas aplicáveis à promoção de adequações necessárias ao

trade turístico e estratégias para conseguir a adesão dos *stakeholders* na implementação de melhorias.

Espera-se que com o presente estudo os participantes da pesquisa tenham sido despertados no sentido de refletir sobre a sua interação com o espaço, sobre a possibilidade do desenvolvimento do turismo, bem como sobre a possibilidade de intervir na realidade atual e futura a partir de suas ações presentes, as quais podem ser direcionadas para o resgate de elementos do passado, orientadas com vistas ao futuro ou uma combinação de ambas as direções.

Espera-se, ainda, que outras pessoas, leitores tanto do universo reificado (meio técnico, acadêmico ou científico) quanto do universo consensual (habitantes do lugar), residentes em Antonina ou não, sejam alcançadas no que se refere à sua relação para com o seu município e o direcionamento que pode ser tomado sobre a área em que vivem, a qual pode ser espaço ou lugar, dependendo tão somente da maneira como seus habitantes compreendem a realidade local e se posicionam sobre os caminhos a serem percorridos até auferir o que se almeja.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Tradução de: CAMPOS, P. H. F. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.

ACERENZA, M. A. **Administração do Turismo**. Tradução de: HENDGES, G. R. Bauru (SP): EdUSC, 2002.

AGÊNCIA NACIONAL DE TRANSPORTES AQUAVIÁRIOS (ANTAQ). **Porto de Antonina**. 2012. Disponível em: <<http://web.antaq.gov.br/Portal/pdf/Portos/2012/Antonina.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

ALBACH, V. de M. **A Difusão da Pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América**. 2015. 340f. Tese (Doutorado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/41332/R%20-%20T%20-%20VALERIA%20DE%20MEIRA%20ALBACH.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 dez. 2019

ALVES, M. C. Conscientização turística em Antonina, Paraná. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 75-91, maio 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63460/66205>>. Acesso em: 22 dez. 2019.

ANDRADE, J. V. **Gestão em lazer e turismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ANDRUKIU, A. M. G. **Políticas Públicas e Patrimônio Cultural em Antonina, Paraná**: uma proposta de desenvolvimento a partir da educação do turismo. F. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

ANTONINA. **Administração municipal**. Antonina (PR), 2018. Disponível em: <<http://www.antonina.pr.gov.br/admin.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

ANTONINA. **Lei 20/2008**: Dispõe sobre o plano diretor municipal de Antonina, Estado do Paraná, e dá outras providências. 2008. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-antonina-pr>>. Acesso em: 20 set. 2018.

ANTONINA. **Pontos turísticos de Antonina, Paraná**. Antonina (PR), 2017. Disponível em: <<http://www.antonina.pr.gov.br/turismo/pturismo.html>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

ARAÚJO, L. M. Participação sociopolítica no planejamento turístico. **Turismo – Visão e ação**, v. 8, n. 1, p. 153-164, 2006. Disponível em:

<<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/502/434>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

ARAÚJO, L. M. Análise de *stakeholders* para o turismo sustentável. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 1, p. 91-99, 2008. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/260/185>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

AREFI, M. Non-place and placelessness as narratives of loss: Rethinking the notion of place, **Journal of Urban Design**, v. 2, n. 4, p. 179-193, 1999. Disponível em: <<https://projectnonplace.files.wordpress.com/2017/07/non-place-and-placelessness-as-narratives-of-loss-rethinking-the-notion-of-place.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

ARRUDA, A. Despertando do pesadelo: a interpretação. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V.; JESUINO, J. C.; NOBREGA, S. M. da. (Orgs.). **Perspectivas teórico-metodológicas em Representações Sociais**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2005. p. 229-258.

ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO MEIO AMBIENTE E DO DESENVOLVIMENTO DE ANTONINA (ADEMADAN). **Projeto Feira-Mar: a Praça**. Antonina (PR), 2017. Disponível em: <<http://projetoferimamar.ademadan.org.br/A-Pra%C3%A7a.php>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

BABU, V.; MUNJAL, S. Oachira Panthrandu Vilakku: A study of a culturally embedded festival aligned with economic benefits. **Worldwide Hospitality and Tourism Themes**, v. 7, n. 4, p. 403-416, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/282199161_Oachira_Panthrandu_Vilakku_A_study_of_a_culturally_embedded_festival_aligned_with_economic_benefits>. Acesso em: 11 abr. 2018.

BAHL, M. **Fatores ponderáveis no turismo: sociais, culturais e políticos**. Curitiba: Protexito, 2004a.

BAHL, M. **Legados étnicos e oferta turística**. Curitiba: Juruá Editora, 2004b.

BARACHO, M. L. G. **Estrutura Fundiária de Paranaguá: 1850-1900**. 322f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25449/D%20-%20BARACHO%2c%20MARIA%20LUIZA%20GONCALVES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

BARÃO, G. Dar apelido é esporte em Antonina: Além dos atrativos naturais, cidade do litoral leva fama pelos codinomes dos moradores, que querem transformar as alcunhas em atração turística. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 04 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/verao/dar-apelido-e-esporte-em->

antonina-56qi0nxvswd4vr6j96k7o3o0h>. Acesso em: 29 jan. 2018.

BARRETTO, M. **Planejamento e Organização em Turismo**. 3. ed. Campinas (SP): Papirus, 1991.

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. 2. ed. Campinas (SP): Papirus, 2001.

BARROS, N. C. C. de. **Manual de Geografia do Turismo**: meio ambiente, cultura e paisagens. Recife: Editora UFPE, 1998.

BELO, C. G. Complexo Matarazzo é área de conservação: Conjunto centenário de barracões do primeiro porto particular do país está no centro de uma disputa familiar. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 25 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/litoral/complexo-matarazzo-e-area-de-conservacao-c59cok93fdhqntp1ep0i6d74e>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

BENI, M. C. **Análise estrutural do Turismo**. 8. ed. Atual. São Paulo: Ed. Senac SP, 2003.

BOOKING. **Booking.com**: hotéis. Consulta a meios de hospedagem disponíveis em Antonina, Paraná, e respectivas avaliações. 2018. Disponível em: <www.booking.com>. Acesso em: 26 jan. 2018.

BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução de: BAPTISTA, J. V. Bauru (SP): EDUSC, 2002.

BRASIL. **Decreto n. 90.883**, de 31 de janeiro de 1985. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-90883-31-janeiro-1985-441417-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

BRASIL. **Estatuto da Cidade**: guia para implementação pelos municípios e cidadãos. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

BRASIL. **Lei 9.985**, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm>. Acesso em: 09 jan. 2015.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **As perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 165-193.

BUTTNER, A. Lar, Horizontes de Alcance e o sentido de Lugar. **Geograficidade**, v.5, n.1, p. 4-19, Verão 2015. Disponível em:

<<http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12915/pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

CAMARGO, B. V. Estratégias de pesquisa pluri-metodológicas. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V.; JESUINO, J. C.; NOBREGA, S. M. da (Orgs.) **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2005, p. 19-24.

CARLOS, A. F. A. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). **A produção do Espaço Urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011. p. 53-73.

CASTILHO, C. Para ver a banda passar: com rica história e importante trabalho social, Filarmônica Antoninense completa 35 anos em setembro. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 08 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1033392>>. Acesso em: 09/01/2014.

CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos Estudos Geográficos. In: _____. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. Rio Claro (SP): Difel, 1985. p. 11-36.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2.ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

CLAVAL, P. A evolução recente da geografia cultural de língua francesa. **Geosul**, Florianópolis, v.18, n.35, p. 7-25, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/13599/12466>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA (COPEL). **Usina Parigot de Souza**. 2018. Disponível em: <http://www.copel.com/hpcopel/root/nivel2.jsp?endereco=%2Fhpcopel%2Froot%2Fpag_copel2.nsf%2F044b34faa7cc1143032570bd0059aa29%2F08013ddc621f4eed03257412005ed73b>. Acesso em: 12 jan. 2018.

COOPER, C.; FLETCHER, J.; WANHILL, S.; GILBERT, D.; SHEPHERD, R. **Turismo, princípios e prática**. Tradução de: COSTA, R. C. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORIOLOANO, L.N. M. T. **Do local ao global**: O Turismo Litorâneo Cearense. Campinas (SP): Papirus, 1998.

CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 251-256.

CORRÊA, R. L. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). A produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011. p. 41- 51.

COSTA, C. R. R. da. Turismo e produção do espaço: uma contribuição ao estudo da Geografia do Turismo. **Ciências Humanas em Revista** (UFMA), v. 8, p. 1-21, 2011. Disponível em: <http://www.academia.edu/6716124/TURISMO_E_PRODU%C3%87%C3%83O_DO_ESPA%C3%87O_UMA_CONTRIBUI%C3%87%C3%83O_AO_ESTUDO_DA_GEOGRAFIA_DO_TURISMO>. Acesso em: 17 ago. 2017.

CRUZ, R. de C. A. da. **Introdução à Geografia**. 2. Ed. São Paulo: Roca, 2003.

CRUZ, R. de C. A. da. Os pseudo-lugares do turismo. In: CRUZ, R. de C. A. da.; SABINO, A. L.; MOLINA, F. S.; CHAGAS, R. P. (col.). **Geografia do Turismo: de lugares a pseudo-lugares**. 2. Ed. São Paulo: Roca, 2007. p. 15-26.

CRUZ, R. de C. A. da. Políticas Públicas de Turismo no Brasil: significado, importância, interfaces como outras políticas sociais. In: SOUZA, M. J. de (Org.). **Políticas Públicas e o Lugar do Turismo**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

DE LA TORRE, O. **El turismo: fenômeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

DEREVECKI, R.; POZZOBON, B. Mesmo fora da temporada, Antonina sofre com a falta d'água: Moradores dizem que o problema é antigo e se repete nas proximidades das festas de fim de ano e no carnaval. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/mesmo-fora-da-temporada-antonina-sofre-com-a-falta-dagua-a0ruck1kcy5a0u4j2l9xik2to>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

DIAS, R. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

ELEIÇÕES 2016. **Candidatos de Antonina (PR)**. 2016. Disponível em: <<https://www.eleicoes2016.com.br/candidatos-antonina-pr/>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

FAULKNER, B.; TIDESWELL, C. A framework for monitoring community impacts of tourism. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 5, n. 1, p. 3-28, 1997. Disponível em: <https://epubs.scu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1016&context=gcm_pubs>. Acesso em: 11 abr. 2018.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA (FEBRAPSI). Biografia de Jacques Lacan. 2018. Disponível em: <<http://www.febrapsi.org/publicacoes/biografias/jacques-lacan/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

FERNANDES, D. R. Uma Visão Sobre a Análise da Matriz SWOT como Ferramenta para Elaboração da Estratégia. **UNOPAR Cient., Ciênc. Juríd. Empres.**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 57-68, 2012. Disponível em: <<https://livros-e-revistas.vlex.com.br/vid/vis-matriz-swot-ferramenta-estrategia-419078434>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

FERRAZ, V. de S. **Turismo Cultural na Zeph-Ribeira: possibilidades e limitações**. 203f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2008. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/deprojeto/labcom/produtos/2008_ferraz_mestrado.pdf>. Acesso em: 06 out. 2014.

FERREIRA, L. Iluminando o lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**, v. 22, n. 1, 18 ago. 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/15378/9428>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

FOLHA DO LITORAL. Expansão vai dobrar capacidade de movimentação do terminal no Porto de Antonina. 2019. Disponível em: <<https://folhadolitoral.com.br/infraestrutura/expansao-vai-dobrar-capacidade-de-movimentacao-do-terminal-no-porto-de-antonina/#.XZY5FkZKjIU>>. Acesso em: 03 out. 2019.

FRATUCCI, A. C. Os Lugares Turísticos: Territórios do Fenômeno Turístico. **GEOgraphia**, v. 2, n. 4, p. 121-133, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13390>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

FRATUCCI, A. C. Refletindo Sobre a Gestão dos Espaços Turísticos: perspectivas para as redes regionais de turismo. **Turismo em Análise**, v.20, n.3, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rt/article/view/14192>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

FREEMAN, R. E. **Strategic Management: A stakeholder approach**. Boston: Pitman, 1984.

FREITAS, S. C. de. O cotidiano dos escravos em Antonina. **Revista Vernáculo**, Curitiba, n. 3, p. 85-107, set-dez. 2000. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/viewFile/18073/11777>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

FREITAS, R. C. de. Litoral ganha Hospital Regional. **Folha de Londrina**, Londrina (PR), 11 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.folhadelondrina.com.br/cidades/litoral-ganha-hospital-regional-672136.html>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Portugal, Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GAÚCHA ZH. 11 fotos que mostram a cara nova da orla do Guaíba, em Porto Alegre. 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/06/11-fotos-que-mostram-a-cara-nova-da-orla-do-guaiba-em-porto-alegre-cjiyzam1c0hbc01pacrajtk6.html>>. Acesso em: 03 out. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, H. S. **Antonina**: Questão portuária e tarifária. Rio de Janeiro: F. J. Gonçalves, 1928.

GOMES, L. B.; BOLZE, S. D. A.; BUENO, R. K.; CREPALDI, M. A. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. **Pensando Família**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, dez, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002>. Acesso em: 20 set. 2017.

GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GRABURN, N. H. H. Turismo: el viaje sagrado. In: SMITH, V. L. **Afitriones e Invitados**: Antropología del turismo. Madrid: Ediciones Endymion, 1989. p. 45-68.

GREENWOOD, D. J. La cultura al peso: perspectiva antropológica del turismo en tanto proceso de mercantilización cultural. In: SMITH, V. L. (Ed.). **Afitriones e invitados**: Antropología del turismo. Madrid: Ediciones Endymion, 1989. p. 257-279.

GUARESCHI, P. A. Sem dinheiro não há salvação: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCHI, S. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 7. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002. p. 191-225.

GUTIÉRREZ, H. Donos de terras e escravos no Paraná: padrões e hierarquias nas primeiras décadas do século XIX. **História**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 100-122, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v25n1/a05v25n1.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

HALLAL, D. R.; LEITE, J. C. de C.; REJOWSKI, M. **Representações sociais de turismo**: mecanismos e dimensões. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt6-representacoes.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2019.

HIDALGO, M. C.; HERNANDEZ, B. Place Attachment: Conceptual and empirical questions. **Journal of Environmental Psychology**, n. 21, pp. 273-281, 2001.

HOWARTH, C. A social representation is not a quiet thing: exploring the critical potential of social representations theory. **British Journal of Social Psychology**, v. 45, n. 1, p. 65-86, 2006. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/2443/>>. Acesso em: 11 abr.

2016.

IGNARRA, L. R. **Planejamento Turístico Municipal: um modelo brasileiro**. São Paulo: Consultoria Turística Integrada CTI – Edições Técnicas, 1998.

INSTITUTO A MUDANÇA QUE QUEREMOS (IAMUQUE). **Pesquisa de Demanda Turística**. Antonina, Paraná. 2017a. Disponível em: <<http://iamuque.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Relatorio-da-Pesquisa-de-Demanda-Turistica-junto-aos-Meios-de-Hospedagem-de-Antonina-2017.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

INSTITUTO A MUDANÇA QUE QUEREMOS (IAMUQUE). **Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de Antonina**. 2017b. Disponível em: <<http://iamuque.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Relat%C3%B3rio-Plano-de-Desenvolvimento-Tur%C3%ADstico-de-Antonina-PR.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ (IAP). **Monitoramento das condições de balneabilidade das praias do litoral paranaense**. 2018. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/balneabilidade/6_Boletim_-_LITORAL_-_2017-18.pdf>. Acesso em 30 jan. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Infográficos: Evolução populacional e Pirâmide etária de Antonina (PR)**. 2010. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?lang=&codmun=410120&search=parana%25257Cantonina%25257Cinfograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama de Antonina (PR)**. 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/antonina/panorama>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Antonina (PR)**. 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/389/>>. Acesso em: 09 mai. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL (INPI). **Guia básico de indicação geográfica**. 2019. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/menu-servicos/indicacao-geografica>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Caderno estatístico: município de Antonina, janeiro de 2018**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=83370&btOk=ok>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Zoneamento da APA de Guaraqueçaba**. Curitiba: IPARDES, 2001.

Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-ucs/conselhos_consultivos/PM_APA_Guaraque%C3%A7aba___zoneamento_apa_guaraque%C3%A7aba_1.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2018.

IRVING, M. de A.; BURSZTYN, I.; SANCHO, A. P.; MELO, G. de M. Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 1-7, 2005. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/98/93>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

IVARS BAIDAL, J A et al. Nuevos enfoques en gestión turística: el Programa de Agrupaciones Empresariales Innovadoras en España. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, n. 66, p. 369-395, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4903382>>. Acesso em 10 dez. 2019.

JAMAL, T. B.; GETZ, D. Collaboration Theory and community tourism planning. **Annals of Tourism Research**, v. 22, n. 1, p. 186-204, 1995. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.475.7999&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 25 dez. 2019.

KNAFOU, R. Turismo e território: para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, A. A. B. **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 62-74.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Economia do Turismo**. São Paulo: Atlas, 2001.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LEANDRO, A. **Imagens fotográficas e memórias**: uma incursão pelo passado da cidade de Antonina - PR. 157f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade de Campinas. Campinas, 2002. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/284098/1/Leandro_Anabela_M.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

LEÃO, E. A. **Antonina: factos e homens**: da idade archeolithica a elevação a cidade. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1999.

LICKORISH, L. J. **Introdução ao turismo**. Tradução de: VASCONCELLOS, F. de C. S. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LOHMANN, G.; PANOSSO NETTO, A. **Teoria do Turismo**: 2. ed. ampl. e atual. São Paulo: Aleph, 2012.

LOPES, E. Centro histórico de Antonina vira patrimônio nacional. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 27 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/verao/conteudo.phtml?id=121714>>. Acesso em: 14 mar. 2012.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 103-141.

MENDONÇA, A. P.; BOMFIM, N. R. Representações sociais sobre o turismo em Pirambu (SE). **Cultur**. v. 7, n. 3, p. 46-76, out. 2013. Disponível em: <periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/325/334>. Acesso em: 22 out. 2019.

MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR). **Municípios são agrupados em 5 categorias**. 2015. Publicado: Terça, 25 de agosto de 2015, 10h54. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/5405-munic%C3%ADpios-tur%C3%ADsticos-brasileiros-s%C3%A3o-agrupados-em-cinco-categorias.html>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR). **No Paraná, 25 municípios sobem de categoria no Mapa do Turismo**: Instrumento revela melhoria do desempenho de destinos importantes, como Pontal do Paraná, município com 23 quilômetros de orla marítima. Publicado: Sexta, 16 de Fevereiro de 2018, 10h23. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/10742-no-paran%C3%A1,-25-munic%C3%ADpios-sobem-de-categoria-no-mapa-do-turismo.html>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

MORAES, G. V. **A representação social do turismo na cidade de Morretes**. 2004. Disponível em: <<https://www.morretes.com.br/cultura/social/socialturismo.htm>>. Acesso em: 22 out. 2019.

MORAES, S. T. Considerações sobre a produção do “espaço turístico” na contemporaneidade. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 6, n. 3, p. 277-293, set-dez 2004. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1062/871>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

MORGENSTERN, A. **Porto de Paranaguá: contribuição à História: período de 1935-1985**. Curitiba: Coração Brasil Editora e Empreendimentos, 2006.

MOSCOVICI, S. **Crônica dos anos errantes**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2005.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em Psicologia Social. 8. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2011.

MOURA, N. **Representações Sociais e Turismo**: diálogos e possibilidades para Araucária (PR), Brasil. 160 f. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Departamento de Geografia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35888/R%20-%20T%20-%20NEIDE%20DE%20MOURA.pdf;sequence=1>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

MURTA, I. B. D.; ARAÚJO, L. C. D.; CAMPOS, J. G.; GONTIJO, B. M. Nueva territorialidad: Caso São Bartolomeu (Minas Gerais) – Brasil. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 18, n. 4, p. 362-380, agosto 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180714241001>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

NASH, D. El turismo considerado como una forma de imperialismo. In: SMITH, V. L. (Ed.). **Afitriones e invitados**: Antropología del turismo. Madrid: Ediciones Endymion, 1989. p. 69-91.

NITSCHKE, L. B. **Desvendando o Espaço Vivido da Comunidade de Guajuvira e sua relação com o Turismo, em Araucária, Paraná (Pr)**. 224f. Tese (Doutorado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/28041/R%20-%20T%20-%20LETICIA%20BARTOSZECK%20NITSCHKE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

NITSCHKE, L. B.; BAHL, M.; GOMES, B. M. A. Contribuições da geografia humanista cultural para o campo de conhecimento do turismo. In: BURKOWSKI, R.; COSTA, E. B. (Orgs.). **Perspectivas ativas no turismo**: entre a teoria e a prática. Ouro Preto (MG): Editora UFOP, 2018. p. 255-277.

ODRESKI, L. L. R.; SOARES, C. R.; ÂNGULO, R. J.; ZEM, R. C. Taxas de assoreamento e a influência antrópica no controle da sedimentação da baía de Antonina, Paraná. **Boletim Paranaense de Geociências**, Curitiba, n. 53, p. 7-12, 2003. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/geociencias/article/view/4217/3412>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

OLIVEIRA, D. de P. R. de. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologias, prática. 10a ed. São Paulo: Atlas, 1996.

OLIVEIRA, M. C. de. **Representações sociais do turismo na Praia do Campeche - Ilha de Santa Catarina**: por uma abordagem interdisciplinar. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84965>>. Acesso em: 22 out. 2019.

OLIVEIRA, M. de. O conceito de Representações Coletivas: uma trajetória da divisão

do trabalho às formas elementares. **Debates do NER**, Porto Alegre, v.13, n. 22 p. 67-94, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/30352/23579>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

PARANÁ. Dragagem faz Porto de Antonina aumentar a movimentação em 75%. **Agência de Notícias do Paraná**, Curitiba, 17 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=75611>>. Acesso em: 09 jan. 2015.

PARANÁ. Movimentação de cargas cresce 180% no Porto de Antonina. **Agência de Notícias do Paraná**. 2019. Disponível em: <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=101382&tit=Movimentacao-de-cargas-cresce-180-no-Porto-de-Antonina->>>. Acesso em: 03 out. 2019.

PARANÁ. Copel vence leilão da Usina Parigot de Souza. **Agência de Notícias do Paraná**, Curitiba, 25 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=86924>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

PARANÁ TURISMO. **Hierarquização das regiões turísticas do Paraná**. 2012. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/HierarquizacaoRegioesTuristicasPR2012.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

PARANÁ TURISMO. **Regiões Turísticas do Estado**. 2016b. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=946>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

PASSOS, G. C. dos. **A presença dos imigrantes portugueses no Paraná na segunda metade do século XIX**. 64f. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2009/1_sem_2009/giseli_cristina_passos.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

PDS PTF 1. PLANO PARA DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO LITORAL DO PARANÁ. PRODUTO 3: PLANO DE TRABALHO FINAL (PTF) Volume I – Plano de Trabalho Final. 2018. Disponível em: <http://pdslitoral.com/wp-content/uploads/2018/08/Plano-de-Trabalho-Final_Volume-I_rev3.pdf>. Acesso em: 13 set. 2018.

PDS PTF 3. PLANO PARA DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO LITORAL DO PARANÁ. PRODUTO 3: PLANO DE TRABALHO FINAL (PTF) Volume III – Audiências Públicas de Engajamento. 2018. Disponível em: <<http://pdslitoral.com/wp->>

content/uploads/2018/08/Plano-de-Trabalho-Final_Volume-III_rev3.pdf> Acesso em: 13 set. 2018.

PEARCE, P. L. A relação entre residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão. In: THEOBALD, W. F. (Org.). **Turismo Global**. Tradução de: CAPOVILLA, A. M.; CUPERTINO, M. C. G.; PENTEADO, J. R. B. São Paulo: Senac, 2001. p. 145-164.

PETROCCHI, M. **Turismo**: planejamento e gestão. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2009.

PORTAL ANTONINA. **Pontos Turísticos**. 2018. Disponível em: <<https://www.portalantonina.com/turismo>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

PROCOPIAK, L. K.; FERNANDES, L. F.; MOREIRA FILHO, H. Diatomáceas (Bacillariophyta) marinhas e estuarinas do Paraná, Sul do Brasil: lista de espécies com ênfase em espécies nocivas. **Biota Neotropica**, Campinas, v. 6, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bn/v6n3/v6n3a13.pdf>. Acesso em 10 jun. 2018.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

ROCHA, S. A. Geografia Humanista: História, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RA'E GA**, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/viewFile/7670/9077>. Acesso em: 16 jan. 2019.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

SÁ, C. P. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: As Representações Sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 19-45.

SIBUYA, N. de J.; SCHWARTZMAN, L. F. G.; QUADROS, J.; ESPÍNOLA, A. M.; SOUZA, J. A dicotomia entre a conservação e o reconhecimento e fixação das comunidades tradicionais: um estudo de caso na APA de Guaraqueçaba – PR. In: JORNADA QUESTÃO AGRÁRIA E DESENVOLVIMENTO, 2., 2013. **Anais...** Disponível em: <https://docplayer.com.br/76463280-A-dicotomia-entre-a-conservacao-e-o-reconhecimento-e-fixacao-das-comunidades-tradicionais-um-estudo-de-caso-na-apa-de-guaraquecaba-pr.html?fbclid=IwAR2kPQ8oZRRSE8pUfzSeXmS0xmL_dAdHFR9rvEI_6_UJ14_BcF94tOOJjvg>. Acesso em: 18 jan. 2020.

SANTOS, C. A. de J. A produção e o consumo de espaços turísticos. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA: LOS PROBLEMAS DEL MUNDO ACTUAL. Soluciones y alternativas desde la Geografía y las Ciencias Sociales, 9, 2007, Porto

Alegre. **Anais...** Barcelona: Universitat de Barcelona, 2008. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/crisalc.htm>>. Acesso em: 28/10/2015.

SANTOS, L. L. dos; ANTONELLI, D. Ferrovia 130 anos Paranaguá-Curitiba: a primeira ferrovia. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/ferrovia-130-anos/a-primeira-ferrovia.jpp>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

SEAMON, D.; SOWERS, J. Place and Placelessness, Edward Relph. In: HUBBARD, P.; KITCHEN, R.; VALLENTINE, G. (eds.). **Key Texts in Human Geography**. London: Sage, 2008. p. 43-51. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.518.2566&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA (SEEC-PR). **Fonte da Carioca**. 2018. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=90>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SECRETARIA DO ESPORTE E DO TURISMO (SEET-PR). **Guia do Litoral Paraná**. 2018. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/institucional/GUIA2018SITE.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS - ESTADO DO PARANÁ (SEMA-PR). **Área de Proteção Ambiental da Serra do Mar**. 2018. Disponível em: <<http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=122>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

SILVA, C. A.; PEREZ FILHO, A. Geografia, Turismo e Análise Sistêmica. In: VITTE, A. C. (Org.). **Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 253-290.

SIMMONS, D. G. Community participation in tourism planning. **Tourism Management**, v. 15, n. 2, p. 98-108, 1994. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0261517794900035>>. Acesso em: 26 dez. 2019.

SMITH, V. L. **Afritriones e Invitados**: Antropologia del turismo. Madrid: Ediciones Endymion, 1989.

SOUZA FILHO, E. A. de. Análise de Representações Sociais. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: As Representações Sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 109-145.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCHI, S. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 7. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002. p. 117-145.

SPINK, M. J. P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial/The Concept of Social Representations in Social Psychology. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul/sep, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v9n3/17.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

TOSUN, C. Stages in the emergence of a participatory tourism development approach in the Developing World. **Geoforum**, v. 36, p. 333-352, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/232924533_Towards_a_Typology_of_Community_Participation_in_the_Tourism_Development_Process>. Acesso em: 29 dez. 2019.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (TSE). **Estatísticas do eleitorado Antonina (PR)** – Consulta por município/zona. 2018. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleitor-e-eleicoes/estatisticas/estatisticas-de-eleitorado/consulta-por-municipio-zona>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

TRIPADVISOR. **Melhores restaurantes:** Antonina, PR. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Restaurants-g303436-Antonina_State_of_Parana.html>. Acesso em: 29 jan. 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de: OLIVEIRA, L. de. Londrina (PR): EdUEL, 2013.

TUAN, Y. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. p. 143-164.

TUAN, Y. Place: An Experiential Perspective. **Geographical Review**, New York, v. 65, n. 2, p. 151-165, apr. 1975. Disponível em: <http://www.csun.edu/~rdavids/301fall08/301readings/Tuan_Place_an_Experiential_perspective.pdf>. Acesso em 12/08/2016.

TUAN, Y. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Y. Space And Place 2013 / Espaço e lugar 2013. **Geograficidade**. v. 4, n. 1, p. 4-13, Verão 2014. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12883/pdf_1>. Acesso em: 11 jul. 2019.

VOLKLEIN, C.; HOWARTH, C. A review of controversies about social representations theory: a British debate. **Culture and Psychology**, v. 11, n. 4, p. 431-454, 2005. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/2439/>>. Acesso em 12 abr. 2016.

WACHELKE, J. F. R.; CAMARGO, B. V. **Revista Interamericana de Psicología / Interamerican Journal of Psychology**, v. 41, n. 3, p. 379-390, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2016.

WAGNER, W. Sócio-Gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 3-25.

YÁZIGI, E. **Reencantamento da cidade: Miudezas geográficas e devaneio**. São Paulo: CNPq/Editora Scortecci, 2013.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

APRESENTAÇÃO

Faixa etária:

Tempo de residência em Antonina:

A) A interação com o espaço:

- 1) O que você pensa sobre Antonina? O que mais lhe agrada e o que mais lhe desagrada?
- 2) Há algum lugar especial para você em Antonina? Alguma praça, restaurante, praia, rio...? (Se sim, o que o torna especial?)
- 3) Existe algum fator que interferiria no seu desejo em viver em Antonina? Se sim, qual seria?

B) Os anseios para o espaço vivido

- 4) Quais as suas perspectivas para Antonina? O que espera para a cidade nos próximos anos?
- 5) Existe algo do passado que gostaria que fosse resgatado?

C) Aspectos sobre o turismo

- 6) O que você pensa do turismo na cidade?
- 7) Por que ou para que o turista viria em Antonina? O que chama a atenção do turista? Quais seriam os atrativos?
- 8) E você vê problemas ou benefícios na vinda de turistas para a cidade? Quais seriam?
- 9) Você acha que o turismo em Antonina é planejado? Conhece o que está sendo feito sobre isso?

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) antoninense,

Gostaria de solicitar a sua participação nas entrevistas que auxiliarão o desenvolvimento da pesquisa (tese) elaborada por Alcimara Meira Gonçalves Andrukiu, sob orientação da Professora Dra. Salete Kozel Teixeira, a ser apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná.

A pesquisa tem por objetivo principal analisar a interação dos residentes em Antonina, Paraná, Brasil, com o seu espaço e como se dá a Representação Social – o seu pensamento e opinião – dos antoninenses sobre o desenvolvimento do turismo no município.

A entrevista do tipo semiestruturada será gravada para facilitar o tratamento das informações coletadas. Os dados coletados na entrevista serão analisados e posteriormente publicados. Porém, o seu nome não será em hipótese alguma divulgado, sendo a sua identidade preservada.

Ressaltamos que a sua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem prejuízo algum.

Caso necessite de maiores informações sobre o estudo, pode contatar a pesquisadora por telefone (41) 9XX14-XX14 ou e-mail: alcimameira@gmail.com.

Atenciosamente,

Alcimara Meira Gonçalves Andrukiu

Após ser esclarecido(a) sobre a pesquisa, concordo em participar das entrevistas e dou o meu consentimento para publicação dos resultados, com a minha identidade preservada.

Assinatura do Participante da Pesquisa

APÊNDICE 3 – MATERIAL DE APOIO PARA MAPAS COGNITIVOS

Material de apoio - Mapa cognitivo do Universo Reificado sobre o Antonina

	Organização e Seleção	Frequência	média
Lugar	Igreja Matriz	2	1,5
	Baía	1	
cidade	escassez de emprego	3	2
	bonita	1	
	convívio com as pessoas	1	
	falta apoio governamental	1	
	falta de perspectivas para os jovens	1	
	falta incentivo para o turismo	1	
	histórica	1	
	cidade boa	1	
	paz	1	
	segurança	1	
	tranquila	1	
	viver bem	1	

Material de apoio - Mapa cognitivo do Universo Consensual sobre o Antonina

	Organização e Seleção	Frequência	Média
Antonina	Tranquila	8	4,5
	convívio com as pessoas	5	
	Segurança	4	
	falta de perspectivas para os jovens	3	
	Maravilhosa	3	
	viver bem	3	
	Desemprego	2	
	ligeiro crescimento	2	
	Abençoada	1	
	Arquitetura	1	
	cidade boa	1	
	clínica particular	1	
	Confiança	1	
	definição de políticas para desenvolvimento	1	
	História	1	
	Liberdade	1	
	Nada	1	
	praticidade para locomoção	1	
	próxima de Curitiba	1	
	Simples	1	
Suja	1		
Lugar	Feira-mar	4	2,5
	Ponta da Pita	4	
	Baía	1	
	Belvedere	1	
	Clima	1	
	Mirante da Pedra	1	
	Praça Coronel Macedo	1	
	Rios	1	
	Trapiche	1	
Mudaria-se?	Não	6	3,5
	por falta de emprego	2	
	às vezes	1	
	para estudar	1	

Material de apoio - Mapa cognitivo do Universo Reificado e Universo
Consensual sobre o Antonina

	Organização e Seleção	Frequência	média
Antonina	Tranquilidade	9	5
	convívio com as pessoas	5	
	Segurança	4	
	viver bem	3	
	falta de perspectivas para os jovens	3	
	Maravilhosa	3	
	Desemprego	3	
	Desemprego	2	
	ligeiro crescimento	2	
	abençoada	1	
	Arquitetura	1	
	cidade boa	1	
	clínica particular	1	
	confiança	1	
	definição de políticas para desenvolvimento	1	
	História	1	
	liberdade	1	
	nada	1	
	praticidade para locomoção	1	
	próxima de Curitiba	1	
	bonita	1	
	convívio com as pessoas	1	
	falta apoio governamental	1	
	falta de perspectivas para os jovens	1	
	falta incentivo para o turismo	1	
	histórica	1	
	cidade boa	1	
	paz	1	
	segurança	1	
	viver bem	1	
	simples	1	
	suja	1	

Lugar	Feira-mar	4	2,5
	Ponta da Pita	4	
	Igreja Matriz	2	
	Baía	1	
	Belvedere	1	
	Clima	1	
	Mirante da Pedra	1	
	Praça Coronel Macedo	1	
	Rios	1	
	Trapiche	1	
	Baía	1	
Mudaria-se?	Não	6	3,5
	por falta de emprego	2	
	às vezes	1	
	para estudar	1	

Material de apoio - Mapa cognitivo do Universo Reificado sobre o Turismo

	Organização e Seleção	Frequência	Média
turismo	Importante	3	2
	falta apoio governamental	2	
	Potencial	2	
	Desmotivação	1	
	está em declínio	1	
	preparação para o turismo	1	
planej	há planejamento	2	1,5
	não soube responder	2	
	há plano	1	
efeitos	Renda	4	2,5
	Emprego	2	
	aumento da demanda	1	

Material de apoio - Mapa cognitivo do Universo Consensual sobre o Turismo

	Organização e Seleção	Frequência	Média
turismo	Potencial	4	2,5
	Belezas	3	
	Benéfico	3	
	melhor aproveitada	2	
	aumento de demanda	1	
	principal fonte de renda	1	
	entendam da área para planejar	1	
falta apoio governamental	1		
planej	não há planejamento	5	3
	há plano	2	
	não respondeu se há planejamento	2	
	há planejamento	1	
efeitos	Renda	4	3
	Benefícios	2	
	Emprego	2	
	cidade bonita	1	
	cidade limpa	1	
	cidade organizada	1	
	prejuízo do comércio local	1	
	turismo depreciativo	1	
	turismo sexual	1	

Material de apoio - Mapa cognitivo do Universo Reificado e Universo Consensual
sobre o Turismo

	Organização e Seleção	Frequência	Média
turismo	Potencial	6	3,5
	Belezas	3	
	Benéfico	3	
	falta apoio governamental	3	
	Importante	3	
	melhor aproveitada	2	
	aumento de demanda	1	
	Desmotivação	1	
	entendam da área para planejar	1	
	está em declínio	1	
	preparação para o turismo	1	
	principal fonte de renda	1	
planejamento	não há planejamento	5	4
	não respondeu se há planejamento	4	
	há planejamento	3	
	há plano	3	
efeitos	Renda	8	4,5
	Emprego	4	
	Benefícios	3	
	aumento da demanda	1	
	cidade bonita	1	
	cidade limpa	1	
	cidade organizada	1	
	prejuízo do comércio local falta		
	organização	1	
	turismo depreciativo	1	
turismo sexual	1		

Material de apoio - Mapa cognitivo do Universo Reificado sobre as projeções para
Antonina

	Organização e Seleção	Frequência	Média
Passado	Festa da N Sra do Pilar	4	2,5
	Porto	1	
Presente	Assistência Social	1	1
	balneabilidade	1	
	desenvolvimento	1	
	eficiência nos serviços	1	
	emprego	1	
	ensino superior	1	
	saneamento	1	
	turismo	1	
	união da população	1	

Material de apoio - Mapa cognitivo do Universo Consensual sobre as projeções para
Antonina

	Organização e Seleção	Frequência	Média
passado	não resgatária	4	3
	Festa da N Sra do Pilar	2	
Futuro	Emprego	4	2,5
	Porto	4	
	Desenvolvimento	3	
	Turismo	2	
	Comércio	1	
	Construções	1	
	eficiência nos serviços	1	
	Felicidade	1	
	Indústrias	1	
	legislação ambiental restritiva	1	
	Mata Atlântica	1	
	Oportunidades	1	

Material de apoio - Mapa cognitivo do Universo Consensual e do Universo Reificado
sobre as projeções para Antonina

	seleção	Frequência	Média
passado	Festa da N Sra do Pilar	6	3,5
	não resgataria	4	
	Porto	1	
Futuro	Emprego	5	3
	desenvolvimento	4	
	Porto	4	
	Turismo	3	
	eficiência nos serviços	2	
	Assistência Social	1	
	balneabilidade	1	
	Comércio	1	
	Construções	1	
	ensino superior	1	
	Felicidade	1	
	Indústrias	1	
	legislação ambiental restritiva	1	
	Mata Atlântica	1	
	Oportunidades	1	
	saneamento	1	
união da população	1		